

Tiago Rebello

Um Homem Escandaloso

Um pintor obscuro
à beira do abismo emerge
do anonimato graças
a um talento inconveniente.
Sexo e comportamentos bizarros
são a chave de um sucesso
improvável.

Do autor
do *bestseller*
**O ÚLTIMO ANO
EM LUANDA**

ASA



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Tiago Rebello

Um Homem Escandaloso

Um pintor obscuro
à beira do abismo emerge
do anonimato graças
a um talento inconveniente.
Sexo e comportamentos bizarros
são a chave de um sucesso
improvável.

Do autor
do bestseller
**O ÚLTIMO ANO
EM LUANDA**

ASA



Ficha Técnica

Título original: *Um Homem Escandaloso*

Autor: Tiago Rebelo

Revisão: Nuno Silva

ISBN: 9789892328775

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 2014, Tiago Rebelo

e Edições Asa II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.leya.com

www.leya.pt

Por vontade expressa do autor, o livro respeita
a ortografia anterior ao actual acordo ortográfico.

Quando os três filhos se foram embora, ao fim de quinze dias a viverem com ele, João Pedro fechou a porta e foi sentar-se no sofá da sala a olhar para a parede e a fumar. Estava esgotado. Em redor, no chão, havia roupa de criança, peças de jogos e brinquedos largados ao acaso. Havia um copo de leite com chocolate derramado sobre a alcatifa e muitas, muitas bolachas que tinham sido usadas como munições numa guerra fratricida. Algumas dessas bolachas haviam sido esmagadas pelos pezinhos dos gémeos e pelas mãozinhas papudas do bebé. Tinham passado a manhã naquilo, os dois mais velhos, de seis anos, a guerrear-se, o bebé a gatinhar de uma bolacha para a outra, a sentar-se, a agarrá-la, a esmagá-la com a mão, apanhando depois as migalhas do chão para as enfiar na boca. João Pedro não os repreendeu porque já lhe faltava o alento para os contrariar. Adorava os filhos, mas nessa manhã sentia-se demasiado cansado e profundamente aliviado por saber que Clara os viria buscar às onze.

Ela foi pontual. Bateu à porta, recusou o convite para entrar, como de costume — a cerimónia fria de Clara afigurava-se-lhe sempre estranha, tendo em conta que tinham uma história de dez anos de intimidade. Mas, enfim, supunha que era o seu modo de dizer *és uma besta quadrada*, sem o verbalizar. O ressentimento ainda persistia e João Pedro desconfiava que não desapareceria tão cedo, se é que alguma vez desapareceria.

Ele compreendia-a, ela deixara-o porque a desiludira. Não fora, de modo algum, propositado, mas ainda assim não deixava de parecer uma perfídia. Era, claro, uma traição ao projecto comum e a toda a dedicação dela ao casamento. Até ele era capaz de perceber que Clara pensasse assim. João Pedro decidira logo que não diria nunca a frase «não há nada de errado contigo, o problema sou eu» — embora fosse claramente o caso —, pois soava-lhe muito parecida com «isto não é o que parece», e só iria sublinhar o sentimento de traição que a consumia.

O facto de Clara ter voltado a casar com o patrão seis meses depois de se terem divorciado e depois de o outro ter deixado a mulher e os filhos, parecia não ter diluído nem um bocadinho a raiva que sentia por ele. Clara acabara de chegar da lua-de-mel nas ilhas Maurícias com o patrão e, a ajuizar pela atitude irrevogavelmente distante, nada tinha mudado em relação a ele.

João Pedro contemplou a sala com um misto de desalento e de alívio. Parecia ter passado por ali um furacão, porém, decidiu não arrumar nada e aproveitar as primeiras horas de liberdade de qualquer maneira, não interessava como, desde que saísse dali e fosse dar uma volta.

Era domingo, faltavam três semanas para o Natal e havia uma árvore gigante no Terreiro do Paço, iluminações ao longo da Avenida da Liberdade, em volta do Marquês de Pombal e um pouco por todos os bairros de Lisboa. A capital fervilhava com as festas da época: concertos, animações de rua, fogo-de-artifício,

feiras e acções com o comércio local. João Pedro passava ao lado da maior parte destes eventos, mas apreciava o espírito de Natal e sentia-se animado ao ver a cidade decorada.

Conduzia ao acaso e em velocidade de passeio o seu velho *Volvo* a precisar de reforma, do qual não se desfazia por ser avesso a mudanças e porque, bem, porque se estava simplesmente nas tintas para o carro. De qualquer modo, quase nunca o usava. Foi do Restelo até ao Cais do Sodré, seguindo ao lado do rio. Uma bela manhã invernosa faiscava num Tejo arreliado. As primeiras horas do dia cobriram-se de pesadas nuvens de má catadura, mas o sol agora já rompia, brilhando alegremente.

Passou enfim o Terreiro do Paço, o Rossio, subiu ao Marquês e acabou por se decidir pelas Amoreiras. Imergiu pela rampa do parque de estacionamento do centro comercial com a ideia feliz de visitar a livraria, comprar um jornal, uma revista de arte, sentar-se algures a tomar um café e deixar-se ficar o tempo que lhe apetecesse, sem horas, sem obrigações, em suma, sem responsabilidades.

Ia a pensar em Clara e na sua expressão de rancor, que mudara de imediato, abrindo-se num amplo sorriso ao ver os filhos. Clara abraçara e beijara muito os filhos, com alegria genuína, e levava-os para casa bem apertadinhos a si. Tinham partido sem dizer adeus, embrenhados numa algazarra alegre, distraídos pela urgência de matarem as saudades. Clara não lhes chamara à atenção para que se despedissem do pai, aliás, também ela se fora embora sem uma palavra, nem sequer se preocupara com a passagem de testemunho normal destas ocasiões: a que horas o bebé tomara o último biberão, o anti-histamínico do irmão, a bomba para a asma do outro, enfim, essas coisas. Mas ela era Clara, a supermãe, e lá se arranjava sem a sua ajuda.

João Pedro calculou que ela viera das Maurícias carregada de presentes para os filhos e que haveria um Natal antecipado lá em casa. Clara não se poupava para satisfazer todos os caprichos dos gémeos, mimava-os demais, no entender de João Pedro. Já tentara abordar o assunto, na esperança de a levar a ser mais razoável nesse particular, mas a reacção fora desanimadora e até um pouco agressiva. Clara encrespava-se, fizera-lhe uma longa prelecção sobre os seus predicados de mãe, acusara-o de se sentir despeitado por ela gastar dinheiro com os gémeos porque o poder de compra dela aumentara consideravelmente com a sua nova e muito feliz relação.

Em suma, disse:

— João Pedro, vai-te foder com os teus falsos moralismos só porque eu posso oferecer uma boa vida aos nossos filhos, coisa que antes não acontecia com a mesma facilidade, porque tínhamos o dinheiro todo contado, graças a ti.

E era bem verdade, antes, tinham o dinheiro contado e, nos derradeiros tempos, praticamente já só viviam do ordenado dela porque os quadros de João Pedro deixaram de se vender à medida que a crise avançava e esmagava a economia e as

pessoas. Porém, no momento em que ela lhe atirou à cara o fracasso dele e sugeriu que tinha mais poder de compra do que ele, já não era exactamente assim, pois a sorte de João Pedro mudara. Bem, talvez não tivesse mudado pelas melhores razões — daí mais uma justificação para o ressentimento de Clara —, mas mudara e não fora pouco.

Clara costumava ser uma mulher comedida que levava a vida sem se queixar. Tratava das contas da casa com um rigor espartano e o dinheiro, ou a falta dele, jamais constituía um problema. Viviam com relativamente pouco, mas sem lhes faltar o essencial, e isso nunca fora uma questão nem um entrave à felicidade deles, porque João Pedro não era homem de grandes gastos e Clara não ambicionava vestidos de marca, jóias caríssimas ou viagens a lugares exóticos. Clara, porém, desejava muito mais do que a marca da roupa ou o brilho do diamante, ou não se teria casado com ele a imaginar que, um dia, os seus quadros lhe trariam o reconhecimento público, as honrarias das condecorações presidenciais, o prestígio dos leilões da Christie's com preços de vendas a baterem recordes.

Justamente, o falhanço de João Pedro era o fracasso de Clara que, vendo os seus sonhos defraudados, se livrara dele insensivelmente, deitando-lhe todas as culpas, e, à falta das honrarias, contentara-se com um segundo casamento endinheirado e tornara-se uma mulher sofisticada. Estava rejuvenescida: vestia mais caro, fazia luas-de-mel em *resorts* de luxo nas ilhas Maurícias, dizia ao ex-marido que se fosse foder! O dinheiro tinha destas coisas.

João Pedro sentou-se a uma mesa no café com um sorriso nos lábios, rodeado de jornais e revistas, pois entusiasmara-se e acabara por comprar um festim de literatura com que tencionava banquetear-se na próxima hora.

Mais tarde, satisfeito com a leitura, enfiou tudo num saco, pagou a conta e, como não tinha grande vontade de voltar para casa, pôs-se a deambular pelos corredores do centro comercial. A certa altura, deteve-se perante a montra de uma loja de animais a admirar um cãozinho que atraíu a sua atenção. O bicho dormitava no interior de um cubículo de acrílico transparente. Era um boxer, reconheceu logo a raça, ainda que estivesse meio camuflado por um montinho de palha que lhe servia de cama e no qual se afundava.

Quando era miúdo, João Pedro odiava aqueles cães. Não porque tivesse tido algum episódio infeliz com um deles ou que se assustasse particularmente com os boxers, mas porque, bem, como dizer isto?, digamos que a sua fisionomia fazia lembrar a dos boxers um pouco mais do que ele desejaria. João Pedro tinha prognatismo e, tal como nos boxers, a mandíbula inferior proeminente era a sua característica mais evidente. Na realidade, essa característica condicionara decisivamente a sua forma de se relacionar com o mundo, definira o seu carácter até aos dias de hoje.

Para compreender verdadeiramente uma pessoa é preciso regressar à sua infância, à época das cavernas do seu *eu* incerto. As crianças conseguem ser incomensuravelmente mais cruéis do que os adultos, pois não medem a dimensão da sua crueldade nem têm a noção da perenidade dos efeitos psicológicos que provocam. João Pedro foi trucidado pela maldade numa altura em que ainda estava a formar a sua personalidade, aos onze anos. Era então um rapazinho tranquilo, ensimesmado, de uma simpatia correcta. Ninguém daria por ele, não fosse a estatura invulgarmente alta e a fealdade caricata das feições. Uma fatalidade. A natureza fora ingrata com ele ao dar-lhe um rosto que não passava despercebido pelos piores motivos. Mas também lhe dera um corpo alto e forte e umas mãos enormes, porventura, só por esta razão: para que pudesse esmurrar impiedosamente quem se atrevesse a gozá-lo. E João Pedro haveria de aproveitar essa sua vantagem uma vez por outra ao longo da vida, mas não seria suficiente, havia demasiada bondade naquela alma pacata que preferia a solidão de um casulo a enfrentar o desconchavo do torpe insulto.

Mas nada disto atrapalhava ainda a felicidade de João Pedro, que só agora iria começar a sofrer as consequências de ser diferente.

A aversão que uma criança tem por outra pode surgir pelas mais variadas razões. Neste caso, nem chegava a ser exactamente aversão mas o puro e simples instinto de sobrevivência a impor-se na mais tenra idade sem que o próprio perpetrador tivesse a noção exacta disso, ou se apercebesse das implicações

psicológicas que estavam na origem da sua conduta infame. A criança em questão chamava-se Joca, colega de escola de João Pedro. Joca seria a abreviatura de José Carlos ou João Carlos, algo assim, não interessa, o que interessa é que ele ser tratado pelo diminutivo já sugeria que fosse uma criança mimada, com uma educação excessivamente condescendente e com tendência para a rebeldia e para a insolência. Em contraponto, João Pedro era tratado correctamente pelo seu nome completo. João Pedro dificilmente seria chamado por um diminutivo, não lhe caía bem, porque era um rapaz sossegado, muito certinho, cumpridor, bom aluno, incapaz de sair da linha.

Dir-se-á que é uma especulação disparatada ajuizar o carácter pelo nome, será, mas era preciso conhecer o miúdo para se entender que não é exagero. Joca era, realmente, um miúdo com uma educação deficiente, pouco respeitador e caprichoso, quase uma criança no seu estado selvagem.

O instinto de sobrevivência de Joca começou a manifestar-se bem cedo, em consequência de ser muito pequeno. Era, de facto, o mais baixo da turma, mas também o mais reguila. Insidioso e matreiro, Joca apontou baterias a João Pedro, o bom gigante que ele quis subjugar para mostrar a todos quem é que mandava. Pressentiu fraqueza no carácter apagado de João Pedro e começou a implicar com ele com uma persistência obsessiva. Deu-lhe a alcunha de boxer e punha a turma a rir ao imitar a cara de prognata de João Pedro. Fazia-se seu compincha para logo lhe estender o braço à frente da cara e dizer «morde aqui, morde», provocando a risada geral.

Joca arrastava os outros miúdos que, perante a passividade de João Pedro, se sentiam livres para o massacrar sem piedade. E ele, intimidado, não retaliava, ficava-se com um sorriso embaraçado. Até o badocha da turma, que era gozado a torto e a direito, sabia que se se risse das piadas parvas dos colegas o deixavam em paz. Mas João Pedro quando se ria fazia uns barulhinhos estranhos, como se estivesse engasgado, e, pior do que isso, acentuava o seu prognatismo de tal modo que só conseguia que o gozassem ainda mais.

Na aula, João Pedro tinha um comportamento exemplar, concentrava-se muito nas palavras da professora e, enquanto os outros brincavam, ele aprendia, mas como conseguia as melhores notas da turma, aumentava os ressentimentos contra si. João Pedro não provocava ninguém e não merecia que o tratassem mal, mas também não facilitava, não era um rapaz descontraído e aquela tendência para ser mole e calado mexia com os nervos dos colegas. Os miúdos não sabiam lidar com a diferença e sentiam-se compelidos a implicar com ele. Os próprios professores, conscientes de que João Pedro tinha dificuldade em integrar-se, comentavam nos gabinetes que o rapaz não era normal.

Uma sala de aula pode ser a microrrepresentação da realidade adulta com tudo o

que há de melhor e de pior nesta. É possível fazer tantas analogias quanto a imaginação nos permitir. A turma forma uma espécie de grupo social. O que une os seus membros é a origem cultural, o objectivo do conhecimento, a obtenção de ferramentas para ganhar a vida. Esta pequena sociedade é governada pela professora, que estabelece as regras e as aplica. Os alunos são avaliados conforme o seu desempenho e, entre eles, surgem rivalidades que podem ter que ver com a concorrência laboral, com antipatias pessoais, ou com ambas. Formam-se no grupo pequenos subgrupos onde despontam líderes que se propõem humilhar os rivais, quando não mesmo a chefe de estado — a professora. Se esta for demasiado branda e não tiver mão nos pequenos cidadãos, os maiores agitadores de entre eles não hesitam em liderar revoluções e as aulas transformam-se em terríveis campos de batalha, espalhando o caos e a iniquidade. A sociedade entra em declínio, o conflito favorece a ignorância e no final do ano os alunos são reprovados, uns porque não estudaram e estragaram as aulas, os outros porque não conseguiram ter boas notas por falta de condições para aprender.

Agora, imaginemos que o terrível Joca é um desses líderes revolucionários, um perito em *agitprop*, e João Pedro um resistente passivo, um alvo a abater porque não colabora na revolução. Joca quer humilhá-lo para que sirva de exemplo e para reforçar a sua popularidade com a desgraça de João Pedro. Joca, sendo um especialista na luta subversiva, prepara uma acção terrorista para atingir João Pedro.

Na aula de matemática, Joca vai sentar-se na carteira imediatamente em frente da de João Pedro. A professora está de costas a escrever equações no quadro. Reina a tranquilidade e nada faz prever um incidente grave. Nessa altura, Joca dá um salto intempestivo na cadeira e começa a uivar agarrado à cabeça. Está o caldo entornado. A professora volta-se, pára a aula, pergunta o que se passa. Joca aponta para João Pedro e acusa-o:

— Ele bateu-me!

— Eu?! — exclama o colega estupefacto.

— Sim, tu, porque é que me batestes?!

— Mas eu não te bati... — contesta João Pedro, desorientado.

— Batestes, batestes, uiiii, porque é que me batestes?

— Mas, eu juro que não fiz nada!

— Batestes-me.

— Não bati!

— Batestes. Stôra, ele bateu-me.

— Não bati!

— Batestes!

— Não bati!

— Batestes sim!

— Chega!! — grita a professora, já enervada.

Cai um silêncio tenso na sala. A professora inicia uma breve investigação, procura testemunhas que a ajudem a apurar a verdade, mas, como é comum nestas

situações, ninguém denuncia ninguém. A professora sente-se pressionada, tem de continuar a aula mas não pode deixar de exercer a autoridade que lhe assiste, de modo a não perder a face. Toma, portanto, a decisão mais expedita, injusta e incompetente, que consiste em, na dúvida, penalizar os dois.

— Os dois para a rua, já! — ordena, apontado para a porta da sala.

As pessoas mais caladas são as mais perigosas, já se sabe. Vão acumulando em silêncio as ofensas de todos os dias até chegarem a um ponto em que explodem. Quer dizer, há limites para tudo e até um miúdo inocente e passivo como João Pedro tinha um limite para a sua capacidade de tolerância e, desta vez, Joca excedera-se e acordara o gigante adormecido.

Depois de expulsos da aula, chegando os dois ao corredor deserto, Joca fez aquele seu sorriso de tratante e deu uma palmadinha nas costas de João Pedro, nada de ressentimentos, foi só uma partida, certo? Mas, nessa altura, João Pedro já não estava pelos ajustes, deixou de ver, saltou-lhe a tampa, passou-se, bateu-lhe. Num momento, Joca estava de pé a rir-se, no momento seguinte estava estatelado no chão com uma máscara de sangue no rosto.

A cena em câmara lenta: o punho cerrado de João Pedro salta para a frente como uma mola e atinge com um baque seco e poderoso o sorriso aberto de Joca. Podemos ver com formidável clareza vários dentes a saltarem-lhe da boca, ao mesmo tempo que a cabeça de Joca é atirada para trás como se tivesse levado em cheio com uma bola de demolição pendente de um guindaste. Joca levanta os pés do chão e o corpo, incapaz de contrariar o impulso, segue a cabeça. Joca cai, está no chão atordoado, depois, lentamente, senta-se em estado de choque e a expressão no seu rosto ensanguentado é a imagem de alguém a tentar perceber o que lhe aconteceu. Está desdentado, aturdido, desorientado. Tem vários rasgões internos na boca e sangra abundantemente. Em seguida, começa a chorar como um menino desamparado e desejoso do colo da mãe.

Agora sim, Joca tem razão para se queixar de que João Pedro lhe bateu.

Os pais de Joca entraram pela escola adentro em passo marcial, beligerantes, irromperam pela sala da direcção, fizeram um escândalo. Pediram satisfações, ameaçaram com processos judiciais, exigiram um castigo exemplar e, sobretudo, definitivo! Não aceitavam que João Pedro fosse só suspenso, queriam-no expulso da escola, exterminado, atirado para a valeta, impedido de estudar naquela escola, pelo menos enquanto Joca lá andasse. Caso contrário, haveria sangue, queixas-crime, batalhas judiciais! Iam até às últimas consequências para esmagar o vermezinho, instruíam os seus advogados para pedirem uma indemnização tão avultada que ainda seria recordada muitos e muitos anos depois. Ou seja, usaram a artilharia toda: os processos, os *nossos* advogados, o dinheiro, a intimidação. Enfim, uma brutalidade. O rebento era o espelho dos pais, bem entendido.

Felizmente para João Pedro, o director não se deixou atemorizar. Esperou que os pais de Joca baixassem o tom e perdessem o balanço, para depois os chamar à razão. Qual razão, qual quê, eles queriam era acção! Mas o director, calmo e inflexível, teve só um argumento: o filho deles tinha um longo historial de indisciplina, e João Pedro era um rapaz exemplar que nunca dera problemas. Dito isto, ficar-se-iam por uma suspensão de alguns dias, ou então não seria só um, mas os dois suspensos. A mãe olhou o marido chocada, ele encolheu os ombros conformado. «Seja», disse.

João Pedro permaneceu duas semanas em casa, o que não foi tão mau como isso. Até se sentiu um pouco confuso com o castigo, que lhe pareceu um prémio, como se lhe tivessem dito: «Bateste no miúdo mais odioso da escola, tens direito a duas semanas de férias.» Mas o ambiente em casa ficou pesado. O pai deu-lhe uma tremenda descompostura, a mãe teve um ataque de nervos, muito triste, com uma lágrima no olho, sempre a dizer que a tinha desiludido profundamente. E de nada lhe valeu explicar-lhes que não tinha culpa nenhuma, que Joca é que começara.

— Ele é um mentiroso, disse que eu lhe tinha batido e, por causa disso, fui expulso da aula.

— Ah, e, por causa disso, partiste-lhe os dentes — retorquiu o pai, exasperado.

De facto, visto assim, a frio, até parecia que não tinha razão. A parte dos dentes foi difícil de justificar, talvez se tivesse excedido um bocadinho.

— Mas ele é que começou! Eu não lhe fiz nada e ele acusou-me de lhe ter batido.

— Bateste e não foi pouco — disse a mãe.

— Mas isso foi depois.

— Mandaste-o para o hospital — recordou o pai.

— Foi sem querer. Não queria bater-lhe com tanta força.

Até este episódio ocorrer, João Pedro não tinha a noção de que era tão forte. Nunca se envolvera numa luta com ninguém. Se tivesse irmãos, seria natural que andasse à pancada com eles de vez em quando, mas, sendo filho único, não desenvolvera a agressividade.

Teve duas semanas de reclusão em casa a estudar para não se atrasar nas matérias. Em compensação, Joca também não se ficou a rir. Rir era mesmo o que ele não poderia fazer enquanto não fosse ao hospital tirar os pontos da boca e não lhe dessem uns dentes novos para não parecer um velhinho. Feitas as contas, Joca ficou igualmente duas semanas em casa, só que a comer por uma palhinha.

Quando voltaram a encontrar-se na escola, Joca mostrou-se carrancudo. A parte boa é que nunca mais falou com João Pedro e, sobretudo, nunca mais o gozou. De resto, ninguém voltou a importuná-lo e a vida dele ficou muito mais facilitada. Sabia que continuavam a gozá-lo pelas costas, porque havia sempre um amigo da onça que vinha contar-lhe qualquer coisa, mas fazia-se de desentendido. Por um lado, não podia bater em todos os colegas e, por outro, não se sentia muito

incomodado com isso. Desde que não o chateassem directamente, podia viver com isso.

Poder-se-ia supor que, depois deste episódio, João Pedro se tivesse tornado um rapaz confiante e exuberante, mas essa não era, definitivamente, a sua natureza. João Pedro continuou o mesmo miúdo tímido, tranquilo e cumpridor. Quem o conhecesse, diria sem hesitar que não iria longe, nunca sobressairia, mas o mundo estava cheio de pessoas assim: ninguém dava nada por elas e afinal surpreendiam. Portanto, nunca se sabia.

João Pedro podia parecer pouco inteligente, mas não devemos confiar nas aparências. Era circunspecto e dado à contemplação, acontecia-lhe permanecer largos minutos a observar uma coisa qualquer, como se tivesse ausências, embora estivesse de facto a pensar em algo, a efabular. Poderia ter-se tornado escritor, mas tinha outra vocação mais forte.

Desde que recebera a sua primeira caixa de lápis, com três anos, João Pedro começara a desenvolver o talento para pintar. Tinha um jeito natural para o traço, recusava-se a sair de casa sem os lápis e um caderno e todos os lugares eram bons para desenhar. Se acompanhava a mãe ao cabeleireiro entretinha-se a desenhar; se ia com o pai ao café desenhava enquanto o pai tomava a bica e lia o jornal. No início eram só uns rabiscos toscos, mas antes de completar os seis anos já apresentava um traço rigoroso e surpreendia com desenhos de qualidade superior. Aos dez, trocou os lápis pelos pincéis e começou a frequentar aulas de pintura. A sua primeira professora ficou fascinada com a habilidade daquela criança. Aos dezoito, inscreveu-se em belas-artes.

João Pedro nunca teve muitas ilusões sobre algumas realidades básicas da vida. Em primeiro lugar, estava plenamente convencido de que o mundo era dos ricos e dos bonitos. Uns porque podiam comprar o que quisessem, os outros porque conseguiam que lhes oferecessem tudo o que desejassem. Em relação a estes dois géneros de pessoas, sentia-se tão distante delas como se vivesse noutra planeta. Não era rico, nem nada que se parecesse, e quanto à beleza nem valia a pena falar disso. João Pedro pensava que os homens bonitos é que ficavam com as mulheres bonitas e ponto final. E se um homem bonito ficava com uma mulher feia era por opção e nunca porque não conseguisse melhor. Em contrapartida, se uma mulher deslumbrante escolhia um homem feio, este só podia ser rico. Não é que se tivesse tornado cínico ou revoltado, simplesmente encarava estas verdades incontornáveis com serenidade e resignação. Encolhia os ombros, dizia: «É assim, o que se há-de fazer?»

João Pedro tinha-se em tão pouca conta que catalogava as pessoas em bonitas, vulgares, feias e, em último lugar, ele próprio. E compreendia-se que pensasse desta forma, embora fosse um pouco exagerado, mas, no fundo, só estava a resguardar-se das decepções. Quem nada esperava, nada tinha a perder, certo?

Já na universidade, deixou crescer a barba, o que lhe conferiu um aspecto mais normal. O novo visual aliado ao seu proverbial silêncio transmitiam uma atitude ponderada. Sendo um aluno excelente, conseguia, invariavelmente, as melhores notas e os colegas abordavam-no para lhe pedir ajuda, para lhe escutar a opinião. Doravante, João Pedro começou a compreender que tinha algum ascendente sobre os outros e foi ganhando confiança nas suas capacidades, mesmo se não deixara de ser tímido e um trapalhão crónico em tudo o que se relacionava com mulheres.

Agora era um tipo muito alto, com cara de boxer, mas com barba. Antes, achava que as pessoas, quando queriam referir-se a ele mas não sabiam o seu nome, diziam «sabes, aquele gajo alto com cara de boxer?» Isto era uma coisa que o irritava só de imaginar, quer dizer, só de pensar como as pessoas o descreviam, ou poderiam descrever, se falassem dele. Não deixava de ser um bocado estúpido irritar-se com uma coisa que não sabia se acontecia de facto, mas uma pessoa punha-se a pensar no que os outros pensavam dela e cismava com o assunto e ficava incomodada.

Grande parte dos rapazes da sua idade provocava cenas de pancadaria à noite, depois de beberem uns copos valentes, para descarregarem no primeiro bode expiatório que encontrassem a adrenalina acumulada com as coisas que os incomodava e não sabiam resolver. João Pedro também poderia fazê-lo e não se daria mal, pois era mais alto e mais forte do que a maioria dos tipos que encontrasse pela frente. Porém, ele já sabia a quantidade de estragos que o seu punho fechado podia fazer na cara de alguém e, além disso, não se sentiria reconfortado se atirasse um tipo qualquer para o hospital por causa de um problema que não tinha nada que ver com o outro. De resto, o problema não desapareceria por bater em alguém, pois não? João Pedro era aquele género de pessoa incapaz de esmagar uma barata ou de matar uma formiga, quanto mais de andar por aí a esmurrar desconhecidos.

Uma das vantagens de se ser alto e forte como ele, era não haver muitos tipos suficientemente estúpidos para o provocarem, e os poucos que o faziam arrependiam-se sempre. Em geral, não se metiam com ele, embora, uma vez ou outra, pudesse surgir algum arruaceiro bêbado determinado a testar a sua própria coragem. Desafiar João Pedro era mais ou menos como um forçado meter-se à frente do touro: ou sabia o que fazia, tipo cinturão negro de qualquer coisa, ou arriscava-se a ser virado ao contrário sem sequer ter hipótese de lhe tocar. E não havia por aí muitos cinturões negros bêbados capazes de o derrotar.

Um tipo chegava-se ao pé de João Pedro a meio da noite, numa discoteca, estando ele encostado ao balcão, tranquilamente, a beber o seu copo, e dava-lhe um encontrão. Ele avisava-o para ter cuidado. O outro aproveitava a deixa para o insultar.

— *Qué* que tu queres?! Fodo-te já as ventas.

— Tem lá calma, pá.

— Calma o caralho, vamos lá pra fora.

A manápula invulgarmente grande e forte de João Pedro abatia-se sobre a clavícula do parvalhão, fechava-se como se fosse esmagar-lhe os ossos, puxava-o como um boneco de trapos, falava-lhe ao ouvido sem se exaltar, com um sorriso intimidante.

— Pá, não achas que já bebeste demais?

O outro tentava soltar-se, a mão fechava-se com mais força em torno dele, empurrava-o para baixo, desequilibrava-o, tornava-se insustentavelmente poderosa,

obrigava-o a dobrar os joelhos, a perder as forças.

No dia seguinte, o outro acordava com uma nódoa negra muito feia do pescoço até ao ombro, mas era só isto.

Em vez de andar a bater em bêbados, João Pedro deixou crescer a barba. Agora pensava que quando as pessoas se queriam referir a ele e não sabiam o nome diziam «sabes, aquele gajo alto de barba?» Talvez não fosse bem assim, mas era o que ele pensava, e isso é que interessava.

Uma colega da faculdade, Beatriz, cruzou-se com ele no corredor e comentou que uma amiga dela chamada Clara *talvez* quisesse conhecê-lo.

— No outro dia, ela perguntou-me quem era aquele alto de barba com quem eu estava a falar no final da aula.

Até lhe tremeram as pernas. Engoliu em seco, faltaram-lhe as palavras, sorriu sem jeito.

— Quem é ela? — perguntou.

— É a Clara, depois digo-te quem é. Olha, vem ali! Clara!

João Pedro tornara-se mais seguro de si graças aos resultados académicos, permitia-se dar conselhos aos colegas, tirar dúvidas, era bem visto por alunos e professores. Estes últimos, viam nele um pupilo de características prometedoras, com boas qualidades técnicas, se bem que as suas boas notas resultassem mais de uma dedicação quase obsessiva do que da genialidade inata de um artista de excepção. Assim, dir-se-ia que, mais tarde ou mais cedo, João Pedro haveria de escolher entre ser um bom professor ou um pintor mediano. Por ora, ser o melhor aluno da faculdade já lhe bastava, era uma forma de afirmação importante que compensava todo o desprezo e todas as desconsiderações. Mas, se a parte dos estudos estava bem resolvida, tudo o resto continuava a falhar. João Pedro não era muito sociável, quase não tinha amigos e arranjar uma namorada afigurava-se-lhe inverosímil.

— Clara, João Pedro. — Beatriz apontou para ela, apontou para ele. — Considerem-se oficialmente apresentados. Agora, deixem-me ir que já estou atrasada.

E foi, deixando-os numa situação constrangedora, a olhar um para o outro. João Pedro não falou, não achou nada interessante para dizer, sentiu-se estúpido. Em compensação, Clara falava pelos cotovelos, quanto mais nervosa mais ela falava, parecia uma máquina a debitar informações desnecessárias.

Abanou a cabeça, desconcertada.

— Esta Beatriz é maluca — disse. — Então, és o melhor aluno da faculdade. Ela disse-me que és fanático, que não fazes mais nada senão estudar. É verdade?

João Pedro sorriu, embaraçado. Clara disse que já o tinha visto antes, claro, sabia quem ele era, até frequentava algumas aulas com ele, embora ele nunca tivesse reparado nela, obviamente, porque ela ficava sempre nas últimas filas e ele

nas primeiras. Não, na primeira, ele ficava sempre na primeira fila, via-se bem, era bastante alto, soltou um risinho nervoso, quanto é que ele media mesmo?, alguns dois metros, não? Bem, começou ele a dizer, não chegava a... pois, interrompeu-o, ela não passava do metro e sessenta e cinco, era pequena, fez uma careta resignada, mas também não fugia muito à média, não era verdade? As mulheres portuguesas eram todas pequenas, bem, quase todas. Por acaso, até tinha uma amiga que poderia ser manequim, alta, bem, ele havia de vê-la, se fosse bonita até podia ser manequim, mas não devia muito à beleza, coitada, era amorosa.

Foram caminhando até à porta da faculdade, onde se separaram. João Pedro ia para a esquerda, Clara para a direita. Na verdade, ele também ia para a direita e, se não fosse, poderia ter inventado que ia e prolongado aquele momento; poderia ter apanhado o mesmo autocarro de Clara e, provavelmente, ficaria a saber onde ela morava. Mas João Pedro quase não abriu a boca e sentiu-se aliviado quando voltou a ficar sozinho. Aliviado e furioso consigo próprio. Perguntou-se que espécie de atrasado mental é que percebia que uma rapariga estava interessada nele e largava-a assim, sem dar seguimento à conversa, sem a acompanhar, sem lhe pedir o número do telemóvel.

Transpirava abundantemente, tinha a testa perlada de suor e a camisa colada às costas, e não era do calor que fazia, apesar de ser Verão. Nestas ocasiões corava, falhava-lhe a voz, enfiava as mãos nos bolsos para não se notar como tremiam.

Foi para casa, cabisbaixo, caminhando lentamente, a arrastar os pés, com os olhos postos no chão, ansioso por ir fechar-se no pequeno ateliê onde tinha o cavalete, as telas, as tintas, os pincéis, pôr-se a pintar e apagar da memória Clara e aquele episódio embaraçoso.

Àquela hora não havia ninguém em casa. Os pais estavam a trabalhar — o pai numa agência bancária na Almirante Reis; a mãe num pequeno infantário, na Amadora, onde era auxiliar de educação —, portanto, estaria sozinho, graças a Deus.

Apanhou o metro, sentou-se direito, olhou em frente sem se dar conta dos passageiros que entravam e saíam. Queria esquecer Clara, mas não era fácil, não conseguia desviar o pensamento para outros assuntos sem voltar a ela em poucos segundos. Fez um braço de ferro com o cérebro, concentrou-se para o esvaziar de qualquer raciocínio, não reflectir sobre absolutamente nada, ser uma rocha. Debalde, o rosto dela, aquela voz fina, muito opinativa, assaltava-o à menor distração. Costumava ser bom neste exercício de suspender os pensamentos, fazia-o quando se sentia cansado ou à noite na cama, para adormecer, mas hoje o cérebro não lhe dava tréguas, não estava a resultar.

Teve pressa de chegar a casa e mergulhar no seu mundo de tintas, onde podia permanecer absorto durante horas sem pensar em nada, senão pintar.

Sentia-se envergonhado com a forma desajeitada como lidara com Clara. Obviamente, causara-lhe má impressão e, se ela pensara que ele era um tipo

interessante que valia a pena conhecer, entretanto, já perdera todas as ilusões. Um desastre... Ergueu os olhos, teve um assomo de reconhecimento, levantou-se, passou entre as portas da carruagem no preciso instante em que começaram a fechar-se, saiu à justa. Quem tivesse reparado nele teria pensado que ia ali um fantasma.

Morava na Penha de França, numa dessas ruas pacatas onde vivia sempre a mesma gente e nada mudava durante séculos. Passou na mercearia para trazer fruta, pois apanhara o hábito de morder maçãs enquanto pintava, mais por o ajudar a concentrar-se do que para matar a fome. Entrou no prédio, cruzou-se com a dona Amélia, a porteira, que usava uma bata florida de tecido ordinário desde que João Pedro se lembrava dela. Era uma mulher pesada, sem idade, que ele julgara ser velha desde menino.

— Boa tarde, João Pedro, já és doutor?

— Boa tarde, Amélia. Ainda não, faltam-me uns anitos.

Perguntava-lhe isto todos os dias.

Foi directo para o ateliê, atirou os livros e o saco da fruta para cima de uma cadeira, no canto ao lado da porta, já concentrado no quadro que andava a pintar, sentou-se no banco alto à frente do cavalete, esfregou uma maçã na camisa, deu-lhe uma dentada distraída enquanto observava o trabalho inacabado do dia anterior. Era uma marinha, não pintava senão marinhas, adorava o mar com os seus reflexos inesgotáveis, os barcos a baloiçar ao caprichos das marés. Já pintara dezenas de cenas marítimas, algumas pacíficas outras terríficas. De momento, retratava o naufrágio tremendo de uma esquadra antiga. Navios impotentes, pequenos no mar fustigado por ventos ciclónicos, eram engolidos pelas paredes de água que se agigantavam sobre eles; marinheiros em pânico tentavam escapar em salva-vidas atirados às ondas, que se voltavam, derramando dezenas de homens sem esperança num oceano escurecido pela tempestade. Era uma cena impressionante, realista, brutal. Desenhava agora as expressões assustadas dos náufragos, um trabalho meticuloso, de grande precisão, dado tratarem-se de figuras minúsculas.

A mão ficou suspensa no ar e o pincel a centímetros da tela. João Pedro cismava. Estava perturbado e não adiantava pretender que não se passava nada se nem sequer conseguia concentrar-se no trabalho. Coisa rara nele. Já lhe acontecera deixar de sair com os amigos para ficar em casa a pintar, já passara fins-de-semana inteiros fechado no ateliê, trabalhando dia e noite, dormindo apenas o indispensável, obcecado a pintar. Só não faltava às aulas, que eram sagradas, até por versarem sobre o mesmo tema. Quando se entusiasmava com um quadro nada mais lhe interessava.

A imagem de Clara impunha-se na sua cabeça, e não tanto por se sentir apaixonado — como podia, se acabara de a conhecer? — ou por considerá-la particularmente fascinante, mas por um motivo bem mais profundo e marcante e, esse sim, incontornável.

Uma ida por dia ao ginásio para participar na aula de Body Combat era algo que Clara não dispensava, acontecesse o que acontecesse. As amigas chamavam-lhe maníaca, viciada e doida, diziam que havia coisas mais interessantes para uma rapariga fazer, mas ela achava que não. Para começar, as amigas de Clara eram bonitas e, aos dezanove anos, não precisavam de se esforçar muito para terem um corpo lindo. Mas Clara era diferente, com aquela tendência para engordar precisava de uma dieta inteligente e de muito exercício.

Clara tinha os seus predicados, era dinâmica, determinada, optimista, expansiva. Fazia falta, animava as jantaradas de amigos e todos diziam que sem ela não havia festa, mas no final da festa ia para casa sozinha. Não que nunca tivesse tido um namorado ou que fosse feia. Que diabo, ela tinha um espelho enorme no quarto, não se podia dizer que fosse feia, mas também não chegava a ser bonita, ficava-se pela mediania. Enfim, tinha os seus momentos. Faltava-lhe o jeito para se arranjar, não havia maneira de se vestir bem, usava um corte de cabelo desastroso, esquecia-se de pintar as unhas, no entanto, se não podia mudar de cara nem conseguia acertar nos mistérios da moda, pelo menos podia manter-se em forma. Clara orgulhava-se de ter um belo corpo. As amigas desdenhavam das suas idas ao ginásio, mas invejam-lhe os seios avantajados, a cinturinha de bailarina e o rabinho empinado. As amigas eram loiras e vistosas, Clara era trigueira, de olhos castanhos e sobrancelhas demasiado grossas, mas isso resolvia-se com uma passagem pelo cabeleireiro, se ela fosse alguma vez ao cabeleireiro, e se tivesse sensibilidade para reparar nesses pequenos detalhes que faziam a diferença.

Parvalhão foi a palavra que lhe ocorreu ao pensar em João Pedro. Um parvalhão emproado! E ela que quisera tanto conhecê-lo, que deixara a imaginação ganhar asas ao antecipar a primeira conversa, ao fantasiar as palavras sugestivas e cheias de subentendidos que trocariam nos dias seguintes nos corredores da faculdade. Imaginara a aproximação dissimulada dele, os jogos de sedução deliciosos que haveriam de lhes alimentar o desejo, os avanços dele, as cedências dela. E, afinal, não passava de um parvalhão com a mania de que era bom.

Clara despediu-se de João Pedro com toda a naturalidade e nem por um segundo permitiu que ele se apercebesse da sua desilusão. Beatriz cumprira à risca o combinado.

— Vais ter com ele, dizes-lhe que eu talvez o queira conhecer, eu vou a passar por acaso, chamas-me, apresentas-nos e vais-te embora.

— Que tu *talvez* o queiras conhecer, é?

— Isso.

— E tu vais a passar *por acaso*?

— Exactamente.

— Estou a ver, tudo muito espontâneo.

— Tudo muito espontâneo.

— Sem forçar nada.

— Nadinha.

— Está bem.

Assim foi, mas não contara com a indiferença de João Pedro. Definitivamente, ele não mostrara o menor interesse por ela, pelo contrário, mantivera-se calado, fizera uns sorrizinhos parvos, despachara-a.

Passou as portas duplas do ginásio, seguiu directa para o vestiário, apanhou um cabide, esvaziou o saco para trocar de roupa, imersa em pensamentos lúgubres. Fervia de indignação a pensar que João Pedro fora condescendente com ela. O sacaninha achava-se demasiado importante para lhe dar atenção? Então, ele que se lixasse. Decidiu que não voltaria a falar com João Pedro e que o ignoraria todas as vezes que o encontrasse na faculdade. Depois foi descarregar a raiva com murros e pontapés na aula de Body Combat.

As pessoas poderiam perguntar-se o que teria levado Clara a interessar-se por João Pedro, sendo ele, provavelmente, o tipo mais feio da faculdade. Poderiam pensar, tudo bem, é feio, mas é o melhor aluno do curso, é culto, deve ter uma conversa interessante e ela ficou fascinada com ele. E até poderia ser verdade porque toda a gente sabe que as mulheres não privilegiam a beleza quando escolhem um parceiro, pelo menos quando escolhem um parceiro a pensar no futuro e se não se trata de uma coisa passageira ou de um troféu para exibir às amigas. Mas Clara não podia estar fascinada com a conversa de João Pedro porque não o conhecia e, mesmo depois de o conhecer, só estivera alguns minutos com ele e não houvera propriamente uma conversa, mas uma espécie de solilóquio, uma sequência de frases nervosas, já que ele não falara e ela não se calara.

Mas Clara sabia muito bem o que pretendia. No fundo, queria o que sempre desprezara na mãe, mas julgando que fazia o contrário dela.

A mãe tinha conhecido o pai de Clara por ocasião da morte do pai dela, o avô de Clara. Ele entrou na capela mortuária e foi, muito pesaroso, cumprimentar em redor do caixão todos os senhores, apertando-lhes a mão com as duas mãos, tendo só palavras elogiosas para a figura extraordinária que era o defunto, a pena que lhe fazia, que se perdia um homem grande, um dos bons! Beijou respeitosamente a mão a todas as senhoras, cheio de cerimónia, de consideração. Viu-se logo que estava ali um cavalheiro educadíssimo, um *gentleman*. Foi particularmente atencioso com uma rapariga de cabelo escuro e liso, olhos esverdeados, boca carnuda, um verdadeiro encanto, que o enterneceu. Era a filha inconsolável do morto. Teve de refrear o entusiasmo enquanto a confortava, ela toda a tremer numa agonia chorosa, sacudida por soluços, ele emocionado, cheio de instintos protectores, pegando-lhe a mão, oferecendo-lhe um lenço para que secasse as lágrimas, reprimindo o impulso de a abraçar. Mas não a conhecia, vinha só cumprir uma obrigação, uma seca que os pais lhe tinham arranjado, porque estavam no estrangeiro e pediram-lhe que os representasse.

Depois dos cumprimentos foi encostar-se à parede em recolhimento ao lado de um amigo. Este, inclinou-se para lhe falar ao ouvido.

— Sabes quem é esta gente?

— Não conheço ninguém.

— Mas falaste a todos.

— Uma pessoa nunca fica mal vista por cumprimentar toda a gente, fica é quando não o faz.

— Pois, mas olha, eu estou aqui porque te vi entrar e vim atrás de ti, mas estou desconfiado de que estamos enganados.

— Não me digas que estamos no velório errado!

Com efeito, velavam o defunto errado. Contudo, a filha inconsolável ficou de olho naquele rapaz educado e atencioso, e ao vê-lo sair de fininho foi atrás dele.

Fora assim que a mãe de Clara conhecera o seu futuro marido, homem de boas famílias, herdeiro aristocrata, endinheirado. Casara com ele dez meses depois, já com o *feijãozinho* na barriga, como contava sem complexos. O pai de Clara honrara as suas responsabilidades, mas nunca foi nem bom marido nem grande pai, pois abandonou as duas praticamente desde o início.

A mãe de Clara vivera quase vinte anos num casarão de tectos altos na Rua das Trinas, passarinhando pelas largas salas, pelos longos corredores, senhora da sua posição social, apesar de esquecida pelo marido, pela família do marido, pelos amigos do marido. Quando estava em casa, Clara sabia sempre se ela vinha aí pelo tilintar do gelo no copo de uísque na sua mão. A mãe administrava a casa de família com zelo e apresentava-se orgulhosamente com o título de condessa. Quanto ao pai, Clara só o via esporadicamente, nos dias raros em que dormia em casa, entre uma viagem a Paris e uma caçada no Ribatejo. Era encantador, mas ela não lhe tinha grande apreço.

A vida perdulária do pai, os gostos exigentes da mãe, o facto de nenhum deles trabalhar, a violenta crise económica dos últimos anos, todos estes factores haviam contribuído para delapidar seriamente o património familiar. O dinheiro evaporava-se à medida que o pai vendia as propriedades herdadas e já não restava quase nada de uma fortuna centenária. O casarão da Rua das Trinas, derradeiro bem da família, fora vendido há um ano por um preço desfavorável por causa da crise. Agora, moravam numa casinha mais pequena, um duplex arrendado, igualmente na Lapa, mais *cosy*, como a mãe dizia contrariada, pois precisara de muita imaginação para arrumar a mobília e os quadros em metade do espaço que havia nos quatrocentos metros quadrados da Rua das Trinas.

Era certo que ainda tinham os milhões da venda do casarão e não morreriam à fome nos próximos anos, mas o dinheiro gastava-se depressa e Clara já se compenetrara de que, no final, não restaria um tostão para herdar. Fosse como fosse, ela desejava um marido coroado de sucesso, mas não tencionava depender de ninguém e muito menos acabar resignada a passarinhar pelos salões requintados de um palacete qualquer, de copo de uísque na mão. Isto, se lhe estivesse destinado

um futuro ao lado de um homem que pudesse oferecer-lhe palácios. A ideia não era absurda, Clara vivera num desde pequena, mas, ainda assim, improvável.

João Pedro adquirira um prestígio na universidade bem maior do que suspeitara. Era dedicado ao trabalho, obsessivo, perfeccionista. Procurava assim compensar a insegurança que lhe transmitia o espelho. Tinha um pensamento recorrente: *um dia, serei tão rico e tão famoso que ninguém me vai chatear por ser feio e terei toda a gente a lamber-me as botas*, mas não tinha uma ideia muita acertada de como as pessoas o viam. Bem, as pessoas não o achavam muito simpático, porque de facto não era, mas João Pedro tornara-se um tipo reservado e pouco sociável por acreditar que os outros não gostavam de si, o que não era exactamente verdade. De facto, se não gostavam dele era porque João Pedro não dava muito espaço para criarem laços afectivos. De modo que andou anos a lavrar neste equívoco determinante para o carácter que acabaria por enformar. Em contrapartida, o distanciamento que impunha aliado à fama que angariara enquanto aluno de excepção, transmitiam uma imagem de genialidade e arrogância que também não correspondia exactamente à realidade. João Pedro não era um génio e muito menos arrogante. No fundo, não passava de um jovem muito esforçado devido à sua crónica insegurança.

Clara, no seu jeito desmazelado e descontraído de quem ligava pouca importância ao destino, não dava um passo sem se inteirar do que haveria de encontrar lá à frente. Também nisso era parecida com a mãe, que planeava o seu casamento ao milímetro a partir do velório do pai, muito chorosa, a soluçar nos braços de um desconhecido elegante que, não obstante o desgosto dessa hora aziaga, lhe estimulava a fantasia e a deixara a ponderar seriamente o que teria de fazer para o levar ao altar. Clara seria incapaz de engravidar com segundas intenções, mas não estava disposta a apaixonar-se por um homem sem perspectivas risonhas. E, ainda que João Pedro, na sua pura ingenuidade, não imaginasse que uma rapariga se pudesse interessar por ele pelo seu currículo, foi exactamente isso que atraiu Clara. Pouco lhe importava que ele não correspondesse aos padrões de beleza que normalmente ateavam a chama do amor nas raparigas, se, em compensação, lhe oferecesse as vantagens de ser um homem digno e conceituado. Os amigos estavam convencidos de que Clara era rica até mais não e que só teria de se esforçar para vencer na vida se fosse por uma questão de realização pessoal, mas ela sabia que não era assim, pois ia a caminho de ser pobre mais depressa do que eles imaginavam. E, como não queria deixar-se apanhar na teia humilhante de depender de um marido até para pagar um café, tencionava concluir o curso, fazer carreira e ganhar o seu dinheiro, para que nunca se visse na ingrata situação de se sentir indigente na sua própria casa. Já a ideia de adormecer todas as noites ao lado de um homem admirado pelo país inteiro enchia-lhe o coração e a alma de fantasia e alegria.

Enquanto Clara entontecia com sonhos e planos que, na sua cabeça, a incluíam ao lado de João Pedro num futuro próximo, ele pensava nela com o sorriso mais tolo, sem quaisquer conjecturas, extasiado com o interesse de Clara em conhecê-lo. Clara era a primeira rapariga a sugerir a possibilidade de romance com João Pedro. Podia parecer trivial, mas para ele tratava-se do acontecimento mais extraordinário da sua vida de adulto e perturbou-o tanto que, por aqueles dias, não conseguia estudar, pintar, comer ou dormir. Sentia-se a planar num estado de plena felicidade e enredado num turbilhão de sentimentos alegres que o surpreendiam sublimemente. Andava enlevado. E, no entanto, não sabia o que fazer, achava-se lerdo, incapaz de uma iniciativa, não tinha a menor ideia. A primeira conversa fora calamitosa, isso ele sabia, não podia ter provocado boa impressão em Clara, e esta certeza de que era uma besta e de que ela o considerava um idiota esmorecia-lhe a coragem. Embora agora passasse mais tempo na faculdade, vigiando à distância os movimentos de Clara, contemplando-a discretamente com desvelo, João Pedro fraquejava. Clara ignorava-o, era ostensiva no seu desinteresse, nem um olhar de soslaio, nem um sorriso encorajador, nada, apenas um lânguido desviar de cabeça quando o topava a observá-la.

Ela sentia-se perplexa com a atitude de João Pedro. Havia nele uma postura que denotava interesse, enfim, João Pedro não desdenhava, olhava, parecia-lhe até pasmar um pouco. Havia ali uma atençaozinha óbvia quando ela surgia e via perfeitamente que ele a seguia com os olhos, quem sabia se até com alguma admiração. Mas era tudo. Ele não sorria, não acenava, não se levantava para lhe falar. Era desconcertante. Com efeito, João Pedro mortificava-se com a sua falta de iniciativa, mas o cérebro paralisava, estupidificava, baixava os olhos, concentrava-se num livro que fingia ler até ela se sentar mais atrás e, depois, na confusão normal enquanto a aula não começava, lá se virava para a ver. Era apanhado em flagrante a espiá-la e voltava-se logo para a frente tomado por uma ansiedade, acelerava-lhe a pulsação, punha-se vermelho, tinha suores.

Inicialmente, Clara confundiu o embaraço com altivez, ocorreu-lhe que João Pedro não a tivesse em consideração, que se tivesse esquecido dela assim que a deixara à porta da faculdade, no entanto, mais tarde, via-o erguer a cabeça na cantina, na biblioteca, segui-la pelo rabo do olho ainda que nada dissesse, e isso confundiu-a. Clara já o achava bem apessoado num género circunspecto, muito sério, muito sensato, e interrogava-se com algum devaneio romanesco se haveria outras saias a impedi-lo, se era um compromisso que ela desconhecia que se intrometia entre eles.

Ponderou com gravidade o que deveria fazer, já que ele nada fazia. Clara observava todos os dias pessoas que se acanhavam nas situações mais insignificantes: o homem de casaco puído no metro que deixava passar a sua

estação porque se distraía e tinha vergonha de furar à pressa por entre os outros passageiros; a senhora que saía antes da sua paragem por causa do bêbado que lhe piscava o olho e lhe sorria aparvalhado e ela, incomodada, não tinha coragem de o enfrentar; a colega que se deixava humilhar por um professor arrogante que a maltratava perante o resto da turma. Parecia-lhe que as pessoas tinham receio de dar nas vistas e retraíam-se, como se preferissem ser invisíveis. Estava na caixa do supermercado a pagar as compras. A cliente que a precedia trazia um saco a tiracolo e disse à empregada que podia ver o interior do saco para verificar que não levava nada sem pagar. Era uma mulher modesta, com medo que a empregada suspeitasse dela. A outra, que não lhe perguntara nada, fez um sorriso condescendente, disse que não era necessário. Clara ficou a pensar que os portugueses tinham esta característica subserviente em relação a todos os que, em qualquer circunstância, detinham a sua pequena autoridade. Teve vontade de admoestar a mulher, de a espicaçar, gritar-lhe que não fosse servil, mas não disse nada, convencida de que seria mal entendida. Acabou de colocar as compras no saco e foi-se embora. Ela não era assim, defendia sempre as suas ideias aguerridamente e não queria saber, não se importava de ser inconveniente.

Não que fosse imune ao que os outros pensavam dela, pelo contrário, toda aquela descontração e rebeldia, o seu desprezo pelas aparências, escondiam um grande desconforto. Clara não se sentia bem na sua pele porque não conseguia ser a rapariga encantadora que adoraria ser, que atraísse os olhares dos rapazes e fosse desejada, como acontecia com a maioria das suas amigas de compridos cabelos loiros, olhos cintilantes, roupas vistosas. As amigas sabiam ser irresistíveis e pôr a cabeça dos rapazes a andar à roda, eram peritas a manipular emoções, mantinham-nos pendentes dos seus caprichos, a sonhar com elas. Clara tinha a certeza de que não fazia sonhar ninguém. Não havia magia nela e, se não fosse uma espalhabrasas descarada e divertida que todos apreciavam nos seus dias mais inspirados, seria só a *miúda invisível*. Mas não lhe chegava, não era capaz de ser engraçada o tempo todo e o estratagema tornava-se cansativo e desgastante. Tinha altos e baixos, momentos muito animados e dias inteiros deprimida em casa, raramente o meio-termo.

A desfaçatez também lhe dava para ser agressiva, um comentário que lhe tocasse a susceptibilidade merecia logo uma réplica violenta. Era um mecanismo de defesa. A insegurança levava-a a responder à bruta, sem medir as palavras. Por isso, quem não a conhecesse bem poderia pensar que fosse ativa e demasiado convencida para ser uma boa amiga. Por vezes excedia-se, realmente, se se sentia atingida, se alguém dizia algo que afluava a crítica ou que continha a mais leve sugestão de ironia sobre ela, Clara ripostava de imediato com uma dose letal de sarcasmo. E chegava a ser ofensiva, porque dizia a primeira enormidade que lhe vinha à cabeça, sendo a resposta, normalmente, desproporcionada à provocação. O problema é que reagia intempestivamente e com muita facilidade, sem medir as

palavras, e podia gelar uma sala e deixar as pessoas incomodadas e chocadas com a sua brutalidade.

Havia quem a evitasse e preferisse manter-se à distância por receio do seu lendário mau feitio. Havia professores que já tinham passado a provação de se confrontarem com o humor amargo e corrosivo de Clara. Ela desafiava-os, preparava-se muito bem e defendia corajosamente a sua posição entrincheirada numa fila lá de trás, projectando a voz áspera para ter a certeza de que era escutada em todo o anfiteatro. Travava duelos ferozes com os professores mais irascíveis nessas aulas épicas que ninguém queria perder. O ambiente tornava-se pesado, quase se podia sentir o cheiro da pólvora, e faziam-se apostas na expectativa de ver como o professor se iria safar. Clara, irredutível, argumentava com inteligência e, mesmo quando não tinha razão, era difícil desalojá-la da sobrançeria da sua convicção. Os docentes referiam-se a ela despeitosamente no segredo dos gabinetes, apelidavam-na *Mafalda, a contestatária*, diziam que tinha um parafuso a menos, como se não a levassem a sério. Desconsideravam-na com um sorriso amarelo, mas, intimamente, suavam com o pavor de perderem o controlo da aula por causa dela. Davam-lhe boas notas, mas não assim tão boas, e Clara encolhia os ombros, dizia que a independência tinha um preço e que, de qualquer modo, não aturava merdas a ninguém.

A paciência não era uma das virtudes de Clara e a falta de iniciativa de João Pedro mexia com ela. Finalmente, esqueceu-se da promessa que fizera a si própria de não voltar a dirigir-lhe a palavra e decidiu abordá-lo à hora do almoço. Não que o tivesse planeado, mas, ao entrar na cantina, reparou nele sozinho numa mesa, a olhar para ela, a baixar os olhos como sempre, e pensou *que se lixe, não passa de hoje*.

Aproximou-se com o tabuleiro nas mãos, parou à frente dele, ofereceu-lhe o seu sorriso mais encantador, perguntou-lhe:

— Posso sentar-me?

João Pedro fez-se escarlate, entupiu com um pedaço de batata entalado na garganta.

— Estás bem?

— Estou, engasguei-me — respondeu, fazendo um esforço tremendo para dominar a tosse.

— Estás mesmo bem? — perguntou Clara, muito séria, a controlar-se para não se rir.

— Estou óptimo — respondeu, atrapalhado.

Ela, ali especada de pé, apontou com o queixo para o lugar livre.

— Posso?

— Podes, claro — assentiu, fazendo um gesto desajeitado.

Teriam comido em silêncio se Clara não falasse pelos dois, mas, como era boa a tagarelar, teve a habilidade de contornar o défice de coloquialidade de João Pedro. Na altura não sabia, pensava que ele fosse uma espécie de sábio e só abrisse a boca para dizer coisas inteligentes. Julgava que ele não perdia tempo com banalidades e, sendo um pensador culto, só falasse de assuntos realmente interessantes. Bom, não era bem assim, João Pedro não falava porque não tinha nada para dizer, não sabia por onde começar para seduzir uma rapariga, faltava-lhe a verve. Porém, descobriu que afinal não era tão difícil como isso, desde que a rapariga estivesse interessada.

— Então, vais ser pintor? — perguntou Clara entre duas garfadas.

— Sim, bem, eu gosto de pensar que já sou, mas, realmente, ainda tenho de aperfeiçoar a minha técnica e aprender bastante, antes de poder dizer que sou um pintor a sério.

— Oh, estás a ser modesto. Eu sei que já és muito bom.

— Nunca somos tão bons quanto desejamos. É um trabalho para toda a vida.

— Lá isso é verdade — concordou. — É o teu sonho, então?

— É.

— Vais conseguir.

— Vou conseguir o quê?

— Realizá-lo.

João Pedro olhou-a com uma expressão de condescendência, ou apenas de indulgência.

— Como é que sabes?

— Sei, porque tens o talento e a determinação para chegares lá.

Ele abanou lentamente a cabeça, com os lábios crispados, pesando a afirmação dela.

— Talvez — disse, sentindo-se agradavelmente elogiado.

— Tenho a certeza — entusiasmou-se Clara. — Vais realizar todos os teus sonhos, vais ver.

— Sabes, nunca chegamos lá, mesmo quando tudo nos corre bem, estamos sempre a um passo, porque os nossos sonhos são maiores do que nós.

Clara abriu muito os olhos, reflectindo nas palavras dele.

— Pois — disse —, nunca nos contentamos, não é?

— Exactamente.

— Mas isso é bom, não achas?

— Acho, claro, evita que nos acomodemos.

— Então, pronto, tens um belo futuro à tua frente — disse, satisfeita, *e comigo ao teu lado*, pensou.

Talvez por serem mais parecidos um com o outro do que imaginavam, tornaram-se inseparáveis. Aquela íntima impressão que ambos tinham de não encaixarem em lado nenhum, de nunca se integrarem totalmente nos ambientes que frequentavam, desapareceu porque eles se completavam. João Pedro não tinha mais de três ou quatro verdadeiros amigos, mas foi bem recebido pelos amigos de Clara, e ela rejubilava de orgulho por ser namorada do melhor aluno da faculdade. Entre eles não havia constrangimentos. Clara já não vivia em estado de alerta permanente, sempre pronta para saltar com uma resposta torta ao menor indício depreciativo nas palavras alheias, estava menos irritável e agressiva, mais dócil e tolerante com as outras pessoas. João Pedro também se tornou mais sociável e despreocupado, conseguia relaxar sem receio de ser desconsiderado pelos colegas. Antes, isolava-se muito, andava sozinho pela universidade, trocava umas poucas palavras com um ou outro colega no início das aulas e era tudo. Agora passava o tempo todo com Clara e a sua companhia transmitia-lhe uma sensação de segurança e de felicidade que nunca sentira. Havia nele uma evolução positiva, como se tivesse chegado finalmente à idade adulta e tivesse deixado para trás, definitivamente, os traumas do miúdo estranho e maltratado do liceu. Mas o futuro encarregar-se-ia de desmentir esta impressão.

Enfim, terminaram o curso e casaram, naturalmente, muito embora a mãe de Clara tivesse ficado horrorizada com João Pedro quando ela o apresentou.

— E o menino como se chama? — perguntou-lhe, com uma careta a meio caminho entre o desprezo e o desgosto.

— Mãe! Acabei de lhe dizer que se chama João Pedro — repreendeu-a Clara,

irritada com a atitude dela.

— Mas o João Pedro tem apelido ou não?

— João Pedro Maia — respondeu ele, arvorando um sorriso descaradamente forçado, desejoso de lhe mostrar que não se deixava intimidar pela sua antipatia, embora não se sentisse nada à vontade naquela sala grandiosa.

Ela soltou uma gargalhadinha espontânea a meio dum gole no seu uísque aguada, teve um pequeno soluço cómico, quase entornou o copo que segurava só com o polegar e o indicador, muito elegante, muito chique.

— Que engraçado — comentou. — Como o Carlos da Maia.

— Pois, era avô dele — resmungou Clara.

— Que falta de humor, filha — ralhou a mãe, divertidíssima. — Sente-se, senhor João Pedro da Maia — convidou-o, cheia de espírito.

Ele sentou-se numa das poltronas, a coçar a barba, a passar a mão pelo cabelo, embaraçado, sem se decidir a corrigi-la.

— Não é *da* Maia, é só Maia — antecipou-se, Clara.

— *Whatever* — disse a mãe, casualmente, a falar para o lado.

Era a primeira vez que ia a casa de Clara e o luxo da sala atapetada era suficiente para o fazer ver que entrara noutro mundo. Mas a mãe de Clara, com a sua chacota, certificou-se de que entendia que não pertencia àquele meio nem, se dependesse dela, àquela família. Não era bem-vindo. Estava chocada com o aspecto de João Pedro, achou-o feio, deslavado, mal vestido. Usava calças de ganga rotas, uma camisola grossa azul, desbotada, e ela a matutar que não eram preparos para se vir apresentar a uma senhora. Mas o rapaz não sabia, coitado, não fazia ideia, pensou, encolhendo os ombros para ninguém em especial. O queixo proeminente, a barba desgrenhada, o cabelo despenteado num tumulto de caracóis soltos, tudo nele lhe sugeria uma necessidade gritante.

— Mãe, eu e o João Pedro decidimos casar.

Foi um golpe. O sorriso murchou-lhe na face, abriu os olhos de espanto, empalideceu, levou a mão ao peito enquanto tomava um pouco de uísque. E eles aguardaram calados que ela se recompusesse.

— Decidiram casar...

— Decidimos.

— Mas, filha, isso não se decide assim, é um passo muito importante, tem de ser bem ponderado.

— Eu sei. Nós pensámos muito no assunto e é o que queremos fazer.

Clara voltou-se para João Pedro com olhos melosos, um largo sorriso, estendeu-lhe o braço desde a sua poltrona, deram as mãos. E a mãe, vendo aqueles olhos da filha humedecidos de terna emoção, toda ela irradiando felicidade, consciencializou-se de que tinha ali um problema grave.

A mãe empenhou-se exageradamente em dissuadir Clara dos seus intentos casamenteiros, mas foram só vãos e desesperados expedientes, pois a filha não cederia à voz da razão, mais que não fosse para a contrariar. Quanto mais lhe

disse que não, mais Clara teimaria que sim, brusca e insensivelmente. João Pedro, orgulhoso da irredutibilidade imperturbável de Clara à persistência militante da mãe, haveria de lhe ouvir demasiadas vezes o desabafo demolidor: «Se eu, ao menos, tivesse dado ouvidos à minha mãe.»

Dez anos passaram e numa década muito podia acontecer. Embora tivesse a sensação de que a vida corria demasiado depressa, entretanto, Clara dera à luz três filhos, os pais tinham finalmente falido, e, o pior de tudo, quando resgatava do esquecimento das gavetas as fotografias antigas tomava consciência dos inelutáveis estragos do tempo. Havia rugas sub-reptícias, irritantes pés-de-galinha nos cantos dos olhos, cabelos brancos furtivos a despontarem. A frescura elástica de outrora dera lugar a um rosto e um pescoço algo macilentos, fruto talvez das dietas pouco saudáveis que substituíam o exercício físico intensivo. Ainda ia ao ginásio, mas somente uma ou duas vezes por semana. A frequência diária, disciplinada e obsessiva de antigamente dera lugar à ginástica de manutenção. O doloroso veredicto de um minucioso exame ao espelho era impiedoso: envelhecera um bom bocado. O olho clínico e sem contemplações detectava defeitos, porventura exagerados pelo espírito crítico e insatisfeito de Clara, mas, não havia dúvida de que os seios e as nádegas já não tinham a mesma firmeza de antigamente, e notava uma flacidez sem solução nos braços. Isto, para não falar do pneuzinho na barriga e da casca de laranja nas coxas. *Meu Deus! Tenho estrias!!!!*

Clara tinha a sua sessão diária de masoquismo em frente ao espelho. Autoflagelava-se a inspeccionar o corpo após o banho matinal e a descobrir defeitos novos. Com a aproximação dos meses de Verão, começava a ficar ansiosa e, nessa época, preocupada com a perspectiva de fazer má figura na praia, voltava ao ginásio todos os dias e percorria tantas aulas diferentes quantas aguentasse. Mas, é claro que não suportava esse ritmo durante muito tempo e, ao fim de algumas semanas, sentia-se esgotada e acabava por desistir. Na idade dela, com o emprego, a casa e os miúdos, já era bastante bom conseguir ir lá as duas vezes por semana. O que a consolava era verificar que uma grande parte das antigas amigas da faculdade, hoje em dia, tinha entrado num processo de decadência física impressionante. Estavam todas a *avacalhar*, era assim que Clara resumia o dito processo, e não é que isso lhe desse alegria, mas não deixava de ser reconfortante ganhar-lhes uns pontos. Ainda se lembrava de se sentir a anos-luz delas. Pois bem, agora já não achava o mesmo. Tinha até comiseração por elas, coitadas. Mas depois via os seus maridos engordarem tanto ou mais do que elas e, aparentemente, terem casamentos felizes e sem esse tipo de preocupações, e perguntava-se de que lhe valia fazer sacrifícios se João Pedro nem reparava. Bem, João Pedro não repararia se Clara usasse uma argola no nariz e pintasse o cabelo de vermelho. A parte boa, pensava Clara, era ele não a chatear por não ter a barriga lisa ou as mamas empinadas. Embora por vezes achasse que seria melhor se João Pedro implicasse com ela por causa dessas coisas. Pelo menos, seria sinal de que estava atento e se preocupava. Vendo bem, não era bom ele ignorar esses assuntos. Ou seria que João Pedro a amava por ela ser como era e ponto final? Ou ignorava-a porque já não sentia desejo por ela? Ahhh!, não sabia, ele não falava, não se

queixava, mas também não mostrava grande interesse. Era frustrante...

Em dez anos, o Facebook tornara-se o símbolo da globalização, o mundo árabe revoltara-se pelo Twitter, Barak Obama anunciara a morte de Bin Laden, a economia americana rebentara como uma bolha, e em Portugal a crise era maior do que o país e não havia receitas milagrosas para a resolver. Aliás, a febre da austeridade, depois das falências dos bancos e das crises orçamentais, levava a que a maior parte da Europa não estivesse muito melhor. Enfim, o mundo mudara. Só João Pedro continuava impassivelmente a pintar marinhas como se o tempo não passasse por ele e parecia imune aos humores azedos da economia e aos efeitos nefastos de uma década tumultuosa. Era o mesmo João Pedro do início do casamento, agarrado aos pincéis no quatinho do andar de cima que lhe servia de ateliê, concentrado na tela, esquecido do resto do planeta.

Ele deixava a responsabilidade da casa e a educação dos filhos para Clara. Tendia a alhear-se, a viver apartado da realidade, caindo paulatinamente num auto-isolamento crescente. Não se tratava somente de dedicação febril ao trabalho, mas de algo que João Pedro não verbalizava por nem sequer ter plena consciência disso: a segurança que lhe dava o *quatinho das tintas*, como Clara lhe chamava — depois, numa fase mais amarga, passou a chamar-lhe sarcasticamente o *quatinho do estás-te nas tintas*.

Com efeito, João Pedro afastava-se da realidade porque esta nunca lhe agradara. Receava o convívio social e o julgamento público. No passado, a decisão de se tornar pintor parecera-lhe uma escolha natural, compatível com o talento, e também porque pintar se tornara uma paixão a que se dedicava com gosto e entusiasmo. Mas havia outra razão. Já nessa época tinha a certeza de que só por extrema necessidade é que iria trabalhar para uma empresa. Qualquer actividade que o obrigasse a relacionar-se com outras pessoas, a formar equipa com colegas de trabalho, representaria um enorme sacrifício. Por isso, fora lógico escolher o caminho solitário. Fechado em casa, João Pedro não tinha de se preocupar com o que as pessoas pensavam ou diziam dele, estava a salvo de comentários insultuosos e assédios desagradáveis de gente incapaz de conviver com a diferença.

Ele próprio desanimava quando se via ao espelho, de modo que se sentia mais confortável sozinho no seu retiro. Havia naquele quatinho um alegre desleixo onde se respirava liberdade. Não tinha arrumação, ali não se faziam limpezas, o pó acumulava-se numa confusão de telas encostadas à parede de qualquer maneira; manchas coloridas salpicavam o chão de tintas recentes sobre outras secas mais antigas e irremediavelmente entranhadas no soalho esbranquiçado por falta de verniz. Até os vidros da janela estavam tão sujos que só se via bem para fora quando ele a abria para arejar o ambiente asfíxiante das tintas e dos diluentes de terebintina e linhaça. Todo o ateliê era uma bela anarquia de telas, cavaletes, espátulas e pincéis, latas de tinta, páginas amarelecidas de jornais, trapos rasgados e cotões de algodão. Nem João Pedro, com a sua roupa de trabalho, calças de

ganga e camisolas manchadas de todas as cores, destoava da desordem normal das coisas.

O resto da casa era bem diferente. Moravam num duplex espaçoso num largo retirado e tranquilo do Restelo, que tinha as suas árvores, o seu bocadinho de verde, e permitia que descansassem do quotidiano trepidante da cidade. Adquiriram a casa antes do abalo telúrico que atingira o mercado da habitação e, nessa altura, pensaram que faziam um bom investimento. Posteriormente, o pagamento mensal ao banco começou a pesar-lhes nas contas, por causa dos cortes no salário de Clara, forçados pelos impostos inesperados inventados à pressa pelo governo para satisfazer os credores internacionais, e da queda nas vendas dos quadros de João Pedro. Havia uma crise económica a varrer o país, quem é que se interessava por quadros?

Clara trabalhava num ateliê de arquitectura, onde não exercia funções de desenhadora de projectos mas assessorava o patrão, tendo-se tornado uma espécie de *faz tudo* da empresa. Interessava-se pela profissão e, com o tempo, adquirira conhecimentos básicos de arquitectura que aplicara na sua própria casa. Deitara abaixo paredes para ganhar espaço e ter uma sala ampla e cómoda onde pudessem causar emoção os quadros de João Pedro, destacados por pontos de luz adequados para provocarem impacto. Projectara uma cozinha requintada com todos os luxos modernos: o frigorífico que cuspiam gelo, o casulo da garrafeira repleta de vinhos *vintage*, a ilha cercada de bancos acolchoados, as máquinas prateadas embutidas nos armários. Desenhara uma escada nova, toda em acrílico transparente, com o seu truque de magia que os levava ao piso de cima como se fossem no ar e que sacava exclamações elogiosas a convidados espantados.

João Pedro não se envolvera na obra de Clara e, embora reconhecesse com vaidade o bom gosto dela, mantinha-se um recluso voluntário e irreductível do seu refúgio decrepito no andar superior, o único espaço da casa onde não deixara Clara entrar com a fita métrica e grandes ideias para fazer daquele buraco encardido — como ela dizia — um ateliê bonito e agradável. Não, ele queria um lugar despojado que não fizesse pena sujar, onde não tivesse preocupações com as tintas derramadas e com todos os outros despojos da arte. De resto, sentia-se mais profissional assim, sem concessões às ostentações decorativas, sem frivolidades que distraíssem os olhos da tela deslumbrante sobre o cavalete. Parecia-lhe que tinha ali uma barafunda séria, inteligente, civilizada, e que a grande arte não se coadunava com estúdios bonitinhos e arrumadinhos.

A maior dificuldade de João Pedro surgia quando, ao fim de vários meses de tranquila clausura, se via obrigado a sair da sua toca segura e aparecer em público, na galeria que lhe vendia os quadros, para a inauguração. Uma semana antes do grande dia, começava a ficar ansioso e a comportar-se de um modo estranho. Tornava-se irritadiço, errava pela casa desorientado e implicava com Clara pelos motivos mais irracionais.

— Clara! — berra do cimo da escada.
— O que foi?! — responde ela da sala.
— Viste os meus óculos?!
— Não!
— Que chatice, não os encontro.
— Hum?!
— Não os encontro!
— Já viste no quarto?!
— Já! Não estão em lado nenhum.
— Então, não sei!
— Mas, porque é que mexem nas minhas coisas?!
— Quem é que mexeu nas tuas coisas?!
— Sei lá, podes vir ajudar-me?
— Diz?
— Podes vir ajudar-me?!

Ela aparece na base da escada, olha para cima e encara-o de mão na cintura, com aquele seu ar agastado de quando ele a desconcerta.

— Querido, tens os óculos na cabeça.

João Pedro levou a mão à cabeça.

— Olha, pois estão. Que estupidez. — Sorri de embaraço, põe os óculos, volta para o ateliê.

Ele fazia muito aquilo, porque só usava lentes de ver ao perto, e, se não precisava dos óculos, pendurava-os na cabeça. Já era naturalmente distraído e esquecido, mas, nessas alturas ficava obtuso.

Nesses dias que antecediam a inauguração, Clara enchia-se de tolerância e preparava-o para o inevitável.

— Que seca, porque é que tenho de ir? —, refila João Pedro durante o jantar.

Ela demora-se a mastigar a última garfada, responde com naturalidade:

— Porque é a tua exposição, são os teus quadros que as pessoas vão lá ver.

— Exacto, as pessoas vão ver os *meus* quadros, não me vão ver a mim.

— Mas gostam de ser recebidas por ti, falar contigo, de comentar o teu trabalho. Se não estivesses lá, provavelmente, não ia ninguém.

— Claro que ia.

— Hum-hum, não me parece.

— E depois, ter de aturar o André dá-me cabo da cabeça.

— Querido, o André é o teu melhor amigo.

— É agora! Imagina, aquela bicha o meu melhor amigo.

— É ele que te organiza as exposições, que vende os teus quadros. Bem podes pensar nele como o teu melhor amigo.

João Pedro faz um esgar de repulsa, recomeça a comer, remete-se a um silêncio

amuado.

Ele era homofóbico e detestava o dono da galeria, que lhe dava o braço e tratava-o por «meu querido». André conhecia toda a gente que interessava e arrastava para as inaugurações uma multidão de colecionadores endinheirados. Enganchava o braço no de João Pedro e levava-o galeria fora, de sala em sala, muito excitado, muito exagerado, soltando guinchos de contentamento, espalhando alegria e charme pela noite, fazendo da inauguração o acontecimento do ano. Ao lado de André, João Pedro embatucava, sorria apalermado e deixava-o fazer a conversa, divertir os convidados com piadas ligeiras ou tornar-se subitamente sério e recomendar-lhes este ou aquele quadro. Com os verdadeiros entendidos não se atrevia a tanto, calava-se, respeitava os seus critérios; com os diletantes divertia-se à grande. «Vou vender um quadro àquela tonta», segredava a João Pedro e aproximava-se dela de braços abertos, a fazer a festa. Beijava a *tonta*, apresentava-a a João Pedro, convencia-a a levar aquele quadro maravilhoso que ficava a matar na sala dela por ter as cores a condizer com os *maples*. João Pedro ficava doente, ruborizava, não sabia onde se meter.

Acabava a noite revoltado, miserável, a ferver. Regressava a casa indignado, a prometer sangue!

— Vou retirar os quadros das mãos daquele mercenário. E é já amanhã, vou à galeria e trago-os todos!

— João Pedro, por favor, o homem estava a fazer o seu trabalho — acalma-o Clara. — E bem! Não estás contente porque? — Vendeste imensos.

— O homem, qual homem? — resmunga João Pedro com desdém.

E depois vinham aquelas jornalistas — André tinha recursos insondáveis para as atrair — e levavam-no atrás, a furar por aquela multidão de estranhos, por entre *flûtes* e croquetes em mãos que se retraíam para o deixar passar, e encurralavam-no a um canto da galeria para o crivarem de perguntas idiotas que o desesperavam. Nem sequer lhe pareciam verdadeiras jornalistas, mas meras escribas mexeriqueiras daquela imprensa cor-de-rosa que dava notícias de festas. Eram, quase sempre, raparigas bonitas com um minigravador na mão, um sorriso sedutor nos lábios pintados de fresco e questões impensáveis na ponta da língua. Perguntavam-lhe, com falsa inocência, quanto tempo demorava a pintar um quadro, se o seu casamento não se ressentia de tanta dedicação, quantos filhos tinha e se costumava levá-los à escola. Não queriam, verdadeiramente, saber nada sobre o seu trabalho, mas faziam-se acompanhar de repórteres fotográficos e faziam muita questão em que João Pedro tirasse fotografias com os convidados mais conhecidos, *habitués* das páginas das suas revistas. Ele tentava esquivar-se, mas André insistia que colaborasse. «Dá-te notoriedade», explicava-lhe, «duas páginas numa revista valem ouro!» E João Pedro lá se submetia à indignidade desses sacrifícios impróprios de um artista sério e puritano, a sentir-se um peixe fora de

água manipulado pelas manobras mercantilistas do seu astuto *marchand*.

Com o advento da crise económica, as vendas dos quadros de João Pedro tiveram uma queda dramática. Verdade seja dita, ainda antes de a conjuntura ter tornado os negócios em geral quase irrisórios, já se começava a notar uma certa irregularidade nas vendas. André, no entanto, além de ser um perito em pintura, também era um mágico a impingir quadros aos clientes desprevenidos, os bons e os menos bons. Aos mais incautos, pedia fortunas por pedaços de lixo artístico que designava de obras de arte extraordinárias e muito em conta. Quando um conhecido especialista do meio o confrontou, acusando-o de vender quadros por preços abusivamente acima do seu valor, André encolheu os ombros, respondeu:

— Os quadros, como outra coisa qualquer, valem o que as pessoas derem por eles.

Levava os clientes ignorantes a comprarem até o refugo mais duvidoso de artistas obscuros, como se fossem a sua última descoberta. André dedicava-se à galeria por paixão, mas poderia vender outra coisa qualquer que teria o mesmo sucesso.

O *marchand* continuava a safar João Pedro, porque lá ia conseguindo convencer os colecionadores mais reticentes a apostarem no seu *protégé*. Mas quando a crise atingiu o auge, não houve magia que lhe valesse. Os compradores tornaram-se extremamente cautelosos e só adquiriam os nomes garantidos. Os tempos não estavam para incúrias, já não havia perdulários, ninguém se mostrava disposto a arriscar. O dinheiro não corria como antigamente, as pessoas viviam assustadas e geriam as finanças com severidade. Se antes se comprava um quadro por negócio e se levava outro por impulso, hoje só se queria o primeiro, e o quadro de João Pedro costumava ser o segundo.

Sempre disposto a reinventar a roda, André imaginava formas criativas de dar a volta à situação, aconselhou João Pedro a surpreender com uma mudança, disse-lhe que deixasse as marinhas, nem que fosse por uns tempos, incentivou-o a pintar algo novo, diferente. Mas João Pedro nem queria ouvir falar de mudanças, respondeu-lhe que gostava das marinhas e não fazia nada melhor.

— João Pedro, estou afogado em marinhas até ao pescoço!

— Se é até ao pescoço, não estás afogado.

André olhou para ele de lado, a estranhá-lo. João Pedro não costumava dizer piadas, e escolheu um mau dia para começar a ser engraçado.

— Pois, só me falta um palmo — retorquiu-lhe, com um travo a sarcasmo na voz.

Tomavam um café na pastelaria ao lado de casa de João Pedro, para falarem do

futuro. André mostrava-se céptico, o que não era habitual nele. João Pedro considerava-o um poço de optimismo, porém, agora queixava-se.

— Os tempos estão maus, nunca vi uma crise assim. Se isto continua, vou ser obrigado a fechar a galeria.

À noite, ao jantar, João Pedro comentou a conversa com Clara.

— Hoje tomei um café com o André.

— Tomaste?

— Sim, aqui ao lado, na pastelaria.

Ela achou esquisito. Que se lembrasse, era a primeira vez que André se deslocava para se encontrar com João Pedro. O *marchand* só concedia esse tipo de honra aos seus artistas mais populares e Clara sabia que o marido não fazia parte dessa lista.

— O que é que ele queria?

João Pedro encolheu os ombros.

— Disse que os meus quadros não se estão a vender. Grande novidade — revirou os olhos.

— E mais?

— E quer que comece a pintar outras coisas.

— E vais fazer isso?

— Claro que não!

Clara teve um momento de exasperação, mas respirou fundo, conteve-se.

— João Pedro, o André sabe o que diz. Devias ouvi-lo.

— O André diz que os quadros não se vendem por causa da crise. Não são só os meus, são todos, ninguém está a vender bem! E eu não gosto de pintar mais nada. Aliás, não acredito que fizesse melhor trabalho se começasse agora a pintar outra coisa.

— Ele veio avisar-te. Não vês isso?

Não, João Pedro não via isso.

— Sim, está bem, por vontade dele já estava a pintar quadros por encomenda para as clientes snobes que lhe comprem quadros da cor das cortinas, porque dá bem com o sofá.

— Pelos vistos, já nem essas compram.

— O André é um exagerado, não sabes como ele é, sempre meio histérico? — fez um gesto de mãos afectado que pretendia imitar o *marchand*. — Até me disse que, por este andar, ainda tem de fechar a galeria.

Às vezes, Clara achava que o marido era cego e não via o que tinha debaixo dos olhos, recusava-se a enfrentar os problemas, como se eles desaparecessem se os ignorasse. Ela retirou o guardanapo do colo, colocou-o em cima da mesa.

— Tu é que sabes, faz como entenderes. Vou ver os miúdos.

Levantou-se, saiu da sala de jantar, deixou-o sozinho.

A vontade de Clara era desatar a berrar com João Pedro para ver se ele

acordava. A apatia dele desconcertava-a, era contra o seu temperamento. O marido não se mexia para nada, deixava as coisas acontecerem, serenamente, esperando que tudo fluísse e corresse bem. Isso irritava-a.

— Se fosses no Titanic, ficavas a ver o navio a ir ao fundo e ias com ele — disse-lhe, uma vez.

— E que querias tu que fizesse? — respondeu ele, sem se alterar.

Havia em Clara um sentimento corrosivo que fora crescendo intimamente com o passar dos anos, mas que ela nunca verbalizara nem tampouco quisera admitir para si própria que pudesse pensar tal coisa do marido. Era um pensamento recorrente que afastava do espírito, como se sacudisse uma mosca incómoda que teimasse em voar à volta da cabeça dela com o seu zumbido penetrante e perturbador. Mas, ultimamente, esse pensamento horrível emergia com mais frequência, vinha atrás dos momentos de tensão, quando ela tentava convencer João Pedro a ser mais dinâmico, a libertar-se do isolamento limitador do seu quartinho e a abrir-se ao mundo. Antes, Clara irritava-se com o que interpretava como uma indiferença dele em relação à sociedade em geral, mas agora o seu sentimento era mais profundo, ficava triste e desencantada.

Pronto, é isto, ele é uma desilusão!, admitiu, finalmente, depois da visita de André a João Pedro. Foi chocante reconhecer uma ideia tão negativa sobre o seu marido e pai dos seus filhos e, ao fazê-lo, estava a assumir a convicção de que ele era um falhado sobre todos os aspectos: profissional, social e familiar.

Clara tinha a justa impressão de que João Pedro não evoluíra naqueles anos todos e ficara bastante aquém do sucesso que ela lhe augurara e que fora — não podia negá-lo — o maior atractivo para se apaixonar por ele. Esperara muito mais de João Pedro. Ainda na universidade, convencera-se de que ele era um génio e teria, inevitavelmente, um sucesso transcendente. Ela via-o tão calado e confundia silêncio com ponderação. Quando começaram a namorar, sentia orgulho em ser a companheira do rapaz mais bem-sucedido da faculdade. Achava a timidez de João Pedro o reflexo de uma mente criativa, alheada do que a rodeava por estar em constante congeminação de projectos sublimes que lhe desviavam a atenção das banalidades quotidianas.

Claro que, com ela, João Pedro revelara-se muito mais conversador. Levava-a a ver os seus quadros e falava muito do plano que tinha para ser um grande pintor; ela bebia-lhe as palavras e não lhe passava pela cabeça, nem por um instante, que nada daquilo se concretizasse. Pensava que João Pedro era a pessoa mais segura e determinada que conhecia, com ideias esclarecidas e sem uma sombra de dúvida do caminho a trilhar para a glória. Só teria de o seguir. Parecia-lhe tudo tão fácil, tão simples e óbvio, não previra qualquer entrave à felicidade. Estava enlevada, andava nas nuvens. *Estava era burra*, pensava agora, desmoralizada e incrédula com o rumo que a vida dele tomara afinal.

Desde que aceitou a verdade sobre João Pedro, Clara iniciou uma nova etapa psicológica, que consistia em desenvolver e deixar assentar uma ideia mais estruturada do fracasso com todas as suas graves implicações. Uma vez interiorizada essa ideia, ela deixou de se sentir culpada por ter pouca consideração pelo marido. Analisava-o friamente, em perspectiva. Afinal de contas, pensava, tratava-se de ser honesta consigo mesma e não negar os factos.

Fazia-lhe muita confusão que João Pedro se satisfizesse com a mediania e não estivesse minimamente preocupado por os seus quadros já não se venderem. Ele tinha potencial, melhor, ele tinha um dom, pintava bem como poucos, mas estragava tudo por ser anti-social e recusar-se a ouvir os experientes conselhos de André.

Como se não bastasse a sua falta de sensibilidade comercial, ainda batia o pé a quem o queria ajudar. Clara também poderia fazer muito por ele nesse campo, pois desenvolvera um agudíssimo instinto autopromocional naqueles anos todos a trabalhar num ateliê cheio de egos enormes, e, até agora, não se dera nada mal. Conseguira tornar-se a protegida do patrão graças a uma astúcia feminina que envolvia uma grande dose de sedução, algo absolutamente inconfessável em casa. A maneira como se insinuava, a simpatia que derramava sobre o patrão, a saia curta que subia quando cruzava, à frente, dele a perna com os contornos bem definidos pelos colãs pretos, a elegância que exibia do alto dos saltos dos sapatos *Louboutin* que lhe haviam custado uma fortuna — também neste aspecto ela aprendera muito e soubera mudar significativamente desde os tempos da faculdade —, todas estas subtilezas sensuais calavam fundo na líbido desprevenida do homem.

O patrão de Clara era uma personagem e tanto, um presunçoso que não devia nada à modéstia e desprezava as virtudes do recato, mas — descontando as brutalidades que dizia aos empregados nos períodos críticos do ateliê, quando os prazos apertavam e os projectos engonhavam — tinha sentido de humor e conseguia ser encantador com todos, especialmente com Clara.

Ela não se sentia responsável pelo interesse descarado do patrão e não era nenhum sacrifício ser atraente e tentadora. Porque não? Fazia-se valer, não via nenhum mal nisso, pelo contrário, até incentivava a cumplicidade que ia crescendo entre os dois, porque gostava genuinamente dele e reconhecia-lhe as qualidades de homem dinâmico, elegante e bem-sucedido que desejava desesperadamente para João Pedro. O patrão era o justo oposto do marido, mas com o inconveniente de ser casado e ter filhos — tal como ela, aliás —, quando não, seria perfeito.

No ateliê, Clara ia-se envolvendo numa relação que começava a extravasar perigosamente os limites estritamente profissionais, embora ainda quisesse convencer-se de que não havia nada mais do que uma boa e sólida relação de trabalho. Não lhe custava admitir que admirava o patrão e que trabalhavam juntos há tanto tempo que já o considerava um amigo. Contudo, nenhum dos dois se coibia de uma cumplicidade maior do que a simples amizade, subtilmente

transmitida por dezenas de gestos e atitudes ao longo do dia. Antes, Clara quisera cativar o patrão por mero interesse, mas entretanto deixara os sentimentos intrometerem-se nos seus desígnios. Perdera o frio distanciamento do cálculo e acabara metida num sarilho sentimental, só que ainda não estava preparada para o assumir.

Em casa, Clara obstinava-se em mudar João Pedro à imagem do patrão. Espicaçava-o na esperança de que ele se tornasse mais activo e trabalhasse para projectar a sua imagem. Queria que não inventasse desculpas para negar entrevistas; que vestisse marcas da moda, em vez da roupa de pobre — como ela dizia — que usava nas aparições públicas, as calças de bombazina gastas e as camisas desastrosas compradas por atacado naquela loja da Baixa que cheirava a mofo, onde era atendido por um velho sonolento atrás de um balcão rústico de madeira; queria que acatasse as orientações de André sobre a sua carreira e que não fosse às inaugurações contrariado. Clara sofria da síndrome da vergonha alheia ao vê-lo muito embaraçado, resguardado atrás de André, a balbuciar respostas monossilábicas, pendurado num sorriso idiota perante aquela gente mundana que frequentava a galeria do *marchand*.

Clara esforçava-se para influenciar o marido, mas João Pedro não reagia. As medidas urgentes que ela reclamava seriam óbvias e naturais para uma pessoa desinibida, criada e educada numa alta sociedade que sabia estar sem complexos em qualquer ambiente, no entanto João Pedro crescera num mundo muito mais pequeno e tivera uma infância e uma adolescência complicadas. Ela não dava importância à falta de beleza física do marido, mas ele desenvolvera uma inibição muito grande que o constrangia. Clara não conhecia o seu passado traumático, porque ele não lhe contava nada. Porventura, se João Pedro desabafasse com ela em vez de lhe ocultar o motivo do seu embaraço, Clara tê-lo-ia resgatado pelo amor do lado negro da mente a que se arreigava, mas ele travava uma luta solitária consigo próprio e não se abria com ela.

João Pedro era excessivamente tímido e, mesmo que quisesse seguir os conselhos de Clara, não saberia transformar-se no homem sofisticado e desembaraçado que ela idealizava. Seria sempre uma fraude fácil de desmascarar. Podia-se vestir um fato *Hugo Boss* a um simplório desajeitado, mas não se podia pretender que o fato lhe mudasse a personalidade. Clara, habitualmente tão sagaz com as peculiaridades da vida, não entendia esta evidência básica e persistia em fazer de João Pedro uma ficção ridícula. Ele não lhe confessava as suas limitações, escondia-as em várias camadas de reacções adversas, fossem as indignações com André, a aversão aos jornalistas ou a teimosia em não se desviar de um rumo que o levava direitinho para o esquecimento. E Clara ficava ofendida por pensar que João Pedro desprezava os seus conselhos.

Nunca lhe ocorreu que estivesse a ser injusta ao desconsiderar João Pedro por

não ser tão ambicioso quanto ela. Note-se que Clara era ambiciosa por interposta pessoa, na medida em que esperava do marido o que não se propunha alcançar sozinha. O que diria Clara se João Pedro tivesse a lucidez de lhe perguntar porque o criticava tanto se ela própria não conseguia evidenciar-se em nada para conquistar a notoriedade? Como reagiria se João Pedro a questionasse sobre a legitimidade dela para o pressionar se não era capaz de fazer melhor? Olha, se gostas tanto da fama, porque não tratas tu disso e não me chateias? Quer dizer, é mais fácil criticar os outros do que reconhecer as nossas limitações.

O fracasso de João Pedro vexava Clara, pois sentia o opróbrio de ter um marido que rejeitava os valores mais idolatrados pela sociedade. João Pedro tinha horror à exposição pública, não queria ser o centro das atenções, fugia das implicações onerosas da fama. Bem podia Clara bradar indignada que ele atirava oportunidades pela janela que a maioria das pessoas só podia aspirar em sonhos, porque o que para ela era desperdício e fracasso, para ele era um preço demasiado alto a pagar. A fama traria mais reconhecimento pelo seu trabalho, mais reputação profissional, mais dinheiro e poder, um monte de coisas boas que lhe facilitariam a vida. Como é que João Pedro podia não ter interesse por isto?

Clara e João Pedro habitavam, portanto, em dimensões diferentes e opostas do universo. Embora morando sob o mesmo tecto, não partilhavam interesses, desejos, visões da vida. Ela queria chegar ao topo, ele estava muito bem assim. Evidentemente, antes de casar, não soubera ver como era o verdadeiro João Pedro, esperara demasiado dele, pensara que tinha apostado num ganhador e saíra-lhe um falhado. E agora sentia-se defraudada.

Chegados a este ponto, o casamento começou a desmoronar-se a uma velocidade estonteante, mas só na cabeça de Clara, porque, embora ela fosse acumulando desilusões, João Pedro não sabia ler os sinais de descontentamento. Clara estava prestes a explodir e ele, na sua abstracção natural, não se dava conta da tempestade que se aproximava.

Esta revoada de sentimentos confusos que lhe alvoroçavam o espírito trazia Clara melancólica e com uma irritação latente que só se dissolvia quando chegava ao ateliê. Era pontual de manhã e adiava a saída muito para lá da hora normal, porque já não tinha prazer em regressar a casa. A empregada dava banho às crianças, deixava o jantar feito, a mesa posta, tudo em ordem, no entanto, a mulher saía rigorosamente às dezassete horas e João Pedro via-se encruzilhado num fim de tarde rabugento a que não estava habituado. O bebé chorava e os gémeos ficavam agitados, faziam asneiras, reclamavam atenção. João Pedro não sabia para onde se virar, telefonava a Clara, mas, ultimamente, ela desligava o telemóvel para não o aturar. Ele que se amanhasse, pensava, melindrada. Era mais uma consequência da reacção em cadeia espoletada pelo ressentimento. A frustração arreigava-se e Clara deixava-a extravasar em breves conflitos que provocava com respostas tortas.

— Os gémeos dão cabo de mim — queixou-se João Pedro um dia, quando ela chegou.

— O que é que eles fizeram? — perguntou Clara, a largar a carteira, a tirar o casaco, o cachecol, a pendurá-los no cabide da entrada.

— Diz antes, o que é que eles não fizeram!

Ela passou por ele sem lhe dar um beijo, parou à porta da sala, contemplou gravemente o panorama, de mão na anca. Um pequeno furacão tinha atravessado a sala e deixara um rastro de despojos infantis.

— Isso é porque os deixas fazer tudo — disse, acusadora. Avançou, abaixou-se, começou a apanhar peças de *Legos* e a atirá-los bruscamente para o balde do jogo.

João Pedro foi sentar-se no sofá, irritado, a observá-la a recolher os cromos espalhados pelo chão, os lápis e as folhas riscadas.

— Os miúdos já estão a dormir? — perguntou Clara, continuando a juntar meias e sapatos pequeninos.

Ele revirou os olhos.

— Claro que estão — resmungou. — São dez horas, Clara. Não podes vir um bocadinho mais cedo?

Ela, agachada, parou o que fazia, voltou-se para ele, incrédula. *Mas tu és parvo, ou quê?*, parecia perguntar.

— Eu estive a trabalhar — replicou.

— Eu sei, mas era assim tão urgente que não pudesse ficar para amanhã?

Clara ergueu-se e, antes de sair da sala a abraçar a tralha das crianças, respondeu-lhe sem piedade.

— Era urgente, é um projecto que está no fim do prazo. E alguém tem de ganhar dinheiro nesta casa, sabes? — disse. João Pedro levantou-se e seguiu-a.

— Ah, porque eu não trabalho, é isso?

— Tu pintas, eu ganho dinheiro — disse ela, voltando vagamente a cabeça por

cima do ombro.

— Mas eu não ganhei já muito dinheiro com os meus quadros?

— Exacto, ganhaste, já não ganhas. E, se não ignorasses o que eu e o André te dizemos, talvez voltasses a ganhar. Mas, como és casmurro... — encolheu os ombros demoradamente, em jeito de reticências, foi para o quarto dos gémeos.

Estes choques de baixa intensidade eram agravos que já denotavam a má vontade entranhada em Clara e, não obstante morrerem tão depressa quanto começavam, foram-se tornando mais frequentes. A descrença ia-se apoderando dela e, mesmo sem querer, era uma preocupação que não lhe saía do espírito, sempre a remoer o problema, a cismar com a inépcia de João Pedro.

Clara ligava o início da crise conjugal às primeiras consequências sérias para João Pedro da desgraça económica que alastrava pelo país. Antes disso, as crescentes dificuldades de Portugal em financiar-se, os juros galopantes, a inevitável intervenção da *troika*, a situação de emergência nacional e a austeridade anunciada eram temas para os telejornais. Porém, as notícias saíram da televisão, ganharam vida e a crise financeira deixou de ser uma *coisa* distante, que não se entendia nem se sentia, para se tornar numa besta que atingiu as pessoas brutalmente.

Houve um primeiro momento em que se sentira culpada por censurar João Pedro precisamente quando o marido mais precisava do seu apoio mas, depois de constatar que ele não se deixava ajudar, perdeu todo o pudor e clemência e a má vontade ressurgiu nela com um ímpeto ainda maior. Não eram tanto os resultados medíocres das vendas dos quadros que a assustavam, mas a incapacidade dele de reconhecer o problema e agir em conformidade. Era imperioso procurar soluções e João Pedro parecia um rapazola ingénuo e irresponsável metido na sua concha de artista puritano, recusando-se soberbamente a fazer concessões ao mercado exangue.

Finalmente aconteceu o que estava destinado a acontecer desde que Clara e o patrão começaram a seduzir-se através de processos dissimulados. Fora sempre um jogo de atracção e tentação que nenhum deles assumira com frontalidade, embora ambos soubessem perfeitamente o que andavam a fazer. Não tinham a certeza se estavam dispostos a correr o risco de irem mais longe, mas, por fim, a libido impôs-se ao bom senso e não foram capazes de parar a tempo, ou talvez tivessem consciência de que não pretendiam mesmo parar e já não quisessem saber das consequências.

O desejo levou-os a fazerem tábua rasa do espaço que ainda lhes restava para recuar e, assim, caíram numa armadilha sentimental, foram tomados de assalto por uma impetuosa mistura de sensações e expectativas que não controlavam e, por isso, não podiam contrariar.

Agora, Clara passava a maior parte do seu tempo a pensar no patrão. Dava-lhe prazer analisar até à exaustão algo que ele lhe dissera ou fizera, uma pequena frase com segundo sentido ou um gesto que era tudo menos inocente. Clara alimentava planos secretos que incluíam o divórcio — dela e dele —, uma nova vida a dois, um romance assumido e sem entraves à felicidade. Ela abria as defesas e já se permitia imaginar despudoradamente todas as fantasias que lhe povoavam a alma. A maior de todas era acordar com ele de manhã, com todas as implicações determinantes que isso representava. Tinha-se convencido de que não havia esperança para o seu casamento, aceitava a derrota e fazia desta o alibi que a libertava do peso na consciência. Doravante, poderia escolher um novo rumo que, evidentemente, não incluía João Pedro.

Foi um momento estranho, inesperado, mas não surpreendente. Poder-se-ia dizer que foi o extravasar da tensão erótica acumulada durante muito tempo. Estavam só os dois no ateliê, no gabinete dele, debruçados sobre a mesa de projectos, ao princípio da noite, quando já todos tinham saído, a analisar uma proposta de trabalho de Clara. Foi algo que ela disse, uma frase a que ele correspondeu com uma carícia no rosto dela. Clara sentiu-se enrubescer de calor e reagiu por impulso. Cobriu a mão dele com a sua, segurou-a, beijou-a.

Mais tarde, a caminho de casa, sozinha no carro, levando um sorriso de que nem se dava conta, Clara lembrou-se mais uma vez de que ficara surpreendida com a facilidade com que ele a erguera nos braços, cobrindo-a de beijos frenéticos, levando-a até à secretária, no outro lado do gabinete. Não imaginava que ele fosse tão forte. Sentira-se tão leve nos seus braços.

Parou num semáforo e o sorriso abriu-se ainda mais ao recordar como ele varrera com um ímpeto febril tudo o que havia em cima da secretária para a deitar de costas. Na altura, sentira-se um pouco desiludida por lhe parecer que não devia ser assim a primeira vez deles, não havia romance naqueles instintos animais, mas logo se resignou com o pensamento excitante de que o faziam como nos filmes,

pois era assim que ela se sentia, ali deitada à meia-luz de um candeeiro de mesa, a ver as mãos dele deslizarem pelas suas pernas, por baixo da saia travada que lhe tolhia os movimentos, despindo-lhe as cuecas com uma habilidade improvável, desapertando as suas calças, a subir para a mesa larga que lhes servia de leito improvisado na urgência que os seus corpos reclamavam. Já tinham esperado tanto tempo para se terem que, quando Clara o sentiu invadi-la e aquela descarga de prazer tomou conta dela, agarrou-se a ele sem mais reservas mentais. A cada investida dele, a mesa embatia na parede numa cadência dura, a madeira rangia violentamente e, a um canto da secretária, o pequeno e frágil candeeiro equilibrava-se à beira do abismo, até cair ao chão num último estrondo, naquele instante feliz em que, abandonando-se num espasmo de prazer, Clara soltou bem alto o derradeiro gemido de realização, sem se aperceber de que cravava fundo as unhas nas costas do patrão.

Escorregaram da mesa, lentamente, observando o estado caótico do gabinete em seu redor. Eles próprios não estavam melhor, meio despidos, enredados na desordem de roupa amarrotada. Houve um pequeno instante contemplativo, silencioso, de algum embaraço, mas logo o ultrapassaram através de uma gargalhada espontânea, sonora e bem-disposta. Clara puxou a saia para baixo e descobriu no chão o sutiã, as cuecas, a camisa, que ele lhe havia despido por artes mágicas de amante experiente. Abanou a cabeça, a rir-se, espantada por só agora realizar como ele fora habilidoso, deixando-a praticamente nua. A sua impressão é que ele a hipnotizara, pois estivera tão concentrada nos seus olhos intensos que nem reparara no que as mãos faziam mais abaixo. Apanhou tudo do chão e foi para a casa de banho, levando a trouxa de roupa nos braços. Fechou a porta e viu, reflectida no espelho, a sua imagem um pouco chocante, nua da cintura para cima e com o cabelo desalinhado. Deixou cair os ombros, conformada, e pensou que a primeira vez deles não tinha sido, definitivamente, nada romântica, mas, em compensação, fora memorável.

Só voltou a cair em si ao entrar em casa e ao deparar com João Pedro sentado no sofá da sala com o bebé nos braços, ambos cobertos da papa que ele tentava ingloriamente enfiar-lhe na boca. Clara reparou que não estava a ter grande êxito. João Pedro suspirou.

— Ainda bem que chegaste — disse, aliviado.

Clara forçou um sorriso para disfarçar o sentimento de culpa que a assolou. Os gémeos já se levantavam do chão e distraíam-se momentaneamente do televisor para irem assaltá-la, agarrando-se às suas pernas a chamar por ela. Reclamavam a atenção da mãe. Clara abaixou-se para os beijar. João Pedro esticou os braços para lhe entregar o bebé, mas ela, horrorizada com a possibilidade de ele descobrir o que andara a fazer, recusou com demasiada veemência.

— Não, não, continua que estás a ir muito bem. Eu vou só lá acima e não demoro. Preciso de tomar um banho rápido, que estou toda colada — disse,

arrependendo-se logo de ter empregado esta expressão. Corou, sem querer, atraída pelo significado comprometedor do que acabara de dizer e, antes que ele reparasse no vermelhão que lhe assomava ao rosto, deu meia volta e precipitou-se para fora da sala.

Fechou-se na casa de banho, despiu-se, atirou a saia, a camisa e o resto para o cesto da roupa suja, enfiou-se debaixo do chuveiro a sentir-se uma idiota por ter reagido daquela forma, como se fosse possível João Pedro perceber alguma coisa apenas pela aproximação. Fechou os olhos, grata pela água muito quente que lhe escorria pelo corpo, lavando-a de todos os vestígios do delito. *Que estúpida!*, pensou. *Tenho de me controlar. Ele não vai dar por nada, se não me comportar normalmente é que levanto suspeitas.*

Voltou a descer vinte minutos depois, em pijama, abafada num roupão. Entretanto, João Pedro tinha acabado por se desembaraçar sozinho, pusera o bebé no berço, deitara os gémeos e retirara-se para o *quartinho das tintas*. A sala vazia e silenciosa pesou-lhe na consciência. Sentou-se na beira do sofá, às escuras, ponderou ir ter com João Pedro ao ateliê, mas considerou que seria mais um passo em falso, porque nunca ia lá. De modo que subiu novamente, passou pelos quartos das crianças para verificar se estavam todos a dormir e, depois de confirmar que a paz descera sobre a casa, foi também para a cama.

Antes de adormecer, Clara recapitulou mentalmente esse início de noite delicioso com o patrão. Não era arrependimento o que sentia, era só o medo de se denunciar e ser apanhada. Haveria de se divorciar em breve e não queria que as culpas do fracasso do casamento recaíssem sobre si. Porque já se convencera de que não tinha qualquer responsabilidade. Era muito claro para ela que João Pedro é que lhe falhara e, na altura certa, estava disposta a acusá-lo de tudo o que corra mal na relação deles.

Clara sentia-se zangada por o seu casamento acabar assim, ao avesso dos sonhos que acalentara, e tinha uma enorme vontade de castigar João Pedro, tanto mais que ele parecia não entender a desilusão dela. Era desanimador, porque Clara tinha necessidade de que lhe fizessem justiça, de modo a dar algum sentido ao fim do casamento e, para isso, entendia que era importante fazerem uma espécie de julgamento informal, terem uma conversa franca, em forma de confrontação, que lhe desse a oportunidade de apresentar os motivos do seu descontentamento e de esclarecer definitivamente as razões que haviam conduzido a essa situação insustentável. Bem, mais uma vez, insustentável para ela, pois, aparentemente, para ele não havia problema de maior.

Clara precisava de desabafar, de descarregar a frustração, queria atirar-lhe à cara todos os defeitos dele que a irritavam supinamente, dizer-lhe a porcaria de marido que ele era. Mas, no final, tiveram só uma conversa minimalista que se resumiu a uma descompostura sem réplica. Em suma, Clara disse-lhe que já não o amava e não aguentava mais continuar a viver com ele, porque era o mesmo que

viver com um extraterrestre e ela esperava muito mais de um marido do que a presença amorfa e distante de um homem que se limitava a vegetar pela vida sem objectivos e ambições. João Pedro empalideceu, ouviu-a cabisbaixo, com uma cara de cãozinho triste de orelhas caídas, e não rebateu nenhuma acusação, não a contrariou nem se defendeu. Clara anunciou-lhe que ia para casa dos pais, provisoriamente, e levava as crianças, e a ele só lhe ocorreu perguntar-lhe se precisava de ajuda a fazer as malas. Exasperada, Clara deu-lhe uma resposta torta:

— Só preciso que desapareças da minha vista — disse. E ele, petrificado, subiu ao primeiro andar e foi sepultar-se no *quartinho das tintas*.

Dado que a entrada para a compra da casa onde moravam fora oferecida pelos pais de Clara e como, actualmente, era ela que pagava ao banco as prestações da dívida remanescente, teria sido mais óbvio que fosse João Pedro a sair, tanto mais que as crianças ficavam com ela. No entanto, Clara tinha planos inconfessáveis e preferiu que pusessem o apartamento à venda e repartissem o dinheiro. Na sua cabeça, já resolvera tudo: iria viver com o patrão e precisaria de uma casa maior.

João Pedro aceitou docilmente tudo o que Clara definiu, pois não se sentiu em condições de regatear. Faltava-lhe a força anímica. Ela queria vender o apartamento, vendia-se o apartamento, ela decidiu levar as crianças e a empregada para a ajudar, assim seria. O apartamento não lhe interessava nada e, quanto às crianças, não saberia tratar delas com a dedicação e a competência que necessitavam. Deviam ficar com a mãe.

Caído num profundo estupor, João Pedro atravessou os dias seguintes em absoluto transe, assombrado com a decisão drástica e imprevista de Clara. Foi abalado por um terramoto emocional demasiado violento para lhe permitir processar aquela estonteante surpresa. Era excessivo para ele, não conseguia organizar os pensamentos, dar uma ordem lógica aos acontecimentos, sentia-se estúpido. O que se passara afinal? Como tinham chegado àquele ponto sem ter dado por isso? Perguntava-se o que fizera, o que dera a Clara para estar furiosa como nunca a tinha visto?

Na verdade, não era tanto o que fizera, como ela tentara explicar-lhe, mas o que *não* fizera.

Mesmo assim, João Pedro não se sentia agastado com ela, não a recriminava, estava simplesmente espantado, atordoado e triste. Em contrapartida, Clara dissera-lhe que nem o queria ver, e essa rejeição violenta, senão mesmo de repulsa, afigurava-se-lhe injusta, insensata, extemporânea.

Sim, João Pedro tinha a noção dos seus defeitos, era o maior crítico de si próprio e o primeiro a reconhecer — mas só intimamente — a timidez quase paralisante e tão limitadora que o levava a isolar-se e a evitar o contacto com desconhecidos. Nos piores dias, considerava que tinha um carácter pusilânime e sem remédio, e ponderava se não estaria condenado à solidão. A solidão confortava-o, dava-lhe segurança, embora também o deprimisse, mas era mais

forte do que ele, era uma luta interna permanente para contrariar a vontade de se esconder do mundo. Porém, se Clara o conhecia melhor que ninguém e tinha consciência dos seus problemas, não devia apoiá-lo incondicionalmente em vez de se afastar?

Como é evidente, João Pedro desconhecia que Clara já percorrera um longo, infrutífero e solitário caminho até chegar ali. João Pedro não tinha noção do quanto ela se esforçara para ele mudar, dos suspiros que soltara nas suas costas sempre que ele escolhia ignorar os conselhos dela. Se, inicialmente, Clara era subtil nas sugestões que lhe fazia, ultimamente já era bastante mais enfática. Ele não fazia ideia de que os conselhos de Clara fossem tão importantes para ela, na verdade, até mais do que para ele, pois Clara fazia depender o futuro da forma como ele reagisse na circunstância actual, enquanto para João Pedro os conselhos de Clara eram apenas sugestões para o ajudar, quer ele as seguisse, quer não.

O desencontro entre João Pedro e Clara ficou, portanto, a dever-se em grande medida a uma falha de comunicação. Ela queria obrigá-lo a mudar, mas nunca lho disse directamente, senão através de conselhos que ele não levava a sério por serem contra a sua natureza. Para Clara, se uma pessoa andava como um pato e grasnava como um pato, então era um pato. Já para João Pedro essa lógica não era assim tão óbvia. Contudo, se ele tivesse sabido a tempo a importância de ser um pato, ter-se-ia esforçado ao máximo para ser o pato que a faria feliz, só para não a perder.

A vida está pejada de imponderáveis que operam mudanças súbitas e decisivas para o futuro, em geral desencadeados por outras mudanças acidentais a montante. Uma interrupção intempestiva da rotina habitual desvia-nos do percurso preestabelecido, atira-nos para o desconhecido e as coisas acontecem. Na semana em que João Pedro ficou sozinho e perdido, deram-se dois desses acontecimentos fortuitos que haveriam de se revelar determinantes na vida dele.

Enquanto vagueava pelo bairro ao sabor de uma caminhada reflexiva de fim de tarde — hábito que só adquirira depois de Clara o ter deixado —, João Pedro deu por acaso com um grande cartaz à porta de uma sala de conferências que ostentava a extraordinária fotografia de um homem calvo, engalanado por grandes bigodes com umas soberbas pontas retorcidas. João Pedro estacou ali a observar com um misto de curiosidade e espanto aquela desusada imagem do vetusto cavalheiro. Pareceu-lhe um pensador erudito com uma mensagem reveladora para transmitir — interpretação correcta, aliás, dado que devia ter sido essa mesma a intenção de quem lhe tirara a fotografia. Visto assim de repente, tudo naquele homem transportava um observador desprevenido para algures num tempo antigo, talvez dos olvidados finais do século dezanove. Qual antepassado ilustre fixado pelo daguerreótipo centenário, este homem inesperado apresentava-se num magnífico fato de fazenda escura, de corte antiquado. Era do tipo roliço, estrangido num colete apertado até ao último botão, onde tinha a mão esquerda pendurada pelo polegar enfiado no bolsinho, dando ares de grande à-vontade. Tinha depois um livro da sua autoria na mão direita, com o título *Caos: O Motor do Progresso*. E, a encimar o cartaz, lia-se em grandes letras rebuscadas o seu impronunciável nome escandinavo: Theophilus Engelbrecht.

Não havia ninguém, mas dois focos de luz incidiam sobre um tapete vermelho, muito digno, estendido no chão para fora da porta dupla escancarada, sugerindo a língua carmim de uma boca aberta. E João Pedro sentiu-se compelido a deixar-se engolir para o interior escuro que sucedia os focos que iluminavam o exterior. Entrou.

Passou pelo meio de duas pesadas cortinas de veludo cor de cereja, seguiu com passos cautelosos por um curto e cavernoso corredor, desembocou numa sala muito larga, onde parou à espera que os seus olhos se habituassem à obscuridade densa que o impedia de se orientar.

Ao fundo, banhado numa ilha de luz amarela, descobriu o homem do cartaz sentado a uma mesa coberta por uma toalha castanha, a falar para um microfone, perante uma vasta plateia de cadeiras vazias. Um homenzinho lúgubre, engravatado e de fato preto, surgiu subitamente da penumbra. Trazia um prospecto que enfiou na mão de João Pedro, enquanto o informava que o mestre Theophilus Engelbrecht iniciara agora mesmo a sua maravilhosa palestra, de modo que ainda ia muito a tempo, se quisesse acompanhá-lo.

João Pedro foi atrás do solícito assistente, que poderia muito bem ser um pesaroso empregado de uma agência funerária. Este ofereceu-lhe um lugar mesmo em frente do orador, apenas com três filas de cadeiras vazias de permeio. O pressuroso assistente retirou-se, deslizando pela escuridão. João Pedro olhou embaraçado para os lados e reparou que afinal não era o único presente. Havia mais umas cinco ou seis pessoas dispersas pela plateia. Alguns metros à sua

esquerda, uma senhora de cabelos grisalhos escutava atentamente, inclinada para a frente com uma mão apoiada num carrinho de compras de duas rodas que encostara à cadeira. À direita, viu um idoso de olhos fechados a cabecear um sono leve.

O mestre Theophilus Engelbrecht perorava, num português carregado de erres, sobre a natureza humana. Era absolutamente necessário perceber a natureza humana para compreender a dinâmica das sociedades, dizia. «O Homem não progride na félicidade, um homem feliz é um homem acomodado, um serr inútil, não se esforça para nada. Assim são também as sociedades. As sociedades precisam de grandes convulsões para se desenvolverem. As manifestações, as revoltas populares, as catástrofes, são o oxigénio do progresso.»

O mestre Theophilus Engelbrecht fez uma pausa para inspirar profundamente esse oxigénio providencial, passou um lençinho branco na testa perlada de suor, tomou um pouco de água. Depois continuou a defender com afincos a sua tese de que não havia progresso sem caos, insistindo amiúde em que o medo da fome é que levava as pessoas a trabalharem mais e melhor. As crises económicas, a insegurança no emprego, a inquietação, eram poderosos estímulos da criatividade, dizia. Agora mesmo, em Portugal, vivia-se uma crise sem precedentes e este país, que sempre negligenciara a expansão comercial para lá das fronteiras, voltava-se de uma vez para o exterior e as exportações cresciam gloriosamente. O português, apertado pelas infelizes circunstâncias, procurava caminhos alternativos para se salvar da ruína.

João Pedro escutou interessado a prelecção do mestre. No final, acenderam-se as luzes e o fúnebre assistente reapareceu com uma pilha de livros que depositou em cima da mesa, anunciando que, em seguida, o mestre Theophilus Engelbrecht iria privilegiar o excelentíssimo público com um raro autógrafo na sua obra, que todos poderiam adquirir. João Pedro juntou-se obedientemente à fila, logo atrás da senhora que puxava o carrinho de compras, e, chegada a sua vez, o mestre Theophilus Engelbrecht ergueu os olhos, perguntou-lhe a sua graça e interessou-se pelo seu trabalho. Quis saber o que fazia.

— Sou um pintor de quadros que já ninguém quer comprar — disse João Pedro, pondo um sorriso fatal.

— Ah! A arte é sempre a primeira vítima da falência. Uma barbáridade! Mas há que procurar caminhos, há que procurar!

Enquanto caminhava de regresso a casa com o livro de Theophilus Engelbrecht na mão, João Pedro ia ponderando a teoria do mestre e em como ela se podia aplicar ao seu caso pessoal. «Uma barbáridade! Mas há que procurar caminhos, há que procurar!», ia a dizer, imitando em voz baixa e com ironia o sotaque arranhado do mestre. Mas, enfim, havia que encarar os factos: estava falido, não vendia um quadro, Clara saíra de casa e levava os miúdos, deixara-o sozinho, não

tinha ninguém! «Uma barrbárridade!», repetiu, descoroçoado, andando cada vez mais devagar, até parar sem se dar conta. «Foda-se!», exclamou, chocado.

Desde que Clara partira, anunciando-lhe que tomara uma decisão definitiva — não, ela dissera de-fi-ni-ti-va, assim mesmo, marcando bem todas as sílabas —, era a primeira vez que João Pedro interiorizava absolutamente e sem reservas mentais a sua posição. Até agora, evitara enfrentar o problema, afastara-o do espírito com a vaga e plácida ideia de que se tratava só de uma crise passageira. Mas, subitamente, caiu em si e percebeu que não havia nada de circunstancial na sua situação. Estava tramado e bem tramado. Olhou para o livro do mestre Theophilus Engelbrecht, atentou no título, *Caos: O Motor do Progresso*, pensou que o caos já ele o tinha bem instalado, só lhe faltava o resto. Tinha de se reinventar, definitivamente. Mas como?

Embora João Pedro considerasse que o grande Theophilus Engelbrecht não passava de um *filósofo de bairro* trampolineiro, que tentava impingir a donas de casa incautas e a reformados ociosos o seu livrinho banal — era só uma edição de autor muito mal amanhada — como se fosse a teoria do século, o facto é que a dissertação do mestre teve o efeito clarividente de o despertar da estupefacção.

Ao fim da noite, João Pedro adormeceu na sua enorme e despovoada cama de casal com a mão pousada sobre o *Caos: O Motor do Progresso*. Leu as últimas páginas já de olhos a fecharem-se e o livro acabou caído em cima do peito e os óculos que usava para ver ao perto a escorregarem-lhe do nariz. Nessa noite, teve um sonho estranho. Apesar da sua apresentação desmazelada de sempre, estava rodeado por duas jovens mulheres belíssimas. E, ainda mais singular, ele, ou, enfim, o outro ele, conversava com elas com uma desenvoltura impensável. João Pedro, ou melhor, a representação mental do inverso dele, sentava-se largamente no confortável sofá da sala e passava os braços por cima dos ombros das duas mulheres que aninhavam a cabeça em cada lado do seu peito. Ele afundava à vez o rosto nos cabelos finos, lisos e compridos das duas. Cheiravam tão bem. Contemplou desvanecido as pernas nuas e perfeitas delas a subirem maliciosamente por cima das suas. As raparigas vestiam *shorts* muito resumidos e uma delas uma *t-shirt* apertada que lhe realçava os seios e nem chegava a tapar a barriga; enquanto a outra trazia uma camisa decotada até ao umbigo. À frente do sofá, havia uma tela gigante onde estava representado o retrato dos três: João Pedro entre as duas mulheres, ambas nuas e de uma beleza rara. André, o *marchand*, saltitava pela sala, em redor deles, extasiado, dando gritinhos, muito excitado. Era brilhante, exclamava, dizendo que João Pedro ia a caminho da estratosfera do sucesso! A um canto da sala, sentada muito hirta numa cadeira, Clara, de braços cruzados, amuava. E, em pé atrás do sofá, o grande mestre Theophilus Engelbrecht bradava sem parar: «É uma barrbárridade! Há que prrocurarr caminhos, há que prrocurarr!»

Ao despertar desse sonho insólito, João Pedro teve uma desilusão tremenda por

descobrir que nada daquilo era verdade. Sonhador, tomou um pequeno-almoço nostálgico na cozinha, a recapitulá-lo. Tendo a imagem das raparigas ainda nítida na cabeça, sorriu como um tolo ao lembrar-se com um certo deslumbramento como eram grandes as mamas delas...

Poder-se-ia pensar que, se, eventualmente, o sonho fosse o reflexo de uma epifania, e se João Pedro quisesse interpretá-lo para retirar dele algum significado revelador, então, estava longe de se concentrar no seu aspecto mais profundo, mas, por outro lado, era possível que a imagem marcante das raparigas tivesse evitado que ele se esquecesse do que sonhara. E isto já foi compensador, porque, normalmente, ele não conseguia lembrar-se de nada quando acordava.

É provável que aquele sonho bom tivesse contribuído para João Pedro ficar muito bem disposto o resto da manhã. Subiu ao primeiro andar, vestiu-se para trabalhar e foi cheio de entusiasmo para o ateliê rodear-se dos seus quadros, do cheiro das tintas, de coisas bonitas! Sentou-se no banco alto à frente da tela, observando a representação inacabada de um porto de pesca, que estava ali esquecida há uns dias, e começou a misturar umas cores na paleta à procura da tonalidade escura e carregada do mar encapelado de Inverno. Mas logo reparou no sol poderoso que irrompia pela vidraça da janela em feixes quentes, bem visíveis através das partículas de pó que pairavam no ar estagnado do quarto fechado. Momentaneamente distraído, levantou-se e foi escancarar a janela. Eram nove e um quarto e o dia já prometia temperaturas escaldantes. O Verão viera tardio naquele ano, mas com um ímpeto brutal. João Pedro deixou-se ficar um momento a contemplar a risca prateada do rio que faiscava por cima dos telhados da frente. Sentou-se no parapeito baixo, observando cheio de beatitude o dia brilhante.

Pensou que devia estar triste, mas não era assim que se sentia. No passado, convencera-se de que tivera muita sorte em conquistar Clara e que, se um dia a perdesse, dificilmente arranjaría outra como ela. Na realidade, o que ele sempre pensara é que não arranjaría mais nenhuma mulher, de todo. Ainda se lembrava de como andara nas nuvens no dia do seu casamento, e, mais ainda, durante a lua-de-mel em Paris. Nessa época, ficava noites inteiras, apaixonado, a ver Clara a dormir ao seu lado, com uma excitação a saltar-lhe do peito, dando graças a Deus por aquele milagre. Tinha tão pouca fé em si mesmo que receou durante muito tempo que Clara descobrisse que ele era uma fraude e o deixasse. Mas depois tiveram os gémeos, a vida foi correndo sem sobressaltos e Clara parecia feliz, de modo que João Pedro foi ganhando confiança e, bem, deixou de se preocupar.

Agora, que finalmente se concretizara o seu maior receio, tivera um primeiro impacto de desorientação, um segundo momento de pânico e, nessa manhã, uma estranha e inesperada tranquilidade descera sobre ele e já não achava que houvesse motivos para desesperar.

Amava Clara, mas era preciso reconhecer que se tinham afastado um do outro. Clara mudara bastante desde os dias da faculdade, ela chamaria a isso evoluir, ele diria que era uma espécie de regresso às origens, que os anos de rebeldia tinham

acabado e estava cada vez mais parecida com a mãe. Não havia nada de errado em Clara reflectir a educação que recebera, era até quase inevitável. Para todos os efeitos, ela seria sempre um produto da sua infância. Tudo o que aprendera em menina — os princípios, uma determinada maneira de encarar o mundo — estava lá, só demorara a sair. O único problema é que João Pedro não a acompanhava nisso. Em suma: o que ela consideraria evolução natural, para ele era um lugar desconhecido.

A passagem fortuita pela conferência do grande mestre Theophilus Engelbrecht fora o primeiro e surpreendente acaso que levou João Pedro a questionar-se e a reconsiderar verdadeiramente o desastre em que se tornara a sua vida. Hoje, haveria de ser confrontado com um segundo acontecimento inopinado. Este, não tanto do plano das ideias mas mais mundano, seria, porém, de tal forma decisivo que desencadearia uma autêntica revolução no quotidiano pacato e desinteressante de João Pedro.

O prédio para onde João Pedro e Clara foram morar após casarem era composto somente de dois apartamentos em duplex. Em baixo, havia uma sala enorme com lareira, a sala de jantar e a cozinha. Em cima, o quarto deles — uma espaçosa suíte —, o dos miúdos e o *quartinho das tintas* onde João Pedro trabalhava. O apartamento do lado era igual na disposição do espaço, mas sem os melhoramentos introduzidos por Clara, que alterara significativamente o aspecto da casa. O vizinho, um viúvo apurcado nos seus setenta e muitos, que já lá morava quando eles chegaram, era um verdadeiro senhor, muitíssimo educado e agradável no trato.

Clara sabia que o vizinho estava reformado de uma carreira diplomática bastante conseguida e respeitada pelos seus pares, que ocupara postos importantes na América do Sul e na Europa, que tivera uma filha tardia da mulher que o acompanhara por esse mundo fora e que tinha morrido pouco antes de eles se terem mudado para o prédio onde o embaixador morava agora sozinho.

A filha, que devia ter herdado o gosto do pai pelas viagens, pois trabalhava como hospedeira da TAP, tinha cerca de trinta anos e era, portanto, mais ou menos da idade deles. Clara vira-a uma ou duas vezes no prédio, por ocasião das suas visitas esporádicas ao pai. Comentara até com João Pedro que era uma mulher bonita e igualmente extrovertida, mas não devia ser muito próxima do pai, a avaliar pelas poucas vezes que o visitava. Já o embaixador falava sempre da filha com orgulho, deixando escapar apenas uma vaga lamentação por ela ainda não ter casado e, dizia, por aquele andar, não chegaria a conhecer os netos. Talvez por isso, o embaixador ficava tão encantado com os gémeos e com o bebé que se demorava em simpatias quando os via à entrada do prédio. E, nas suas voltas matinais, lembrava-se de comprar gomas para os miúdos. Os gémeos, cativados pelas guloseimas, ganharam o hábito de lhe irem bater à porta ao chegarem da escola. Não entravam, pois o embaixador preservava o seu sossego, mas cumpria com prazer o ritual de lhes entregar o saquinho das gomas que esperava por eles diariamente na mesa da entrada.

Clara sabia muito da vida particular do senhor porque ele lhe a contava com eloquência e gosto nesses encontros de vizinhos, mas também porque os pais dela já lhe tinham dito que, embora não o conhecessem, sabiam perfeitamente quem era o embaixador e, inclusivamente, eram amigos de primos dele. De modo que Clara considerava-o uma *pessoa conhecida* e tinha imensa simpatia por ele.

Era espantoso que João Pedro passasse completamente ao lado desta proximidade entre a família e o embaixador, ao fim daquele tempo todo a morarem no mesmo prédio e com tantas referências agradáveis. Mas, enfim, era típico de João Pedro ficar-se por um bom dia ou uma boa tarde sumidos e não se esforçar por trocar mais do que as estritas palavras de circunstância com o vizinho. O embaixador ignorava diplomaticamente o desinteresse de João Pedro e não cometia

a indelicadeza de fazer qualquer comentário inconveniente, mas seria natural se não tivesse boa impressão dele. O vizinho, como muitas outras pessoas, podia confundir a timidez de João Pedro com antipatia.

João Pedro só estava a par da vida do embaixador pelo que Clara lhe contava, pois não conversava realmente com ele e, ao contrário da mulher, nunca vira a tal filha hospedeira que ela descrevia loira e de olho azul, a atirar para o espampanante. Esta incapacidade de João Pedro para ter, pelo menos, um relacionamento de cortesia com o vizinho desconcertava Clara. Ela tinha consciência de que a recusa dele em dedicar dois minutos da sua vida ao embaixador, nem que fosse para falar sobre o tempo ou outra banalidade qualquer, não se devia a uma embirração. João Pedro não tinha nada contra o senhor, só o evitava por instinto. Se se dava o caso de se cruzarem, estando acompanhado de Clara, ela e o embaixador começavam logo a falar animadamente de como o pesadelo da crise estava a deprimir o país e trocavam experiências pessoais que constataavam essa realidade, ou conversavam sobre outro tema qualquer que viesse a propósito, e, enquanto isso, o contributo de João Pedro para a conversa não passava de um sorriso aqui, uma expressão de fatalidade ali, um aceno de cabeça para corroborar algo que eles diziam, mas não chegava a verbalizar uma opinião. E Clara sabia que ele tinha opiniões sobre os assuntos.

Era assim com toda a gente do bairro. O merceeiro, o homem do talho, a senhora da tabacaria, cumprimentavam Clara, conheciam-na, gostavam dos gémeos, adoravam o bebé, mas o rosto fechado de João Pedro e o seu silêncio persistente desincentivava-os a tentar comunicar com ele.

Este comportamento anti-social do marido preocupava Clara, incomodava-a.

— Porque é que nunca falas com o embaixador? — perguntou-lhe um dia.

— Mas, eu falo-lhe sempre — respondeu João Pedro, surpreendido.

— Não, tu cumprimenta-lo, não falas com ele.

— Que queres que fale?

— Não quero que fales nada, só acho estranho conheceres o senhor há tanto tempo e não fales com ele.

— Não é, propriamente, meu amigo.

— Pois não, é só um vizinho que adora os miúdos e tem sempre uma palavra simpática para nós.

— Eu não sou antipático com ele.

Clara revirou os olhos, exasperada.

— Esquece — disse.

Quanto ao embaixador e João Pedro, era um caso perdido. Fazia três semanas, o emérito vizinho estava tranquilo no seu conforto a ler o *Le Monde diplomatique*, afundado no cadeirão de couro, na sala, debaixo do candeeiro de pé curvo que o banhava de luz. Era o seu lugar preferido para ler, pois já tinha muita dificuldade em focar as letras pequenas e ali havia o candeeiro e a luz que entrava pela janela

em cima. Homem de grande cultura e de fino pensamento, mesmo depois de reformado, o embaixador não dispensava a leitura de jornais e revistas. Lia muito, pesquisava na internet, mantinha-se a par da cena internacional. E ali estava ele, debruçado sobre o eterno braço de ferro do Irão com o resto do mundo, quando adormeceu antes de chegar ao fim da página. Não foi a primeira vez que dormiu uma sesta a meio de um artigo, só que desta não voltou a acordar.

O funeral do embaixador seguiu-se a uma missa solene na Basílica da Estrela, templo de eleição para os falecidos mais ilustres, e teve a presença do primeiro-ministro e do ministro dos Negócios Estrangeiros, que foram pessoalmente render-lhe as últimas homenagens com uma bateria de câmaras de televisão no encalço.

Ao contrário de Clara, que saiu mais cedo do trabalho para ir à basílica confortar a alma, sinceramente desconsolada com a perda do vizinho, João Pedro ficou em casa e só viu a reportagem à noite na televisão. E ficou espantado com os encómios do primeiro-ministro. Não tinha a noção da dimensão nacional do embaixador, da extraordinária consideração que o senhor simpático que vivera na porta ao lado nesses últimos anos merecia de «uma nação reconhecida pelos altos e inestimáveis serviços prestados por uma personalidade rara que honrou Portugal no mundo», como declarou o chefe do executivo à televisão.

Nessa noite, sentiu-se um idiota chapado e ficou francamente preocupado com o seu comportamento. *Sou uma besta!*, pensou, desanimado. Este episódio fê-lo compreender que andava a perder muitas coisas importantes e que não podia continuar a contentar-se com a solidão. Estar bem consigo próprio, convencendo-se de que podia dispensar o contacto social, era uma óbvia estratégia mental para se preservar da extrema susceptibilidade. Receava fazer amizades porque isso implicava dar confiança a desconhecidos e estes, em breve, iriam começar a dizer piadas sobre o seu aspecto físico e sobre a sua natureza reservada, e João Pedro ficaria ofendido, mas não saberia como reagir, pois nunca aprendera a lidar com essas situações, a não ser afastar-se e isolar-se. Por isso, só se sentia tranquilo quando estava sozinho ou com a família. Os estranhos inquietavam-no, forçavam-no a um estado de alerta permanente, e era psicologicamente extenuante lutar com os diabinhos à solta na cabeça. Claro que o preço que pagava pelos excessos do isolamento a que se submetia voluntariamente estava a tornar-se incomportável e era necessário fazer alguma coisa ou, um dia mais tarde, não lhe restaria nada.

Perante este rebate de consciência, João Pedro anunciou a Clara que a acompanharia à missa de sétimo dia do embaixador. Ele procurava, de algum modo, redimir-se, mas ela não percebeu a contradição flagrante do marido. Ainda assim, preferiu acolhê-la como um sinal positivo e não fez perguntas nem o recriminou. Porém, não pôde evitar um pensamento lúgubre, ocorreu-lhe que João Pedro fora incapaz de lidar com o embaixador em vida, mas agora que ele estava morto já não lhe custava ir à missa. Como se tivesse sido amigo dele! Era deprimente pensar que João Pedro se entendia melhor com a morte do que com a

vida.

Para João Pedro, o sonho da noite anterior ganhou uma nova dimensão quando saiu de casa pelas dez da manhã. Foi como se atravessasse um portal invisível que lhe desse passagem directa do sonho para a realidade, sendo esta última a continuação verdadeira do primeiro.

Junto à entrada do prédio estava estacionada uma camioneta de mudanças com as rodas em cima do passeio. Três homens carregavam móveis e caixas de cartão para dentro, obrigando-o a desviar-se para não ser atropelado por uma *chaise longue* que levavam para o apartamento vizinho.

Detrás da *chaise longue* surgiu uma loira expedita, envergando umas jardineiras por cima de uma camisa de algodão leve, branca, com as mangas arregaçadas.

— Ponham a *chaise longue* na sala — ia ela a dizer aos homens. — Oh, olá!

João Pedro pasmou, a olhar para ela, incrédulo. *Não é possível!*, pensou. Por momentos, imaginou que testemunhava uma aparição na forma de uma mulher invulgarmente bonita, daquelas que só existem em sonhos. E seria o caso, não estivesse ele acordado!

— Olá...

Ela fez uma cara divertida, sorriu, brincou com os olhos, como se se penalizasse por aquela confusão.

— Você deve ser o João Pedro — deitou-se a adivinhar.

— Sou — confirmou ele, admirado por ela saber o seu nome.

Ela esticou-lhe a mão.

— Eu sou a Cristiane.

— A filha do embaixador — balbuciou ele, a apertar-lhe a mão.

— Essa mesma!

A pele macia da mão de Cristiane transmitiu-lhe um calor agradável e, se ela não a tivesse retirado, João Pedro teria tido muita dificuldade em largá-la.

— Vai mudar-se para cá?

— Vou. O meu pai deixou-me a casa e, como eu gosto dela, sempre poupo a renda da outra onde vivo agora.

— Claro, faz sentido. O seu pai era uma simpatia, tivemos todos muita pena — ouviu-se João Pedro a dizer.

O sorriso dela esmoreceu, tornou-se um sorriso triste.

— Ele contou-me que você é pintor.

— Sou.

— E dos bons.

— Ele disse isso? — estranhou.

— Disse.

— Não sabia que ele conhecia o meu trabalho.

— O meu pai interessava-se por pintura. Deixou-me alguns quadros bastante razoáveis. Um dia destes mostro-lhos.

João Pedro fez um sorriso embaraçado, não por não ter gostado do convite implícito mas por ter ficado sem palavras. Cristiane interpretou-o mal, pensou que ele a tivesse achado atiradiça e corrigiu o tiro.

— Diga à sua mulher que eu peço desculpa pela confusão — pediu.

Ela não está cá — afirmou João Pedro muito depressa.

— Ah! Está para fora? Melhor, assim fico mais descansada.

— Não, ela já não vive cá.

— Não?

João Pedro abanou tristemente a cabeça.

— Não.

— Não sabia.

— Bem, vou andando — disse, para não ter de lhe dar explicações sobre a ausência de Clara.

— E eu vou arrumar a casa — fez uma expressão pesada, de quem tinha uma tarefa monumental pela frente.

— Até logo.

— Até logo.

Antes de sair, João Pedro parou, voltou-se e disse:

— Não se preocupe com a confusão nem com o barulho. Não está cá mais ninguém, somos só nós os dois. Seja bem-vinda!

Foi uma declaração espontânea, o que, só por si, já era invulgar nele, sempre tão contido e pouco dado a ousadias. Mas o mundo de João Pedro tornara-se uma coisa estranha no decorrer das últimas vinte e quatro horas: primeiro, a bizarra conferência do mestre Theophilus Engelbrecht; depois, o sonho revelador da noite anterior; e agora Cristiane... Tudo bem, pensou, procurando encarar o assunto com descontração, não ia entrar em paranóia só porque, de repente, estava metido numa espécie de *Alice no País das Maravilhas*, em versão pessoal. Ia alinhar, sim, era esse o espírito, alinhar com o absurdo. Doravante, João Pedro tencionava aceitar o que a vida lhe oferecesse. Não iria retrair-se perante o desconhecido, como sempre fizera, antes pelo contrário, queria abraçar o desconhecido!

Se tivesse de explicar de onde surgira esta súbita e corajosa vontade de mudar radicalmente de atitude, não saberia muito bem por onde começar, talvez pelo funeral do embaixador, talvez viesse de antes. Enfim, atribuí-a vagamente a um processo mental desencadeado pela ideia, que se vinha instalando, de que estava a passar ao lado da vida e que ganhara uma nova e brutal consciência quando Clara o deixara, ou melhor, na véspera, quando, finalmente, se resignara a sopesar a vida sem Clara.

Provavelmente, a decisão de se transformar numa pessoa diferente acabaria por ser só uma veleidade inconsequente, como aquelas decisões cheias de boas intenções que as pessoas tomavam ao entrar num ano novo e que depois não davam em nada. Afinal, ninguém mudava de um dia para o outro, ou mudava? João Pedro

ainda não tinha resposta para isso, mas hoje sentia-se bem e não ia estragar o dia com introspecções penosas. Queria simplesmente deixar-se ir com os extraordinários acontecimentos que pareciam estar a acontecer-lhe.

Saiu para a rua todo satisfeito por ter travado conhecimento com Cristiane, pôs os óculos de sol, foi pela canícula com um sorriso tolo até ao café.

O que pensar de Cristiane? A primeira e mais perturbadora impressão em que João Pedro ficou a empreender, foi a espantosa coincidência, que não podia ser coincidência, de Cristiane ser, sem tirar nem pôr, uma das mulheres do seu sonho, em carne e osso!

João Pedro nunca tivera tendência para misticismos, não era crente, não acreditava em milagres nem no sobrenatural. Porém agora, tinha forçosamente de aceitar que era possível prever o futuro. Ele não se imaginava com qualidades prescientes, aliás, se havia coisa em que tivesse falhado em toda a linha fora a prever o seu futuro. Saíra-lhe tudo ao contrário, não acertara uma! Quando não, por esta altura já seria o homem rico e famoso que vaticinara para si há muitos anos. Bem, quanto à fama, houve uma época, no tempo da faculdade, em que João Pedro ambicionara alcançá-la. Nessa altura, acreditava que a fama podia ser libertadora, podia colocá-lo nos píncaros, ao ponto dos simples mortais o admirarem tanto que só ambicionassem venerá-lo. O tipo feio que toda a gente gozava tornar-se-ia a estrela intangível que as pessoas sonhavam igualar. Não era um pensamento totalmente descabido, porque a fama fazia milagres: abria portas, criava fortuna, produzia amigos instantâneos, atraía mulheres bonitas. A fama era um facilitador da vida e antigamente João Pedro contava com isso.

O problema é que João Pedro não estava preparado para a fama. Na realidade, ele nem sequer chegara a ser famoso, porque se assustara logo com os excessos das gloriosas *vernissages* organizadas pelo seu hiperbólico *marchand*, sempre tão espalhafatosas. João Pedro tremia com a atenção derramada sobre si por um mar de gente alegre e desconhecida, sentia-se terrivelmente inibido no centro daquele luxo mundano.

Voltando a Cristiane, imagine-se o espanto de João Pedro ao dar com ela à porta do prédio, saidinha directamente do seu sonho! Mesmo sendo uma boa surpresa, não deixava de ser um choque capaz de abalar qualquer um. Aquelas coisas só aconteciam nos filmes, na vida real um homem não sonhava com uma mulher extraordinariamente bela e, na manhã seguinte, ela aparecia-lhe à frente. Cristiane deveria ser uma fantasia, não existia, João Pedro nunca a vira a não ser no sonho. E no entanto, lá estava ela, de jardineiras e ténis, deliciosamente simples, a mudar-se para o apartamento do lado!

Como é evidente, Cristiane não era, de facto, uma das duas mulheres do sonho de João Pedro. As mulheres do sonho dele eram, inevitavelmente, uma imagem difusa, uma sugestão de beleza criada pelo seu cérebro e que não chegavam a ter uma fisionomia definida. Se João Pedro quisesse desenhar o rosto delas num

momento posterior ao sonho e já bem acordado, surpreender-se-ia por descobrir que não conseguiria fazê-lo, pois só se lembraria que eram loiras, de olhos azuis e bonitas. Logo, ficaria bloqueado no conceito de beleza que o seu espírito lhe fornecera durante o sonho para produzir uma sensação agradável. Acontece que, por coincidência, Cristiane encaixava perfeitamente no padrão idealizado por João Pedro enquanto dormia e, ao vê-la de repente, sentiu-se impelido a acreditar que sonhara com ela.

A vida que construímos é mais resultante da percepção que temos da realidade a cada momento e das decisões que tomamos em conformidade com esse entendimento, do que do significado genuíno dos acontecimentos que vivemos. Por outras palavras, a vida é feita de equívocos. Ora, não interessava se Cristiane era a reprodução em pessoa da mulher do sonho de João Pedro, o importante é que João Pedro acreditava nisso.

Nessa manhã, já sentado a uma mesa no café, perdeu-se em pensamentos, deixou esfriar a bica antes de a beber, teve de pedir outra. Demorou-se a processar mentalmente a experiência surreal que acabara de ter, pois subsistia na sua mente a recordação inexplicável do sonho que tivera. Perguntava-se sobre o significado das imagens que o seu espírito reproduzira enquanto dormia. No sonho, Cristiane e a outra jovem mulher agarravam-se despudoradamente a João Pedro, e ele fazia o mesmo, estreitava-as entre os braços e afundava o rosto nos seus cabelos lisos, macios, inebriantemente perfumados. Ao encontrar-se com Cristiane, João Pedro não se sentira intimidado e, se não fosse o espanto de a reconhecer sem nunca a ter visto, teria conversado com ela como se fosse uma amiga íntima. Deveria então concluir que, ao contrário do que sempre julgara, as mulheres bonitas não lhe estavam vedadas?

O mais natural naquela situação seria João Pedro estar siderado, senão mesmo aterrado, com a intempestiva descoberta da sua insuspeita capacidade de sonhar o futuro, porque, enfim, o espírito pregara-lhe uma partida, fizera-o entrar em terreno desconhecido. Mas não, João Pedro não se sentia nada preocupado, o que ele sentia era uma estranha euforia e um justificado alívio.

Durante anos, João Pedro aferrara-se quase patologicamente a uma rigorosa rotina, cujo objectivo se destinava a proteger a todo o custo a privacidade. Não saía muito, não falava com estranhos, não frequentava lugares que não conhecia e, num dia normal, limitava os seus movimentos ao bairro onde morava. Ia ao café, à loja onde comprava material de pintura, à escola dos gémeos para os trazer para casa ao fim da tarde, tudo isto num raio de pouco mais que um quilómetro em redor do seu prédio. Fazia os percursos habituais a pé, tinha o carro à porta, mas raramente o usava.

Na prática, só se mantinha a par das novidades nacionais pela televisão, pelo jornal e pela internet. Se era inaugurado um centro comercial ou um cinema, se o papa vinha de visita, ou se o país acolhia uma importante prova desportiva que

concentrasse os olhos do mundo em Portugal, João Pedro acompanhava tudo com curiosidade, mas não denotava o menor interesse em participar nesses eventos, que a maioria das pessoas seria capaz de dar um braço para conseguir entrar. Esta aparente indiferença pelos grandes ou pequenos acontecimentos não reflectia o que ia na cabeça dele. João Pedro era um devorador insaciável de notícias, via os jornais televisivos, lia muito, vasculhava avidamente a internet. Vibrava intensamente com estas coisas, mas depois sentia uma enorme aversão em frequentar espaços públicos e enganava-se a si próprio, autoconvencia-se de que não tinha vontade, e lá se deixava ficar por casa, tomado pela beatífica letargia do sofá. Não tinha noção disso, mas estivera perigosamente à beira de padecer de agorafobia.

O comportamento de João Pedro também contribuíra para o afastar de Clara. Ela desistira há muito de o arrastar para fora de casa e, embora não saísse tanto quanto gostaria, acabava por ter uma vida social sem ele. Ia jantar fora ou ao cinema com a bênção de João Pedro que, arvorando uma falsa generosidade, oferecia-se para ficar em casa a tomar conta das crianças. Clara sugeria que contratassem uma rapariga, mas João Pedro recusava-se terminantemente a entregar os filhos aos cuidados de terceiros. Era uma discussão insana, desgastante e inútil, que acabava sempre com Clara, furiosa, a sair porta fora.

Os amigos deles eram os de Clara. João Pedro nunca tivera muitos e os poucos que lhe restaram da universidade foram desaparecendo porque ele cortara voluntariamente o contacto. Agora que Clara também desistira dele e partira de vez, nem os amigos dela lhe valiam. Ficara, finalmente, sozinho no mundo. Ainda não há muito, João Pedro fazia tudo para evitar as pessoas que se davam com Clara. Ela recusava-se a deixar-se arrastar pelo turbilhão autodestrutivo de João Pedro e empenhava-se em reatar velhas amizades, na maioria gente que ele reputava de snobe e que, pensava, não tinha nada que ver com ele. Mas agora, uma das suas maiores angústias resultava da confrangedora sensação de não haver um único nome na lista telefónica do telemóvel a quem pudesse ligar, nem que fosse só para dizer olá. Porém, a conversa descontraída que travara com Cristiane deixara-o aliviado, pois entendera-a como um sinal de esperança, um sinal de que poderia fazer novas amizades e não devia temer a solidão.

Desde o momento em que saiu de casa nessa manhã, João Pedro deixou de ser o mesmo de sempre. O homem complexo que, ao longo de anos, fora arquitetando laboriosamente uma mentalidade fugidia, isolada, anti-social, que se fora afundando psicologicamente, fechando-se ao mundo, seguindo, sem ter plena consciência disso, um instinto de autodefesa, esse homem deixou de existir no instante em que se deparou com Cristiane à porta do prédio.

Se — mais uma vez — é certo que uma pessoa não muda radicalmente de um dia para o outro, e muito menos de um segundo para o outro, também é verdade que uma experiência traumática pode levar-nos a encarar o mundo de maneira diferente e, sim, fazer-nos mudar. Um problema de saúde grave ou um acidente violento que nos deixe às portas da morte, por exemplo, tornam-nos psicologicamente instáveis e frágeis. É natural que uma pessoa nesta condição sinta necessidade de repensar comportamentos e altere significativamente os seus hábitos. Imagine-se um patrão irascível que vende a empresa, liberta-se da pressão extrema que o afligia e transforma-se no homem mais calmo e mais encantador do planeta. De certo modo, João Pedro também vivia sob tensão devido a uma pressão externa, ainda que esta fosse mais imaginária do que verdadeira. Era o mundo contra ele e, convenhamos, o mundo inteiro tinha um peso incomensurável.

Naquela manhã insana, ao ver-se perante Cristiane, João Pedro teve a sensação, cristalina e, na sua mente, absolutamente autêntica, de que o sonho se tornara realidade e, portanto, experimentava um fenómeno deliciosamente transcendente. João Pedro não estava completamente doido, outros que tinham passado por experiências semelhantes haviam embarcado em aventuras bem mais megalómanas, como inaugurar cultos religiosos que moviam milhares de fiéis incondicionais, por acreditarem que tinham sido tocados pelo Espírito Santo!

João Pedro não se tornou um visionário religioso. De facto, não se tornou santo, de todo, apenas pensou que o seu sonho se tornara realidade, porque, no seu cérebro, essa impressão foi tão verdadeira que não podia ser uma ilusão. Mas João Pedro não considerou que pudesse estar a acontecer precisamente o contrário e não fosse o sonho a tornar-se real mas ele a embarcar imprudentemente na fantasia que sonhara. Doravante, portanto, ele estaria compenetrado a viver o sonho e a agir em conformidade com a sua ideia imaginária da realidade.

Sentia-se tão bem disposto que, quando saiu do café, decidiu não regressar a casa de imediato. Vestia calças de ganga e uma camisa branca sem botões, que se enfiava pela cabeça ao estilo indiano. As calças apresentavam-se manchadas de mil cores, por serem as suas preferidas para usar enquanto pintava. Não se podia dizer que estivessem em muito bom estado, eram calças de trabalho e não serviam para ir a lado nenhum, senão para usar em casa. João Pedro não trocara de roupa antes de sair porque só pretendia ir tomar a bica e voltar logo para o seu quadro, para as

suas tintas. Tratava-se de uma rotina diária e naquele dia não era suposto ser diferente. Mas acabara por ser. Começava a aperceber-se de que a vida sem Clara potenciava o inesperado e nunca se sabia como é que os dias podiam acabar. Enfim, mais uma vez incorria num erro de percepção. Não seria rigoroso atribuir a Clara, ou à sua ausência, as situações inopinadas. De facto, Clara não tinha nada que ver com os imprevistos de João Pedro, ele é que revelava uma tendência súbita para fantasiar esses supostos episódios desusados, a sua mente criativa estava a desviar-se da arte de pintar e a transformar acasos sem importância nenhuma em acontecimentos extraordinários.

Esta incapacidade de distinguir o verdadeiro do imaginário levava-o a entrar numa dimensão paralela que o reconfortava, pois permitia-lhe ser uma pessoa diferente do João Pedro assustado com o mundo, mais precisamente, ser o perfeito oposto de si mesmo. Claro que ele não tinha a noção deste engenhoso processo mental elaborado para se defender do terror que se instalara sub-repticiamente no subconsciente desde que Clara o deixara. E só neste aspecto é que seria correcto relacionar a partida dela com o estado mental dele.

De qualquer modo, João Pedro não se sentia em pânico, mas em grande euforia e, por isso, ao sair do café não teve vontade de ir para casa. Quis ir à praia, para perto do adorado mar, deleitar-se com os grandes espaços, aproveitar o sol! Levava na ideia molhar os pés na água fresca. Não lhe ocorreu passar por casa para trocar as calças por um fato de banho. Gostava daquelas calças, usava-as orgulhosamente porque diziam o que ele era. Hoje em dia, toda a gente pintava, mas quantos pintores profissionais havia, pintores a sério, de qualidade? Pois era, desses não se encontravam muitos, e ele podia reclamar estatuto de excepção, mesmo se já não lhe compravam os quadros. Agarrava-se a estes pequenos símbolos que faziam a diferença. Sorriu sozinho com esta ideia poderosa, entrou no carro, foi até à praia.

Deambulou algumas horas por uma dessas praias concorridas de Cascais, demasiado pequenas num Verão de crise em que as pessoas faziam férias à porta de casa. Descalçou-se, arregaçou as calças, entrou a direito pela água morna até lhe dar pelos joelhos. Divertiu-se a dar pontapés na água e nem se importou se os banhistas estupefactos olhavam para ele a pensar que era um tolo vestido na espuma das ondas. Abriu os braços ao vasto céu azul, inclinou o rosto para o Sol tremendo do início da tarde, rodopiou alegremente sem parar até cair de rabo e ficar completamente molhado.

Saiu da água com a roupa a pingar e um grande sorriso travesso, antes que alguém chamasse a polícia marítima para levar dali aquele maluco capaz de se afogar. Apanhou os sapatos que deixara a salvo na areia seca e foi por entre os corpos deitados a fritar ao sol até ao paredão. Sentou-se numa esplanada a secar e a tomar uma imperial revigorante. Depois pediu outra e mais outra.

Enquanto ali estava a beber cervejas, já passada largamente a hora de almoço e

sem vontade de comer, João Pedro recapitulou os incríveis e inconfessáveis acontecimentos que estava a experienciar. Acarinhou deleitado a recordação fresca do sonho da noite anterior e o surpreendente encontro da manhã com Cristiane. Lembrou-se então que, no sonho, havia duas mulheres e, se uma era Cristiane, supôs que haveria de conhecer a segunda em breve. Ou, melhor ainda, a outra poderia ter um significado mais amplo e, nesse caso, queria dizer que, doravante, iria ter várias mulheres interessadas nele. Isto, admitindo que Cristiane tinha algum interesse por ele, o que, nesta altura, era manifestamente pôr o carro à frente dos bois. Mas João Pedro estava tão entusiasmado com estas novidades todas que não se detinha com a clarividência de um pensamento lógico. O que desejava sobrepunha-se ao que podia. Arriscava-se, portanto, a sofrer uma enorme desilusão, ou, quiçá, beneficiaria com a inconsciência.

As pessoas que não se sentem condicionadas pelos seus próprios limites tendem a ultrapassá-los, para o bem ou para o mal, dado que não receiam o constrangimento da inconveniência, não se preocupam com as convenções sociais. Ora, esse era o espírito actual de João Pedro. Este João Pedro, que sempre vivera demasiado alarmado com as reacções daqueles que o rodeavam; que se inquietava doentamente com o que os outros pensavam ou diziam dele; que nunca relaxava por receio de baixar as defesas, era o mesmo João Pedro que agora se propunha seguir em frente sem ponderar o bom senso das suas acções. Porque, de repente, tudo lhe parecia claro, óbvio, fácil. Não lhe ocorreu, por exemplo, que uma mulher invulgarmente bonita, alegre e descontraída como Cristiane, hospedeira viajada por esses vastos continentes e já senhora dos trinta e poucos anos, fosse, muito provavelmente, comprometida. Um homem no seu perfeito juízo pensaria que Cristiane não estaria solteira e à sua espera. Em contrapartida, um homem descuidado que andasse a pairar pela vida ao sabor da espontaneidade só encararia a circunstância de Cristiane ser a sua nova vizinha como uma oportunidade. E porque não? Os homens e as mulheres passavam a vida a juntar-se e a separar-se, portanto, Cristiane podia ser invulgarmente bonita, alegre e descontraída e, mesmo assim, estar disponível! A possibilidade existia, de facto, o que faria a diferença se a quisesse conquistar seria o optimismo ou o pessimismo com que João Pedro encarasse o assunto, pois o que ele faria a seguir dependeria somente da sua autoconfiança. Para ele, Cristiane era a mulher que estivera nos seus braços na noite anterior e, ainda que tivesse sido só no sonho, João Pedro acreditava que este tivera uma sequência bem real, o que lhe sugeria haver já entre eles uma relação naturalmente próxima. Ao pensar nela, sentia uma grande intimidade. Claro que João Pedro sabia que essa intimidade não existia, contudo, insinuava-se-lhe uma vaga ideia no espírito, tão indefinida que não chegava a ser um pensamento concreto, de ter havido algo entre eles, uma espécie de relação ou o que se quisesse chamar àquela circunstância tão singular, embora Cristiane não o soubesse. Era como se ela não se recordasse dele, mas, lá no fundo, sentisse uma forte ligação. Isto resumia a percepção pouco consistente e fantasiosa que João Pedro tinha dos

dois minutos que passara com Cristiane em toda a sua vida.

A melhor prova de que João Pedro não enlouquecera da noite para o dia era ele ter perfeita consciência de que não poderia contar a Cristiane que já a conhecia de um sonho. *Nem pensar, vai dizer que sou doido!* Pensou isto, já ia ao volante de regresso a casa a planear como haveria de se aproximar dela. Estava entusiasmadíssimo, mas sem ideias, sentia-se crasso, estupidificado. Não tinha plano, como haveria de ter se não sabia como se seduzia uma mulher? A única que namorara, com quem casara, fora Clara e mesmo essa não conquistara com expedientes de amor. Ela é que tomara a iniciativa, quando não, ainda hoje estaria à espera que ele se decidisse a avançar. Bem, Clara desistira dele, abandonara-o, não voltava, pensou. Passou-lhe uma melancolia pelo espírito, uma nuvem triste, mas logo voltou a Cristiane e, sentindo-se assaltado por uma erecção inesperada, distraiu-se de Clara e recuperou a boa disposição.

Noutra ocasião teria ficado bloqueado, incapaz de uma iniciativa, desistiria dos seus intentos antes mesmo de ensaiar um gesto, uma palavra. Hoje, porém, não se preocupou demasiado, encolheu os ombros a pensar que não precisava de plano nenhum. Cristiane ia morar a seu lado, bastava que deixasse as coisas correrem, algo haveria de acontecer. Lembrou-se de uma frase: «Laissez faire, laissez passer, le monde va de lui même», declarou, triunfante, em voz alta. «Não é economia, estúpido, mas é como se fosse. Estamos todos no mercado!»

Teve sorte, conseguiu estacionar perto do seu prédio. Desligou o motor, ficou ali perplexo, debruçado sobre o tabliê com os dedos fincados no volante. A camioneta das mudanças já não se encontrava à porta da rua, os homens que carregavam os móveis de Cristiane tinham desaparecido, não havia viva- alma. Foi um choque, não lhe ocorrera que ela não continuasse a entrar e a sair, a dirigir a mudança, dando ordens práticas em meio de uma alegre agitação. «Merda», rosnou, abanando a cabeça, desiludido.

A tranquilidade na rua era tal que, por momentos, duvidou que tivesse mesmo encontrado Cristiane de manhã. *Queres ver que fazia tudo parte do sonho e não há Cristiane nenhuma! Não, não pode ser, claro que há.* Fez uma careta cómica, de embaraço, enquanto metia a chave na fechadura. *Estou a ficar maluco, estou a ficar maluco, estou a ficar maluco...*

Subiu os degraus da entrada do prédio em bicos dos pés e foi assim até à porta de casa. Mas não a abriu, ficou à escuta, tentando perceber algum sinal de vida no apartamento do lado. Não ouviu nada. Decidiu entrar, mas não abriu a porta. Voltou-se, dirigiu-se até à porta dela e continuou à escuta. Nem um ruído lá dentro. Regressou à sua porta, arrependeu-se, tornou a ir à porta dela, levou o dedo à campainha, não teve coragem de tocar, perguntou-se o que estava a fazer, foi para casa, arrependeu-se, voltou atrás por impulso e, desta vez, tocou à campainha. Ficou horrorizado ao ouvir o toque estridente, abriu muito os olhos, contou depressa em voz baixa até dez, como ela não veio abrir, escapuliu-se para casa. Já

ia abrir a porta quando ouviu a voz de Cristiane.

— Quem é?!

Cerrou os olhos, contrariado.

— Sou eu, vizinha, o João Pedro — disse a medo.

— Só um momento.

Esperou. Ela foi e veio, demorou-se alguns segundos, que a ele pareceram muitos.

— Vou abrir a porta, mas não entre logo que não estou apresentável — avisou-o.

— Está bem.

A porta abriu-se, ficou encostada.

— Já pode entrar! — ouviu-a gritar lá do fundo.

João Pedro encostou a ponta dos dedos à porta, empurrou-a só um pouco, com cerimónia, enfiou a cabeça e espreitou. Cristiane não estava à vista. Entrou, fechou a porta, dirigiu-se para a sala. Teve a impressão de que esta era muito maior do que a sua. A ilusão devia-se à sala dela ainda não ter móveis. Só havia um conjunto de caixotes de madeira empilhados no centro e, ao lado, uma *chaise longue* burlesca, clássica mas com um toque moderno, de cor prateada e forrada de veludo roxo. A sala assim, despojada de mobília, evocou-lhe um estúdio de dança, com a sua tábua corrida, as janelas altas ao fundo.

Enfiou as mãos nos bolsos das calças, ensaiou um assobio, fez caretas ridículas com a boca, *sentia-se* ridículo ali sozinho. Procurou desesperadamente uma justificação coerente para lhe ter ido bater à porta. Ela haveria de entrar na sala a qualquer momento e perguntar-lhe-ia ao que vinha e era bom que tivesse uma resposta razoável para lhe dar, algo simples, que não incluísse sonhos eróticos, talentos obscuros, qualidades prescientes, enfim, nada que desse a ideia de ser um doido varrido. Tinha a desculpa de ser artista, mas convinha não parecer totalmente alienado.

Cristiane entrou na sala a sorrir. Vinha descalça, vestira calças de ganga justas e uma camisa branca com muitos botões por apertar e sem sutiã, conforme João Pedro não iria ter dificuldade em confirmar dali a pouco. Trazia o cabelo molhado, escorrido, e uma escova na mão.

— Desculpe tê-lo deixado à espera, mas acabei agora de tomar banho e não estava vestida.

João Pedro sorriu, abanou a cabeça, ergueu as mãos.

— Tudo bem — disse, a imaginá-la a abrir-lhe a porta nua.

— Estava enrolada numa toalha — acrescentou ela, adivinhando-lhe o pensamento.

Ele percebeu, sentiu o rosto a ficar vermelho, voltou-se de costas para ela, fingindo que admirava a sala vazia.

— Tem aqui muito trabalho ainda — disse.

— Nem me fale nisso, passei a manhã a arrumar e parece que está tudo na mesma.

— Vai aos poucos.

— Sim.

— Se calhar, não vim na melhor altura.

Ela inclinou a cabeça de lado, pôs-se a escovar o cabelo.

— Não faz mal, também já estava a precisar de descansar um bocado.

— Vim só saber se precisa de alguma coisa.

— Ah, obrigada, a não ser que conheça algum truque mágico para arrumar tudo de uma vez — disse Cristiane, a brincar.

— Hum, não, mas, se quiser, posso dar-lhe uma ajuda.

— Não, deixe estar, eu desenrasco-me sozinha.

— A sério, não me custa nada. Tempo, é coisa que não me falta.

— Então e os seus quadros? Devem ocupar-lhe muito tempo, não?

— Os meus quadros estão um bocado parados.

Ela teve uma expressão intrigada.

— Estão?

— Com esta crise, o que é que não está parado?

— Pois, é verdade. Quer sentar-se? — perguntou-lhe, sentando-se a um canto da *chaise longue*, confortavelmente, com a perna direita dobrada debaixo do rabo. João Pedro foi sentar-se na outra ponta, cruzou as pernas e recostou-se largamente, o mais descontraído que conseguiu.

— Decidi trocar a mobília do meu pai pela minha — comentou ela. — Não vou ficar com quase nada.

— E já trouxe tudo?

— Já. O problema é que a minha casa era metade desta e sobra muito espaço.

Passou uma hora, outra hora passou, deixaram-se ficar à conversa, facilmente, percorrendo por assuntos inocentes. Eram só os dois naquela sala despojada, quieta, ora mergulhada numa tranquilidade sem constrangimentos quando se calavam na coincidência de um silêncio momentâneo, ora reverberando uma gargalhada espontânea pelo espaço vazio, pelas paredes nuas. Procuravam conhecer-se, concentrados nos olhos, nos gestos, nas expressões, no timbre da voz, absorvendo tudo um do outro, curiosos com a novidade da primeira vez. Cristiane interessava-se pelo trabalho dele, fazia perguntas, João Pedro respondia sem esforço, era o seu tema preferido. Depois, quis saber também como era a vida de hospedeira.

— Aborrecida — lamentou-se Cristiane, fazendo beicinho. — Ao fim de um tempo, as cidades são todas iguais e passamos muito tempo enfiados em hotéis à espera do voo de regresso. — Mas não era assim tão mau, porque não se calou mais a descrever lugares fantásticos e situações divertidas, e via-se na sua cara satisfeita que adorava aquela vida e não a trocava por nenhuma outra. E João Pedro, que não viajava, não conhecia nada, ouvia-a fascinado, bebendo as aventuras que ela relatava com secreta admiração, com um brilho nos olhos

extasiado, considerando-a já uma mulher extraordinária.

— Só andei de avião uma vez — confessou.

Cristiane abriu muito os olhos e a boca, escandalizada, alardeando um espanto divertido.

— Uma veeez?! — esganiçou-se toda, atirando a cabeça para trás e uma gargalhada para o ar.

— Eu sei, é uma vergonha — disse.

— Não é nada — replicou ela, cortando o ar com a mão, para a frente, fazendo lembrar a patada de uma gata. — Aonde foi?

— A Paris, na minha lua-de-mel.

— Ah, Paris, *j'adore Paris!* — exclamou, muito teatral.

O dia foi caindo sem pressa. Cristiane levantou-se, ele disse:

— Bem, vou andando.

— Não vai nada! — reclamou ela, alegremente. — Deixe-se estar. Faz-me companhia.

Foi lá dentro, trouxe duas cervejas frescas, passou-lhe uma garrafa aberta para a mão, deu um gole na sua, pousou-a no chão. Trouxe também um frasquinho de verniz.

— Não se importa que pinte as unhas?

— À vontade — respondeu ele, bebendo a cerveja pelo gargalo.

Cristiane levantou-se outra vez para ir buscar um candeeiro de pé. A tarde fenecia, a luz murchava, espalhando uma doce nostalgia pela sala obscurecida.

— Não se vê nada — disse, acendendo o candeeiro que fazia um arco desde o chão, de modo que o abajur pendia por cima da sua cabeça, derramando sobre ela uma luz macia que realçava a nobreza do seu cabelo dourado. Ficaram assim isolados nessa acolhedora ilha luminosa no meio da larga sala onde caíra uma profunda escuridão. A noite chegara.

Cristiane dobrou a perna, pousando o tornozelo no joelho da outra com uma facilidade elástica. Abriu o frasco, retirou o pequeno pincel com a ponta vermelha do verniz e pôs-se a pintar as unhas do pé enquanto falava num tom distraído, concentrada no que fazia. João Pedro observava Cristiane, extasiado com todo aquele ambiente muito informal que lhe parecia já de enorme proximidade, de grande intimidade. A certa altura, ela perguntou-lhe o que achava da cor que aplicava nas unhas.

— Acho bem — respondeu, pois, sendo-lhe indiferente, não quis ser desagradável.

— Eu gosto — disse Cristiane, admirando o pé com metade das unhas vermelhas, a outra metade ainda ao natural. — Bem sei que não é o mesmo que pintar quadros — gracejou.

Ele riu-se, encantado, achando um graçalhão às piadas dela, por mais fracas que fossem. Notou que Cristiane tinha pés pequenos, bonitos. Porém, a atenção de

João Pedro desviou-se quando Cristiane se inclinou para a frente e a camisa, muito aberta, revelou tudo. Ficou mudo, embaraçado, desviou os olhos. Mas logo teve de olhar outra vez, atraído por aquela visão dos seios dela à solta dentro da camisa, hipnotizado, excitado. Engoliu em seco, perturbado, sentindo-se corar novamente.

Cristiane fazia de propósito, evidentemente, sabia que João Pedro lhe espreitava o decote disfarçadamente. Mas ele era demasiado óbvio e ela divertia-se a provocá-lo, fingindo-se inocente. Deixou-o olhar à vontade durante uns largos segundos, depois, pediu-lhe para segurar o frasco, endireitou-se, abotoou acintosamente duas casas da camisa, ofereceu-lhe um sorriso atrevido, como que a dizer *acabou-se o espectáculo*, cruzou as pernas ao contrário, pediu-lhe o frasco de volta, começou a pintar as unhas do outro pé. E João Pedro já não sabia onde se enfiar e só se ria de nervos. Despejou a garrafa de cerveja num instantinho e pediu para ir à casa de banho.

— É por ali — indicou Cristiane, apontando.

— Eu sei — reclamou ele, divertido.

Ela deu uma palmada na testa.

— Claro que sabe!

E lá foi ele, perseguido pela gargalhada dela, que se ria como uma perdida.

A gargalhada de Cristiane foi-lhe morrendo na garganta enquanto abanava a cabeça, desconcertada com o disparate que dissera. Mas Cristiane não se ria só dessa gafe insignificante, ria-se, sobretudo, devido ao alvoroço em que a sua alma se encontrava. Quando ficou sozinha, fez uma careta divertida, inflamada por um frenesim, abalada por um arrepio agradável que lhe percorreu as entranhas, o peito, o pescoço, como um calor a subir-lhe desde o ventre. Ou, como se costuma dizer, sentiu borboletas na barriga.

Mas, por que razão se sentia ela assim, se não se apaixonara naquela tarde? Cristiane não se apaixonava, muito menos à primeira vista. Desde que se lembrava de si e dos seus sonhos de menina, que buscava essa sensação transcendente que trespassava o coração de um ser humano e o tornava arrebatadoramente vulnerável às emoções do amor, mas que ela só conhecia dos romances que lia e dos filmes que via. Não obstante, já tivera a sua conta de amantes, para não dizer um incontável desfile de amantes capazes de morrer por ela. Cristiane era tão bonita que sempre vivera rodeada de homens bonitos. Bem, sempre vivera cercada por todo o género de homens, pois não havia chão que pisasse que não atraísse de imediato a atenção masculina. Era simpático, facilitava-lhe a vida, mas chegava a ser maçador ter de aturar alguns tipos a babarem-se para cima dela.

Os melhores colegas de trabalho de Cristiane eram Serginho e Roberto. Os voos com aqueles dois nunca eram monótonos e a estada no destino uma pândega, sem a tensão sexual das outras viagens com colegas desejosos de a seduzir e a levar para a cama. Serginho e Roberto iam às compras com ela no Rio de Janeiro e abespinhavam-se como gatos assanhados contra os homens que a abordavam e diziam baboseiras para se fazerem interessantes.

Cristiane sabia defender-se, e se durante um voo um passageiro pertinaz se tornava inconveniente, ela resolvia o assunto com um sorriso imbatível e uma resposta demolidora. Mas, claro que também tinha os seus romances fugazes com um ou outro colega que a entusiasmava, pois era como ela dissera a João Pedro: As viagens de trabalho podiam ser muito compridas enquanto se esperava pelo voo de regresso.

Conquistar um homem era demasiado fácil para Cristiane, mas isso não explicava a sua incapacidade de se apaixonar, ou talvez explicasse em parte, na medida em que se sentia muitas vezes acossada pelo excesso de pressão masculina. Mal comparado, era um pouco como aquelas estrelas de cinema que não podem sair à rua sem serem importunadas, a cada passo que dão, por desconhecidos que lhes querem falar, elogiar, pedir um autógrafo, seja o que for. Os piropos, mais ou menos decentes, os estranhos com vontade de lhe agradar, as ousadias de desconhecidos armados em engraçados faziam parte da sua rotina diária. Tornava-se cansativo.

Ela convivia com isso. Afinal de contas, seria muito pior se a achassem repulsiva. Também não era ingênua, percebia que os homens a desejavam pela sua beleza e só alguns, poucos, se aproximavam com o desígnio de a conhecer genuinamente. Estabelecer uma relação verdadeira, aturar-lhe as idiossincrasias, o mau humor nos dias tristes, escutar os seus problemas, apoiá-la nas suas angústias, era outra coisa completamente diferente. Cristiane não tinha uma explicação rigorosa para o seu crescente desinteresse. Parecia-lhe que trazia sempre uma legião de homens bonitos atacadados às suas saias, todos eles com palavras charmosas e enganadoras, e tornara-se naturalmente desconfiada. Era difícil determinar se valia a pena conhecer um homem, requeria tempo e ânimo, que ela não dispunha, para investir na relação. E a vida de Cristiane, tão pouco estável por causa do trabalho que a obrigava a viajar permanentemente, também não ajudava.

Estes eram os motivos que Cristiane ia encontrando para se autojustificar do frio que ia no seu coração. Motivos fracos, entenda-se, pois não era verdade que havia um ror de hospedeiras lindíssimas com uma vida igualmente agitada, casadas, com filhos e felizes?

No fundo, Cristiane não tinha uma boa razão para ser como era. Simplesmente, era. As justificações que ia juntando mentalmente — como se tivesse necessidade de organizar um dossiê com o historial do seu problema para, no final, tirar conclusões lógicas e claras — destinavam-se a procurar explicações para a insatisfação que a perturbava. Cristiane era infeliz e queria saber porquê, pois, não tendo uma explicação objectiva para essa infelicidade, precisava de chegar ao âmago do problema para assim poder consertar o que havia de errado nela. E se não fosse possível reparar a sua alma solitária, se concluísse que estava condenada a sofrer de eterna melancolia, pelo menos teria o conforto de entender a origem da sua condição depressora.

Cristiane ambicionava ser uma pessoa diferente e se pudesse trocava alguma da sua beleza deslumbrante pela paz de espírito. Quem a conhecesse superficialmente, diria que era uma mulher cheia de energia, de grandes alegrias, senhora do seu nariz, munida de uma inteligência fina. Vendo-a sempre rodeada de bajuladores, ninguém a imaginaria sozinha numa casa vazia, porque ela se escondia nos seus momentos negros e só se revelava nos picos da euforia. Não conhecemos realmente as pessoas com que nos cruzamos diariamente, quanto mais as que só vemos ocasionalmente.

Naquele instante, João Pedro postava-se perante o espelho da casa de banho de Cristiane a experienciar a sensação transcendente de observar o seu reflexo e não se reconhecer. Definitivamente, parecia-lhe um rosto muito conhecido, de um amigo próximo, talvez, mas não o seu. Contemplou-se demoradamente, torceu o nariz, arreganhou os dentes, piscou os olhos, inclinou-se na direcção do espelho, e o rosto à sua frente imitou-o sem hesitação. Via um naufrago com a barba selvagem, o cabelo encaracolado do sal e da água, o rosto vermelho da exposição

ao sol. Aquele ele que não era ele envergava uma camisa amarrotada e umas calças de ganga pintalgadas de todas as cores, como uma paleta ambulante. *Este não sou eu*, pensou, quase escandalizado. As cervejas que bebera na praia mais a que Cristiane lhe oferecera depois, não eram, certamente, alheias ao espanto de João Pedro. Penteou-se inutilmente com as mãos, fez um sorriso ébrio ao espelho, saiu da casa de banho.

O que viu então Cristiane em João Pedro naquela tarde morna de Julho? Porque se entusiasmou com o seu vizinho feio, mal vestido, trapalhão e aluado?

À espera dele, na sala, ela espreguiçou-se pela *chaise longue*, retesando os pés, as pernas e os braços, feita uma tábua de carne e osso. Uma beatífica ociosidade tomou conta dela, desejava que todos os dias fossem tão felizes e fáceis quanto aquela tarde sem horas, passada a conversar na tranquilidade de uma sala oca. Cristiane concentrara toda a sua atenção em João Pedro enquanto vagueavam por assuntos vários, mais ou menos ao calhas, ao sabor da imaginação, sem uma ordem específica. Até hoje, sabia poucas coisas dele, só o que o pai lhe contara, que era um excelente pintor, avesso a protagonismos, mas com um trabalho sólido e coerente. O embaixador não comentara com a filha que João Pedro era um tipo de poucas palavras, a roçar o antipático, pois não estava no seu género dizer mal das pessoas. Que ela se lembrasse, o pai fizera apenas aquele comentário ocasional acerca do vizinho, mas é provável que tivesse sido suficientemente enfático para ela ter ficado com a impressão de que ele sentia viva admiração pelo seu trabalho. Cristiane ficara, por isso, com a ideia de que João Pedro era um pintor de grande qualidade e muito conhecido. Como ela não sabia quase nada do assunto, não podia avaliar a verdadeira importância de João Pedro no panorama da pintura nacional, tinha só a referência vaga da opinião do pai, e Cristiane sempre considerara bastante as opiniões do pai, apesar de não o admitir.

A primeira impressão que uma pessoa tem de um desconhecido pode variar de tantas formas que é quase impossível adivinhar o verdadeiro impacto que ele causa. Para algumas mulheres, João Pedro seria apenas um tipo grande e feio, mal vestido, trapalhão, aluado e pouco interessante. Para Clara, ele fora a estrela da faculdade, culto, inteligente e com um prometedor futuro como pintor. Clara agarrara-se à expectativa de que ele teria um sucesso extraordinário com os seus quadros e ambicionara ser a mulher ao lado do homem famoso, cujo trabalho mereceria o reconhecimento nacional. Nos seus sonhos mais secretos, Clara fantasiara com João Pedro a ser condecorado pelo Presidente da República e a ser filmado, fotografado, entrevistado. De algum modo, ela seria socialmente conhecida e invejada por ter o privilégio de se deitar com a fama. Clara pusera todas as esperanças em João Pedro por acreditar que ele tinha capacidade para chegar a um nível que ela, sozinha, nunca conseguiria alcançar.

Já Cristiane, também não se interessa nada pela fraca aparência de João Pedro porque ela é suficientemente bonita para se fazer valer por si mesma nesse aspecto. Não precisa de exibir um homem bonito a seu lado, toda a gente sabe que, para ela, conquistar um companheiro-modelo não representa um verdadeiro desafio nem a faz subir nenhum degrau social. Pelo contrário, Cristiane sobressai mais se aparecer numa festa de braço dado com um tipo grande e feio, mal vestido,

trapalhão e aluado — que, nessa circunstância, será apelidado de excêntrico.

Tal como Clara, Cristiane interessa-se mais por João Pedro enquanto pintor. Mas, ao contrário de Clara, Cristiane não pensa na escalada social. Em tempos, recusou muitas propostas para ser manequim, profissão que lhe teria dado mais fama e dinheiro do que aquela que acabou por escolher. Cristiane era filha do emérito embaixador e habituara-se a conviver com os príncipes desse mundo, que o pai convidava lá para casa com toda a naturalidade. Não havia, portanto, deslumbramento possível por coisas que estavam ao seu alcance e que ela até se permitia rejeitar.

Hospedeira de bordo, loira e bonita, Cristiane tinha tudo para ser o estereótipo da futilidade e da ignorância. Nada mais errado. Ela era muito inteligente e culta, tinha opiniões sobre os assuntos e não se intimidava perante as discussões mais eruditas. herdara do pai esta característica, aprendera com ele a importância determinante do vasto conhecimento. O que não herdara fora a tendência para a rebeldia, dado que o embaixador sempre se guiara pela correcção das convenções enquanto a filha preferia quebrá-las.

João Pedro regressou à companhia de Cristiane e, ao entrar na sala com um sorriso espontâneo e inocente, ela teve a certeza da sua genuinidade. Aquele bom gigante amarrotado não viera seduzi-la, não tinha uma estratégia calculada como todos os outros que a abordavam ou se faziam amigos sem a conhecerem. Cristiane pensou que nenhum homem sensato, que pretendesse seduzir uma mulher, lhe iria bater à porta com uma apresentação de pedinte, que era tudo menos atractiva. João Pedro morava ali ao lado, se quisesse causar-lhe boa impressão teria ido a casa tomar banho, pentear-se, perfumar-se, vestir-se decentemente, antes de lhe aparecer à frente. João Pedro não fizera nada disso, o que o tornava genuíno aos olhos de Cristiane. Era o desinteresse dele e, claro, a reputação que o precedia, que a atraía.

Ela considerava-o já um homem misterioso, pensador de grandes silêncios, desligado das coisas mundanas e, simultaneamente, comprometido com o seu trabalho. Admirou-o como uma jóia rara.

Vamos por partes: João Pedro tocara à campainha de Cristiane porque a *queria* seduzir, mas num ponto ela acertara: ele era genuíno, tão genuíno que escapava à dedução feminina, condicionada por uma forma peculiar de ver o mundo, de entender os homens. De facto, João Pedro não encaixava no pensamento lógico de Cristiane, do mesmo modo que não encaixava no padrão do comportamento masculino. Era original, mesmo que não o fosse pelas melhores razões. A verdade teria menos encanto se ela soubesse que ele só não fora tomar banho e arranjar-se apropriadamente porque nem lhe ocorrera que o devia fazer. No entanto, Cristiane também pensou bem quando deduziu que João Pedro não tinha uma estratégia. Ele não fazia ideia o que isso era. Em matéria de sedução, João Pedro tinha apenas um conhecimento pueril das regras desse jogo primordial que homens e mulheres

jogavam desde o início dos séculos.

O truque da camisa aberta fora um teste malicioso, uma armadilha feminina que Cristiane lhe armara por imperativo do seu instinto ardiloso. Porém, não levou a mal se João Pedro não resistiu a dar a sua espreitadela furtiva. Entendia que qualquer homem normal teria tido a mesma reação. Mas até o conflito evidente que lhe vira entre a tentação e o embaraço de espreitar era, para Cristiane, um sinal de que João Pedro não vinha com intenções perversas.

Decidiu que gostava dele. Apreciou os seus longos silêncios tumultares, que confundiu com a sabedoria de uma alma profunda, quando ele, simplesmente, não falava porque não tinha nada para dizer. De qualquer modo, ela fartava-se de falar e só precisava de ter alguém disponível para a ouvir, e, nesse aspecto, João Pedro era perfeito.

Cristiane ainda não vira um único quadro de João Pedro e já se sentia impelida a reputá-lo de pintor genial, ou, pelo menos, atribuía-lhe a genialidade em função da extravagância.

Vendo-a estirada na *chaise longue*, descontraída num imenso conforto, com os pés ataviados com pedaços de algodão entalados entre os dedos, João Pedro hesitou. Ela recolheu os pés para lhe dar espaço.

— Sente-se — disse, mas ele não se sentou.

— Tenho de ir — declarou, como se estivesse com pressa em ir a algum lugar.

— Não vá — pediu ela. A frase soou como uma súplica. — Estou só à espera que as unhas sequem.

João Pedro contemplou-a, a pensar o que fazer.

À espera para quê?, pensou ele, curioso, dado que a frase não fazia sentido.

— Tem onde jantar? — perguntou-lhe.

— Não, a minha cozinha ainda não está operacional. Como um iogurte, ou assim.

— A minha cozinha está operacional, mas eu não sei cozinhar.

— Isso é uma sugestão para eu ir a sua casa fazer o jantar para os dois?

Ele encolheu os ombros e Cristiane apressou-se a tirar os algodões dos pés. Parecia uma adolescente excitada, desesperada por um convite para passar a noite com o rapaz dos seus sonhos.

— Não se preocupe, que sou boa cozinheira. Vou só lá acima buscar uns sapatos. — Levantou-se muito depressa, foi a correr calçar-se.

João Pedro ficou ali especado, a coçar a barba, pensativo, impressionado com o efeito que parecia produzir nela. Não é que estivesse exactamente espantado ou inseguro. É preciso recordar que ele acreditava que estava a viver a continuação de um sonho onde Cristiane se aninhava nos seus braços apaixonadamente. Logo, não se admirava que ela não quisesse que se fosse embora, ou, se fosse, desejasse ir com ele. Em contrapartida, Cristiane não se imaginava a protagonizar um sonho de João Pedro. Era uma possibilidade demasiado rebuscada para ela a considerar.

Cristiane abriu sacos e malas freneticamente, espalhando o seu conteúdo pelo quarto, à procura de sapatos. Depois, sem conseguir decidir-se por um par ou outro, acabou por calçar umas sandálias rasas. Afinal era Verão, as sandálias faziam sentido e, já que acabara de pintar as unhas, queria exibi-las em todo o seu esplendor vermelho.

Ela esforçava-se para impressionar João Pedro porque se sentia impressionada por ele. De repente, ali estava um famoso pintor de enorme talento, votado ao trabalho, que despendia horas do seu precioso tempo para lhe fazer companhia por mero capricho. Sim, tratava-se de um capricho, visto que Cristiane já concluía que João Pedro não se interessava especialmente por ela. Sim, Cristiane não tinha o hábito de se deslumbrar com pessoas conhecidas, não valorizava a fama por aí além, mas não era insensível a que uma pessoa excepcional a considerasse digna de atenção e, neste caso particular, sentia-se elogiada.

O que Cristiane acreditava não era exactamente o que se passava. João Pedro não era tão famoso nem tão excepcional quanto ela pensava, e João Pedro não negligenciava o seu tempo de trabalho — que, já agora, não era assim tão precioso — desinteressadamente, porque ele queria tanto levá-la para a cama quanto os outros idiotas todos que ela desprezava. Com sonho ou sem sonho, ele acabara de a conhecer e não tivera tempo de se apaixonar. Tratava-se de luxúria pura!

Cristiane estava errada a respeito de João Pedro, mas, mais uma vez, a realidade não tinha tanto peso quanto a interpretação que Cristiane fazia da circunstância, pois ela seguia as suas convicções e não a realidade que desconhecia. As decisões e as respectivas consequências sobreviriam conforme a influência das aparências e o rumo das suas vidas alterar-se-ia devido à súbita intersecção dos seus destinos.

Sentado num banco alto da cozinha a beber uma cerveja pela garrafa, João Pedro observava Cristiane a movimentar-se à volta da ilha central, manejando uma faca com golpes lestos. Viu-a cortar uma couve lombarda, deixá-la de molho no lava-loiças, picar a seguir uma cebola e fazer o refogado numa panela alta. Ao mesmo tempo, descongelou salsichas frescas no microondas e preparou uma segunda panela para fazer arroz. Mexia-se com gestos desembaraçados, competentes, comprovando que sabia realmente cozinhar.

Iam conversando de coisas banais e era tudo agradável e fácil. Sentiam-se em perfeita sintonia. Não obstante, João Pedro sentira um certo arrependimento e inquietação no preciso momento em que a convidara para sua casa, se é que chegara a convidá-la, porque apenas sugerira a possibilidade. Mas a reacção de Cristiane fora tão resoluta e entusiasmada que não lhe dera margem para recuar.

Por mais que quisesse passar a noite com Cristiane, João Pedro apercebeu-se, demasiado tarde, que não estava completamente à vontade com ela em sua casa. Compreendeu que ainda não se compenetrara bem da sua nova condição de recém-separado e talvez fosse disparatado, mas psicologicamente aquele apartamento continuava a ser território de Clara. Era como se, de repente, ela pudesse entrar por ali adentro e o surpreendesse em flagrante delito. Sabia que não estava a fazer nada de errado, que já não lhe devia fidelidade, mas não conseguia evitar o desassossego. Definitivamente, teria preferido ficar em casa de Cristiane, mesmo que não jantasse e passasse fome. Enquanto ela cozinhava, João Pedro ia vigiando discretamente o grande relógio de parede e, com o avançar da hora, foi descontraindo. Quanto mais tarde, mais improvável seria que Clara lhe fizesse uma visita inopinada.

Ela não apareceu, evidentemente, nem telefonou, nem lhe enviou uma mensagem, nem deu sinal de vida, nem coisa nenhuma. João Pedro ainda não percebera bem porquê, mas Clara estava furiosa com ele e não tinha a menor vontade de o ver. Nos seus piores momentos, ele pensava que, realmente, ela deveria estar um bocado chateada e desiludida e, por isso, se tinha ido embora, mas, na maior parte do tempo, ainda se sentia perplexo com a *estranha* atitude de Clara. *Mas, afinal, ela está chateada porquê? Eu fui sempre assim, não mudei nada! O que é que lhe deu agora?*

É verdade que Clara lhe explicara que era precisamente por ele não mudar que ela perdera a esperança e desistia, não aguentava mais, queria uma vida normal com um homem normal, que não vivesse fechado num quarto a pintar como um eremita. Ainda assim, João Pedro achava estranho. Compreendia o exaspero de Clara, porque sabia que não era fácil lidar com o seu feitio muito especial, porque se isolava e era distante e isso tudo — Clara chamara-lhe extraterrestre —, mas, ainda assim, parecia-lhe que ela estava a exagerar. É óbvio que, se ele soubesse o que Clara fazia com o patrão em cima da secretária no ateliê depois do expediente,

teria uma visão mais ampla da situação e todas as dúvidas se dissipariam num instantinho. Mas não sabia.

O jantar demorou. João Pedro descobriu que Cristiane era perfeccionista com os seus cozinhados. A couve esteve quase meia hora de molho em água quente para ficar mais tenra e depois, na panela, permaneceu em lume brando com as salsichas durante uma eternidade, para apurar. Entretanto, João Pedro foi-se esquecendo de Clara, abriu uma garrafa de vinho branco, que não estaria à altura do gosto requintado de Cristiane, mas estava bem gelada e ele serviu-a em *flûtes* de cristal.

Foram para a mesa já muito para lá das dez da noite e com a garrafa de branco vazia. João Pedro vasculhou a despensa e resgatou de lá um tinto razoável. Instalaram-se na mesa da sala de jantar com as pequenas chamas das velas, que ele teve a inspiração de acender, de permeio, a bailar ao nível dos olhos. Ela serviu-se e ele observou-a com um suspiro silencioso, a pensar que era mesmo bonita.

As velas tinham derretido quase até ao fim, da segunda garrafa de tinto já só restava um fundinho, os pratos vazios haviam sido recolhidos. Cristiane apoiava-se num cotovelo, com a cabeça deitada na mão, e tinha uma expressão entre a indolência e o enlevado.

— Porque é que te separaste? — perguntou-lhe. Tinham passado a tratar-se por tu mais ou menos entre a primeira e a segunda garrafa de tinto. A informalidade estava instalada entre eles e já se permitiam entrar por terrenos mais íntimos.

João Pedro encolheu os ombros, recostado na cadeira com as pernas estiradas e uma mão a segurar o copo em cima da mesa.

— Sei lá, acho que ela se fartou porque eu me dedico demasiado ao trabalho. Cristiane pousou nele uns olhos doces, cheia de bonomia e compreensão.

— A pintura é a tua essência, não é?

Ele fez uma expressão de perene inevitabilidade.

— É...

— As mulheres são lixadas — disse ela a sorrir.

João Pedro soltou uma gargalhada breve, abanou lentamente a cabeça com um sorriso pensativo.

— Se são — disse.

— Gostava que pintasses o meu retrato — declarou Cristiane.

Uma luzinha de reconhecimento acendeu-se na mente de João Pedro e ele pensou *bingo!* Tinha a certeza de que iria pintar o retrato dela, já o vira no sonho da noite anterior.

— Porquê? — perguntou-lhe.

— Porque não tenho nenhum e tu és um pintor extraordinário.

Ele sentiu-se enrubescer um pouco e confortou-se com a luz frouxa das velas que lhe encobria o embaraço inconveniente. Já antes, Cristiane contemplara com tento os quadros dele, espalhados pelas paredes da casa, e derramara sobre eles

incontidos elogios. João Pedro sentira-se agradavelmente enaltecido, embora ficasse sempre sem jeito quando alguém expressava deslumbramento pelo seu trabalho.

— Nunca pintei nenhum retrato — disse. — Só na faculdade, mas esses não contam, porque não prestavam.

— Oh, não deve ser um problema para ti.

— Acho que não — concordou, com uma pontinha de pretensiosismo.

— Então, pintas?

— Quando?

Cristiane ergueu os olhos para o tecto, fez uma cara engraçada, fingindo que consultava a sua agenda de memória.

— Deixa ver... amanhã tenho a manhã livre.

— Combinado — afirmou ele, determinado.

— A sério?! — esganiçou-se, radiante.

— A sério.

João Pedro fez um sorriso complacente, Cristiane estava feliz como uma criança que recebera um presente muito cobiçado.

— Nesse caso — disse — tenho de ir dormir para amanhã estar em forma, sem papos debaixo dos olhos, e essas coisas.

Despediram-se com um beijo jovial, sem excessos de intimidade.

João Pedro fechou a porta, lançou ao ar um punho de triunfo, abriu muito a boca e os olhos com uma gargalhada muda, extasiado, deu uns passinhos de dança, foi apagar as velas e as luzes da sala a cantarolar como um tolo. Não arrumou a loiça do jantar. Subiu ao andar de cima, foi directo para a casa de banho tomar um duche de água fria.

Nessa noite dormiu pouco, pois tinha a cabeça às voltas, a imaginar o que estaria Cristiane a pensar, ali tão perto, na cama dela; a antecipar os primeiros traços do retrato que iria pintar amanhã. Entrou pela madrugada em branco e, quando finalmente adormeceu, não sonhou com nada, aliás, nos meses vindouros nunca mais sonhou, o que fazia sentido, dado que já vivia um sonho. Aquilo que lhe estava a acontecer, pensou, era a quinta-essência do seu sonho realizado. O que João Pedro não supunha é que *aquilo* ainda era só o princípio.

João Pedro tocou à porta de Cristiane às nove da manhã. Ela foi abrir e deu com ele atrapalhado a carregar o cavalete e um saco com as tintas e os pincéis. Ela tapou a boca com a palma da mão, a pensar que aquilo ia mesmo acontecer, ele ia pintar o seu retrato! Teve um risinho nervoso.

— Bom dia — disse ele, com uma cara de satisfação.

— Bom dia — retribuiu Cristiane. Abanou a cabeça, desconcertada. Não pensara na trabalhadeira que lhe ia dar. — Deixa-me ajudar-te.

Ele ainda voltou a casa para ir buscar o banco alto que costumava usar e mais algum material que não conseguira trazer logo. Montou tudo na sala dela, três metros à frente da *chaise longue*.

— Queres pintar aqui ou preferes outro lugar? — perguntou Cristiane, nervosa com os preparativos.

— Aqui está perfeito. Gosto da *chaise longue* e dos caixotes. Dá um cenário bestial.

Ele sentia-se empolgado com este novo projecto.

— Onde é que eu fico?

— Na *chaise longue* — disse ele, concentrado a preparar as tintas.

— E em que posição?

João Pedro levantou a cabeça, observou-a. Cristiane vestira um vestido branco, vaporoso, sem sutiã, penteara-se demoradamente e maquilhara-se com o esmero das grandes ocasiões. E estava descalça, como na véspera.

— Vais ficar assim, vestida?

Ela interpretou mal a pergunta. Baixou os olhos para o vestido, olhou para João Pedro, que se entretinha com a paleta e as tintas.

— Este vestido não me fica bem? — perguntou-lhe, surpreendida.

Ele continuou a falar, de cabeça baixa, encarando-a só no final da resposta.

— O vestido está óptimo, estás linda. A questão é se queres um retrato tradicional com o vestido ou uma coisa mais ousada, sem roupa.

Cristiane apoiou uma mão na cintura e apontou-lhe uns olhinhos cerrados em forma de mira.

— Uma coisa mais ousada, hem?

Ele ofereceu-lhe um sorriso inocente.

— É contigo — disse.

— Queres pintar-me nua?

João Pedro encolheu os ombros.

— Tem outro impacto, é mais espectacular, mas tu é que decides. Se não tens à-vontade para isso, eu percebo. — Fez uma cara de alegre resignação.

— Estás a provocar-me?

Ele sorriu.

João Pedro acertou em cheio. Se a conhecesse bem, saberia que a provocação

era o melhor expediente para convencer Cristiane. Ela não resistia a um bom desafio e, sobretudo, não tolerava que lhe dissessem que não podia fazer alguma coisa ou que questionassem as suas capacidades. E João Pedro estava a revelar-se um desafio permanente. O seu jeito desastroso para seduzir levava-a a pensar que não se interessava por ela, o que a espicaçava, pois não estava habituada à indiferença de um homem. Agora, ele sugeria que não tinha coragem para se deixar retratar nua.

Cristiane sentiu um nervoso miudinho. Hesitou. Se fossem horas para isso, abriria uma garrafa de vinho e beberia o suficiente para se soltar, mas eram nove da manhã! Por outro lado, na noite anterior, na cama, ficara a pensar em João Pedro e dera consigo húmida de excitação a imaginar coisas com ele. Adormecera a planear uma forma de lhe dar a volta à cabeça.

De manhã, acordara cedo para tomar banho, perfumar-se e arranjar-se com tempo. Queria apresentar-se bonita, provocante, irresistível. Dispensara o sutiã porque percebera na véspera que o perturbara quando o deixara espreitar-lhe o decote da camisa escandalosamente aberto. Estava em cuecas frente ao espelho do quarto, a apertar o sutiã, quando teve a inspiração: *Os homens não resistem a umas boas mamas*, pensou, dirigindo um sorriso atrevido à sua imagem, *e as minhas não são propriamente pequenas*. Atirou o sutiã para cima da cama. *Quero ver se continuas tão indiferente quando reparares que tenho as meninas à solta!*

Ele mantinha-se ali, com aquele ar pedante, à espera que ela se decidisse. A sua expressão parecia dizer-lhe que ela não passava de uma daquelas mulheres que se faziam mais atrevidas do que eram só para impressionar. Isso irritou-a. *Tu não sabes do que eu sou capaz*, pensou.

Na vida real, João Pedro é que era, de longe, o menos atrevido dos dois. Na vida real, João Pedro nunca teria tido o desplante de lhe sugerir que se despisse. Mas para ele aquilo não era bem a vida real e, na verdade, não estava a pensar nada do que Cristiane imaginava. João Pedro aguardava, simplesmente, que ela se despisse para começar a trabalhar. Ele já tinha visto o quadro e sabia que era um nu. Bem, ele sonhara com o retrato de uma mulher nua e acreditava que essa mulher era Cristiane e convencera-se de que o sonho se tornara realidade em consequência de algum fenómeno prodigioso que não conseguia explicar nem lhe interessava. Pronto, era isso, ia pintar Cristiane nua, não tinha a menor dúvida.

Foi um daqueles momentos que ficariam gravados para sempre na mente de João Pedro. Cristiane cravou os olhos nos dele, fez a sua melhor expressão lúbrica, a respirar sensualidade, a provocá-lo, a desejar perturbá-lo. Os dedos hábeis desabotoaram os botões do peito e o vestido deslizou pelo corpo dela, caiu-lhe aos pés, ficou em cuecas. Sempre a olhar para ele, a estudar-lhe a reacção, deu um passo ao lado, para fora do centro do vestido e chutou-o para longe com um movimento de pernas suave e elegante. Em seguida, dobrou-se sem perder o equilíbrio, despiu as cuecas reduzidas de seda e renda, satisfeita por não ter

negligenciado a escolha uma hora antes. As cuecas foram atiradas para junto do vestido e Cristiane, completamente nua, voltou a apoiar a mão no quadril, na mesma atitude provocadora.

— Está bem assim, mestre? — perguntou.

Já que a obrigava a despir-se, quis embarçá-lo, como retaliação. E conseguiu-o, evidentemente. João Pedro engoliu em seco.

— Está — titubeou. Foi apanhado desprevenido, não antecipara uma cena de *striptease* e agora não sabia como comportar-se. Teve muita dificuldade em manter a compostura. Cristiane parecia convidá-lo a avançar e João Pedro achou que ia largar a paleta, levantar-se, atirar-se a ela desbragadamente, mas o bom senso disse-lhe que não era o momento, que devia refrear o instinto e não confundir descaramento com incitamento. Cristiane testava-o mais uma vez e se desse um passo em falso, ela recuaria e acabava-se tudo imediatamente. Teve o discernimento de se manter sentado, procurando aparentar uma atitude profissional, neutra, apesar de sentir que se denunciava pela protuberância involuntária que se insinuava no baixo-ventre e forçava a braguilha. Pousou a paleta no colo, respirou.

Ela abriu os braços em sinal de expectativa.

— Então — perguntou —, que faço agora?

Notou que ela tinha os pêlos púbicos rapados e aquilo era tudo muito perturbador.

— Deita-te na *chaise longue* de barriga para baixo — ordenou-lhe. Sempre ficava mais tapada e ele talvez conseguisse recuperar a capacidade de raciocinar e o domínio dos nervos. Cristiane obedeceu-lhe.

— Assim?

— Estás confortável?

— Nem por isso.

— Chega o cotovelo direito para a frente e apoia a cabeça na mão.

Ela fez isso.

— Melhor?

— Sim.

— Ótimo. Agora dobra os joelhos para ficares com os pés no ar. Excelente, deixa-te estar assim, quietinha.

O primeiro esboço a carvão tomou forma a traços largos durante a manhã. Cristiane tentou espreitar o trabalho de João Pedro, mas ele impediu-a.

— Deixa-me lá ver! — reclamou Cristiane.

— Na, na, na, vê no fim — disse, obrigando-a a virar-se de costas para a tela.

Cristiane afastou-se em passinhos cómicos, descalça, apertando os botões do vestido, olhando para trás por cima do ombro, fazendo beicinho. João Pedro enterneceu-se, mas não cedeu. Ela estava curiosa e só não insistiu porque apreciou que fosse ele a impor as regras, para variar. Os homens faziam-lhe sempre as vontades todas...

Deram um passeio a pé pelo bairro, para espairecer, ela no seu vestido branco e de sandálias, ele na sua farda de pintor, todo colorido. Ambos com óculos de sol. Sentaram-se numa esplanada a comer tostas mistas, numa rua verdejante, sombreada de árvores que não mexiam uma folha. Não soprava nem uma brisa. Fazia um calor voluptuoso que convidava à prazerosa indolência do estio, e eles ali, escutando vagamente o rumorejar da rua pouco movimentada, concentrados um no outro, com disponibilidade para apreciarem a companhia, comendo as suas tostas entre risos resultantes de coisas parvas que diziam em alegre cumplicidade.

— A tua separação é definitiva? — perguntou subitamente Cristiane, na sequência de uma gargalhada que morria em tranqüilo silêncio.

João Pedro teve um sorriso astucioso, como que a dizer *percebo onde queres chegar*. Os olhos brilharam-lhe atrás dos óculos de sol e em vez de se agastar com a impertinência, viu na pergunta dela um sinal de interesse. Pareceu-lhe que a fizera espontaneamente, no momento em que acabava de rir por algo que ele dissera e a divertira, e essa ligação que Cristiane estabeleceu — sem querer ou não —, entre um momento agradável com ele e a pergunta sobre a sua separação, sugeria que estava a pesar as suas possibilidades.

Demorou o olhar nela, a ponderar o segundo sentido da questão, fez que sim com a cabeça, lentamente, pausadamente.

— É — disse.

— Mas é recente?

— Sim, mas definitivo.

Nesta altura, ele próprio não tinha a certeza de nada e sabia que não estava a ser inteiramente sincero, mas não queria instalar a dúvida em Cristiane, por isso optou pela resposta determinante, sem hesitar. Cristiane sorriu, satisfeita.

— Então, e tu?

— Eu, o quê?

— Tens alguém?

Ela brincou com ele, fingiu-se escandalizada.

— João Pedro! Isso é uma pergunta muito indiscreta!

Ele baixou os óculos com um dedo, espreitou por cima das lentes, armado em homem fatal.

— Tendo em conta que passaste a manhã toda nua comigo, não há nada que não possas contar-me.

Ela abriu a boca, cada vez mais escandalizada e divertida. Atirou-lhe o guardanapo à cara, fazendo-se ofendida.

— Isso não foi nada bonito. Está tudo acabado entre nós — declarou, como se estivesse desiludida com ele.

— Ainda nem começou — retorquiu João Pedro.

Cristiane apontou-lhe um dedo acusador.

— És muito convencido — disse — e descarado. Sabias?

— E tu estás a fugir à pergunta.

— Porque não mereces a resposta.

— Cristiane, olha que não pinto nem mais um bocadinho do teu retrato se não me responderes.

— Oh! — encolheu os ombros. — Também não podia mostrá-lo a ninguém.

— Disparate! Claro que podias!

— Hum-hum... — fez que não com a cabeça.

— Tens problemas em mostrá-lo? — perguntou, preocupado.

O rosto dela abriu-se num enorme sorriso.

— Achas?! Apanhei-te!

Ele atirou-lhe o guardanapo, que ainda tinha na mão.

— E a minha resposta?

— A tua resposta é não.

— Não, o quê?

— Não tenho ninguém.

João Pedro olhou-a, perplexo.

— Como é que isso é possível?

— Essa agora! Porquê?

— Como é que uma mulher tão bonita não tem ninguém? Cristiane, tens algum defeito grave que não me contaste?

Ela não conteve uma gargalhada.

— Nem imaginas quantos.

Voltaram à sala dela, ao ateliê improvisado, à *chaise longue*. Desta vez, Cristiane desembaraçou-se da roupa sem quaisquer reservas, mas despiu-se de costas para ele, com gestos práticos e nada de cenas sensuais. João Pedro abanou a cabeça, como quem diz *paciência*.

Cristiane acomodou-se na mesma posição da manhã. Caíram num silêncio natural, livre de constrangimentos. João Pedro, concentrado no trabalho, ia espreitando de lado à medida que pintava. Cristiane observava-o contemplativa, e instalava-se na sua mente um embevecimento por aquele homem singular que a atraía com o seu aspecto excêntrico, alheio à beleza física e desinteressado pela

roupa que vestia. Sentia-se fascinada a vê-lo pintar, tão alto e robusto e tão sensível e dedicado à sua arte. Ele abismava-se na tela, nos pincéis, nas tintas, abstraía-se de tudo o mais que não cabia no quadro, como um fotógrafo a estreitar o pedaço de mundo que lhe interessava no enquadramento da máquina. Não fosse Cristiane quebrar esse encantamento com algum comentário ocasional e João Pedro iria aluado até ao fim do dia.

Um alegre chilrear de pássaros livres chegava pelas janelas estreitas e compridas, que corriam de parede a parede ao nível do tecto, ao fundo da sala, atrás de Cristiane. Um feixe de luz descia dessas janelas até ao chão, fazendo um extraordinário efeito de rampa luminosa que não escapou ao olho agudo de João Pedro. Mas era soturna a sala, dependendo de tão escassa fonte de luz natural para um espaço assim luxuoso. Cinquenta metros quadrados de um rico soalho envernizado exigiam janelas largas, panorâmicas! Cristiane já comentara que pensava trazer um arquitecto para deitar abaixo a parede do fundo e abrir a sala para o jardimzinho das traseiras, com a sua laranjeira fresca, os muros caiados de um branco vivo, faiscante, o sol que lá batia toda a tarde. Prevendo esta dificuldade, mesmo com os dias de Verão a recolherem-se a horas tardias, João Pedro trouxera de casa um foco potente que acendeu quando a luz começou a mudar, alterando sensivelmente o tom das cores. Até porque Cristiane ficara de costas para as janelas. Tinha um belo efeito, mas complicava-lhe a vida.

Ela ia observando João Pedro a trabalhar com uma paciência devota e parecia-lhe mentira que só o tivesse conhecido na véspera. Tinham passado tantas horas juntos... Afeiçãoara-se a ele, pelo encontro de interesses, pela sua arte, pelo deslumbramento que lhe imprimia sem nada fazer por isso.

Mas às cinco da tarde Cristiane aborreceu-se, exigiu um intervalo. Ele resignou-se, pousou os pincéis, levantou-se do banco, esticou as costas. Ela enfiou só o vestido e foi à cozinha buscar duas cervejas, deixando-o a suspirar. João Pedro tinha a certeza de estar a gozar o privilégio de viver um sonho e parecia, de facto, um sonho!

Cristiane voltou com uma garrafa de cerveja em cada mão e, no instante em que atravessou à frente da explosão de luz que irrompia das janelas ao fundo da sala, o seu cabelo ganhou uma cor etérea e João Pedro viu-a ainda mais bonita, se isso fosse possível. Cristiane surpreendeu-o em êxtase a registar essa visão, a pensar que queria retratá-la assim, e parou no lugar exacto em que a luz fazia a sua magia, também ela surpreendida, uns passos à frente dele, a ponderar como aquele homem extraordinário era invulgar.

É curioso que tanto João Pedro como Cristiane se viam reciprocamente como criaturas excepcionais de cuja atenção não eram merecedores. Esta percepção errónea, exagerada, do outro acontecia porque ambos tinham uma fraca auto-estima e, por conseguinte, desvalorizavam as suas próprias qualidades.

João Pedro considerava-se um pintor falhado que não vendia um quadro e que caíra no esquecimento ainda antes de ser reconhecido. Bem, João Pedro

considerava-se um falhado em toda a linha, profissional e socialmente, o que, bem vistas as coisas, até revelava uma grande lucidez da sua parte, porque não só era verdade como ele o admitia sem ilusões ou tentativas patéticas de se enganar com desculpas para apaziguar a alma. João Pedro era de tal maneira falhado que precisava de viver num sonho, numa realidade paralela, para se libertar dos seus bloqueios catastróficos e conseguir tornar-se o oposto do que realmente era, ou seja, aquele que desejava ser. Neste aspecto, já não revelava lucidez nenhuma.

Mas, ao pensar que não prestava como pintor, João Pedro desvalorizava-se, porque o seu falhanço não se devia à falta de qualidade artística, mas à tendência suicida para se boicotar a si mesmo, ao seu próprio talento, à sua carreira. Seria a obra de João Pedro maior do que ele? Provavelmente, mas nestes tempos modernos, de deriva económica e espaço exíguo para uma concorrência desesperada, não havia contemplação com os génios descompensados.

Na desadaptação social de João Pedro havia vários e insuspeitos pontos de contacto com Cristiane. Também ela se tinha pouco em conta porque a sua melhor qualidade, ou, se quisermos, a sua maior vantagem, não lhe conferia mérito algum. Cristiane não fizera nada para ser admirada pelo sexo oposto, ou invejada pelas outras mulheres. Simplesmente nascera bonita e limitava-se a aproveitar-se da beleza. Contudo, nem isso fazia bem, pois seria legítimo perguntar se uma mulher que tinha o mundo a seus pés não deveria ter seguido pela estrada do sucesso até ao topo? Porque recusara a carreira de manequim que lhe havia sido oferecida recorrentemente por alguns dos mais influentes caçadores de talentos do mundo da moda? Ou porque não seguira outra carreira qualquer mais prometedora e lucrativa do que a de hospedeira de bordo? A pergunta não era nova para Cristiane e a resposta dela era sempre a mesma: estava-se nas tintas para a moda, para a fama e para o dinheiro. E no entanto não estava. Estivera realmente quando, mais jovem, as oportunidades tinham surgido e ela preferira ser hospedeira para desiludir o pai. Quisera contrariar a vontade dele como retaliação pela forma como o embaixador geria a sua carreira. Cristiane vivera a infância e a juventude em tantos países diferentes quanto os postos diplomáticos em que o pai fora sendo colocado. A progressão meteórica da carreira do pai implicara mudanças frequentes, com todos os inconvenientes para a família resultantes dessa mobilidade geográfica. Cristiane habituara-se a deixar os amigos para trás, a esquecer os namorados na breve correspondência sem esperança e prontamente interrompida. Cristiane optara por não fazer mais amigos porque não os queria perder e indisponibilizara-se para se apaixonar, de modo a prevenir-se do sofrimento da separação definitiva. Cristiane sentia que não pertencia a lugar nenhum, e, na sua rebeldia juvenil, entendeu que uma alma sem lar devia voar incessantemente pelo mundo e não se prender jamais a lugares ou pessoas. Desceu sobre ela esta concepção romântica de uma vida alada nessa época crucial em que o embaixador regressou à pátria com a perspectiva, nunca concretizada, de ser ministro. Foi então que deixou de viver com os pais e tomou o seu rumo próprio. Mas nunca deixaria de ser um espírito solitário.

João Pedro olhava para Cristiane e via uma mulher de uma beleza invulgar que, pela ordem natural das coisas, não estaria ao seu alcance. Porque haveria ela de se interessar por um falhado, feio e incapaz de encontrar o seu lugar na sociedade? Já Cristiane, olhava para João Pedro e via um homem das artes, intelectualmente superior, um excêntrico dedicado às coisas belas do mundo, mas que não se deixava impressionar excessivamente nem se subjugava à influência caprichosa de uma mulher bonita. Sem o saber, João Pedro neutralizara o superpoder de Cristiane e ela rendia-se ao que se poderia designar por *alter ego* dele. Em suma: o que os unia era a interpretação errada que cada um fazia do carácter do outro.

Poder-se-ia considerar que aconteceu o que tinha de acontecer, que era previsível que, ao seguir por esse caminho, João Pedro e Cristiane foram pouco originais e esmagaram o romantismo que pairava sobre os seus espíritos encantados. Mas, convenhamos, originais já eles eram, cada um à sua maneira, e o romantismo não constituía uma prioridade para nenhum dos dois. Além disso, a originalidade e o romantismo não eram, necessariamente, virtudes incontornáveis. Hoje em dia, sobrevalorizava-se a originalidade em contraposição com a uniformidade imposta pela ditadura da publicidade. As pessoas prestavam culto à diferença, ansiavam contrariar a igualdade do rebanho social, mas também pretendiam ser modernas, queriam estar na moda em todas as frentes: vestir, comer, beber, falar, frequentar, ter! Tudo conforme os cânones da moda. Era uma incoerência? Evidentemente. Mas, para fugir a essa contradição, o indivíduo precisava de ser o primeiro em tudo. Deste modo, tinha a ilusão de ser ele o criador de tendências. O precursor de tendências regressava sempre à originalidade, abandonando rapidamente as modas, comprando mais e mais, à frente do pelotão, sendo o campeão do consumo sem suspeitar que era a maior vítima da indústria e das suas sofisticadas técnicas de venda.

João Pedro e Cristiane *eram* os verdadeiros originais. Eles *tinham* um problema com o excesso de originalidade, não se enquadravam no rebanho, sofriam de solidão crónica.

— Hoje, o jantar é por minha conta — anunciou Cristiane. Pegou no telemóvel, encomendou uma piza.

Meia hora mais tarde, quando o rapaz das pizzas tocou à campainha, Cristiane teve um risinho nervoso, simulando um pudor que não sentia.

— Tens de ir tu à porta — disse, representando uma falsa ingenuidade. Tinha vestido só as cuecas e continuara a conversar com João Pedro nua, confortavelmente recolhida no canto da *chaise longue* a abraçar as pernas dobradas à frente do peito.

João Pedro voltou com a piza e Cristiane foi à cozinha em passinhos ligeiros buscar uma garrafa de vinho branco que pusera a gelar no frigorífico, dois copos, um saca-rolhas. Sentou-se com as pernas dobradas, cruzadas.

Comeram à mão as fatias de piza, entre gargalhadas de boa disposição. João Pedro quis limpar-lhe com o dedo um bocadinho de tomate no canto da boca. Cristiane segurou-lhe a mão e chupou-lhe o dedo, envolvendo-o com os lábios carnudos, mantendo os olhos nos olhos dele. Foi um momento erótico, que ela prolongou dando-lhe a comer um pedaço da sua fatia de piza.

— É bom? — perguntou-lhe, provocadora.

— É muito bom — respondeu.

A caixa da piza foi abandonada no chão, a garrafa de vinho, igualmente vazia,

também. Cristiane esticou a perna esquerda com um deleite todo estampado no rosto, apoiou o pezinho atrevido na perna de João Pedro.

— Gosto de te ter aqui, sabes? — sussurrou, rouca, tentadora, voluptuosa.

João Pedro acariciou-lhe o peito do pé.

— Gosto de estar aqui contigo — disse.

Ela piscou lentamente os olhos, fez um sorriso lânguido, apoiou a mão que segurava o copo nas costas da *chaise longue*, aproximou-se de João Pedro na leveza de um movimento fácil, insinuando-se com uma doce e prometedora indolência. Levou a mão esquerda ao peito dele, os dedinhos finos brincaram casualmente com o primeiro botão da camisa.

— Estás a fazer-me calor com tanta roupa — declarou. Tomava conta da situação, conforme lhe aprazia. João Pedro engoliu em seco, não emitiu palavra, ficou-se por um sorriso tolo, por uma feliz estupefacção. Cristiane continuou o seu jogo de sedução: soltou um botão, dois, três, lentamente enfiou a palma da mão, acariciou-lhe o peito, deliciada a excitá-lo. João Pedro afundou-se mais no seu conforto, atravessado por uma onda de satisfação. Ela estendeu a perna sobre as pernas dele, encaixou-se toda nele, de lado, deitou a cabeça no peito dele. João Pedro passou o braço por cima dos ombros de Cristiane, afundou o rosto nos seus cabelos finos, loiros e compridos, e, novamente, reconheceu o seu sonho mágico na situação que estava a viver.

Acabaram de beber o vinho devagar, enleados num abraço amoroso, trocando carícias suaves, ligados por um silêncio cúmplice. Os espíritos arrebatados na leve euforia do álcool antecipavam o que já sabiam que iam fazer. João Pedro, fascinado com este sonho tão real, perdia-se nas boas sensações que lhe provocava a consciência do corpo dela colado ao seu. Cristiane, excitada pelo desejo de o surpreender com os seus segredos de mulher experiente, querendo muito cometer excessos com ele, levou a mão à braguilha de João Pedro, correu o fecho, enfiou-a à descoberta dentro das calças dele.

João Pedro assistia maravilhado às manobras de Cristiane, que tomava a iniciativa com uma determinação descomplexada. Ela não lhe perguntou nada, não esperou que ele tomasse a iniciativa, antes continuou a despi-lo com a legitimidade de já se encontrar nua. Desapertou-lhe o cinto, soltou-lhe o botão das calças, puxou-as para baixo, deslizou para o chão e envolveu-o com os lábios carnudos, da mesma forma como lhe fizera há pouco com o dedo, de olhos fixados nos dele.

Sem querer, João Pedro pensou em Clara e como era diferente de Cristiane. Clara gostava de ser subjugada, de deixar que ele lhe fizesse tudo o que quisesse. Já Cristiane não se submetia a ordens, nem precisava que ele a conduzisse. No entanto, notou, à sua maneira, Cristiane era mais generosa e devotada à vontade de agradar. Enquanto Clara esperava que ele lhe desse prazer, Cristiane ansiava satisfazê-lo, como se tivesse necessidade de que ele a aprovasse.

Esta vontade de Cristiane de agradar surpreendeu João Pedro, que mesmo nas

suas fantasias mais rebuscadas não perspectivara uma Cristiane tão solícita. Ali estava ele, afundado na *chaise longue*, descomposto com as calças pelos tornozelos e com aquela mulher fabulosa ajoelhada à sua frente. Sentiu-se um macho poderoso sem saber que, a qualquer momento, o jogo poderia virar, porque para ela não se tratava de paixão ou de amor, mas de um jogo de poder.

A partir do momento em que se convenceu de que a sua beleza não era suficientemente deslumbrante para o ter a seus pés, Cristiane sentiu-se impelida a usar todos os recursos femininos de que dispunha para o obrigar a render-se aos seus encantos. O incentivo maior para ela se aplicar era a enganadora indiferença dele. O primeiro teste fora o truque da camisa aberta, agora recorria aos seus melhores argumentos, por assim dizer. Portanto, Cristiane não ansiava satisfazê-lo para que ele a aprovasse, mas para que ele se tornasse dependente. O facto de se sentir fascinada por João Pedro só a motivava mais.

Subitamente, interrompeu o que fazia e ergueu-se, deixando João Pedro suspenso quando já se abandonava ao êxtase que se aproximava, sem se preocupar com ela. Mas Cristiane era exímia na arte do amor e manipulava-o, levando-o quase até ao fim, recuando no último momento. Ele, desconcertado, viu-a levantar-se, despir com gestos sensuais o trapinho que lhe restava, regressar para junto dele.

Colocou-se de joelhos, de pernas afastadas, de frente para ele. Debruçou o peito sobre o rosto dele, apoiando as mãos nas costas da *chaise longue*, atrás dos ombros de João Pedro, que logo mergulhou o rosto nos seios que se dispunham à sua frente como uma oferta dos céus. A sua mão procurou às cegas por entre as pernas dela e descobriu-a pronta para ele, embora se recusasse caprichosamente a permitir o que João Pedro desesperava por concretizar.

Cristiane brincava com ele, provocava-o, excitava-o, conduzia-o ao desespero e recuava. E João Pedro, sabendo que não devia forçá-la, nada podia fazer senão sujeitar-se à tortura de prazer que ela lhe infligia. Até que, misericordiosamente, Cristiane se sentou no seu colo e ele entrou nela com um alívio de menino feliz e agradecido.

Depois, não admitiu que tinha sido a sua melhor noite de sempre porque o instinto o avisou que não devia fazê-lo. Acabaria por ter de dizer a Cristiane que ela era apenas a segunda mulher de uma vida inteira, e isso pareceu-lhe uma confissão insuportável.

Como se o destino de João Pedro tivesse deixado de depender do livre arbítrio do próprio, na medida em que ele acreditava que já estava predeterminado em traços largos pela fantasia que sonhara, dava-se uma circunstância viciosa: quanto mais João Pedro se convencia de que estava a viver o sonho, mais, inadvertidamente, concorria para que as coisas se passassem como sonhara. E assim, o sonho ia-se tornando, efectivamente, real. Era isto a consequência natural da ingenuidade.

Nos dias seguintes, João Pedro terminou o retrato de Cristiane, conferindo-lhe uma surpreendente e impressionante reprodução fotográfica. Deixava assim as suas marinhas de sempre para mergulhar de cabeça no hiper-realismo. Ao ver, finalmente, o seu retrato acabado na tela, Cristiane teve uma expressão de incredulidade.

— Oh! não pode ser!

— Que foi? — inquietou-se João Pedro. — Não gostas?

— É uma fotografia!

Ele deixou cair os braços, desanimado.

— Não é bem isso...

— É sim, tiraste-me uma fotografia.

— Não gostas nem um bocadinho?

Cristiane voltou-se, espantada com a pergunta.

— Estás a brincar? Adoro!

— Adoras?

— É extraordinário. Não, não é extraordinário, é do outro mundo!

João Pedro sorriu pela primeira vez, mais animado.

— Então, gostas...

— És tonto — disse, com piedosa ternura. Passou-lhe os braços em torno do pescoço, beijou-o nos lábios, demorou-se com a língua na boca dele. — É maravilhoso — afirmou, reconhecida.

Gostou, gostou tanto, deu saltinhos de alegria, dançou de felicidade, parou de repente, preocupada.

— É meu? Dás-me?

— Claro, pinte-i-o para ti.

— A sério? É meu?

— É teu, é.

Mas agora, Cristiane estava perplexa. Parecia-lhe demais, não, não podia aceitar, não tinha o direito, era uma obra muito valiosa.

— Disparate! É só um retrato.

Ela perscrutou João Pedro sem perceber como podia dizer aquilo se até ela percebia que ele tinha ali um quadro tão incrível que poderia pedir por ele o preço que lhe apetecesse.

— Não — persistiu. — Não me pertence.

— Pertence, sim. Eu quero que fiques com ele.

— Mas, tu não vês que é bom demais para o ofereceres?

— Achas assim tão bom?

— Não acho, tenho a certeza.

Ele encolheu os ombros.

— Mesmo assim, é teu.

— Não, nem penses nisso. Não é meu, é teu. A mim, já me basta teres-me escolhido para modelo de uma obra tão bonita. Estou muito feliz, acredita.

— Não te escolhi. Foste tu que me pediste para te retratar.

— Sim, é verdade — admitiu Cristiane, desconcertada com o desprendimento dele. — Mas não estava à espera que fosse tão bom.

— Ah! isso é um elogio? Não me parece.

Ela riu-se.

— É um elogio, é.

— Cristiane, o quadro é teu e ponto final.

— Não me sinto nada bem em aceitá-lo.

— Porque não?

— Porque deve valer uma fortuna.

— Ora, posso pintar outro. Posso pintar uma série deles, um por semana.

Cristiane ponderou as palavras dele.

— Pois podes. E se fizesses outro?

— Outro retrato teu?

— Sim!

— É uma chatice para ti.

— Não é nada! Gosto imenso.

— Então, está bem.

Começaram logo a trocar ideias sobre o cenário do próximo quadro. João Pedro queria continuar a usar a sala como ateliê. Cristiane aquiesceu.

— Fico na *chaise longue* outra vez?

— Não. Precisamos de alguma coisa diferente... — disse, pensativo. — Tens uma cama larga?

Cristiane olhou para João Pedro, admirada. O que é que ele iria inventar agora?

— Tenho uma cama enooorme — disse, divertida.

— Vamos lá ver isso.

Subiram ao primeiro andar, entraram no quarto. João Pedro adorou a cama, era exótica, toda em bambu, bastante espaçosa.

— É isto — declarou.

— É isto, o quê? Queres pintar aqui, afinal?

— Não, aqui não, o quarto é apertado, não tem profundidade.

— Então?

— Levamos a cama para a sala, trocamos-la pela *chaise longue*.

— Estás a falar a sério?

— Hum-hum.

Não foi uma tarefa fácil, porque nenhum dos dois era muito dotado para aqueles trabalhos, mas desmontaram a cama, levaram-na aos bocados para baixo, voltaram a montá-la na sala. Depois escolheram os lençóis, a colcha, os almofadões. João Pedro optou pelos brancos e os beges muito claros.

Três semanas extinguiram-se e, nesse entretanto, João Pedro e Cristiane passaram dias a fio na sala dela, concentrados exclusivamente um no outro. Ele, obcecado por ela, assegurando que era a sua musa, pintava impetuosamente retratos; ela, deslumbrada com ele, dizendo que era o seu mestre, pousava diligentemente na cama. Foram esquecendo a vida lá fora, pouco saíam, senão para beber um café, dar um passeio ao fim da tarde a pé pelas redondezas, fazer uma incursão ao supermercado para se abastecerem. De resto, Clara fora para o Algarve de férias com as crianças, o que o deixava completamente livre para se dedicar ao seu *projecto*, e como! João Pedro embrenhava-se no trabalho com uma devoção apaixonada, uma comoção tumultuosa que transmitia para a tela como nunca lhe acontecera. Estava a descobrir uma forma de pintar inteiramente nova, pois ao pintar os olhos de Cristiane tinha a intenção de fazer jus à ideia de que estes eram o espelho da alma; se retratava o rosto dela precisava de transmitir o seu estado de espírito. Perguntava-lhe mesmo o que estava a pensar, se se sentia aborrecida, se feliz. Pintava emoções!

Depois, havia uma carga erótica tremenda, uma lascívia derramada para a tela, porque nesses dias viviam fascinados um com o outro e, entre uma sessão e a seguinte, ele largava os pincéis e caía alegremente na cama e desmanchava com ela os lençóis onde Cristiane estivera enredada com as deliciosas curvas de uma perna exposta, uma coxa insinuando-se, um seio à vista. Era um festim de sexo! A qualquer momento, experimentavam todas as fantasias que a imaginação e o desejo impunham, e essa feliz libertinagem era transmitida para os quadros, cada vez mais ousados nas poses que escolhiam para Cristiane. Estavam tão desligados do mundo que não ponderavam com senso a ousadia das posições que ela adoptava para João Pedro a retratar. E assim, a uma quase cândida pose do primeiro quadro na *chaise longue*, sucedia-se a atitude pornográfica das pernas abertas, a mão procurando a auto-satisfação, o rosto retorcido no esgar de um orgasmo. Mas, na sua obsessão pelo realismo, João Pedro não se contentava com a simulação, pedia a Cristiane que fosse convincente e se estimulasse verdadeiramente, de modo, dizia, a permitir-lhe captar aquela expressão que lhe via quando faziam amor.

Cristiane tirara umas curtas férias por causa do funeral do pai e para fazer a mudança de casa, mas fora apanhada por aquela reviravolta inesperada que lhe alterara os planos. Conhecer João Pedro provocara-lhe uma avalanche de emoções

a que não se poderia chamar amor, pois ela bloqueara há muito a parte do cérebro que permitia esse tipo de sentimento tão especial e agora, mesmo querendo voltar atrás e permitir-se amar um homem que a atraísse, não conseguia ser dona da sua vontade. Já o tentara antes e não resultara. Ao fim de algumas semanas com um companheiro, Cristiane começava a sentir-se ansiosa e psicologicamente fragilizada. Emergia nela um receio injustificado de ser obrigada a desistir dele em breve por alguma circunstância que não poderia controlar e o desassossego levava-a a tomar atitudes irracionais. Nessas ocasiões, punha-se na defensiva, era agressiva, provocava discussões constantes, a ponto de tornar a relação insustentável. Levantava falsas acusações contra o companheiro, amuava muito. Insistia que a levasse a um determinado restaurante, mas depois acusava-o de estar contrariado; obrigava-o a escolher o cinema só para poder reclamar durante o filme inteiro por achar os actores, o realizador, a história, uma porcaria inacreditável; fazia-lhe cenas de ciúmes intempestivas se ele olhava distraidamente para outra mulher; desaparecia durante vários dias sem aviso e não lhe telefonava ou recusava os seus telefonemas, fazendo-o crer que estava zangada, sem que ele vislumbrasse o motivo. Enfim, tinha um comportamento desequilibrado, parecia doida, e, embora soubesse que estragava propositadamente a relação, era mais forte do que ela. E quando ele, já desesperado, desistia de lutar por ela e a deixava, Cristiane soçobrava entre o alívio de não ter chegado a apaixonar-se verdadeiramente e, portanto, não ter de passar pela tortura de vir a perder o homem amado, e a depressão de perceber que havia algo de errado com ela e de estar condenada à solidão.

Cristiane desejava ter um filho, porém, faltava-lhe a estabilidade emocional para ser uma mãe responsável. Ela própria pensava que não seria uma boa mãe. Não falava muito do pai, mas como não tinha irmãos e não se dava com a família mais distante, a sua morte tivera nela um efeito demolidor. Em vida, evitava-o, oferecia-lhe só a atenção mínima que lhe impunha o seu dever moral de filha. Visitava-o a espaços, telefonava-lhe uma vez por semana, tinham conversas polidas, vagas e desinteressantes.

O embaixador amava-a desmedidamente, embora falhasse a transmitir afectos. Debaixo de uma educação exemplar havia um homem exageradamente tímido que, por força de uma profissão exigente no desenvolvimento de relações com os seus pares do corpo diplomático, se refugiava no rigor morigerado, nas convenções sociais seguidas à letra, na simpatia de um eterno sorriso, numa palavra acertada para cada ocasião.

Ainda pequena, se Cristiane corria para os braços do pai ou lhe saltava para o colo na sua feliz ingenuidade de criança despreocupada, era logo posta na ordem com um raspanete ligeiro, que aquilo não eram modos de uma menina se comportar, e afastada com firme delicadeza. Essa distância imposta pelo pai foi interiorizada e acatada por Cristiane e trazida para a idade adulta com um ressentimento antigo e inultrapassável. Ao contrário do embaixador, Cristiane era desinibida e exuberante, muito comunicativa, mas, perante o embaixador, sentia-se intimidada e bastava um olhar circunspecto dele para voltar a ser a menina que corria para o pai e era chamada à atenção.

E no entanto, ainda sentia a morte dele como o corte da última amarra que a ligava ao porto de abrigo. Enquanto ele existia, Cristiane tinha a reconfortante sensação de segurança, pois sabia que ele a protegeria sempre, mesmo se ela fazia questão de se precaver para nunca vir a ter de lhe pedir ajuda para coisa alguma. Semanas antes, quando o advogado a informara de que o pai lhe reservara uma soma bastante confortável de dinheiro, acumulado à custa de anos de rigorosas poupanças e diligentes investimentos para lhe deixar em testamento o futuro assegurado, Cristiane não conteve mais as lágrimas que não derramara no funeral e desmanchou-se num pranto comovido. Sentiu então que fora injusta com ele ao tratá-lo com uma frieza obstinada que ele afinal não merecia. Mas era um arrependimento impossível de reparar.

Depois aparecera-lhe João Pedro e Cristiane levava-o para sua casa, desejando desesperadamente, ainda que não tivesse plena consciência disso, usá-lo para esquecer, ou, pelo menos, abafar, a profunda tristeza que a consumia. Agora que estava por sua conta, sofria com o presságio de uma velhice solitária. Quando a beleza acabasse e já não fosse assim tão popular aos olhos fáceis de homens deslumbrados, o que lhe restaria?

Gostara sempre de sexo e nunca se coibira de o fazer desmedidamente, talvez

como reacção terapêutica à falta de amor. Tivera um amante, um colega com quem voava para o Brasil, que a acusara, meio a sério meio a brincar, de ser insaciável, depois de terem passado uma semana inteira no quarto de um hotel no Rio de Janeiro. Ela arvorara o seu sorriso mais cínico, replicara ao pobre esgotado que era *fraquinho* e não voltara a ter nada com ele.

Estas três semanas com João Pedro seriam, porventura, alguma espécie de recorde nesse aspecto. Não que ela pensasse nisso, mas sentia-se bem com ele e a sua presença, e tudo o que isso envolvia, permitia-lhe alienar-se do receio de um futuro incerto e aplacar-lhe o desassossego espiritual. Ria-se muito com ele e estava a adorar as sessões de pintura intercaladas com o sexo desaustinado e libertador a que se entregavam a qualquer momento. Certo dia, tendo João Pedro terminado mais um retrato escandaloso de Cristiane, decidiram encomendar comida chinesa para comemorar. O estafeta tocou à campainha e João Pedro foi atender, envergando somente uma tanga improvisada com um pedaço de lençol rasgado à pressa. Bebera já meia garrafa de vinho e fumara com Cristiane um cigarro de haxixe que ela tinha no fundo de uma gaveta para as ocasiões especiais, de modo que se imaginou um orgulhoso Cristo despojado das suas vestes antes de ser pregado na cruz. O estafeta, porém, viu um tipo feio e peludo tapado com uma fralda e ficou de boca aberta, a pensar que ele pretendia fazer-se passar por um bebé gigante.

João Pedro voltou com a comida encomendada e um sorriso tolo para junto de Cristiane, que se rebolava a rir nua na cama, enrolada nos restos do lençol rasgado. Era de um perfeito ridículo, mas o álcool e o fumo que pairava sobre a cama tornavam a cena extremamente hilariante aos olhos de Cristiane.

Ele, sempre muito sério, foi sentar-se na cama, retirou as embalagens do saco, colocou-as em cima do lençol, abriu-lhes as tampas, preparou os pauzinhos para comer. Ela, perdida de riso, com as suas gargalhadas descontroladas, sacudia as embalagens cheias de molho como barquinhos em alto mar e fazia perigar o branco imaculado dos lençóis, o que acabou por ser irrelevante, porque, finalmente, entregaram-se a uma épica guerra de comida chinesa e em poucos momentos sujaram a cama e sujaram-se eles.

— Adoro o efeito *trash!* — exclamou João Pedro, colocando uma perna fora da cama, um pé no chão, andando às arrecuas na direcção do cavalete. — Não te mexas!

Cristiane protestou:

— João Pedro, por favor...

— Não, a sério, estás fabulosa!

— Estou toda despenhada e coberta de comida numa cama nojenta!

— É *trash*, não te mexas, estás perfeita assim.

— *Trash!* O que é essa merda? Inventaste agora!

Ele colocou uma tela enorme no cavalete — só pintava telas grandes — e

começou a fazer os primeiros traços a carvão, enquanto perorava sobre o conceito *trash*.

— É o ambiente muito sujo e muito colorido. É extravagante e revoltante. Choca porque é repulsivo, chega a ser ofensivo porque faz o elogio da obscenidade. Muito contracorrente. É *trash*!

— Não me lixes, esse conceito não existe.

— Claro que existe. Abre mais as pernas, isso, assim está bem. Nunca ouviste falar da cultura *trash*?

— Já, e referia-se à televisão *mainstream*, à música pimba, aos filmes de classe B, à comida de plástico. Estás a referir-te à baixa cultura, de estética duvidosa.

— Sim, mas imagina que pegamos nos elementos dessa estética duvidosa e retratamos a baixa cultura numa obra de arte de primeira água. Não vês? Estás coberta de comida de plástico!

Cristiane sorriu.

— Gosto — disse. — Gosto.

E este foi o último dos oito retratos dela que João Pedro pintou. Cristiane delirava com ideias malucas e subversivas e, também por isso, alinhava com as excentricidades dele. Sujeitava-se a horas de imobilidade para obsequiar o seu trabalho e aproveitava os momentos em que ele não precisava dela para ir desencanaixotar livros e colocá-los nas estantes do corredor, arrumar a loiça nos armários da cozinha, ligar os fios do computador e da televisão. Arrumou a casa toda, menos a sala, que se manteve vazia, só com a cama de bambu e o material de pintura de João Pedro. Mas as férias estavam a chegar ao fim e dentro de dois dias já tinha um voo marcado para o Rio de Janeiro.

- Vem comigo ao Rio de Janeiro.
- Estás doida.
- Não, a sério, vais adorar.
- Tu vais trabalhar.
- Só durante o voo. Depois, tenho uma semana inteirinha livre.
- Não tenho dinheiro.
- Eu resolvo.
- Como?
- Não te preocupes com isso. Eu tenho dinheiro.
- Nem penses.
- Penso, pois. Anda lá.
- É já depois de amanhã. Não arranjo bilhete.
- Eu resolvo.
- Tu resolves tudo, não é?
- É.
- Tenho medo de andar de avião.
- Não tens nada.
- Tenho, sim.
- Eu drogo-te. Vais a dormir até lá. Nem dás por isso.
- Não sei...
- Sei eu!
- Cristiane, o que é que eu vou fazer ao Rio de Janeiro?
- Vais acompanhar-me, vais conhecer uma das cidades mais bonitas do mundo, vais divertir-te como nunca.
- Hum...
- Vem, vem, vem.
- Não sei...
- Anda lá, por favor...
- Cristiane...
- Está decidido, vens comigo!
- Não tenho direito de voto?
- Não. Agora dorme. Amanhã, trato de tudo e, depois de amanhã, lá vamos nós.
- Durmo, como? Acabaste de me tirar o sono!

Estavam deitados com a luz apagada no quarto de João Pedro, onde tinham começado a passar as noites desde que ele decidira montar a cama de Cristiane na sala dela. A João Pedro ainda lhe parecia irreal dormir com outra mulher na cama que sempre fora de Clara, mas precisavam de se afastar do ar viciado e enjoativo das tintas por algumas horas, especialmente Cristiane, que não se dava bem com o cheiro forte e, a espaços, tinha de sair da sala para desintoxicar. João Pedro

ponderou de olhos abertos o convite dela para a acompanhar na viagem ao Rio de Janeiro. A sua voz ressoou na penumbra do quarto.

— Cristiane?

— Sim.

— Já andas a planear isto há quanto tempo?

— Isto, o quê?

— Levar-me contigo ao Rio de Janeiro.

— Não planeei. Lembrei-me agora.

— Porquê?

— Porque não quero ficar uma semana sem ti.

— Já passaste uma vida.

— Mas agora é diferente, habituei-me à tua companhia.

— Vais acabar por te fartar.

— Como sabes?

— Sei, porque até eu me farto de mim muitas vezes.

Ouviu-se uma gargalhada curta de Cristiane.

— És cómico — disse. Depois, enroscou-se toda nele e adormeceu numa grande paz.

João Pedro ficou sozinho com os seus pensamentos. Tal como outrora, nos primeiros tempos de Clara, espantou-se com o entusiasmo de Cristiane. *Habituei-me à tua companhia*, a frase dela impôs-se no seu pensamento e ele perguntou-se quem é que, no seu perfeito juízo, se habituava à sua companhia.

Continuou a remoer esta perplexidade até depreender que Cristiane não se interessava meramente pela sua pessoa — porque, convenhamos, em termos físicos ele era totalmente desinteressante — mas pelo seu todo. Pelo seu todo devia-se entender o homem-pintor. Com efeito, o factor determinante para João Pedro não ter sido liminarmente ignorado por Cristiane fora o seu valor intrínseco enquanto pintor. Não se podia dissociar o pintor do homem, obviamente, mas era por demais evidente que, ao ser avaliado por Cristiane, essa característica lhe conferia uma inestimável valorização como pessoa. Tudo o mais vinha por arrasto. Tendo Cristiane uma alta consideração por João Pedro, tornava-se fácil ela confiar nele, ter em boa conta as suas opiniões, escutá-lo com atenção, apreciar o seu humor e, por fim, também o desejar fisicamente. Em suma, ele despertava o interesse de Cristiane porque ela o considerava um homem excepcional que lhe transmitia uma tranquilizante sensação de segurança. Quando ela adormecia enroscada nos seus braços era, precisamente, essa segurança que procurava.

A compreensão — consciente ou instintiva — que Cristiane tinha de João Pedro evoluíra nas últimas semanas. Tinham-se envolvido com uma intimidade galopante e inconfessável, que era um segredo só dos dois, e hoje ela conhecia-o muito melhor. No início, esse conhecimento baseava-se só na aparência, agora

tinha uma noção diferente do seu temperamento. Mas não a desiludira. No início, João Pedro era mais calado e distraído e Cristiane sentira-se espicaçada pelo seu aparente desinteresse sexual por ela. Quisera conquistá-lo porque estava habituada a ser seduzida pelos homens e ele era diferente. Mas esse desafio fora ultrapassado e, para ela, já não se tratava de sexo. Considerava-o atraente no seu jeito exótico e gostava do seu corpo grande e forte. Adorava fazer amor com ele, mas não era isso que a fascinava mais. Pensava que tinha sido uma sorte encontrá-lo, que ele representava uma espécie de metamorfose da espécie masculina, tal como ela a conhecia, muito distinto de todos os outros que haviam privado a sua intimidade, homens tão bonitos quanto desinteressantes. Não que fossem necessariamente estultos, mas eram, na maioria, presunçosos, de uma vaidade insuportável, demasiado egocêntricos. Bem, era ela que os escolhia, portanto só se podia queixar do seu próprio discernimento, pese embora as oportunidades dependerem das circunstâncias. Ora, normalmente, Cristiane vivia entre cidades e as viagens, os aviões, os hotéis, a ligeireza dos ambientes e dos estados de alma não favoreciam as relações profundas.

Recostado no conforto de uma poltrona de excelência, João Pedro conseguiu relaxar um pouco, após hora e meia de voo, e permitiu-se enfim gozar os copiosos luxos da primeira classe. Escapara ao rebanho da económica graças às boas influências de Cristiane, que, numa conversa de pé de orelha com a colega do balcão de embarque, lhe conseguira um providencial *upgrade* e o transferira para um lugar na vanguarda, entre os favorecidos.

Depois do susto inevitável da descolagem, João Pedro respirou fundo, compenetrando-se de que o avião era seguro e preparou-se para uma longa viagem. Cristiane veio então com um sorriso cúmplice oferecer-lhe uma *flûte* de champanhe antes dos outros passageiros e ele apreciou-a no seu passo elegante enquanto se aproximava, espantado com a beleza dela no uniforme de hospedeira. Depois, Cristiane foi servir os restantes passageiros e João Pedro afundou-se mais no conchego da poltrona, amolecido numa agradável lassidão, a bebericar as bolhinhas e a pensar que poderia viver assim facilmente.

O avião atravessou o oceano debaixo de um luar brilhante, voando tranquilamente e sem turbulência à velocidade de cruzeiro e com o vento de feição. Ainda assim, João Pedro não pregou olho, porque ia demasiado animado com aquelas novidades inesperadas para se deixar tomar pelo sono e, embora cansado e a precisar de dormir, permaneceu deitado com o espírito agitado por longas e inevitáveis reflexões.

Antes de partir, telefonara para o Algarve. Tencionava dizer a Clara que ia ao Brasil. Dir-lhe-ia só isso, que ia passar uns dias ao Rio de Janeiro para arejar a cabeça, sem lhe dar mais pormenores. Pensou isto com o telemóvel na mão, detendo-se numa hesitação cautelosa. Como poderia enganar Clara se ela sabia que nunca se afastava de casa mais do que alguns quarteirões? Clara haveria de ficar desconfiada e arrancar-lhe-ia a verdade com duas ou três perguntas certeiras. Quando queria mentir, João Pedro embrulhava-se todo e espalhava-se ao comprido. Mais ainda no caso de Clara, que lhe lia os pensamentos com uma clarividência perturbadora. Ela jamais acreditaria que ele ia sozinho para o outro lado do mundo, até porque não tinha dinheiro nem desenvoltura para aventuras. Viu-se portanto no dilema de não poder enganar Clara, mas também não querer dizer-lhe que ia com outra mulher para o Brasil, e acabou por não lhe contar nada. Disse só que telefonava para falar com os miúdos.

Ao ouvir a voz dela ao telefone, teve uma saudade de que não estava à espera. Nesse instante, percebeu que se pudesse escolher entre ir ao Algarve ou ao Rio de Janeiro, optaria pelo primeiro destino sem pensar duas vezes. Quis perguntar-lhe se aceitava que os visitasse, mas Clara foi expedita a passar o telemóvel aos gémeos e o momento passou.

O funcionamento do cérebro humano é complexo, mas, ao contrário das

mulheres, os homens tendem a simplificar a equação da vida, reduzindo-a por via da lógica ao seu expoente mais básico. Assim, João Pedro estava num frenesim de contentamento por acompanhar Cristiane ao Rio de Janeiro, porém, teria bastado uma palavra de Clara para desistir da viagem ao Brasil e abalar para o Algarve. Confuso? Nem por isso. Para ele, Clara continuava a estar em primeiro lugar, mas era necessário ser pragmático, nenhum homem no seu perfeito juízo recusaria uma semana de férias pagas no Rio de Janeiro com Cristiane, a menos que tivesse uma proposta melhor. E nesta altura ele não tinha nada melhor para fazer. Clara não o queria por perto e João Pedro começava a habituar-se a viver noutra dimensão. Ali ia ele a voar para o Brasil e a sentir-se poderoso porque a mulher mais bonita que alguma vez conhecera, praticamente implorara que a acompanhasse.

Normalmente, a ideia de viver um sonho aplica-se quando uma pessoa concretiza uma aspiração antiga. No caso de João Pedro a situação era mais literal, ou, se quisermos, não se tratava de viver *um* sonho, mas viver *o* sonho. E, ainda por cima, ele nem sequer estava a concretizar nenhuma aspiração antiga. Nunca lhe passara pela cabeça que conseguisse captar a atenção de uma mulher com a beleza extraordinária de Cristiane, portanto nem pensava nisso. Mas tinha a sensação de que a vida lhe dera uma segunda oportunidade e, como desistira de tentar compreender como era possível protagonizar um sonho de forma tão real, tão palpável, sentia-se feliz e livre dos constrangimentos psicológicos do passado, sentia-se um homem novo, diferente, desinibido, capaz de cometer as maiores loucuras sem medo da censura social.

Continuou a beber alegremente o champanhe que Cristiane lhe foi servindo pressurosamente pela noite fora, bastante divertido e despreocupado.

João Pedro e Cristiane experienciavam, sem dúvida, a felicidade de se entenderem com perfeita harmonia. Não havia choques de personalidade, nem interesses incompatíveis, nem pequenas irritações, nem as zangas que levavam a ressentimentos duradouros e minavam as relações. Sentiam-se perfeitamente juntos, riam muito das piadas tontas que diziam, assim como escutavam com interesse e consideração a opinião um do outro. Mas, por mais intimidade que haja, cada pessoa é o reflexo da sua circunstância particular, tem o seu mundo interior, os seus pensamentos reservados. Enquanto João Pedro encarava a situação com grande liberdade de espírito e sem se preocupar excessivamente com o advento de Cristiane na sua vida, ela pensava muito seriamente no momento que estava a viver.

Concluídas as tarefas a bordo e apagadas as luzes, o avião adormecia embalado pela suave sustentabilidade de um céu limpo e estrelado. Aqui e ali, algumas vozes murmuradas ainda resistiam entre bocejos ao sono sugerido pela hora tardia e pelo som abafado e monótono das turbinas. O pessoal de bordo aproveitava esta fase do voo em que havia pouco trabalho para descansar. Só Cristiane, que tinha o seu

passageiro especial, continuava preocupada em tomar conta de João Pedro, empenhada em garantir que nada lhe faltasse. Foi ter com ele e ficou ali de pé no corredor a conversar durante alguns minutos.

— Estás cansada — notou João Pedro, vendo-a alternar o peso do corpo de uma perna para a outra.

— Um bocadinho — admitiu.

— Vai-te lá sentar, que daqui a pouco já tens estes chatos a chamar-te outra vez — abarcou com os olhos os passageiros em redor.

Cristiane teve uma expressão engraçada e encolheu os ombros.

— Ossos do ofício — disse.

Perguntou-lhe ainda se precisava de alguma coisa, João Pedro respondeu-lhe que não, que fosse descansar e não se preocupasse com ele.

Já sentada no seu lugar, Cristiane deu consigo suspensa num sorriso tolo, a pensar em João Pedro. Era a primeira vez em tantos anos de carreira que convidava alguém para a acompanhar numa viagem. Sentia-se surpreendentemente feliz, mas também confusa com a felicidade que ele lhe proporcionava, e questionava-se, perplexa, se seria aquilo o amor. Era tudo tão inesperado, envolvera-se muito depressa, sem o conhecer verdadeiramente, e não estava à espera de se apaixonar. Enfim, se é que se apaixonara mesmo, pois não fazia o seu género aplicar de ânimo leve a si própria a palavra *apaixonada*. Tentou lembrar-se quando fora a última vez, mas desistiu logo porque não lhe apetecia revisitar as recordações dolorosas dos fracassos de outrora. E tinha a certeza de que, por mais que se esforçasse por se lembrar, não encontraria no seu passado nenhum homem que a tivesse feito sentir o que estava a sentir agora. Teve vontade de dar uma gargalhadinha, mas não queria que a colega, que folheava uma revista ao seu lado, lhe pedisse explicações sobre aquela euforia que lhe fazia bem. Suspirou, não sabia se era paixão, mas pretendia dar uma oportunidade a esta relação. *Desta vez não vou estragar tudo por causa dos meus medos idiotas*, pensou. *Vou ser mais esperta e aproveitar a oportunidade.*

O Copacabana Palace era considerado o hotel mais requintado da cidade. Num desdobrável disponível nas suítes lia-se que fora inaugurado em 1923 e que se mantinha até aos dias hoje o mais tradicional entre os hotéis de luxo do Rio de Janeiro. O arquitecto Joseph Gire inspirara-se no Negresco, de Nice, e no Carlton, de Cannes, quando o projectara. Situava-se na Avenida Atlântica, numa frente privilegiada para a praia de Copacabana.

Quando ia em trabalho, Cristiane costumava ficar instalada noutra hotel, a expensas da companhia, igualmente confortável, mas uns bons furos abaixo do Copa. Desta vez decidira dispensar as acomodações a que tinha direito e gastar uma pequena fortuna para passar uma semana com João Pedro no hotel mais exclusivo do Brasil. Custar-lhe-ia o equivalente a vários meses de ordenado, mas ela não estava preocupada com o dinheiro. A herança que recebera do pai permitia-lhe algumas extravagâncias e, de qualquer modo, assim que o táxi os deixou à entrada do hotel, Cristiane teve a certeza de que não se arrependeria.

No átrio, despontou a súbita animação de um grupo de gente excitada que se cruzou com eles em direcção ao exterior do hotel, onde uma frota de limusinas os aguardava. Cristiane reconheceu de imediato, no centro do grupo, a superfamosa cantora Rihanna, e o funcionário que se ocupava do *check-in* informou-os, em jeito de discreta revelação, que a artista viera ao Rio de Janeiro para uma sessão de fotografias da revista *Vogue*. Rihanna saiu do hotel com o seu numeroso e barulhento séquito a atropelar-se para a cobrir de atenções e entrou muito depressa no carro que a esperava. Os assistentes correram para os restantes carros a gritar ordens uns aos outros e bateram com as portas. Rugiram os motores, a caravana arrancou por entre um turbilhão de *flashes* e gritos de admiradores excitados que aguardavam na rua a oportunidade de ter nem que fosse um vislumbre da cantora.

Cristiane e João Pedro observaram espantados o rebuliço lá fora, sem perceberem de onde tinham surgido aqueles *paparazzi* todos e os fãs entusiasmados, de cuja presença não se haviam apercebido ao chegar há pouco no táxi. Mas estas cenas eram muito comuns no Copacabana Palace, esclareceu o funcionário atrás do balcão, que exibia uma atitude extraordinariamente circunspecta de grande *gentleman*, como não querendo dar excessiva importância àqueles factos assombrosos que faziam parte da normalidade do hotel. Afinal, já passara pela sua recepção uma lista interminável de personagens mundiais. Mas logo traiu a sua indiferença estudada ao contar-lhes com uma pontinha de orgulho que, ainda recentemente, Justin Bieber fora expulso do hotel por ter feito estragos consideráveis numa das suítes do sexto andar, cujo acesso por elevador era condicionado por uma chave entregue aos hóspedes mais ilustres. Doutro modo, o elevador não funcionava.

Estas notícias inusitadas sobre as excentricidades dos hóspedes famosos que frequentavam o Copacabana Palace animaram sobremaneira Cristiane, que não

estava à espera de ter encontros excitantes com pessoas de outros planetas. Já João Pedro, absorveu estes acontecimentos mergulhado num silêncio pasmado, e sorria como um parvo, com muita perplexidade. E assim continuou, deslumbrado, enquanto dois funcionários os conduziam cheios de medidas numa visita guiada pela suíte que lhes estava reservada para os próximos dias. Cristiane escolhera uma das mais caras, com sala de estar e quarto, voltada para o mar.

Ficaram a sós na suíte. João Pedro apreciou em redor a mobília inglesa antiga. Na sala, toda em serenos verdes e amarelos, destacava-se o luxo confortável e sóbrio dos sofás de veludo que convidavam ao repouso. Não havia excessos de decoração na mesinha de centro envidraçada, na escrivaninha de madeira com os discretos entalhes da gaveta, ou nas bambinelas que ornavam as janelas com motivos florais estampados sobre um fundo branco.

Cristiane equilibrou-se numa perna para tirar um sapato, depois o outro, e foi deliciada até ao quarto, dando passinhos ágeis na macia alcatifa cor de mostarda, que condizia perfeitamente com o suave amarelo das paredes. Despiu o uniforme, que só voltaria a usar dentro de uma semana, regressou à sala e surpreendeu João Pedro, insinuando-se nua encostada à ombreira da porta, de mão na cintura.

— Vou tomar banho, que estou pegajosa — anunciou. — Depois, experimentamos a cama?

Foram à praia no outro lado da avenida, já a noite chegava com uma brisa premonitória a levantar-se. Fazia uma temperatura quase agradável lá fora, embora o céu estivesse de um cinzento impenetrável e severo, ameaçando derramar águas sobre a cidade turbulenta que já se ia iluminando naquele crepúsculo plúmbeo. Era Inverno no Brasil e, conquanto não descesse ao exagero das temperaturas do Inverno europeu, não estava tempo para banhos de sol e mergulhos.

Entraram descalços pelo morno e fino areal branco e andaram até se acharem em face do mar escurecido e rezingão, com as suas ondas quebradiças que vinham morrer de branco à praia vazia. Era romântico. João Pedro abraçou Cristiane por trás, cingindo-a pela cintura, beijou-a no pescoço. Ela inclinou a cabeça para o peito dele, fechou os olhos, sentiu-se feliz. Ele foi assaltado pelo pensamento indecente de que teria gostado de trazer Clara àquela praia.

Caminharam um pouco pela areia dura e húmida, à beira-mar. Ela ia de vestido vermelho, casaco de algodão vermelho, sandálias na mão, ele de calças de ganga arregaçadas até aos joelhos, camisa branca, camisola azul-escura, sapatos de vela na mão.

Cristiane planeava levá-lo a jantar ao CT Boucherie, um restaurantezinho bonito de carnes que lhe dava prazer, no Leblon, onde ia sempre, mas agora hesitavam, a sentir o quebranto da viagem. Ele mais do que ela, por falta de hábito, com o cérebro ainda zozó, meio perdido na confusão do *jet lag*.

O dia passara depressa. Apesar de o avião ter aterrado bastante cedo no aeroporto do Galeão, o aparelho ficara retido na placa quase quarenta e cinco minutos. Quando finalmente desembarcaram, João Pedro perdera muito tempo nas

formalidades de fronteira e a ver a bagagem dos outros passageiros a desfilar na passadeira rolante enquanto a sua mala ficava irritantemente para o fim. Cristiane passara ao lado da imensa fila dos passaportes com o resto da tripulação e ficara à espera dele lá fora. Com tudo isto, chegaram ao hotel já depois do meio-dia.

A tarde escoara-se sem darem por ela, fechados no quarto. Cristiane caíra em cima da cama enrolada na toalha de banho, estendera a mão para João Pedro a tentá-lo sem piedade, e ele deixara-se ir atrás de uma necessidade irreprimível de afastar aquela toalha que tapava precariamente o belo corpo dela. Mas Cristiane, decidida a infligir-lhe o doce sofrimento da expectativa, aferrou-se ao pano turco e obrigou-o a despir-se primeiro, o que ele fez sem demora. João Pedro atirou-se como um animal à sua presa, guiado pelo instinto, desejoso de a ter, perfeitamente satisfeito se tivesse só um sexo rude e sem romance. E teria levado a sua avante não fosse Cristiane sentir-se inspirada pela ocasião especial, pelo Brasil exótico, por aquele quarto cheio de pormenores de bom gosto, recheado de finos confortos. Ela não quis apressar o momento, não quis devorar mas saborear, quis demorar-se para experimentar todos os sentidos, enfim, quis fazer amor. Refreou-lhe o ímpeto com estratégias eróticas, obrigou-o a ficar quieto, deitado de costas, percorreu-lhe o corpo, provocando-lhe sensações voluptuosas, e quando por fim permitiu que ele a tivesse plenamente, afogaram-se um no outro, abraçados como sobreviventes, até soçobrem exauridos nos lençóis encharcados do amor suado. Fecharam os olhos um momento e só acordaram mais tarde, já o quarto caíra na penumbra.

Mas agora era o restaurante ou o hotel. Uma chuvinha miúda veio, enfim, resolver o impasse por eles. Ao longe, o Copa, um palácio magnificamente iluminado por cima da praia, chamava por eles. Decidiram que, nessa noite, só lhes apetecia os deliciosos luxos do hotel e adiaram para depois as carnes do Leblon. Em contrapartida, combinaram que teriam as suas noites desenfreadas e indecorosas nos dias seguintes.

Uma semana não chegava para conhecer os paraísos do Rio de Janeiro, mas o entusiasmo de Cristiane ao mostrar a cidade a João Pedro era transbordante. Logo ela, que fora visitando sozinha todos os cantinhos maravilhosos nas inúmeras viagens que lá fizera. Normalmente escolhia um ou dois locais de interesse, não mais, porque sabia que iria voltar e não queria esgotar as possibilidades de explorar os encantos do Rio. Mas era um prazer que fazia questão de guardar para si, nunca tivera a menor vontade de se deixar acompanhar nos seus passeios turísticos pela cidade e, se acontecia ter uma relação esporádica com algum colega que a entusiasmasse, ficava-se quase sempre pelas alternativas mais frívolas: as praias, os restaurantes, as discotecas. Os lugares encantadores pareciam-lhe territórios sagrados que não se permitia partilhar, onde gostava de ir só com a sua máquina fotográfica, os seus pensamentos elevados, os seus sonhos intransmissíveis.

A novidade era, portanto, este desejo extemporâneo de levar João Pedro a todos os sítios onde já estivera e chamar-lhe a atenção para os pormenores e tirar-lhe fotografias ou pedir a um turista ocasional para lhes tirar uma fotografia. Subiram ao Pão de Açúcar e ao Cristo Redentor, no morro do Corcovado, onde apreciaram, reverentes, as vistas largas; deram um abraço apaixonado na intimidade de um teleférico, abismados com o milagre do pôr-do-sol; passearam de mãos dadas pelos verdes opulentos do Jardim Botânico, por entre as palmeiras imperiais que subiam até ao céu, e descobriram os seus segredos, as estátuas da dança das mulheres nuas, os exóticos macacos Prego, a ponte vermelha do jardim japonês. Foram numa excursão à surpreendente favela de Santa Marta, no Botafogo, pacificada e renovada de cores berrantes; deliciaram-se com a areia fina das praias, de Copacabana a São Conrado.

Num desses dias cheios, almoçaram na esplanada da piscina que confinava com o campo de golfe no exclusivíssimo Clube da Gávea, onde só entraram por convite de um sócio amigo de Cristiane — os contactos influentes de Cristiane pareciam ser ilimitados — e ali ficaram algumas horas em paz, hipnotizados pela beleza transcendente das montanhas circundantes, a ver os praticantes de asa delta que saltavam do alto da Pedra Bonita e iam a planar sobre a densa mata atlântica até à praia.

— Esta cidade é o lugar mais próximo do paraíso que eu conheço — comentou Cristiane.

— Apetecia-me pintar estes morros — disse João Pedro, emocionado com as cores vivas das montanhas de um verde carregado, recortadas pelo azul do céu.

— Queres mudar-te para cá? — perguntou ela, inspirada na contemplação daquela perfeição natural que os esmagava, e pela terceira caipirinha bebida como se fosse um inocente granizado.

— Quero, quero um apartamento espaçoso com vista para o mar.

— E piscina no topo.

- Evidentemente.
- Pedes-me em casamento?
- Sim, casamos de branco na praia, ao pôr-do-sol.

Cristiane imaginou a cena, com um sorriso. Era fácil esquecer o resto da vida e fantasiar sem limites, rodeados daqueles luxos perenes, que, no entanto, não lhes pertenciam. Mas Cristiane sempre tivera acesso aos lugares mais sumptuosos do mundo sem precisar de dinheiro e não se deslumbrava facilmente. O que a surpreendia era a felicidade que sentia na companhia daquele homem singular. De vez em quando, ainda dava consigo a pensar que ele era praticamente um estranho, pois, há um mês, não sonhava que iria conhecê-lo, nem com os dias excessivos que iriam viver, as tardes devassas em sua casa, as sessões de pintura intercaladas com o sexo sem regras. Não podia imaginar que iria com ele ao Brasil e que, de repente, estaria sentada ao seu lado a olharem para as montanhas assombrosas a fantasiar sobre a hipótese de se mudarem para aquele país delicioso e casarem na praia. Cristiane nunca falara com nenhum homem sobre o casamento, nem a brincar! No entanto, ali estava ela a sugerir o impensável de outrora, suspensa de uma resposta positiva, nem que fosse só uma hipótese extravagante.

A tarde pusera-se quente e húmida. O calor, as roupas molhadas coladas ao corpo, a leve euforia das caipirinhas e a conversa íntima suscitaram em Cristiane pensamentos concupiscentes.

— Quero ir para o hotel — declarou.

João Pedro lançou-lhe um olhar de esguelha, desconfiado. Ela devolveu-lhe uma expressão desafiadora.

— Agora? — perguntou ele.

— Agora.

— Qual é a urgência?

— Quero que me leves para a cama e que faças amor comigo como se não houvesse amanhã.

Após um breve silêncio de incredulidade, João Pedro abriu-se num grande sorriso, como se tivesse ganho um prémio.

— Vamos! — disse.

Cristiane tinha estas saídas desconcertantes que ainda o deixavam atordoado, mas não deixou de notar a subtil mudança de atitude em relação a ele. Há poucos dias, em Lisboa, Cristiane ter-lhe-ia feito a mesma proposta escolhendo palavras bem mais cruas e directas que não incluíam, em definitivo, o termo *amor*. Ela substituíra o vernáculo ordinário e excitante, que implicava divertimento puro e descomprometido, por uma linguagem deliberadamente romântica, que sugeria um carinho apaixonado.

João Pedro apercebeu-se de que havia uma alteração de atitude em Cristiane desde que viajaram para o Brasil. A dedicação dela, a vontade de agradar, de fazer com que ele se sentisse feliz ao seu lado eram tais que chegava a ser um

entusiasmo um pouco asfixiante. Cristiane planeava os dias ao milímetro: primeiro iam aqui, a seguir ali, depois acolá, e os programas eram tão preenchidos que só permitiam um tempo limitado em cada lugar e, muitas vezes, tinham de se apressar para não falharem a visita seguinte, como se não estivessem de férias e houvesse a obrigação de cumprir um plano rigorosamente estabelecido. Numa ocasião, sentaram-se numa esplanada e João Pedro — que acabara de aprender a palavra *chope* — estava a adorar pedir chopes, uns a seguir aos outros, e não lhe apetecia fazer mais nada senão passar o resto da tarde ali a beber cerveja e à conversa, mas Cristiane começou a ficar impaciente com as horas, receosa de que já não fossem a tempo de apanhar o autocarro que os levaria numa excursão pela parte histórica da cidade. E ele a pensar, *quem é que quer saber do Rio histórico? Quero é tomar mais uns chopes!* O que seria excelente se Cristiane não fizesse muita questão em que conhecesse a Igreja da Candelária e o Palácio Tiradentes. De modo que, vendo-a ansiosa, não teve coragem de a decepcionar e lá se arrastou para o autocarro.

Não é que a criticasse pela dedicação militante, só não sabia o que pensar disso. Embora nunca tivessem conversado sobre eles ou admitido que o seu envolvimento era, efectivamente, uma relação amorosa, Cristiane comportava-se como se fossem namorados. Ela esforçava-se para se mostrar descontraída e não o pressionar com este assunto decisivo, talvez porque tivesse receio de o afugentar e esperasse que ele tomasse a iniciativa de verbalizar um sentimento mais profundo, porém, os dias das loucuras sexuais sem compromisso pareciam ter acabado e dir-se-ia que ela assumira a viagem ao Brasil como uma espécie de lua-de-mel.

Numa dessas noites, entraram num restaurante a uma hora tardia. Na realidade, tratava-se de um bar onde serviam refeições ligeiras e havia música ao vivo. Ficava ali perto do hotel e foi o único a que foram sem Cristiane conhecer, porque não tinham nada planeado. Decidiram ir ao acaso pela rua e descobrir um restaurante que lhes agradasse para jantar. Aquele chamou-lhes à atenção por parecer animado. Decidiram entrar para dar uma olhadela e perguntar se havia mesa. Não havia, estavam todas ocupadas. O empregado que os atendeu sugeriu-lhes que se sentassem ao balcão. Eles hesitaram, a pensar que talvez encontrassem outro restaurante onde pudessem ficar numa mesa. Seria mais cómodo. Mas o empregado insistiu, era muito prestável e derramava simpatia sobre eles com um sorriso aberto e uma vontade de os cativar desarmante. Sentiram-se reféns da simpatia do homem e acabaram por ficar. Porém, depois o serviço não foi tão bom como prometia. Alguns restaurantes brasileiros menos sofisticados tinham esta característica desconcertante: era-se recebido como um rei, e, depois de sentado, abandonado à sua sorte. João Pedro e Cristiane tiveram de batalhar para serem servidos, mas como estavam de férias e felizes não deixaram que o serviço desastroso lhes estragasse a boa disposição. De qualquer modo, não se comia mal e o ambiente tornou-se bastante divertido com o andar da noite. Quando a banda começou a tocar músicas brasileiras conhecidas, a sala irrompeu num coro festivo a acompanhar os músicos e eles alinharam com as suas vozes terríveis, mas empenhadas.

João Pedro fartou-se de beber e de cantar, desinibido como nunca. Foi pedindo caipirinhas para os dois, umas a seguir às outras, e riam-se sem parar dos disparates que diziam e que, na vertigem da cachaça, lhes pareciam muito mais cómicas do que provavelmente seriam. Cristiane levantou-se, «vou à casa de banho», disse. João Pedro ficou a vê-la afastar-se ao longo do balcão. Observou a sala em redor. A banda acabara a sua actuação e fora substituída pelo DJ de serviço. Ao fundo, as pessoas dançavam num espaço apertado para lá da zona das mesas. As vozes que se elevavam para se fazerem ouvir sobre a música alta, as luzes coloridas que piscavam freneticamente, todo aquele ambiente invadia-lhe a cabeça, dando-lhe a sensação de um carrossel. *Estou mesmo bêbado*, pensou, com um sorriso apalermado, achando muita graça a tudo.

— Não se pode ir a lado nenhum, que não se encontre um português — ouviu dizer atrás de si. Rodou no banco e lá estava ela! Pasmou. Era tal e qual como a sonhara: alourada, olhos azuis, nariz arrebitado, feições bonitas.

— É verdade — disse, passado o choque. — E você, como é que se chama?

— Carolina, mas chamam-me Carol — respondeu, debruçada sobre o balcão, com a cabeça deitada na palma da mão, cotovelo apoiado no tampo, olhando-o de lado, relaxada, provocadora.

— João Pedro — apresentou-se, estendendo-lhe a mão num jeito brincalhão.

— Prazer em conhecê-lo — disse ela, tornando-se séria, apertando-lhe a mão com formalidade, tudo a brincar.

— Igualmente — declarou ele, fazendo uma vénia acentuada com a cabeça.

Carol esticou-se sobre o balcão de braço estendido para chamar a atenção do empregado.

— Duas caipirinhas! — gritou, de sorriso rasgado. O homem assentiu, lá do fundo. Ela escorregou para trás, para a posição inicial. — A sua mulher tem sorte — afirmou.

— Não é minha mulher.

— Namorada?

Ele abanou a cabeça, como quem pesa a questão. Fez um sorriso enigmático. Ela também sorriu.

— *Okay*, o que quer que seja — disse.

— Tem sorte, porquê?

— Porque vocês divertem-se. Eu estou ali com o mono do meu namorado — apontou para uma mesa atrás com uma subtil indicação de cabeça. João Pedro olhou na direcção dos olhos dela e viu um tipo de cigarro entre os dedos, a observar as pessoas a dançar.

— Não parece muito divertido, não — concordou.

Carol encolheu os ombros.

— É um chato — queixou-se. — Está aborrecido, quer ir dormir, imagine-se. Está no Rio de Janeiro e quer ir para o hotel. — Fez uma cara de enjoada.

— O que é que eu estou a perder? — era Cristiane a espreitar por cima do ombro de João Pedro, agarrando-lhe o braço com sentido de posse. Ele afastou-se um pouco do balcão para lhe dar espaço e apresentou-lhe Carol.

— É a Carol, tuga como nós — disse. E depois para Carol: — é a Cristiane, tuga como nós. — Riu-se da sua própria piada.

Carol atirou para o lado um *olá* jovial. Estava novamente estendida sobre o balcão, de braços esticados, a receber as bebidas que o empregado lhe entregava.

— Estou ali numa mesa com o meu namorado — disse. — Querem ir para lá? É mais confortável e podemos conversar.

— Queres? — perguntou João Pedro.

— Pode ser — concordou Cristiane, depois de uma breve indecisão, mais tranquila com a referência ao namorado.

— Venham! — gritou Carol sobrepondo-se à música, já a afastar-se na direcção da mesa.

— Quem é esta? — quis saber Cristiane.

Ele encolheu os ombros, sorriu.

— É a Carol.

— Tua amiga?

— Não, nunca a tinha visto. Mas é tuga — abriu os braços em sinal de inevitabilidade.

— Não te posso largar um minuto? — repreendeu-o em tom amistoso.

E ele, fazendo-se inocente:

— Eu não me mexi daqui.

— Pois, está bem.

Foram para a mesa. Carol apresentou-lhes o namorado, cujo nome João Pedro e Cristiane não retiveram. Miguel? Paulo? Qualquer coisa assim. Não quiseram saber. De qualquer modo, o namorado estava ensonado e aborrecido e assim permaneceu, nada entusiasmado com a presença deles. Carol revelou-se uma daquelas pessoas desinibidas, com tendência para dominar as conversas, que falam, falam, falam, sem dar muitas oportunidades aos outros. Mas era animada. Perguntou-lhes o que faziam e mostrou-se encantada quando soube que Cristiane era hospedeira de bordo e João Pedro pintor. Dali a pouco já se tratavam todos por *tu* e mandavam vir mais uma rodada de caipirinhas.

— E tu? — perguntou João Pedro. — O que fazes?

— Sou fotógrafa.

— Eu adoro fotografia! — exclamou Cristiane.

Carol não revelou a profissão de Miguel? Paulo? e ninguém quis saber, mas, das poucas vezes que ele abriu a boca afectado por um grande pedantismo, perceberam que era CEO de uma empresa qualquer. Disse assim mesmo, usando o acróimo, levemente entediado, muito cheio de si próprio. João Pedro e Cristiane não reconheceram o nome da empresa e também não se interessaram o suficiente para indagar a que se dedicava. Mas nos dias seguintes, o CEO Miguel? Paulo? haveria de ser motivo de galhofa entre os dois e tornar-se uma daquelas piadas particulares que marcam uma viagem, porque haveriam de se trata por CEO de tudo e mais alguma coisa a imitar o ar pretensioso do namorado de Carol.

Não voltaram a encontrá-los. João Pedro ficara com o cartão de visita que Carol lhe entregara ao fim da noite e ainda sugerira que combinassem um jantar. Mas Cristiane não estava para aí virada. Bem vira como João Pedro rejubilara com a outra e queria distância. Dispensava mais uma noite a vê-lo fazer figura de parvo a beber as palavras de Carol e a rir-se desalmadamente das suas piadolas. Ficou furiosa, apeteceu-lhe regurgitar sobre ele um ou dois comentários ácidos acerca disso, dizer-lhe o que pensava de homens-tolos-que-se-babavam-em-cima-de-mulheres-fáceis-que-se-atiravam-descaradamente-a-desconhecidos-na-presença-dos-respectivos-namorados. Mas engoliu a fúria, determinada a não estragar o ambiente entre eles. Preferiu ignorar o assunto e fingir que não se sentia minimamente afectada. Adoptou uma atitude de superioridade. Afinal, não tinham nenhum compromisso, certo? O que é que lhe interessava?

Quando saíram do restaurante não disse nada, apesar de ressentida, e ainda bem que não disse porque, no dia seguinte, depois de dar um mergulho revigorante na piscina do hotel, reconsiderou a sua fúria. Deitada numa espreguiçadeira a aproveitar o sol matutino antes de as nuvens fecharem o céu, pesou o seu incómodo já de espírito desanuviado e pensou que talvez tivesse dado demasiada

importância ao assunto.

Observou de esguelha, por detrás dos óculos de sol, João Pedro adormecido na espreguiçadeira à sua direita. Tinham tomado o pequeno-almoço no restaurante do hotel e ele revelara-se tão afável e atencioso como nos dias anteriores. Comentara vagamente que achara Carol simpática e o CEO uma besta. Ela concordara e ainda se riram um bocado à custa do circunspecto namorado de Carol. Mas mais nada, os olhos de João Pedro não brilharam ao referir-se a Carol, nem demonstrou particular interesse em falar dela. Sentiam-se ressecados e lentos, sem coragem para grandes passeios, por isso, decidiram passar a manhã na piscina.

Ponderando agora os acontecimentos da noite passada, Cristiane teve em consideração que João Pedro já havia bebido muito quando Carol lhe surgira à frente e, pensando bem, tivera o comportamento típico de outro homem qualquer: divertira-se com ela, um pouco ingenuamente, e nem pensara que pudesse ofender Cristiane. Certo, tinha sido um bocado insensível e egoísta, mas, mais uma vez, não eram todos assim? Suspirou, resignada a esta característica pueril dos homens. Perguntou-se como teria ele reagido se fosse ao contrário, ela a divertir-se com o CEO, ou outro qualquer. Teria ficado mortalmente ofendido na sua masculinidade, evidentemente.

Sem se dar conta, Cristiane estava à procura de argumentos para o desculpar, porque ele era diferente e ela não queria ter razões para o afastar. João Pedro voltara a surpreendê-la, os homens que saíam consigo costumavam sentir-se suficientemente felizes e orgulhosos com a sua companhia e não ligavam às outras mulheres. Mas João Pedro tinha aquela atitude descontraída, aquele ar distraído, algo distante, sempre com a cabeça nas nuvens. Era encantador, mas pouco empenhado, como se não se importasse muito se a perdesse. E Cristiane, perplexa, pensava que nunca lhe tinha acontecido nada semelhante.

Quer se queira, quer não, a vida é dominada pelos interesses. Poderá ser uma perspectiva algo cínica de ver as relações humanas, mas a realidade é, quase sempre, mais simples do que pretendemos fazer dela. E os interesses, desde que mútuos, aproximam-nos. Senão, vejamos: os homens que saíam com Cristiane interessavam-se por ela por ser tão bonita que era para eles um autêntico deleite serem vistos na sua companhia. Não estavam apaixonados por ela, pois Cristiane não lhes dava tempo. Em geral, estragava tudo antes de alcançarem esse estágio da relação. Ela também tinha o seu interesse, não pretendia uma relação estável e duradoura, mas precisava deles para não se sentir sozinha. Gostava de ter companhia para ir jantar fora, ou ao cinema, ou a uma festa, embora soubesse que, para muitos, ela representava uma espécie de troféu que adoravam exibir aos seus pares como símbolo de virilidade, e isso irritava-a sobremaneira.

Certa vez, abandonara um tipo estupidamente rico a meio da noite, depois de ele parar o *Ferrari* à porta de uma discoteca da moda no Algarve, entregar a chave do carro e uma nota alta ao porteiro e entrar por ali adentro com modos ostensivos.

Cristiane percebera que o idiota estava a armar-se em bom perante as pessoas conhecidas e que ela e o *Ferrari* faziam parte da encenação, tal como a mesa reservada na esplanada ajardinada da discoteca e a garrafa de *Moet & Chandon* que já esperava no balde de gelo. Este tipo não a respeitava, atreveu-se a dizer, sonoramente, aos amigos que se encontravam na sua mesa: «Esta gaja é boa ou não é? Material deste não arranjam vocês!» Deu-lhe uma palmada na coxa, como faria a uma vaca de raça nobre, e estalou a língua num modo teatral para sublinhar a qualidade do *material*.

É verdade que Cristiane saía geralmente com homens bem-sucedidos e apreciava os *Ferraris* e os melhores restaurantes, e gostava de não se preocupar com o dinheiro, a ponto de deixar a carteira em casa porque ocupava muito espaço na sua *clutch Chanel* que combinava com o ousado vestido *Valentino*. No entanto, não admitia que a desconsiderassem. O palerma rico pensava que, como pagava as contas, tinha direitos de propriedade e permitia-se tratá-la como um animalejo amestrado. Mas foi brutal com ela, extremamente ofensivo. Os amigos ficaram incomodados e até as mulheres presentes, que lidavam mal com a companhia deslumbrante de Cristiane por se sentirem insignificantes ao seu lado, o admoestaram de sorriso amarelo e protesto brando, por solidariedade feminina. Porém, a dignidade, a educação e a inteligência de Cristiane eram notoriamente superiores à boçalidade abjecta do tipo do *Ferrari*. Muito serena, levantou-se do seu lugar, agarrou na garrafa de *Moet & Chandon*, verteu com elegância o champanhe sobre o parvalhão. Um segundo antes, ao vê-la tomar a garrafa entre mãos e colocar o guardanapo de pano no braço, imitando a rigor uma empregada escrupulosa, ele deu-se ares de fidalgo e estendeu a *flûte* para ela o servir obedientemente. Cristiane sorriu, cheia de amabilidades, encheu a *flûte* e continuou a verter o champanhe até transbordar e esvaziar o resto da garrafa em cima dele. Apanhado de surpresa, o falso fidalgo esperneou, gritou, ficou histérico, mas encolheu-se cobardemente quando, acto contínuo, ela lhe despejou o balde de gelo em cima e, num derradeiro gesto de desprezo, atirou-lho à cabeça.

Ao afastar-se da mesa de queixo erguido, ainda ouviu uma salva de palmas das pessoas em redor, que tinham assistido à cena, deliciosas com a humilhação do tipo do *Ferrari*. Nem os amigos dele foram capazes de se conter e explodiram em gargalhadas de desassombro.

Fora, um rodopio de gente chegava e acumulava-se à porta da discoteca. Não havia táxi mas, se houvesse, ela não teria dinheiro para o pagar. Não se atrapalhou. Teve uma inspiração, lembrou-se que poderia esmagar ainda mais o vermezinho se lhe levasse o adorado *Ferrari*. Dirigiu-se ao porteiro, pediu-lhe a chave do carro. «Esqueci-me do batom», disse, fazendo aquela cara gira de menina despassarada, que não falhava nunca.

Deu à chave, o motor ronronou os seus cavalos. O porteiro, alarmado, veio a correr para a impedir de levar o carro. Cristiane trancou as portas e engrenou a

marcha atrás. O *Ferrari* saltou do passeio com estrondo ao recuar com uma guinada rápida para a direita. A mão procurou a primeira, a mudança arranhou ao entrar, o motor soluçou, ela carregou com força no acelerador, o carro ganhou fôlego e voou dali para fora. O porteiro, estupefacto, ainda a viu erguer um dedo médio no ar antes de chegar ao fim do parque de estacionamento, virar à esquerda num frémito de pneus forçados e desaparecer na estrada principal.

João Pedro não podia saber qual era o interesse que Cristiane tinha por ele quando a conheceu, ou sequer se ela tinha algum interesse. Ela não lhe dissera «fica comigo para me ajudares a ultrapassar a morte do meu pai», nem lhe explicara que o escolhia porque o pai lhe dissera que o admirava como pintor. João Pedro não imaginava que Cristiane se culpava por ter mantido uma relação distante com o pai nos últimos anos, e que se agarrara à ténue ligação que descobrira haver entre eles. Claro que o comportamento dela não passava de um mero expediente psicológico, um reflexo da ânsia de se redimir, de compensar a injustiça que lhe fizera em vida, procurando honrar a sua memória, nem que fosse pela partilha dos mesmos interesses — neste caso, o gosto pela pintura de João Pedro. Instintivamente, Cristiane percebera que os interesses comuns aproximavam as pessoas, e ela desejava tanto reparar o irreparável.

De qualquer modo, Cristiane ultrapassara essa fase e, agora que conhecia melhor João Pedro, sentia que gostava dele, sinceramente. Era cedo para dizer se se apaixonara, a paixão, o amor, eram sentimentos profundos que ela afastara do seu espírito durante demasiado tempo com uma determinação absurda. Mas, sim, já admitia para si própria que ele a fazia feliz.

Qual era então o interesse de João Pedro por Cristiane? João Pedro estava a descobrir a vida pela primeira vez, ou, se preferirmos, a atrever-se a viver sem receios. Também ele encontrara o seu expediente psicológico para ultrapassar o bloqueio que o impedia de usufruir plenamente da sua autonomia de homem livre. Era algo que João Pedro nunca concebera. Não obstante ter atravessado fases fundamentais da vida de um homem — terminara os estudos, casara-se, tivera filhos —, algures no seu mais remoto passado houvera algo que se quebrara e não voltara a sarar. Em consequência, reagira defensivamente fechando-se para a sociedade. Antes, ele não vivia mesmo neste mundo, ele ficava em casa a ver o mundo pela televisão. Mas, agora, transformara-se. Assim como Cristiane queria arriscar-se a amar, João Pedro arriscava-se a viver sem continuar a intimidar-se com o mundo. Ela já vivera tudo, mas recusara sempre o amor; ele já amara muito, mas nunca se arriscara a sair do ambiente controlado que era o casulo familiar, o centro do seu amor.

Por coincidência, tinha acontecido aos dois a mesma experiência traumática de se desfazerem os nós das ligações familiares de cada um. Experiência essa que Cristiane padecera com o pesar do luto e João Pedro preferira rodear cautelosamente, como lhe era peculiar. Para não enfrentar o desgosto de perder Clara, ele enveredara por uma fantasia extraordinária que agora vivia na plenitude e em grande euforia.

Portanto, o interesse de João Pedro por Cristiane não era assim muito diferente do que ela sentia por ele. João Pedro precisava da ajuda de Cristiane para viver o seu sonho libertador. Mas nenhum deles pensava no outro nestes termos, evidentemente, em especial João Pedro, que estava tão fora da realidade que acreditava ter embarcado num destino movido por rodas fantásticas. Mas o problema de uma pessoa entrar numa odisseia de faz de conta é que ia por aí fora sem travões, e o seu comportamento tendia a ser tão volúvel que se tornava impossível de prever como é que acabava.

Deitado na espreguiçadeira de olhos fechados, João Pedro não dormia realmente, apenas fingia que passava pelas brasas para não ter de conversar com Cristiane. Ali por perto, duas crianças brincavam ao redor da piscina e os seus gritinhos alegres entravam como música de fundo pelos ouvidos de João Pedro que, naquele momento, tinha o espírito ocupado com a imagem de Carol. Recordava a noite passada. A abordagem dela fora uma surpresa total, mas hoje, pensando mais a frio, parecia-lhe natural que se tivessem encontrado. Só não esperava que acontecesse no Brasil.

Não havia dia em que não acudisse ao espírito o sonho que lhe mudara a vida e lembrava-se bem de que nessa noite providencial sonhara com duas mulheres. E, se uma era Cristiane, a outra era, indubitavelmente, Carol! Bastara-lhe olhar para ela um segundo para ter a certeza absoluta. Era ela, sem tirar nem pôr. Qualquer

peessoa no seu estado normal teria pensado duas vezes, ou nem sequer teria ligado a cara ao sonho, mas João Pedro estava capaz de apostar todo o seu dinheiro de olhos fechados. Para ele, não havia dúvida metódica que atrapalhasse esta verdade absoluta. Na noite anterior, já estava bastante bêbado, pois sim; o bar era uma confusão de luzes e música alta, pois era; sentado no banco alto ao balcão, tinha a sensação de que a sala se movia, baloiçando como um navio a navegar em mar aberto, absolutamente! E no entanto, nada disso o demoveu da convicção de que Carol era a segunda mulher do seu sonho. E hoje estava ainda mais convencido. O sonho de João Pedro tornara-se uma questão de fé, um dogma. Ele acreditava!

Achava Carol fantástica, cheia de energia, uma fera! Ficara encantado com ela, era quase uma fatalidade conhecê-la melhor. De resto, pensou, não dependia de si, estava destinado a conhecê-la melhor, tal como acontecera com Cristiane. A sua alma sorriu, congeminou planos. No Rio de Janeiro não teria oportunidade de privar com ela, provavelmente nem voltaria a vê-la, mas em Lisboa não faltariam oportunidades.

Bem vira a disponibilidade de Carol para falar com ele, para saber coisas dele, era só olhos para ele! A determinada altura da noite, parecia que só existiam os dois. O namorado de Carol apagara-se numa indiferença obstinada, enquanto Cristiane se esforçava para acompanhar a conversa, as parvoíces que diziam, as gargalhadas que davam, mas eles os dois estavam imparáveis. Havia ali uma química, uma ligação poderosa, pensou. Depois teve um rebate de consciência, era preciso não magoar Cristiane, ela não merecia. Não, definitivamente, haveria muito tempo em Lisboa.

O dia tornou-se apático ao início da tarde. As nuvens deprimiram o céu com uma cor cinzenta, pesada, caiu uma chuvinha morna. Recolheram ao quarto, tomaram banho, vestiram-se, desceram e almoçaram no Pér gula, o restaurante do hotel com vista para a piscina. Uma extravagância, mas Cristiane insistiu, apesar de João Pedro ter esboçado uma preocupação.

— Estás a gastar tanto dinheiro...

Ela sorriu, encolheu os ombros.

— Que se lixe — disse. — Não se vem para o Copacabana contar os tostões.

João Pedro riu-se.

— Seja!

— Além disso — acrescentou, segurando-lhe a mão sobre a mesa —, és o meu pintor preferido e só quero o melhor para ti.

— Não conheces mais nenhum — brincou ele.

— Isso é o que tu julgas. Comprei muitos quadros a um pintor que pintava na rua da minha antiga casa. Ou achavas que tinhas sido o primeiro a fazer um retrato meu?

— Não me digas!!

— Digo, digo.

— Fui enganado...

Cristiane fez-se triunfante. João Pedro lembrou-se das orgias artísticas que tinham sido aqueles dias em casa dela.

— Mas, pelo menos, esse génio de rua não te pintou como eu te pinteí, pois não?

— Não, isso não!

— Ah! Fico mais descansado.

Cristiane tinha recuperado a boa disposição. Queria beber vinho, reclamava um vinho branco de qualidade e extremamente caro! Partiam no dia seguinte e era necessário celebrar aquela semana no Rio. João Pedro concordou, divertido com o capricho dissipador que a fazia feliz. Viu-a assim radiante e, por momentos, sentiu-se uma besta. Cristiane gastava uma fortuna para lhe proporcionar umas férias perfeitas e ele passara a manhã a pensar em Carol. Era miserável! Não a merecia. A partir de agora, decidiu, nem um pensamento para Carol, dedicação total a Cristiane.

Acabaram de almoçar quase às três. Cristiane rubricou a conta com um traço distraído e propôs que fossem às compras o resto da tarde.

— Temos de ir ver lojas antes de nos irmos embora.

João Pedro fingiu-se entediado com a ideia.

— Anda lá, vais adorar. O Rio tem lojas fantásticas e faz parte, é cultura, ninguém vem a esta cidade sem conhecer as lojas.

— Ah, se é cultura está bem.

— É, é muito cultural.

— Então, se é obrigatório...

— Isso — disse ela, divertida. — Vou fazer uma orgia de compras! — anunciou.

Foram de táxi ao Shopping Leblon, onde vaguearam longamente pelos corredores, de loja em loja, vendo tudo sem pressa. Cristiane, muito entusiasmada, ia acumulando sacos que João Pedro carregava cheio de bonomia. Ele não comprou nada, não era a melhor altura para se meter em despesas e não queria que Cristiane gastasse mais dinheiro com ele, mas ela sentia-se generosa e ansiosa por partilhar a sua felicidade. Ofereceu-lhe um belíssimo relógio de marca que teve de o obrigar a aceitar.

— É para te lembrares de mim sempre que vires as horas — disse, sem querer saber dos protestos dele.

Era mais do que um presente, pensou João Pedro, era uma declaração de amor.

Deixaram o hotel bem cedo, no dia seguinte. Cristiane voltou a vestir o uniforme de hospedeira de bordo e João Pedro pensou que regressavam à vida real. Bem, real tanto quanto ele concebia a realidade por aqueles dias.

Foi um momento estranho, temperado por um embaraço súbito, inesperado. Tinham acabado de deixar o táxi e Cristiane pagou a derradeira conta daquela viagem inesquecível. Tiraram as malas do porta-bagagens, entraram no prédio e ficaram ali a olhar um para o outro sem saberem muito bem o que fazer. Deviam ir para o apartamento dela, para o dele, ou cada um para o seu? Era uma situação que não tinham ponderado. À primeira vista, parecia não se tratar de uma questão muito importante, poderia ir cada um para o seu e, mais tarde, voltariam a reunir-se no dela, no dele, não interessava. Contudo, Cristiane sentiu que estavam perante uma decisão simbólica, que, de alguma forma, marcaria o futuro deles. Ou bem que eram um casal a chegar a casa e entravam no mesmo apartamento; ou bem que não passavam de dois amigos — namorados? — a regressar de uma excelente viagem e a dúvida nem se punha.

Não era, realmente, uma opção decisiva, e, se não fosse pelo simbolismo, não teria importância nenhuma. Cristiane prolongou o momento, fingindo que vasculhava a carteira à procura da chave da porta — e uma mulher podia demorar uma eternidade a encontrar fosse o que fosse dentro da sua carteira — para deixar João Pedro decidir-se. Ela não se importava nada que ele quisesse ir a casa largar a mala, tomar um banho, abrir as janelas para arejar o apartamento, enfim, que fosse fazer o que quisesse, mas o que desejava mesmo era que, primeiro, João Pedro entrasse consigo no seu apartamento. Poderia ficar só cinco ou dez minutos e depois anunciar muito naturalmente que ia ver se estava tudo em ordem lá por casa. Pronto, era isto, ele dava-lhe um sinal e ia à sua vida, e Cristiane ficaria descansada e feliz da vida porque João Pedro lhe dera a entender, claramente, que, no que de si dependesse, a história deles não acabava ali. Simples, não? Nem por isso.

João Pedro estava mortinho por voltar a casa e, como é evidente, não tinha a menor vontade de ir para a dela — de *ir para*, e não *entrar na*, porque, na cabeça dele, era disso que se tratava. Compreendeu que Cristiane adoraria se preferisse ir com ela, mas não percebeu que bastava ficar apenas uns minutos e estava despachado, nem pensou que entrar alguns minutos fosse como uma declaração de amor. Ou seja, João Pedro avaliou a situação de uma forma prática: *Ela gostava que eu fosse para sua casa, mas eu vou é para a minha e apareço mais tarde, ou digo-lhe que venha ter comigo.*

— Vou deixar as coisas em casa e tomar um banho — disse. — Vemo-nos mais tarde?

— Sim, claro — respondeu Cristiane, disfarçando na perfeição o desapontamento. A chave surgiu, como que por magia, na mão dela. Antes de entrar, virou-se para trás e atirou-lhe um beijo por cima do ombro.

Mas não se viram mais nesse dia, porque João Pedro tomou um duche, caiu na cama enrolado na toalha e adormeceu quase instantaneamente. Quando acordou, telefonou a Cristiane, que, entretanto, desistira de esperar por ele para jantar e fora deitar-se só com um chá e uma torrada para enganar a fome.

— Adormeci — explicou ele. — Também já estavas a dormir?

— Já — respondeu-lhe com voz de sono. — A gente vê-se amanhã.

— Combinado. Dorme bem — disse, aliviado por não ter de se vestir para ir ter com ela.

Falaram-se novamente ao telefone no dia seguinte, era quase meio-dia. João Pedro ligou-lhe, já vestido, depois de tomar banho, enquanto comia um iogurte na cozinha. Na noite anterior, deitara a cabeça na almofada a pensar em fechar os olhos só por um bocadinho, para recuperar do voo, e, afinal, dormira até de manhã. Nem se apercebera do cansaço acumulado após uma semana esgotante. Mas, realmente, tinham estado sempre tão activos, de dia, a percorrerem o Rio de uma ponta à outra e, de noite, a divertirem-se nos restaurantes, nos bares, nas discotecas. E, entre os passeios turísticos e a vida nocturna, sobrara-lhes pouco tempo para o sono. Mas hoje sentia-se lindamente. Apanhou Cristiane já na rua.

— Então, dorminhoco?

— Onde andas?

— Fui às compras, ao supermercado. Não tinha nada em casa.

— Mas, tu não morres de sono?

— Sabes como é, estou habituada às viagens.

— Pois, eu não. Dormi umas doze horas seguidas.

— Eu percebi. Devias estar cansado.

— Estava de rastos.

Almoçaram juntos. Cristiane bateu-lhe à porta quando chegou e foram para casa dela. Ao entrar na sala, João Pedro teve um choque.

— Eu tive a mesma reacção — confessou ela, ao vê-lo mudo, a contemplar os quadros, enormes, todos alinhados contra a parede. Era uma exposição impressionante.

Não é que não se lembrasse do que pintara, mas o distanciamento conseguia fazer maravilhas quando se tratava de avaliar o próprio trabalho e, naqueles dias vertiginosos, João Pedro deixara-se ir com a corrente, pintando quase por instinto, numa orgia criativa que envolvera uma mistura inebriante de sexo desregrado, álcool e drogas. No final, partira para o Rio de Janeiro com a sensação de que estivera sempre meio anesthesiado, a caminhar nas nuvens, e que se divertira muito, mas talvez não tivesse pintado nada de jeito. Por isso, vendo agora os quadros com o espírito desanuviado, completamente sóbrio, a surpresa foi total. Tinha ali uma colecção de quadros de uma intensidade tremenda. As cores, o traço seguro, as cenas retratadas, de uma crueza de cariz sexual brutal, eram de tirar o fôlego a qualquer um. O primeiro impacto era chocante, não havia outra palavra para o descrever, aqueles quadros perturbavam pela luxúria provocadora e completamente

amoral que ostentavam. Mas a genuinidade e a qualidade ultrapassavam tudo o que João Pedro já pintara em mais de uma década de dedicação incondicional aos pincéis.

Sentou-se no chão a observar cuidadosamente a sua obra, sem ouvir uma palavra do que Cristiane dizia, extasiado, como se atingido por um raio. Aquilo era tão diferente e tão bom que precisou de uns minutos para se recompor do espanto. Tinha descoberto um novo caminho, pensou.

Já não falava com o *marchand* há meses e suspeitava que André estivesse mais interessado em esquecê-lo do que em conversar. Afinal de contas, a relação com João Pedro sempre fora demasiado complicada e não compensava os resultados que obtinha com a venda dos seus quadros. Mas André não sabia que João Pedro estava diferente e a prova dessa transformação foi precisamente a conversa telefónica um pouco surreal que tiveram. Surreal porque o tipo enérgico e determinado que lhe telefonou não se parecia em nada com o João Pedro mole e acanhado que ele conhecia.

— Tenho uma nova colecção de quadros — anunciou João Pedro, radiante como um miúdo desejoso de partilhar o seu entusiasmo.

— Tens estado a trabalhar?

— Não, tenho estado no Rio de Janeiro. Pintei-os antes da viagem.

— Rio de Janeiro, hem?

— Exacto. Uma semana.

— Supimpa — ironizou.

— André, tens de ver o que pinte!

— Vejo, claro — concedeu. — Quando é que queres vir cá?

— Não, não, não quero ir aí. Tens de vir tu cá para veres a colecção inteira.

— João Pedro, eu estou a preparar duas exposições, não tenho tempo nem para me coçar.

— André, não estás a perceber, isto é fa-bu-lo-so!

— Ah, é?

— É, nunca viste nada assim.

— Não são marinhas?

— Nada de marinhas.

— Então, o que pintaste?

— Retratos.

— Retratos?

— Sim, mas não dá para explicar. Tens de vir cá vê-los.

O *marchand* fez uma pausa, claramente a pensar no que dizer para se livrar dele. *Que seca*, pensou, João Pedro estava cansado de saber que não visitava os artistas, eles é que iam à galeria mostrar-lhe o trabalho.

— Neste momento, não tenho hipótese nenhuma — disse.

João Pedro começou a irritar-se com a atitude enfasiada do *marchand*.

— Não tens hipótese nenhuma, uma porra!

— Como?

— André, não estás a ouvir-me. Tenho aqui uma colecção de quadros absolutamente espectacular.

— Tu é que não estás a ouvir-me. Estou cheio de trabalho, portanto, se queres que veja o que pintaste, tens de trazer-me um ou dois quadros.

João Pedro replicou-lhe e a sua voz foi em crescendo, até acabar aos gritos.

— Não posso ir aí, porque são telas muito grandes. São oito retratos e tens de os ver todos juntos. É uma colecção, percebes? Tem de ser apreciada no seu conjunto, e não te vou levar uma amostra, não são tapetes, são quadros! E, se não vieres hoje mesmo, telefono a outros galeristas e garanto-te que vais arrepender-te para o resto da vida se me perderes para a concorrência. Por isso, deixa-te de merdas e vem para cá já!

André não queria acreditar no que acabara de ouvir. João Pedro a gritar e a praguejar era uma novidade. Ficou incomodado, mas também curioso.

— Tu não me disseste que só pintavas marinhas? Que não querias pintar mais nada?

— Disse, mas mudei de ideias. Foda-se, André, vens ou não vens?

— *Okay, okay*, tem calma, eu vou.

— Ótimo. Estou à tua espera. Ah! mais uma coisa...

— Sim?

— Quando chegares, não toques para a minha casa, toca para o direito.

André chegou mais depressa do que João Pedro esperara. Foi o tempo de largar tudo e apanhar um táxi. O *marchand* era como um perdigueiro com faro para a caça, se lhe cheirava a negócio, ninguém o parava. Entrou na sala a dizer:

— Confesso que fiquei curioso com... o que... tu... — emudeceu. João Pedro vigiou-o, expectante, pendurado num sorriso nervoso, ansioso pela aprovação do *expert*. Sabia o que tinha ali, mas era juiz em causa própria e precisava muito da confirmação de um especialista.

André estacou defronte das telas, surpreendido.

— Meniiiiino, o que é iiisto?!

Observou atentamente o conjunto, depois, tirou do bolso os óculos de ver ao perto, aproximou-se, viu as telas, uma a uma, ao pormenor, com olho clínico, como se estivesse a farejá-las. E ia soltando interjeições de aprovação. «Temos obra», dizia, «temos obra, sim, senhor.» João Pedro ria-se, aliviado. Parecia que o estava a ver, no seu sonho, pequenino, a saltitar à frente das telas, dando gritinhos, muito excitado.

— Brilhante! — exclamou.

— Então, qual é o veredicto?

André desviou os olhos das telas por um momento e voltou-se para João Pedro, intrigado.

— Foste tu que pintaste isto?

E João Pedro, espantado com a pergunta, lançou um olhar incrédulo a Cristiane, como que a pedir o seu testemunho. Ela deu dois passos em frente, parou ao lado de André, cruzou os braços, observou-se nas telas, disse:

— Eu não deixaria que mais ninguém me pintasse desta maneira.

— Claro que fui eu que pintei isto — afirmou João Pedro.

— Tu nunca pintaste nada assim...

— Pois não. Eu disse-te, ao telefone.

— Isto é extraordinário — declarou André, extasiado. — Isto é revolucionário!

— Achas mesmo?

— Se acho mesmo? Menino — apontou um dedo assertivo para as telas —, isto vai fazer de ti uma estrela mundial! Vão falar de ti daqui até à China!

João Pedro riu-se. Cristiane estava divertida com os modos afectados de André, muito composto num fato de linho branco, lenço florido no bolso do peito, camisa às riscas brancas e azul-claras, sapatos azuis, de atacadores. O tipo era uma personagem, pensou. Naquela fatiota tropical, bem que podia ter vindo com eles do Rio de Janeiro. Era baixo, mas a sua presença enchia uma sala.

— Já posso ir buscar o champanhe? — perguntou.

E André, satisfeitíssimo, beijou-lhe a mão com a cerimónia de um *gentleman* que sabia reconhecer uma mulher educada.

— Excelente ideia, o champanhe — concordou.

— Então, lá vou eu — disse ela. Recolheu a mão com um gesto exagerado de diva, foi à cozinha.

— Minha senhora...

Cristiane voltou-se.

— Sim?

— Deixe que lhe diga que é lindíssima. Aqui o João Pedro não poderia ter arranjado uma modelo mais bonita e mais fotogénica para retratar.

— Eu sei — respondeu ela. Saiu da sala, foi tirar a garrafa de champanhe do frigorífico.

André olhou em redor, a sala quase vazia, a cama de bambu, as telas encostadas à parede, compreendeu que tinha sido ali que João Pedro montara o seu cenário.

— Que grande surpresa, meu rapaz. Não estava à espera de uma destas.

João Pedro cofiou a barba, todo contente.

— Fazemos uma exposição? — perguntou.

— Claro que fazemos uma exposição! Mas, desta vez, tens de colaborar comigo.

Ele atirou os braços ao ar, de mãos abertas.

— O que tu quiseses — disse.

André abanou a cabeça, teve um sorriso de estupefacção.

— Que grande mudança. O que é que te aconteceu?

Ele encolheu os ombros.

— Tive um sonho — disse.

Foi enviado um transporte adequado a casa de Cristiane para levar as telas à galeria. André declarou solenemente que as outras exposições em que andava empenhado passavam para segundo plano. Doravante, só lhe interessava montar um *happening* memorável com as obras de João Pedro, algo que desse que falar, que mexesse com a cidade! André era excessivo por natureza e, quando tinha matéria-prima para dar asas à imaginação, tornava-se ferozmente criativo. Agora, estava de todo, ligado à corrente, com uma energia impossível! Quis arrumar as telas na galeria, mas teve um ataque de histeria, o espaço não servia, não fazia justiça à grandiosidade das telas. Chamou João Pedro, convidou-o para um almoço requintado no Gambrinus e aí, sentados em confortáveis cadeiras de couro, à frente de uma mesa correcta, coberta por uma toalha branca, com guardanapos de pano no colo, explicou-lhe a sua ideia enquanto bebiam um vinho de luxo.

— Quero fausto, quero brilho, quero encenação, percebes?

— Encenação, hem? Vamos a isso! — exclamou João Pedro. Já bebera meia garrafa e a excitação de André contagiava-o, divertia-o. Fausto, brilho, encenação, nem mais, que se fizesse um grande carnaval! E que viesse mais uma garrafinha daquele néctar.

O *marchand*, porém, brotava ideias, pretendia estabelecer uma ligação provocadora entre o tema da exposição — os retratos eróticos da bela Cristiane — e o cinema. Enfim, tinham ali, à Rua das Portas de Santo Antão, um cinema desactivado onde antes se exibiam filmes pornográficos, o Odéon. Era um espaço enorme, deliciosamente decadente. Podiam usá-lo. As cadeiras da plateia tinham sido retiradas há muito, restava a sala, que ele deixaria tal como estava, criando um contraste fascinante entre a estrutura ultramoderna da exposição — os acrílicos, os cromados, as luzes — com o velho esplendor degradado do cinema.

João Pedro só se ria. A pornografia parecia-lhe muito bem, pôs-se logo a desfiar recordações da juventude. Lembrava-se perfeitamente de se ter baldado às aulas uma vez para ir com outros rapazes ao Odéon ver um par desses filmes manhosos em sessões contínuas. Não tinham história, era só gente a foder e, entre um filme e o outro, havia homens a masturbar-se discretamente nos urinóis.

— Uma javardice!

— Sim, mas estás a falar da época em que a sala entrou em decadência. Sabias que o Odéon tem mais de oitenta anos?

— Não sabia.

— Aquele cinema é uma jóia da Art Deco!

— Ah, sim?

— Sim! É um crime a câmara não o recuperar.

— Uma pena, realmente — contemporizou João Pedro.

— Nos seus tempos áureos, o Odéon era uma sala de espectáculos conceituada. O Salazar tinha lugar cativo num dos seus camarotes.

— Queres o Odéon? Vamos para o Odéon!

Mas não foram. Era impossível, o cinema estava irremediavelmente destruído, feito num caco, só ia lá com obras a sério, de alto a baixo. André, muito revoltado com o estado de degradação a que deixavam chegar os nossos melhores edifícios, andou uns dias a bradar a sua indignação. Contava a história do Odéon apodrecido a todo e qualquer que encontrasse. E não havia nada a fazer, dizia, porque mudava o governo e permanecia a indiferença olímpica dos políticos pela cultura. Umas bestas! Mas não se rendeu, perseverou na sua ideia até encontrar uma alternativa ao Odéon: o Tivoli.

— Mas, assim, perde-se o picante da ligação provocadora aos filmes pornográficos! — reclamou João Pedro, desiludido.

— Bem sei — abanou a cabeça. — É uma pena, é uma pena, mas ficamos bem servidos. Já negocieie o salão do bar, que é espaçosíssimo. Poderemos reservá-lo por alguns dias e tem a vantagem de ser visitado por centenas de pessoas nos intervalos dos espectáculos. É sucesso garantido.

— Se tu o dizes.

— Não te preocupes, que vais ter uma exposição memorável.

Com efeito, André não se poupou a esforços. Para a noite da inauguração mandou instalar um potente projector no exterior, que banhava de luz a entrada do teatro como se fosse de dia. O *marchand* chegou com João Pedro e Cristiane num *Rolls Royce* branco. As portas do carro foram abertas por *valets* vestidos a rigor e eles saíram debaixo de uma impressionante chuva de *flashes* metralhados por um pelotão de fotógrafos. João Pedro tapou os olhos com a mão a fazer de pala para se proteger dos clarões. Enérgico, André abriu caminho até à porta do teatro e levou João Pedro pela passadeira vermelha. Subiram a escada interior, seguiram pelo corredor em frente, entraram no salão à direita, onde já os esperavam centenas de convidados.

João Pedro foi recebido com uma ovação inesperada e teve um momento de hesitação, estacou à soleira da porta perante a algazarra das palmas, os gritos de aclamação, a desordem dos fotógrafos a atropelarem-se à sua frente pela melhor posição. André, que conhecia bem a tendência de João Pedro para vacilar em situações de grande exposição, deu-lhe umas palmadinhas nas costas para o incentivar.

— Tanta gente... — espantou-se João Pedro, esmagado.

— É bom, é muito bom! Estão rendidos, já os conquistaste — disse-lhe André ao ouvido, sem desarmar a expressão radiante que escondia uma aflição.

João Pedro olhou para Cristiane como se pedisse socorro, e ela, deslumbrante no seu vestido comprido preto, ignorando os seus ataques de pânico perante a multidão de desconhecidos que cravava nele os seus olhos atenciosos, batia palmas virada para ele. André pressentiu o desastre iminente, adivinhou que João Pedro iria dar meia volta e fugir pela porta da rua. A noite estava perdida e todo o seu

trabalho iria por água abaixo, pensou, era tão frustrante, até tinha conseguido convencer João Pedro a vestir um fato escuro elegante, levava-o a uma das melhores lojas de Lisboa, escolhera-lhe uma belíssima gravata cor de laranja, e agora ele recuava à beira da consagração.

Tudo isto se passou em escassos segundos, o tempo de João Pedro olhar para Cristiane, interiorizar que aquilo não era exactamente a sério, recuperar a compostura confortado pela ideia de que ainda caminhava nas nuvens de um sonho feliz e avançar triunfante em direcção às palmas que lhe eram dirigidas e que persistiram sem afrouxar por mais alguns minutos. André suspirou de alívio, cruzou os olhos com Cristiane, encolheu os ombros como quem diz *artistas, vá-se lá perceber o que lhes vai na cabeça*.

As telas estavam expostas em duas filas centrais, de costas com costas, ao longo do salão rectangular. As pessoas caminhavam em redor admirando os quadros e circulando compactamente no sentido dos ponteiros do relógio. João Pedro, André, Cristiane entraram no círculo com os fotógrafos a anteciparem-se e a monopolizarem todo o espaço à volta deles. Foi então que Cristiane viu Carol no meio dos fotógrafos, a trabalhar, com a máquina à frente da cara a tirar fotografias. Teve um choque, sentiu um aperto no peito, uma angústia que a invadiu, e toda a alegria daquela noite feliz murchou no seu rosto.

Cristiane virou-se para João Pedro e percebeu que ele também tinha reparado em Carol e estava a sorrir para ela. Carol parou de fotografar, baixou a câmara, devolveu-lhe o sorriso, piscou-lhe o olho em sinal de grande cumplicidade, recomeçou a tirar-lhe fotografias. E Cristiane viu tudo.

Mais tarde, quando a agitação inicial esmoreceu e os fotógrafos começaram a retirar-se, permitindo que ficassem mais à vontade, Carol aproximou-se deles com a máquina a tiracolo e cumprimentou-os.

— Os quadros são fabulosos! — elogiou, um bocadinho entusiasmada demais, na opinião de Cristiane.

— Gostaste? — perguntou João Pedro, muito satisfeito.

— Adorei — respondeu.

— Obrigado.

— E tu estás um espanto em todos, o João Pedro acertou em cheio na modelo — disse a Cristiane.

Falaram ainda do Brasil, trocaram umas impressões vagas sobre o que tinham feito após a noite em que se conheceram, depois alguém os interrompeu e Carol afastou-se. Cristiane fingiu que seguia uma conversa entre João Pedro e um colecionador interessado que André lhe apresentava, enquanto vigiava Carol ao longe, a tirar fotografias aos convidados. Notou que era a única que continuava a fotografar, porque todos os outros que há pouco os cercavam com uma máquina nas mãos se tinham eclipsado.

Esperou até ter oportunidade de confrontar João Pedro.

— Como é que ela veio aqui parar? — perguntou-lhe.

— Quem?

— A Carol.

— O André contratou-a. Ela costuma fazer estes trabalhos. Não é curioso, encontrá-la aqui?

— É, o mundo é muito pequeno — comentou Cristiane, e ele fingiu que não tinha reparado no amargo sarcasmo contido na voz dela.

Podia ser uma coincidência, de facto, Carol estava ali a trabalhar, era o que ela fazia, não havia nada de estranho em encontrá-la num evento como aquele. Até era possível que já se tivesse cruzado com Carol noutras ocasiões semelhantes e não tivesse reparado nela por ainda não a conhecer. Tudo isto era perfeitamente razoável, *pois, e eu sou tão tapadinha que não vejo o que se passa à minha frente*, pensou Cristiane, desconfiada. Não, ela não engolia coincidências, nem explicações razoáveis, quando um alarme lhe soava no cérebro avisando-a de que havia algo de errado. O instinto falava mais alto, não lhe dava descanso.

Entretanto, João Pedro resolveu fazer um discurso imprevisto, ergueu as mãos para chamar a atenção do público e começou a falar com exuberância. André não estava a acreditar no que via, só pensava que João Pedro tinha um irmão gémeo e

enviara-o na vez dele, ou talvez tivesse batido com a cabeça e não se lembrasse de quem era, porque já lidava com ele há muito e aquele não era, definitivamente, o João Pedro que conhecia.

Mas o pintor, o artista, o homem do momento, erguia a voz, fazia o seu discurso inspirado e da sua boca brotava um chorrilho de palavras entusiasmas, mas um pouco desconexas e entarmeladas. Em suma, João Pedro pretendia dizer aos presentes que o corpo da mulher era a mais bela *peça* de arte — fez umas aspas com os dedos das duas mãos e granjeou algumas gargalhadas espontâneas — que um pintor podia ter o privilégio de retratar, e certamente todos os presentes concordariam que, sendo essa mulher Cristiane — fez uma vénia a Cristiane —, então, o pintor podia almejar a perfeição. Ouviram-se palmas, hurras, assobios. João Pedro levantou os braços a pedir silêncio, continuou, dizendo que se não lograra alcançar a perfeição na tela a culpa não podia ser atribuída a Cristiane mas apenas a si, que, porventura, não soubera estar à altura da extraordinária beleza dela, porque ela era realmente a mulher mais bonita que ele conhecia. Cristiane sentiu-se ligeiramente incomodada com os elogios excessivos, ainda que bem intencionados, porque, se ele continuasse com aquele discurso, começaria a ter a sensação de que se tornara uma espécie de jarra valiosa e já não a mulher de corpo e alma que era. Cristiane gostava de ser elogiada, mas irritava-a solenemente que a considerassem um pedaço de carne apetecível e fútil. Mas convenhamos, o intelectual ali era João Pedro, ela apenas estava representada nas telas por ser bonita.

De qualquer modo, João Pedro continuava a perorar sobre a impossibilidade de se alcançar a perfeição na arte e explicava que retratara o corpo despojado de distrações porque procurara capturar uma expressão que representasse a alma nua, defendendo que a sexualidade, mesmo a mais explícita, como era o caso, não devia ser tabu na pintura, e às tantas, já estava um bocado perdido na sua oratória e André começou a pensar que se antes tinha de se preocupar por ele ser um bicho do mato, agora precisava de lhe refrear a verborreia, e, para o salvar do embaraço, interrompeu-o no fim de uma frase com pouco sentido:

— Senhoras e senhores, temos homem, temos obra, temos génio! — apontou para João Pedro. — Uma salva de palmas à inteligência!

A um sinal de André, entraram empregados de libré em fila indiana, com bandejas carregadas de taças de champanhe, e brindou-se ao pintor.

João Pedro estava eufórico com o sucesso, falava copiosamente com toda a gente, muito bem-humorado, muito empolgado. Para este estado de ânimo contribuíra, definitivamente, o jantar no Gambrinus, antes de seguirem para a inauguração, que ele exigira a André.

— Queres repetir?

— Quero repetir!

— Levei-te lá a almoçar e agora não queres outra coisa — queixara-se André.

— Confesso, estou a aburguesar-me e estou a gostar.

— E a sair-me caro!

Tinham pedido o mesmo vinho tinto da última vez, escolha impecável, excelente colheita, de marca insuspeita, que João Pedro adorara e, bem, exagerara um pouco na bebida e agora andava pela exposição numa roda-viva, cheio de espírito, a sentir-se leve e encantado por ser o centro das atenções.

André escoltava-o pelo salão, sempre pronto a intervir com graça e *savoir-faire* caso João Pedro fizesse ou dissesse algo embaraçoso. Justamente nesse momento, ele babava-se sem-cerimónia sobre as mamas de uma balzaquiana impudente que o namoriscava, atraindo-lhe o olhinho brilhante para um decote excessivo e arfante que palpitava com os risinhos abafados dela. André foi buscá-lo e levou-o pelo braço para junto de uma senhora de idade avançada, que respirava autoridade com a mão apoiada numa bengala de madeira fina. «É podre de rica», segredou-lhe, antes de fazer as apresentações. João Pedro dobrou-se de um modo cómico perante a senhora, demorou-se a beijar-lhe a mão. Ela ergueu uma sobrancelha circunspecta. «Meu rapaz, já pode devolver-me a mão», disse, recolhendo-a. Ao longe, Cristiane observava aquelas cenas, e vendo André fazer um sorriso de resignação, devolveu-lhe uma expressão compreensiva, um revirar de olhos. *Está bêbado*, pensou.

Também ela se via rodeada por dois desconhecidos maçadores, ligeiramente tocados, que disputavam a sua atenção debitando comentários pretensiosos sobre os quadros de João Pedro. Cristiane, ausente nos seus pensamentos, sorria ora à esquerda, ora à direita, mas já tinha desligado há muito e não ouvia uma palavra do que diziam.

Pouco antes, Cristiane apanhara André a jeito e referira-se a Carol num tom casual.

— Espero bem que seja boa fotógrafa.

— Também eu.

— Costuma trabalhar com ela?

— Não, normalmente trabalho com outro fotógrafo que já conheço bem.

— Mais uma exigência da nossa estrela?

— Pois...

— Ele insistiu muito, foi?

— Um bocadinho.

— Ah, sim?

— Sim, quer dizer, não insistiu propriamente — corrigiu André, ao perceber que já metera o pé na poça. — Só sugeriu o nome dela, porque eu lhe disse que o meu fotógrafo habitual estava ocupado com outro trabalho esta noite.

— Mas então, não era uma inauguração prioritária?

Ele teve uma expressão conformada com as contrariedades da vida.

— E era, para mim. Mas para o fotógrafo, a prioridade é o que lhe dá mais dinheiro, e eu não tenho o exclusivo do trabalho dele. Mas calhou bem a Carol estar disponível.

— Pois, claro — disse Cristiane, a pensar que André bem podia esforçar-se para disfarçar a gafe que ela já sabia o que queria saber.

As pessoas estavam sempre a desiludir aqueles que mais as amavam, era um facto incontornável da vida para o qual concorria o desejo. Para Freud, o desejo era a essência do ser humano e, efectivamente, o desejo revelava-se o catalisador da realização humana no sentido em que só ele podia levar o homem a agir e, consequentemente, a criar, a progredir, a fazer obra. O desejo tanto podia produzir um admirável avanço tecnológico ou uma obra-prima, como ser a origem de todos os desvarios. Mas sem ele o homem não era nada, não fazia nada senão vegetar no limbo da depressão. Em contrapartida, uma pessoa com um desejo sonhava e era capaz de mover mundos e fundos para o realizar. A tendência natural do pensamento ligava o desejo à felicidade: cumprido o desejo, alcançava-se a felicidade. O conceito seria simples se a esse desejo não sobreviesse outro desejo e se a realização de um desejo garantisse níveis de felicidade perenes, o que, evidentemente, não acontecia. Em suma, ninguém sabia exactamente o que era a felicidade, esse Santo Graal que todos buscavam pela vida fora, mas facilmente se entendia que a soma de desejos concretizados não era igual ao estado de felicidade pleno mas sim a vários picos de felicidade, ou melhor, à felicidade sempre adiada, porque esta era algo em que se tocava efemeramente e na maior parte do tempo estava à nossa vista, lá à frente, no futuro, ao alcance de mais um desejo qualquer.

O desejo de João Pedro, o seu projecto actual para ser feliz, consistia em cumprir o seu sonho na plenitude, ainda que não tivesse perfeita consciência desse desejo como um projecto. João Pedro, já se sabia, conduzia a vida para que ela se passasse exactamente como no sonho que um dia o arrancara à realidade triste e incompleta que não o satisfazia, embora pensasse que os acontecimentos, tal como os sonhara, continuariam a ocorrer tão só por estarem predestinados. E no seu sonho havia duas mulheres: Cristiane e Carol.

João Pedro não era uma pessoa má, não queria atropelar insensivelmente Cristiane em função de uma vontade egocêntrica e hedonista, apenas estava desorientado, vivia uma época estranha e, na sua bizarria, também muito criativa. Porém, Cristiane não podia acompanhar a excentricidade de João Pedro porque ele nunca lhe contara que ela se tornara a representação real do seu sonho. E ainda bem que não lhe contou, porque ela iria pensar que ele não era bom da cabeça e que tinha andado com um doido varrido nos últimos dias. Em contrapartida, vendo-o agora à distância, por entre as pessoas que o rodeavam e se interpunham no seu campo de visão, Cristiane sentia-se paralisada por uma perplexidade que não conseguia explicar.

Na noite da inauguração, João Pedro deixara-a arrasada por lhe ter mentido sobre Carol e surpreendera-a com o elogio público que chegara a ser embaraçoso de tão exagerado. Cristiane não sabia o que pensar daquele comportamento tão errático. Porque haveria ele de obrigar André a contratar Carol se não estivesse interessado em algo mais do que no seu trabalho? Sim, não fora pelas qualidades

profissionais dela, bem entendido, pois nem sequer as conhecia. Cristiane não era ingênua e tinha uma espécie de sexto sentido apurado para detectar mentiras. Ora, ela já conhecia o suficiente de João Pedro para saber que ele dizia sempre a verdade, de tal modo que podia tornar-se desconcertante. Era a primeira vez que o apanhava numa mentira, e muito mal engendrada, muito básica, precisamente, pensava ela, por falta de prática. Mas João Pedro mentira-lhe sobre Carol e, no momento seguinte, pusera-se a elogiá-la à frente de toda a gente como se ela fosse a mulher mais importante do mundo para ele. Não fazia sentido. Não que os homens não tivessem deixado de fazer sentido para Cristiane há muito, mas mesmo assim... *Que raio quer ele de mim, afinal?*, perguntou-se.

Cristiane não podia entendê-lo porque estava completamente enganada em relação a ele. João Pedro não costumava mentir, mas ele próprio vivia enredado numa mentira pegada, de modo que a verdade dele era, por definição, uma mentira. E, assim, a verdade da mentira podia tornar-se demasiado confusa para fazer sentido.

Cristiane despediu-se de João Pedro à porta de casa.

— Estou muito cansada e tu estás muito bêbado — disse, apanhando-o de surpresa.

— Muito, não! — reclamou ele. Tinha um sorriso ébrio e alguma dificuldade em manter-se quieto em cima das pernas.

— Pois não — disse ela, com uma amarga ironia.

— Não queres ficar comigo?

— Hoje não. Estou cansada, já te disse.

«Ups, ela está chateada por causa da Carol», disse João Pedro, a falar sozinho quando entrou em casa e fechou a porta. Mas estava, realmente, demasiado bêbado para se preocupar. Subiu a escada, entrou no quarto, caiu na cama, adormeceu de imediato sem se despir ou tirar os sapatos.

Já Cristiane, entrou na sala e contemplou desolada a sua cama de bambu abandonada no meio do espaço vazio. Mantivera-a ali depois de voltar do Brasil porque era preciso desmontá-la, levá-la para o quarto e voltar a montá-la, e como passara muitos momentos deliciosos naquele cenário inusitado, não teve vontade de mudar nada imediatamente. Mas agora parecia-lhe tudo um disparate e a visão da cama desamparada no meio da sala exacerbou ainda mais a sua irritação.

Ao invés de João Pedro, a noite não lhe correrá bem e não conseguia dormir porque se sentia traída e demasiado perturbada para se ir deitar em paz. Imaginara que a noite acabasse de maneira diferente. Nos seus pensamentos secretos, fizera planos para um dia memorável. Comprara um vestido lindíssimo e passara a tarde no cabeleireiro a cortar o cabelo e a arranjar as unhas. O resultado fora bastante satisfatório e... não, porquê ser modesta? O resultado fora fabuloso, de tirar o fôlego, bolas, hoje estava mais bonita do que nunca, era a mais bonita da inauguração, muitos furos acima de qualquer Carol! Se João Pedro não via isso não tinha olhos na cara, porque os outros homens viram e reconheceram.

Cristiane sentou-se na borda da cama a reflectir. Ocorreu-lhe que o interesse de João Pedro por ela talvez se tivesse desvanecido um pouco com a sensação de conquista consumada, que ele só tivesse tido olhos para ela até conseguir levá-la para a cama. Assim sendo, Carol seria o seu próximo desafio. Os homens eram assim, pensou, predadores por natureza. Dava-lhe asco pensar que pudesse ter sido apenas objecto de divertimento para João Pedro, que ele a visse só como uma mulher bonita para o quadro de honra das suas conquistas.

Ela, que nem era dada a grandes romantismos, pensara que, para o dia ser perfeito, acabariam a dormir ali na sala, uma última noite no cenário onde tinham sido cúmplices de um projecto só deles. De manhã, voltariam a levar a cama para o quarto. Suspirou e deixou cair as mãos no colo, sentindo-se derrotada.

A maior tristeza de Cristiane provinha de tudo o que tinha a perder, não só o amor por João Pedro. Passou a palma da mão pela colcha macia da cama, alisando-a, como que a sublinhar a recordação dos momentos felizes ali vividos. O que Cristiane tinha a perder se João Pedro desistisse dela era a sua reconciliação com a vida e com o amor. Porque Cristiane percebera que a vida sem amor tornava-se vazia e desprovida de interesse. Lembrava-se de ser muito jovem — ainda antes de se ter rebelado contra o amor e de ter tomado a firme e absurda decisão de não voltar a apaixonar-se, porque as constantes mudanças de país lhe traziam a dor da separação — e de, nessa fase de descoberta, do início da adolescência, ter muitos amigos, sobretudo nas férias, que eram passadas sempre no Algarve, no mesmo lugar onde reencontrava as mesmas pessoas de ano para ano. Nessa época, tinha um grupo com quem passava o dia na praia e a noite na larga relva frente ao restaurante do aldeamento, e eram amizades vividas com emoção e que julgava eternas. Mas essas amizades haviam-se diluído com a vida. Cristiane e as amigas tinham-se tornado adultas, elas tinham casado e tido filhos, ela começara a voar pelo mundo e deixara de ir de férias ao Algarve, perdera o contacto. Em todo o caso, subsistiam os pais, para quem ela podia canalizar a sua atenção e o seu amor. Mas a mãe morrera, o pai morrera, e Cristiane definhava numa vida anódina e inconsequente, porque, bem entendido, manter-se ocupada a trabalhar, saltitar de amante em amante e divertir-se em festas internacionais não dava sentido à vida. Faltava-lhe um objectivo maior, algo que não fosse só viver, ainda que tivesse uma vida aparentemente boa, dinâmica e alegre. No final do dia voltava para casa e estava sozinha. Por outras palavras, ter um objectivo maior significava viver para alguém e não viver apenas para si mesma. Se tivesse marido e filhos, ou até se estivesse divorciada mas com filhos, aí sim, haveria um projecto. As pessoas próximas traziam alegrias e aborrecimentos, os amantes e os filhos — cada um à sua maneira — nunca estavam satisfeitos, exigiam a nossa atenção, exigiam tudo de nós, consumiam-nos! E desse conflito entre o amor e o desejo de um momento de fuga das pessoas que amávamos, surgia o equilíbrio, enfim, aquilo a que se chamava a vida real. Sem isso, uma pessoa corria o sério risco de se sentir a marcar passo e, por mais preenchido que fosse o seu tempo, haveria sempre uma sensação de superficialidade, de carência de algo de essencial.

Cristiane descobrira com João Pedro a possibilidade de regressar à vida. Os excessos obscenos que se tinha permitido com ele, em nome de um prazer sexual sem sentimentos profundos, fora apenas o princípio de uma consciência íntima, poderosa, que se revelara, surpreendentemente. Depois, crescera nela uma vontade enorme de romper com os bloqueios emocionais de sempre e voltar a amar. Sem saber, ele dera-lhe esperança; sem lhe prometer nada, ele oferecera-lhe algo maior do que o mundo. Cristiane contava com João Pedro e não estava preparada para ter mais uma desilusão de amor, não desta vez, que estava determinada a não estragar a relação por falta de coragem de a levar até ao fim. Porém, a frustração começava já a instalar-se nela e um sentimento de revolta crescia na sua mente e invocava a

necessidade de desforra.

Eram três da manhã. Cristiane trocou de roupa, vestiu umas calças de ganga, uma *t-shirt*, foi buscar as ferramentas, começou a desmontar a cama. Coisa pouca como vingança, era certo, mas pareceu-lhe intolerável dormir sozinha na sala. Na manhã seguinte, João Pedro haveria de notar que ela retirara a cama e poderia retorquir-lhe com desprezo que a mudara porque queria a sala arrumada, como se não tivesse qualquer significado para ela mantê-la ali. Trabalhou afincadamente madrugada fora. Faltava-lhe o jeito e, se desmontar a cama e carregar as peças para o andar de cima lhe exigiu um esforço tremendo, voltar a montá-la desesperou-a. Mas, pelo menos, esteve ocupada e distraída, e descarregou a fúria no trabalho físico. De manhã, esgotada, com as mãos feridas, uma unha partida, o verniz arruinado, deitou-se na cama, orgulhosa da sua obra, pôde finalmente dormir.

Alguns dias depois da inauguração, Cristiane partiu em viagem, mais uma vez para o Rio de Janeiro, que era para onde costumava voar agora. Encarou o regresso ao trabalho com optimismo, pensou que lhe faria bem sair de Lisboa para desanuviar. O diálogo com João Pedro tornara-se insensato e, em boa verdade, ela não sabia o que pensar. Por fim, confrontara-o com a mentira que lhe dissera sobre Carol. Fora a casa dele e acusara-o sem delongas, e a resposta fora desconcertante.

— Tens razão, menti-te, desculpa.

— Mas, porquê? Estás interessado nela?

— Não se trata disso.

— Então, trata-se de quê?

— Trata-se do destino.

— Estás a gozar comigo?

— Não, eu acredito no destino.

— Não estou a perceber.

— O encontro com Carol no Rio, quando a conhecemos?

— Sim.

— Já pensaste que podia ter acontecido um milhão de incidentes que nos desviassem dela, mas, ainda assim, cruzámo-nos com ela porque estávamos destinados a estar naquele restaurante, naquela noite, tal como ela.

— E o que é que isso tem que ver com a noite da inauguração? Não foi nenhuma circunstância mística, tu contrataste-a!

— Tecnicamente, não a contratei, foi o André. E repara, só lhe disse para a contratar porque o fotógrafo habitual dele não estava disponível. Já pensaste nisso? Não é incrível?!

— O que é que há de incrível nisso?

— Nós conhecermos uma fotógrafa e, logo a seguir, o fotógrafo habitual do André não está disponível. Logo ele, que nunca lhe falha! Não pode ser coincidência.

— Claro que é, e se não a tivesses conhecido o André teria arranjado outro fotógrafo qualquer!

— Mas foi ela que se cruzou connosco, portanto, porquê procurar outro se tínhamos a Carol? Estás a ver? Era lógico optar por ela. Estava destinado a ser assim.

— Estás a dizer que há uma força oculta, uma qualquer entidade superior, a conspirar para a empurrar para a tua vida?

— Para a nossa vida.

— Para a nossa não, que eu não faço nada por isso, dispenso-a da minha vida.

— Mas ela impõe-se na tua vida por meu intermédio.

— Ah, que bom. Queres parar com essa merda?!

— O quê?

— Com essa tanga do destino!

— Nunca te aconteceu passar-se alguma coisa na tua vida que tu não consegues controlar? — Cristiane soprou como um balão a esvaziar-se. Estava quase a perder as estribeiras. — Não, a sério — insistiu João Pedro —, não há coisas na tua vida que não consegues controlar?

Ela abanou a cabeça, perplexa.

— João Pedro, tu achas que eu sou parva?

— Claro que não.

— Por acaso passa-te pela cabeça que eu engulo essa treta?

Ele olhou para ela muito sério, disse:

— Não é treta nenhuma, são os factos.

— Os factos é que a quiseste na inauguração e que me mentiste. Estes são os factos. Porque sentiste necessidade de me mentir?

João Pedro encolheu os ombros.

— Porque, de qualquer maneira, se te dissesse a verdade tu pensarias que era mentira. Como agora, achas que te estou a mentir. Cristiane, a Carol só foi lá trabalhar, a presença dela não teve outro significado. Estás a dar demasiada importância ao assunto.

— Achas que estou?

— Estás.

— Então e o destino a empurrá-la para a tua vida não é nada sério?

O problema de lidar com Cristiane é que ela era muito inteligente e, num abrir e fechar de olhos, estava a usar os argumentos de João Pedro contra ele próprio. Era uma situação complicada porque não lhe podia dizer toda a verdade, mas também não tinha a habilidade de lhe mentir com a credibilidade necessária para lhe apaziguar a descrença. Ora, João Pedro já vira o futuro, certo? Sonhara com ele. Portanto, sabia que, mais dia, menos dia, haveria de ter Cristiane e Carol juntas nos seus braços. Por isso, a zanga dela não o preocupava muito. Tal como lhe dissera, era o destino, não havia como fugir-lhe. Mas como explicar isso a uma mulher astuta, que via o mundo com uma assertividade aguda? Cristiane não acreditava que o destino das pessoas estivesse predefinido, ela passara a vida inteira a definir o seu destino sem esses constrangimentos ocultos que, alegadamente, escapariam ao controlo do ser humano. Considerava que esse género de pensamento era próprio de gente ignorante e não se coadunava com uma pessoa culta como João Pedro. Não fazia sentido. De modo que, quando João Pedro se embrulhou numa resposta atabalhoada sobre o advento de Carol na sua vida não ter realmente importância, e que o que tivesse de acontecer aconteceria e não dependia deles decidir o destino, Cristiane pôs os olhos nele, estupefacta, e explodiu de indignação.

— Tu és doido! — disse. — Tu não regulas bem, precisas de te tratar, sabes? Tens de ir a um psiquiatra ra-pi-da-men-te.

E, dito isto, voltou-lhe as costas e saiu de casa dele. No dia seguinte, partiu para o Brasil.

De há um tempo para cá, João Pedro deixara de se preocupar com tudo em geral por tudo em geral lhe parecer relativo e, no fundo, desmerecedor de importância. Um livro importante, uma sinfonia importante, um quadro importante, não lhe pareciam realmente importantes. Numa determinada altura da sua vida, quando mais jovem, João Pedro obrigara-se a ler livros *obrigatórios* que detestava, a ver filmes *obrigatórios* que o aborreciam de morte, a visitar museus *obrigatórios* que nada lhe diziam. Hoje em dia, estava-se nas tintas para as coisas obrigatórias. Até os seus próprios quadros, dos quais agora os críticos e a imprensa diziam maravilhas e falavam como obras importantes, superiores, *obrigatórias*, lhe pareciam relativamente indiferentes. Como poderia pintar outros tão bons como aqueles, não lhes dava a importância que, porventura, teriam. Mas não eram só as obras de arte obrigatórias que lhe suscitavam essa sensação de relatividade, era quase tudo. A arte, a religião, o casamento, a política, a carreira profissional e por aí fora. Sempre que pensava em algo importante ocorria-lhe esta perplexidade: *Mas é importante porquê?*

Passara, portanto, de um extremo ao outro, dado que, no passado recente, João Pedro era perito em preocupar-se com a simples previsão de problemas que, normalmente, nem chegava a ter. Antes, sofria por antecipação mas agora nada o afectava. Trocara o hábito psicologicamente arrasador de se martirizar com questões insignificantes pela mais completa e fútil abstracção. A tensão do estado de alerta permanente cedera lugar à desconstracção exagerada. Estes dois estados de alma opostos tinham em comum uma interpretação errada da realidade, João Pedro tinha tendência para ler excessivamente os sinais da sociedade. Ora se sentia ameaçado e reagia com grande desconfiança até às situações mais inocentes, ora menosprezava completamente a grave condição social. A vida costumava ser dolorosa mas passara a ser divertida, porque João Pedro sofria de uma sensibilidade doentia que não conseguia evitar, mas, de um dia para o outro, tornara-se simplesmente insensível, como se tivesse tomado uma vacina contra a mania da perseguição e estivesse a experimentar os efeitos secundários do tratamento.

Essa extraordinária transformação provinha do seu recente dom para *sonhar* o futuro, mas acentuara-se com a sensação de facilidade associada ao sucesso. De repente, João Pedro era a maior revelação nacional e recebia tantos pedidos de entrevistas que André reservou uma suíte num hotel de luxo, onde concedeu a cada órgão de comunicação social um tempo rigorosamente cronometrado, ao estilo de Hollywood. E ali estava ele, muito bem disposto, numa poltrona confortável, com um grande cartaz atrás de si que reproduzia um dos seus quadros escandalosos que tanto apaixonavam o país, a responder aos jornalistas com palavras fáceis que lhe brotavam da boca naturalmente e com uma desfaçatez que roçava a ingenuidade.

— Podemos dizer que a sua pintura se baseia na simulação de uma realidade erótica visceral? — perguntou o entrevistador.

— Não — disse. — Permita-me que corrija um pormenor fundamental: não se trata de simulação, mas de situações reais, de facto.

— Quer dizer que...

— Quer.

— ... que, por exemplo, o quadro *A Mulher Depois do Amor* é mesmo um retrato depois do acto sexual?

— Acabadinho de fazer.

— E *A Masturbação*?

— Bem, nesse caso não é depois, era o que ela estava a fazer.

— Estou a ver... E a modelo colaborou nessa representação insólita?

— Obviamente.

— Pois, claro, obviamente...

— É que, repare, a Cristiane não é uma simples modelo. Ela nem sequer é modelo profissional, só entrou neste projecto por ser comigo.

— Posso inferir então que têm uma relação?

— Suponho que é esse o termo correcto.

Ainda no Brasil, Cristiane começou a receber dezenas de telefonemas e *e-mails* de pessoas conhecidas. Algumas felicitavam-na com entusiasmo, outras criticavam-na com um franco azedume moralista. Cristiane apressou-se a vasculhar a internet para saber o que João Pedro andava a dizer à imprensa. Inicialmente ficou chocada, ele falava abertamente da intimidade dos dois e expunha-a aos olhos da opinião pública sem se preocupar em filtrar as palavras. Achou o seu discurso um tanto ou quanto brutalizado e pouco escrupuloso. Pareceu-lhe que a delicadeza do tema exigia que fosse mais subtil para a resguardar. Devia-lhe isso. O primeiro impulso levou-a a agarrar no telefone para o desancar, mas reconsiderou, havia que esperar umas horas para ponderar o assunto sem precipitações, deixar assentar as ideias. E com efeito, pensando melhor, tinha de reconhecer que João Pedro merecia alguns créditos pela forma como promovia o seu trabalho. Ele compreendia que a polémica dava frutos, potenciava a vertente escandalosa das telas para dar oxigénio ao falatório. *Muito inteligente*, pensou.

Havia uma firme unanimidade positiva nas críticas ao trabalho de João Pedro, em termos puramente técnicos, embora não faltasse quem falasse de sexo sórdido e o acusasse de promover a pornografia. Mas Cristiane leu um comentário na imprensa e outro e outro ainda, e todos encerravam peças laudatórias ao projecto conjunto de João Pedro e dela. Bem, ele achara o seu caminho e levava-a com ele, pois não era verdade que poderia, legitimamente, só falar de si próprio nas entrevistas e ignorá-la? Afinal de contas, ele é que era o artista, era a ele que se devia o mérito e a genialidade do trabalho. Ela não passava de uma figurante. Mas não, não fora egoísta. E que diabo, pensou, seria uma hipocrisia queixar-se de meia dúzia de frases cruas nas entrevistas, depois de ter consentido ser retratada nua, em

poses eróticas, com as coxas brilhantes do esperma acabado de verter. Todo o projecto fora excessivo desde o início, as entrevistas eram o que menos importava.

Ela expusera-se, mas ele também o fazia agora ao dizer a um jornal coisas como esta: «Fodi com a Cristiane toda a manhã e depois pinte-i-a, ainda exausta e suada e molhada, sem permitir que se lavasse, com o cabelo desgrehado, muito corada e feliz. Queria apanhar esse momento único de plena satisfação, compreende? E isso não se simula.»

Caramba, pensou, é brutal!

Mas fazia sentido, e havia uma solidariedade inquestionável nas palavras de João Pedro. Quanto às mensagens condenatórias dos pretensos amigos, já lhe soavam a inveja encapotada. João Pedro dera-lhe a fama e não a deixara cair, nem mesmo depois de ter partido para o Rio de Janeiro zangada com ele. Aliás, nas entrevistas dizia repetidamente que ela não era só uma figurante e admitia publicamente que tinham uma relação. Isso comoveu-a e fê-la sentir-se culpada. Perguntou-se se, porventura, não teria sido injusta com ele por causa de Carol. Vendo à distância, pareceu-lhe que fizera uma tempestade num copo de água só por ele a ter convidado para um trabalho. Tudo por causa da sua maldita insegurança! Tinha de lhe pedir desculpa, pensou.

Agora sim, já podia telefonar-lhe. Mas ele não atendeu. Cristiane não atribuiu nenhum significado especial a isso, sabia que João Pedro se esquecia do telemóvel em todo o lado. De qualquer modo, escreveu-lhe uma mensagem íntima: «Sinto a tua falta, tenho saudades de dormir contigo, do teu abraço, de te sentir dentro de mim.»

João Pedro não deu atenção à mensagem de Cristiane, porque, justamente, estava a entrar no estúdio de Carol quando a recebeu. Levava o telemóvel na função de silêncio e nem sequer se apercebeu da mensagem a entrar.

A colecção de retratos que João Pedro fizera de Cristiane continuaria em exposição durante quinze dias, mas os quadros estavam todos vendidos. O *marchand* exultava, era um sucesso tremendo! Ainda por cima, André carregara nos preços.

— Não é um bocado demais? — perguntou João Pedro, impressionado com valores tão altos.

— É uma questão estratégica — disse André. — Quanto mais valiosos melhor se vendem, e a tua reputação é directamente proporcional ao preço dos teus quadros.

— Mesmo assim...

— Não te preocupes. Um tema escandaloso pede preços escandalosos.

— Quanto custa um quadro da Paula Rego?

— Um pouco mais do que os teus — respondeu André. — Mas lá chegaremos, lá chegaremos.

É costume dizer-se que o mais difícil não é chegar ao topo, mas manter-se lá, e talvez seja verdade, mas, naquele momento, João Pedro não achava nada que fosse assim. Por fim, chegara ao topo da pirâmide e andava por lá a pairar com uma suave e doce desconstracção, entre a solicitação frenética da imprensa, as idas à rádio e à televisão, e o reconhecimento na rua, onde desconhecidos o abordavam como se fosse uma estrela de cinema. Um jornal publicou na primeira página a fotografia dele ao lado de um dos seus quadros e chamou-lhe génio! Parecia-lhe tudo tão extraordinário! Durante anos penara no limbo da mediania e sentira a frustração de não evoluir, por mais que trabalhasse esforçadamente e com uma dedicação perfeccionista. Não era nem muito bom nem muito mau, era só um pintor competente, sem rasgo, que não fazia a diferença. A sua qualidade técnica era incontestável, mas faltava-lhe inovar. Agora, porém, apresentara um trabalho que enchera de espanto os especialistas do meio e, por intermédio dos jornalistas, o público, que adorava tudo o que se relacionava com sexo.

Um vago eco inicial de polémica à volta dos quadros de João Pedro tinha vindo a ampliar-se de dia para dia. Discutia-se apaixonadamente na comunicação social e nas redes sociais se o que ele pintava era a legítima expressão artística ou a pura e simples pornografia grosseira. O assunto não podia ser mais atraente e João Pedro recebia todos os dias convites para participar em programas de televisão, onde ia de manhã, à tarde, à noite. Apanhava pela frente moralistas radicais e fundamentalistas religiosos, todos defensores dos bons costumes e da boa ordem, que o acusavam furiosamente de corromper a integridade moral da sociedade. E ele, bonacheirão, com o seu ar de bom gigante, sorria sempre, deslumbrado com aquilo tudo, e respondia calmamente aos ataques exaltados que lhe faziam. Na verdade, sentia uma grande indiferença pela revolta daquela gente irada, mas

também uma secreta gratidão pela campanha negativa que moviam contra ele, pois já se tornara óbvio que resultava numa enorme acção de promoção. E não havia dinheiro suficiente que pagasse uma divulgação assim tão ampla.

Os seus quadros tinham sido ferozmente disputados por gente endinheirada, coleccionadores, investidores. A repugnância propalada dos inflexíveis guardiões da decência era olímpicamente ignorada pelos negociantes e desprezada por uma legião de fãs encantada com a frescura provocadora da pintura de João Pedro. E tudo isto acontecera quase instantaneamente, porventura, porque o país, pobre e deprimido, à míngua de estímulos positivos que o distraíssem da crise, entusiasmava-se sobremaneira com os seus heróis. Nunca se dera tanta atenção aos escassos ídolos portugueses que dominavam o mundo no desporto, em algumas empresas internacionais ou no meio da alta finança. Estes exemplos de sucesso alimentavam a esperança do homem comum, o qual, com crise ou sem crise, jamais seria igual a eles. Mas era bom sonhar. Ora, subitamente surgira João Pedro com uns quadros belos e escandalosos, a provocar os mais conservadores com uma suprema insensibilidade, quase distraído na sua impassibilidade, e a nação, que via nele um motivo de orgulho, ganhara um novo herói para venerar. Paradoxalmente, no seu caso, a situação económica difícil que se vivia revelava-se uma vantagem.

O país adorava João Pedro e ele, perplexo, pensava que parecia impossível que tivesse esperado tanto tempo por isso, porque, de repente, só havia facilidades, elogios rasgados, rios de dinheiro. Até a má publicidade era boa publicidade.

O estúdio de Carol ficava a meio de uma rua esconsa, só para peões, ao Chiado, já a fugir do bulício alegre do centro movimentado do bairro. João Pedro começou a descer as escadinhas, com o nome solene Santo Espírito da Pedreira, que conduziam à Rua do Crucifixo, na Baixa, e deu com uma porta discreta à direita, que só acreditou ser aquela que procurava porque o número por cima batia certo com a indicação que Carol lhe dera. Empurrou a porta sem precisar de tocar à campainha, pois encontrou-a encostada. Manteve-a aberta até descobrir o botão da luz. Uma lâmpada empoeirada, suspensa de um simples fio eléctrico, iluminava timidamente uma escada de madeira tosca, muito estreita, que começava logo à entrada. Não havia átrio nem elevador. Subiu cauteloso ao primeiro andar. Os seus passos pesados fizeram ranger os degraus mal nivelados e demasiado curtos para os sapatos enormes que os pisavam. João Pedro, muito grande naquele espaço amesquinhado, teve a sensação de se aventurar numa casinha de bonecas.

Parou no patamar, soltou um suspiro de contida excitação, tocou à campainha. Ouviu passos, o trinco abriu-se, Carol assomou à soleira da porta.

— Olá! — exclamou, alegremente. — Bem-vindo ao meu pequeno estúdio. — Entra.

João Pedro entrou e seguiu Carol por uma nova escada — esta em caracol —, ainda mais estreita do que a do prédio, e desembocaram numa sala rectangular sem

janelas, surpreendentemente espaçosa. O estúdio, mais pelo comprido, afinal, não era assim tão pequeno como ela sugerira. Emergia-se pela escada no canto mais afastado da zona de trabalho e via-se o tecto negro, o chão de soalho, quase todo desimpedido. A sala estava parcialmente mergulhada na penumbra, num contraste entre o lado às escuras da escada e o outro extremo onde estava montado o cenário para fotografar. Esse canto fora todo forrado com uma capa branca que cobria o soalho, as paredes e o tecto, sendo arredondada na ligação entre o chão e a parede mais afastada. O objectivo era criar o *fundo infinito*, que permitia dar o máximo destaque ao objecto fotografado. No centro, profusamente iluminado por grandes projectores em forma de sombrinha, havia um banco alto metálico.

João Pedro observou Carol. Ela vestira uma camisola branca, sem sutiã, que se ajustava ao corpo salientando-lhe os mamilos, calças de ganga azuis, igualmente justas, e caminhava com uma ligeireza admirável nos seus ténis brancos.

— É aqui que tudo se passa — disse Carol, erguendo o queixo na direcção do *fundo infinito*, com as mãos enfiadas nos bolsos detrás das calças, projectando propositadamente o peito para a frente.

João Pedro fez um aceno de reconhecimento, embora naquele momento estivesse a sentir dificuldade em tirar os olhos da camisola dela.

— Suponho que queiras umas fotos mais descontraídas — disse Carol.

— Sim, claro, nada muito formal.

A ideia da sessão fotográfica ocorrera-lhe com a mesma naturalidade com que se lembrara de a contratar para fotografar a inauguração. Podia tê-la convidado simplesmente para tomar um café ou para um jantar, mas pareceu-lhe uma sensaboria, um programa banal, já um encontro de trabalho teria mais romance, proporcionar-lhes-ia uma tarde inteira só os dois, estender-se-ia por várias horas de deliciosa intimidade. Telefonou-lhe, a sua vida estava virada do avesso desde a inauguração, disse-lhe, eram os jornalistas que não despegavam, as idas à televisão, as polémicas insanas, enfim, o diabo!

— De maneira que preciso de tirar umas fotografias.

— Ah! Precisas?

— Sim. Vi as tuas, da inauguração, adorei.

— Deveras?

— Deveras.

— Que bom. E precisas das fotografias para quê?

Quase que a via, no outro lado da linha, a morder o labiozinho, cheia de vontade de se rir, a fazer um esforço para não soltar uma gargalhada nervosa. Era óbvio que João Pedro não precisava das fotografias para nada, mas não se empenhou muito em improvisar um pretexto plausível. Até era bom que Carol percebesse de antemão as suas intenções. Ela percebeu, claro, por isso falava naquele tom alegre, denunciando a leve euforia do coração acelerado numa perspectiva de aventura que já antecipara em fantasias românticas. De qualquer

modo, divertia-se com o atrevimento dele.

— Com esta confusão toda, com a imprensa e isso tudo, dá-me jeito ter umas fotografias. Às vezes, eles pedem-mas — explicou João Pedro.

— Está bem — assentiu Carol, morta de riso. — Quando queres cá vir?

— Amanhã.

— Amanhã não posso, já tenho um trabalho marcado.

Não tinha nada, mas uma rapariga nunca cedia à primeira proposta, convinha mostrar algum desprendimento.

— Depois de amanhã, então. — Ela hesitou, simulando uma dificuldade qualquer. — Também não podes?

— Não sei bem, tinha uma coisa... Deixa-me ver, depois mando-te uma mensagem.

Enviou-lhe a mensagem no outro dia, só à noite, para o fazer esperar. Perguntava-lhe se sempre queria ir no dia seguinte. Ele respondeu-lhe que sim. Marcou o encontro para as quinze horas.

E ali estava ele.

Quando Carol lhe perguntou se queria tirar as fotografias em pose mais descontraída, João Pedro teve vontade de rir. Ela fixou-se nele, desconfiada.

— Que foi?

— Nada — disse ele.

— Mau, o que é que eu disse?

— Nada, a sério.

— De que é que te estás a rir, João Pedro?

— Foi só uma coisa de que me lembrei — disse.

— O quê?

— Nada de especial.

— Conta!

Ele lembrou-se de que fizera uma pergunta semelhante a Cristiane antes de começar a pintar o seu primeiro retrato.

— E olha como acabou — disse.

— Ah, estou a ver. — Carol observou-o com a cabeça de lado, com um sorriso descarado, um pensamento atrevido.

— Nã, nã, nã, nem penses nisso — protestou ele, fazendo que não com o dedo.

— Até que não era má ideia, estás enxuto, não tens que te envergonhar.

Ele levou as mãos à barriga.

— Sabes há quanto tempo não faço desporto?

— Não se nota.

— Pois, está bem, mas fiquemos pelas fotografias mais institucionais.

— Tu é que sabes.

— Exacto, eu é que sei.

Ela encolheu os ombros.

— O cliente tem sempre razão — disse.

No fundo, o que aconteceu nessa tarde no estúdio não surpreendeu nenhum dos dois, pois sabiam que era assim que terminaria, dada a predisposição de ambos para o romance desde a noite em que se conheceram no Rio de Janeiro. Mais tarde, no seu espírito fatalista, João Pedro pensou que aconteceu o que tinha de acontecer. Já Carol, pensou que aconteceu o que desejava. E, como tanto um como o outro tinham a mesma intenção, foi com naturalidade que concretizaram as suas vontades secretas.

Na primeira hora, Carol impôs seriedade profissional, mantendo uma distância segura, embora aqui e ali não se tivesse coibido de se aproximar de João Pedro para lhe ajeitar a roupa ou corrigir a postura. Ele, sentado no banco alto no centro do cenário minimalista, pensava que havia um limite de posições que podia escolher para tirar uma fotografia. Ao fim de alguns minutos, já não conseguia rir-se, os seus lábios permaneciam rígidos. Não fosse a experiência de Carol para

desbloquear essas situações com boa disposição e espírito descontraído, e o resultado não seria melhor do que o retrato replicado de um João Pedro embaraçado e taciturno. Mas ela sabia o que fazer para o ajudar a ultrapassar os constrangimentos.

— Senta-te na beira do banco, como se estivesse só encostado, com um pé no chão. Isso mesmo. Agora descontraído, isso! — Tirou uma rajada de fotografias. — Agora cruza os braços, mas com as mãos por cima dos braços, quero ver as mãos. Olha para mim, perfeito. — Mais uma série. — Então, e a Cristiane?

— O que tem?

— Onde é que ela anda?

— Está no Brasil.

— Ah, muito bem. Olha para mim. Um sorriso... Excelente. Vocês vivem juntos?

— Não exactamente.

— Não exactamente... — abanou a cabeça, como que a ponderar a afirmação dele. — O que é que isso quer dizer?

— Vivemos no mesmo prédio. Somos vizinhos, mas não moramos juntos.

— E estão bem assim, suponho.

— Muito bem.

— Claro.

— Tu vives com o teu namorado?

— Já não é meu namorado.

— Desde quando?

— Desde o Brasil. Fartei-me dele.

João Pedro riu-se e Carol aproveitou a expressão dele para o bombardear com uma tempestade de *flashadas* disparadas automaticamente de ângulos diferentes.

Quando ela se deu por satisfeita com o trabalho, pousou a máquina em cima de uma mesa de apoio.

— Já está? — perguntou João Pedro.

— Já está — confirmou, aproximando-se dele, ainda sentado no banco. — O senhor precisa de mais alguma coisa?

— O senhor aceita sugestões.

Bem, a forma como ela se aproximou dele, o tom insinuante que empregou para lhe fazer a pergunta, toda a sua postura já era por si só uma sugestão bastante óbvia, que João Pedro nada fez para travar. Carol encostou-se ao joelho dele, pousou as mãos no seu pescoço, puxou-o para si, beijou-o na boca.

— Estava à espera do teu telefonema — segredou-lhe, com uma voz rouca de mulher rendida.

João Pedro caminha nas nuvens. A vida é leve. Em tempos foi difícil, mas agora é fácil. O segredo, pensa, é viver no presente e ignorar o futuro. Não quer saber do que vem lá, só do que tem agora. Se pensasse no futuro, teria de fazer escolhas e isso estragaria a sua felicidade, porque a vida é fazer escolhas e essa

condição racional do ser humano complica tudo. Ele nunca pensou se teria de escolher entre Cristiane e Carol. Optar por uma das duas é algo que não está no seu horizonte. Ele desresponsabilizou-se das suas próprias acções, não sente que tenha de responder por elas porque acredita que não está nas suas mãos controlar o futuro que lhe está destinado — ou seja, aquele que sonhou. Podemos questionar se porventura o sonho — a que João Pedro chama destino — fosse um pesadelo, ele o teria acatado com a mesma facilidade, sem se interrogar sobre a sanidade mental de alguém com semelhante comportamento. Mas o sonho não foi um pesadelo, foi um conjunto de coisas boas, pois encerrava em si o sucesso profissional e duas mulheres bonitas. E de facto, graças a esse sonho, João Pedro está, realmente, a experimentar o sucesso e já conquistou as duas mulheres bonitas. Mas enquanto um sonho está isento de problemas, a realidade é bem mais complicada porque se vai desenrolando entre dificuldades e conflitos quotidianos que têm, necessariamente, de ser geridos. As incontornáveis escolhas. O problema que João Pedro tem pela frente é que, desde que mergulhou na fantasia de viver o seu sonho como se fosse uma realidade paralela, ficou confinado a um espaço temporal limitado. Para ele, a sua vida é agora, como se estivesse encerrado num belo quadro, uma só imagem, onde se vê abraçado a Cristiane e a Carol, na companhia de um André eufórico a confirmar o êxito estrondoso do seu trabalho e, a um canto, Clara, derrotada e ressentida.

Com efeito, nesse peculiar processo espiritual, João Pedro conseguiu exorcizar o fantasma da mulher que o abandonara e seguir em frente triunfalmente, sem pensar mais nela. Porém, não ponderou o que fará depois de cumpridos todos os pressupostos contidos no quadro que tem em mente, não tem presente que há mais vida depois do sonho. Mas também não será neste momento, em que rebola pelo chão abraçado a Carol, que vai preocupar-se com esse assunto.

Carol ajoelhou-se à frente de João Pedro, abriu-lhe o fecho das calças, fê-las cair até aos tornozelos, puxou-lhe os boxers com um golpe resolutivo. Ele engoliu em seco, mas manteve-se firme, de pé, com as mãos na cabeça dela, observando o que ela lhe fazia do alto dos seus quase dois metros, como um espectador extasiado. Carol empenhou-se em dar-lhe prazer com o intuito de o conquistar definitivamente. Não queria falhar, desejava fazer deste primeiro encontro um momento inesquecível para João Pedro e, assim, conseguir que ele se apaixonasse por ela. É evidente que ela sabia que um homem não se cativava pela facilidade, mas pelos impedimentos regrados que a mulher lhe impusesse, de modo a levá-lo a percorrer uma lenta e deliciosa via-sacra, com a esperança de a ter plenamente no final desse sofrido caminho. Porém, Carol era uma mulher segura dos seus predicados e, por vezes, a confiança excessiva levava-a a seguir o seu instinto sem se acautelar e saltar etapas como uma leoa determinada. Ela acreditava que era capaz de enfeitiçá-lo com a visão do seu corpo nu e a sua habilidade na arte de amar. E, de facto, para o resto da vida, João Pedro haveria de recordar este momento com a nostalgia de um dia único. Embora voltasse a espantar-se com a

nudez perfeita de Carol muitas outras vezes nessa época feliz, na sua memória de velho perduraria a poesia romântica do corpo sem mácula que os olhos de João Pedro descobriram quando a despiu naquela tarde, debaixo das luzes quentes do estúdio de fotografia. E note-se que Carol já ultrapassara há muito os trinta anos na altura em que ele a conheceu. Fazia trinta e cinco nesse ano, mais exactamente.

Nunca saberemos se o corpo dela era realmente de uma beleza celestial ou se essa impressão se devia apenas ao deslumbramento com que os olhos de João Pedro a viram no instante em que acabou de a despir no chão do estúdio, porque foi um momento inspirador, bem entendido. Mas, exageros à parte, Carol tinha mesmo um corpo belíssimo, ainda que o adjectivo escultural pudesse ser rebatido por alguns espíritos mais exigentes. O que interessa é que João Pedro estabeleceu logo na sua mente que nunca vira uma mulher com umas curvas tão perfeitas, como se tivessem sido desenhadas pela mão escrupulosa de algum artista de génio.

Naturalmente, ele fez comparações entre Carol e Cristiane. E se a primeira tinha um corpo mais perfeito, a segunda tinha, definitivamente, um rosto mais bonito. O rosto de Cristiane fazia os homens voltarem-se na rua. Já Carol, tanto podia passar despercebida por entre a distração dos transeuntes, como levá-los a conceber fantasias tão dissolutas que não poderiam ser reproduzidas livremente em público. Tanto, dependia de como ela se apresentava, pois, não sendo de modo algum uma mulher feia, também não era linda. Valiam-lhe os outros preciosos argumentos, sempre que pretendia dar nas vistas. Um vestido vaporoso de estio, uma saia colegial mais curta ou umas calças justas que lhe moldassem as formas, eram expedientes bastantes para a fazer sobressair na multidão.

Carol era alta e desinibida. Usava o cabelo castanho-claro liso cortado à pajem e tinha a linguagem corporal determinante das pessoas carismáticas. Graças a essa sua característica, que exercia um efeito magnetizante nos outros, Carol já conseguira fotografar um número apreciável de pessoas famosas. João Pedro era só mais um. Ela dava-se muito com gente que as revistas cor-de-rosa designavam de figuras públicas e namorara com alguns actores e empresários bem conhecidos — se João Pedro tivesse o hábito de ler essas revistas, provavelmente tê-la-ia reconhecido logo que a conhecera, das fotografias ao lado dos seus namorados famosos.

Infelizmente para Carol, a estabilidade emocional não costumava ser o forte dos homens que gostava de conquistar, de modo que ainda não conseguira assentar. Já tivera a sua quota-parte de desilusões. Ultimamente porém, o alarme do relógio biológico de Carol soava, instigando-a a pensar seriamente em ter um filho. Ela dizia a si própria que estava preparada para ser mãe solteira, embora preferisse ter o pai da criança ao seu lado. Não era ainda um projecto inteiramente planeado, mas ia ganhando forma na cabeça de Carol, que tinha, realmente, vontade de ter um filho. Era, enfim, um plano um pouquinho desesperado, dado que não conseguia arranjar um homem que a amasse e que ela pudesse amar. O casamento tornara-se

um sonho sempre adiado.

João Pedro teve-a no chão do estúdio. Tal como na primeira vez com Cristiane, ele achou aquilo tudo muito normal. Se antes não fazia ideia de como se conquistava uma mulher, agora parecia que não precisava de fazer nada de especial. Elas iam ter com ele e acontecia, simplesmente. O sucesso de João Pedro com as mulheres resultava em grande medida de não sentir qualquer constrangimento e de transmitir uma enorme confiança. Paradoxalmente, essa confiança devia-se apenas à sua extraordinária ingenuidade, pois acreditava que estava destinado a ter um romance com aquelas mulheres. Ele sabia, tinha-o previsto. Ora, o que não dependia de si não lhe exigia nenhuma qualidade especial. Ser bonito ou feio, experiente ou inexperiente, era irrelevante.

Mas era muito bom, pensava, enquanto esticava os braços e juntava as palmas das mãos com as de Carol, ele em cima dela, ela deitada de costas, também com os braços esticados para lá da cabeça, impedida de os movimentar. Os seus corpos colados adquiriram um ritmo lento, mas fogoso. Carol laçou as pernas em redor da cintura de João Pedro, cruzou os tornozelos nas costas dele e ficaram presos um ao outro, sentindo-se com a profundidade de dois corpos que se completavam como as partes de um todo, unidos num êxtase feliz.

Mais tarde, vestiram-se, trocando só umas palavras esparsas, mas sem embaraços, desinibidos como se fossem amantes de longa data. Carol enfiou a camisola pela cabeça, puxou-a para baixo, ajeitou o cabelo molhado de suor.

— Este estúdio parece uma sauna — disse.

João Pedro acabava de abotoar a camisa. Sorriu.

— A culpa é destas luzes — brincou, apontando com a cabeça para as lâmpadas fortes que tornavam o estúdio de uma alvura imaculada.

Carol riu-se.

— Pois, a culpa é das luzes — disse.

Foram tomar uma bebida gelada à sombra de uma esplanada fresca, enfim, tão fresca quanto era possível num dia de quarenta graus. A esplanada ficava num pátio largo nas traseiras de um bloco de prédios novos, construídos alguns anos após o incêndio do Chiado. Atravessaram um túnel, desde a Rua Garrett, que desembocava no pátio, sentaram-se, pediram as bebidas.

Sentiam-se bem, realizados, felizes. Não falaram de nada sério, trocaram apenas alguns comentários jocosos sobre a sessão de fotografias e de como esta tinha acabado. Carol disse que teria gostado de filmar tudo.

— Porquê? — perguntou João Pedro, espantado.

— Para levar para casa e ver.

— Gostas de ver, é?

— Hum-hum.

Calaram-se quando a empregada colocou os copos em cima da mesa.

— Já fizeste isso antes? — perguntou-lhe depois.

— Não, mas a ideia agrada-me.

— Excita-te?

— Isso.

— É uma fantasia.

— Sim.

— E seria só para veres ou para fazeres mais alguma coisa enquanto vias?

— Provavelmente, faria. Mas preferia ver o filme contigo e fazermos *algumas coisas* depois.

— Talvez façamos isso um destes dias — disse João Pedro.

— Seria bom.

Ele percebeu que a intenção dela era provocá-lo, mas estava a adorar o jogo.

No fundo, a vida tornou-se um jogo para João Pedro, o exercício de um passatempo agradável a que se dedica sem se preocupar com as consequências dos seus actos. Mas a realidade está sempre ao virar da esquina, pronta a surpreender.

Quando Clara regressou de férias do Algarve, telefonou a João Pedro, perplexa com o que lera sobre ele nos jornais.

— Já sei que tens tido muito sucesso — afirmou.

— Não me posso queixar — disse ele.

— Foi uma mudança radical, das marinhas para os retratos de mulheres nuas.

— Mulher.

— O quê?

— Mulher nua, é só uma.

— Pois, é a tua namorada, não é?

— Hum... é amiga.

Ela soltou uma gargalhada curta, de incredulidade.

— Amiga? Está bem.

— Digamos que é uma amiga especial — acrescentou, sem saber bem o porquê desta necessidade de se justificar. Reflexo condicionado de muitos anos de casado, talvez.

— Seja o que for, é lá contigo, não tenho nada que ver com isso. Olha, eu vou casar — anunciou-lhe sem rodeios.

João Pedro engoliu em seco.

— Uau! Não perdeste tempo.

— Tu também não, pelo que percebi.

— Eu não vou casar — objectou, quase indignado.

— Sim, mas não tens estado, propriamente, num convento.

— É diferente. Quando é que é o casamento?

— Ainda não sei. Em breve. Quando for, digo-te.

— Convidas-me? — gracejou, embora não tivesse vontade nenhuma de se rir com o assunto.

— Que engraçado.

— Quem é ele?

Clara disse-lhe. João Pedro ficou boquiaberto.

— Mas, ele não é casado?

— Agora é separado, está a divorciar-se.

— Desde quando?

— Desde quando, o quê?

— Desde quando é que está separado?

— Sei lá, há coisa de um mês. E os miúdos, não queres vê-los? — perguntou-lhe, bruscamente. O seu tom de voz denunciou um certo embaraço, um desejo de mudar de assunto.

— Claro que quero.

— Não é assim tão claro, não lhes telefonas há semanas.

— Porque estive no Brasil — desculpou-se —, e depois tive a exposição...

— Ah! E não há telefones no Brasil?

João Pedro fez uma careta. *Sou uma besta*, pensou. Tinha-se esquecido completamente. Como era possível ter-se esquecido de telefonar aos filhos?!

Clara contou-lhe que os gémeos perguntavam muitas vezes por ele.

— Tens razão — reconheceu. — Quando posso vê-los?

Combinaram que Clara deixaria as crianças em casa dele no dia seguinte, desligaram.

Foi uma conversa crispada, pouco amigável, e um choque para João Pedro. No fundo, ainda lhe restava uma vaga esperança de reatar a relação com Clara. Não lhe passara pela cabeça que ela tivesse alguém, pensara que as férias no Algarve com as crianças eram uma oportunidade para repensar a sua decisão de o deixar e que, provavelmente, acabaria por concluir que se tinha precipitado ao sair de casa. Mas, afinal, Clara não tencionava mudar de ideias e até já tinha planos para casar. Com o patrão! Mas quem é que acabava um casamento de anos e decidia casar novamente em semanas?! Ou seria que ela já se tinha envolvido com o patrão antes de se separar? Ficou a cismar com isto.

João Pedro estava assombrado. Tinham-se passado tantas coisas em tão pouco tempo e, francamente, não quisera parar um momento para reflectir no que lhe estava a acontecer. Deixara-se ir, simplesmente, e intencionalmente, porque descobrira um meio eficaz de afastar os fantasmas e agarrara-se a esse expediente psicológico com a tenacidade de um sobrevivente. A fragilidade dele era a origem de todo o seu sucesso, pois fora a lutar contra ela que trilhara o caminho para o triunfo. E num cantinho do subconsciente, ao anular essa fragilidade responsável pelo afastamento de Clara, João Pedro tinha a secreta esperança de recuperá-la. Clara esforçara-se muito para o ajudar a tornar-se o homem que era hoje, um pintor reconhecido, mas fora preciso ela sair da sua vida para que ele conseguisse chegar lá. Ora, fazia sentido que Clara quisesse voltar para João Pedro e, assim, partilhar com ele o estatuto da glória há tanto ambicionada. Porque Clara desejara, ainda mais do que João Pedro, que ele fosse bem-sucedido. Mas era demasiado tarde, Clara desistira de o mudar e tomara um rumo diferente para a sua vida, que não o incluía.

Ela sentia-se ofendida, e não o escondia. Nos últimos dias, lera nos jornais as maravilhas que escreviam sobre João Pedro, vira-o na televisão irreconhecível na eloquência das suas intervenções, e, pior ainda, era frustrante perceber que ele se aliara a outra mulher para concretizar o que ela andara anos a insistir que fizesse. Clara sentia-se enganada e injustiçada. Entendia que o êxito de Cristiane era o seu fracasso.

Do ponto de vista de Clara, o caso resumia-se aos seguintes pensamentos: *A Cristiane é uma gaja boa. João Pedro queria comê-la, e a condição para a levar para a cama era pintar o retrato dela. Estou mesmo a vê-lo, a babar-se por ela. É claro que ele fez tudo o que ela lhe pediu. Só para lhe saltar em cima, fez o retrato.*

Ah, queres um retrato? Mas com certeza, faz-se já o retrato, fazem-se oito! Não seja por isso. E, ainda por cima, são oito retratos extraordinários, obras-primas. Homens! São todos iguais. É patético...

É evidente que, se soubesse, Clara teria feito o mesmo, só que a estratégia de Cristiane não estava ao alcance de Clara. João Pedro não precisava de pintar coisa nenhuma para dormir com ela, portanto, faltava-lhe o incentivo. Clara sentia-se minorizada em relação a Cristiane, pois bastava ver os retratos para pensar que, comparada com a outra, não passava de uma mulher vulgar, desprovida de qualquer beleza física.

Clara já pensara que seria divertido elaborar um pequeno livro a que chamaria Manual de Truques para a Mulher Enrolar Um Homem. Nos seus devaneios sobre este tema universal, imaginara-se a escrever o seguinte: *O pensamento feminino, no que se refere aos homens, infere que, para estes, a beleza é determinante, por isso a atitude da mulher para conquistar um homem concentra-se especialmente neste aspecto básico da natureza masculina. Os recursos não são ilimitados, mas ela entende que se utilizar sabiamente os seus melhores argumentos conseguirá atingir o objectivo. Será subtilmente provocante, insinuando-se sem cair na vulgaridade, recorrendo à linguagem corporal sem exagerar, simulando uma certa ingenuidade. E será descaradamente encantadora, sorrindo e concordando sempre com o ponto de vista dele para não ofender o seu instinto de macho dominador. Para o cativar, poderá mesmo menoscar o temperamento feminino em geral, dizendo que compreende perfeitamente a exasperação deles em relação a elas, mas que ela própria é diferente, dando a entender que está em consonância com o pensamento masculino, tanto quanto é possível sem perder a sua feminilidade.*

Clara conhecia todos os truques para enrolar um homem, mas estava convencida de que, no caso de Cristiane, nem fora preciso grandes conversas para ela o manipular. Era tão bonita que, certamente, não tivera de se esforçar muito. Prova disso, é que João Pedro lhe caíra na teia num instantinho. Mais trivialmente, diria Clara, *ficou agarrado pelos tomates em três tempos.*

João Pedro não concordaria com esta visão simplista de Clara, bem entendido. De facto, Cristiane não o tinha agarrado por coisa nenhuma. Gostava dela, sentia-se fascinado pela sua beleza, mas, mesmo a beleza mais extraordinária ia perdendo o seu fascínio com a *normalidade* de uma relação. Era depois de ultrapassada a euforia da conquista que o amor enfrentava o verdadeiro desafio, quando havia amor. Ora, João Pedro não se sentia genuinamente apaixonado por Cristiane, e a euforia dos dias excessivos em que pintara soberbos retratos em casa dela havia esmorecido. A viagem ao Rio de Janeiro pusera-os à prova. Tinha sido uma semana em que estiveram juntos vinte e quatro horas sobre vinte e quatro horas e, já nessa altura, João Pedro sentira algum cansaço do espírito caprichoso de Cristiane. Mesmo quando procurava agradar, a natureza dominadora dela deixava pouco espaço para uma relação equilibrada. Depois, Carol intrometera-se, quebrara

a harmonia e desviara a atenção de João Pedro.

Ainda assim, se não fosse uma infeliz coincidência, Cristiane teria regressado para João Pedro sem nenhuma reserva, mas Carol entrara na vida dele como um furacão e continuou a fazer estragos.

Se Cristiane tivesse ido bater à porta de João Pedro no dia em que regressou do Rio de Janeiro, teria conhecido os filhos dele. Mas ela não o fez, embora estivesse ansiosa por o rever. Mais cedo, Clara levava as crianças e João Pedro, que se esquecera de avisar Carol da visita dos filhos, não fora a tempo de evitar que ela se precipitasse para a porta quando Clara tocou à campainha. Foi um choque para Clara, ver Carol despontar à entrada, envergando apenas uma camisa dele que lhe caía como um vestido amarrotado e esclarecedoramente decotado. Abriu-lhe a porta ainda estremunhada do sono tardio e de cabelo desalinhado. Clara teve uma fúria, agarrou nos filhos pela mão e conduziu-os bruscamente de volta ao carro, já a ponderar grandes batalhas judiciais para impedir o pai de se aproximar das crianças. Mas João Pedro correu atrás dela e, depois de aturada persistência, conseguiu persuadi-la a deixá-los ficar.

Respirou fundo, acabara por evitar o pior, pois suspeitava que, caso Clara tivesse levado os filhos, haveria de passar muito tempo até poder voltar a estar com eles. Mas tinha a certeza de que não se livraria de mais complicações. O incidente com Carol agravara o ressentimento dela e, se bem conhecia Clara, depois daquilo, estava condenado a lidar com uma perpétua má vontade. Ou, como ela diria, não lhe veria os dentes durante muitos e bons anos.

Quando voltou com as crianças para casa, João Pedro percebeu, aliviado, que Carol se refugiara na casa de banho, de onde só saiu após tomar um duche rápido e se vestir de forma adequada. Tomaram o pequeno-almoço na cozinha — os gémeos não desdenharam um prato de leite com cereais, apesar de já terem comido em casa da mãe — e Carol pegou no bebé ao colo e revelou-se encantadora com os gémeos. Estes aceitaram-na bem, com a candura natural de crianças de seis anos, sem se questionarem sobre o papel daquela inesperada e simpática desconhecida na vida do pai. Foi uma refeição demorada, nenhum deles tinha pressa para coisa nenhuma. João Pedro iria dedicar o dia aos filhos e o seu único problema era o que fazer para os ocupar até os devolver a Clara ao fim da tarde; Carol agendara uma sessão fotográfica com uma cliente para as quinze horas, de modo que ficou até ao meio-dia, altura em que se despediu.

— Falamos mais logo? — perguntou a João Pedro.

— Sim, claro — respondeu ele.

Acompanhou-a à porta, trocaram um beijo rápido, um sorriso cúmplice, ela foi-se embora.

Desde a visita de João Pedro ao estúdio de Carol, tinham-se encontrado todos os dias na casa dele, e já se riam por passarem a maior parte do tempo nus e enfiados na cama. Não obstante, em nenhuma ocasião afloraram sequer o sentido que deviam dar ao que andavam a fazer. Pela ordem natural das coisas, tanta intimidade exigia um esclarecimento entre eles, se estavam ainda a apalpar terreno,

a ver se o romance pegava, ou se era só sexo diletante. Mas, enfim, a consciência de que uma conversa os obrigaria a tomar decisões levava-os a adiar tacitamente o assunto. Bem, João Pedro entendia esta relação descomprometida com a ingenuidade de quem se colocava nas mãos de um destino marcado. Já Carol, mais fria e cerebral, premeditava estrategicamente os passos que dava. Não é que quisesse ignorar a relação que João Pedro ainda mantinha com Cristiane, mas optou por esperar que ele se definisse. Não fazia perguntas, não o forçava a escolher. Era tudo demasiado recente, uma semana apenas, o instinto dizia-lhe que não devia pressioná-lo.

Mas quem era Carol, afinal? Se fôssemos esgravatar a vida desta mulher surpreendente, descobriríamos uma alma secreta que procurava ocultar o passado. Carol era sofisticada e bastante popular nesse meio muito especial das pessoas do mundo da moda, do espectáculo, da televisão, dos negócios da noite. Ela gravitava indelevelmente pelas discotecas e festas exclusivas de Lisboa, pelos espectáculos mais concorridos, pelas passagens de modelos e outros acontecimentos da moda do ano.

Possuía uma invejável colecção de vestidos de marca, investia muito na sua imagem, considerando que a elegância nunca era demais. E estava certa, pois atraía a atenção das mulheres que lhe admiravam o bom gosto e queriam ser suas amigas, e dos homens que se sentiam atraídos por ela e estavam dispostos a pagar os seus caprichos sumptuosos para a cativar. Carol era exigente, fazia parte do jogo não baixar a fasquia para se valorizar.

Porém, quando ia a um evento não era tanto para se divertir, mas para conseguir os clientes que lhe proporcionavam os proventos que lhe permitiam ter uma vida bastante confortável. Precisava de muita visibilidade, de aparecer e espalhar charme e alegria, de se evidenciar, de ser encantadora. O resto vinha naturalmente. Todos queriam fazer uma sessão fotográfica com Carol, porque era *obrigatório*, porque depois podiam exibir o resultado nas suas páginas do Facebook e colocar um comentário elogioso que incluísse a palavra *amiga* ao referirem-se a ela. Carol nunca aliciava ninguém para fotografar, Carol era Carol, a fotógrafa na moda que escolhia, de entre a interminável fila de ansiosos interessados, quem tinha e quem não tinha o privilégio de uma sessão de fotografia no seu estúdio. Em regra, havia uma longa espera de semanas antes de alguém receber um telefonema da assistente de Carol a marcar o dia e a hora da sessão. Só havia uma oportunidade, quem não podia comparecer perdia a vez. Os eleitos eram recebidos com morangos e champanhe e tinham toda a sua atenção. Só fotografava uma pessoa por dia. Mais tarde, o cliente recebia a conta, de um valor absurdo, para pagar pelos seus serviços. Ninguém reclamava, embora também não houvesse surpresas, porque o cliente era avisado antecipadamente de quanto lhe seria cobrado. O caso de João Pedro fora diferente, sem champanhe, morangos e assistente, mas sem ir para a fila nem pagar pelas fotografias.

Carol aparecia nas revistas sociais ao lado dos artistas famosos que as pessoas

comuns gostariam de conhecer e, desse modo, ganhava também o estatuto de famosa. Agora, que João Pedro surgira do nada com os seus quadros arrebatadores, arriscando-se a ser considerado o homem do ano, lá estava Carol ao seu lado. Conhecer-lo no Rio de Janeiro fora um golpe de sorte que ela tencionava aproveitar ao máximo. Logo que regressara a Lisboa e recebera o convite dele para fotografar a inauguração, livrara-se do namorado chato que já tolerava há demasiado tempo e fora à caça.

Não se envergonhava de defender os seus interesses. Quando pensava nisso, encolhia os ombros e perguntava-se com uma pontinha de cinismo, quem é que, de uma maneira ou outra, não era interesseiro neste mundo?

Mas Carol tinha os seus limites, já recusara ofertas apetecíveis da *GQ* e de outras publicações menos prestigiadas e mais duvidosas para pousar sem roupa, assim como rejeitara liminarmente convites para participar em programas de televisão como *A Casa dos Segredos*. Não é que fosse pudica ou envergonhada, mas geria a sua carreira criteriosamente e o instinto dizia-lhe o que devia aceitar ou não. Só fazia apostas requintadas e não condescendia com a vulgaridade, porque sabia que um passo em falso poderia deitar a perder uma posição que demorara anos e lhe dera muito trabalho a conquistar.

Quem a conhecesse, hoje em dia, poderia ficar com a impressão errada de que a vida de Carol fora sempre fácil, uma ascensão meteórica e sem obstáculos. Era o género de equívoco que ela fomentava, porque entendia que não era do seu interesse que se soubesse donde vinha e o que fizera para subir na cadeia alimentar. Escondia tudo, até os apelidos vulgares que herdara dos pais. Toda a gente a conhecia apenas por Carol, como se ela própria fosse uma marca registada, sem nomes de família, sem referências pessoais. Defendia-se insensivelmente de todas as tentativas de assalto aos muros de segredos que erguera em seu redor com grande determinação.

Carol procurava convencer-se de que a sua atitude não tinha nada de censurável e era tão só o exercício do direito à privacidade. Contudo, debatia-se muito com um sentimento de culpa que insistia em pairar sobre a sua cabeça, como se uma vozinha acusadora num canto do cérebro teimasse em lembrá-la de que renegara injustamente as origens.

O enredo fora sendo tecido ao longo dos anos, sem um plano preconcebido, sem uma decisão consciente de seguir um guião para construir uma mentira. Quisera melhorar a sua imagem, apenas isso. Começara por deixar cair o sotaque provinciano. Ainda na universidade, copiava a maneira de falar e de vestir das colegas mais sofisticadas. Estudava-lhes os gestos, as expressões, o bom gosto. E era competente nisso. Mais depressa se pensava que Carol viera de Cascais do que de uma aldeiazinha insignificante do interior de Coimbra. Ninguém diria que o pai dela trabalhava como caseiro de uma quinta senhorial e que a mãe amanhava a pequena horta nas traseiras da casinha quase indigente onde Carol crescera. Era

gente simples, à beira da pobreza, que gastara todas as poupanças para a filha mais velha se tornar médica. O dinheiro não chegara para as duas, e Carol nunca perdoara a irmã por não a ter ajudado depois de se formar e começar a trabalhar no hospital.

Carol fora para Lisboa estudar, mas tivera de arranjar um emprego numa loja de fotografia para pagar a faculdade e um quarto numa pensão. E, afinal de contas, esse emprego e uma máquina fotográfica barata, que o seu pai lhe oferecera como se lhe transmitisse o seu maior tesouro, definiram a vida dela.

Carol era um produto da sua circunstância. Primeiro, interessou-se pela fotografia porque o pai lhe pusera uma máquina nas mãos e porque trabalhava numa loja onde manuseava milhares de imagens, ainda que por obrigação. Se não tivesse de trabalhar, provavelmente nunca teria descoberto a sua verdadeira vocação. Mas se não estivesse na universidade, talvez não tivesse chegado a descobrir um caminho para desenvolver essa vocação.

Carol levava a máquina para as aulas — a partir de certa altura, não se separava dela — e, nos intervalos, fotografava os colegas, a quem oferecia os retratos. Contudo, como o seu trabalho era apreciado e ganhou fama na universidade, rapidamente passou a ser convidada para registar todos os eventos académicos. E ao fim de pouco tempo, descobriu que podia ganhar dinheiro com o que até então era só um passatempo. Primeiro os amigos, depois outros colegas desconhecidos que tinham ouvido falar dela, começaram a pedir-lhe que fotografasse as suas festas particulares, na maioria dos casos aniversários, o que ela fazia a troco de um pagamento não muito elevado. Agora, trabalhava todos os dias menos ao domingo. Durante a semana estava na loja e às sextas e sábados tinha as festas.

Quando terminou o curso de marketing e publicidade e deixou a universidade, já pusera de lado a máquina que o pai lhe oferecera, adquirira um equipamento de qualidade bastante superior e estava lançada no negócio da fotografia. Embora nunca tivesse chegado a exercer a profissão para que estudara, esta ajudara-a a descobrir expedientes eficazes para prosseguir com a actividade que decidira desenvolver. E os amigos que fizera nesses anos na universidade revelaram-se uma base preciosa para continuar a ter trabalhos.

Ao contrário da irmã, que fora viver para junto da aldeia dos pais depois de casar com um rapaz da região, Carol não regressara. Com vinte e um anos, estava ainda imbuída naquele espírito da juventude, tão feliz quanto ingénuo, que espicaçava a imaginação e a levava a acreditar que era possível conquistar o mundo. A vida corria-lhe bem, não precisava de muito dinheiro e ganhava mais do que gastava. Um século novinho em folha começara em grande festa, a contar do zero, e ninguém imaginara que a crise económica rebentaria como uma borrasca poucos anos depois. Tudo parecia fácil. Carol, deslumbrada com a liberdade, pulava de festa em festa, de discoteca em discoteca, de casamento em casamento, com a máquina fotográfica a tiracolo. Conhecia pessoas e tinha a sensação de que lhe pagavam para se divertir. Havia noites em que fotografava dois e três eventos.

Com o que poupou, deu entrada para um apartamento pequenino no Chiado, muito bonito e muito caro, com pormenores de luxo, num edifício acabado de recuperar.

O primeiro Verão depois de acabar o curso foi épico. Um convite providencial para fotografar o aniversário de uma actriz da telenovela do momento permitiu-lhe entrar no mundo da televisão. Conheceu outros actores, tornou-se namorada de um deles e, em breve, era considerada a fotógrafa obrigatória em todas as festas — e se havia festas nesse tempo.

Nunca mais parou.

Nunca ia a casa, de resto, deixara de pensar na aldeia dos pais como tal. Agora, o lar de Carol era o apartamento no Chiado. Reflectindo sobre a obstinação de Carol em isolar-se da família, ocorre-nos uma perplexidade: a obsessão de ascender socialmente, justificava que ela escondesse dos amigos actores a família? Afinal de contas, uma boa parte deles, senão a maioria, provinha igualmente de famílias da classe média. Nessa época, Carol não tinha acesso ao círculo extremamente reservado daquela classe realmente exclusivista, formada por clãs familiares, que, não obstante um inconfessado fascínio pela gente famosa, olhava com severa altivez os que não pertenciam, por direito de nascença, ao grupo social dos que se autodesignavam, entre eles, bem entendido, pelo sobranceiro epíteto *Pessoas como Nós*.

Com efeito, se Carol reconhecesse perante os amigos as suas origens modestas, certamente não seria ostracizada do grupo, pois muitos deles teriam uma história semelhante para contar.

A intenção de Carol não era tanto esconder a família, mas ignorá-la ostensivamente por razões de que não se orgulhava.

A recordação mais antiga que Carol tem da sua infância, a primeira memória dela própria enquanto criança, reporta-se a um tempo em que ainda não frequentava a escola. Teria uns quatros anos. Vê-se, muito pequenina, de vestido, a correr atrás do pai ou a pedalar num velho triciclo, por caminhos de terra estreitos entre árvores frondosas. Supõe que o pai a deixava acompanhá-lo enquanto cumpria as suas obrigações de caseiro, as quais implicavam andar pela quinta que estava ao seu cuidado. Enfim, não seria sempre, mas era frequente isso acontecer. Havia dias em que o pai levava a máquina fotográfica e tirava retratos às árvores, aos campos, à ribeira que atravessava a quinta. E também à filha. Ela gostava de fazer poses e sentia uma enorme excitação quando, mais tarde, o pai lhe mostrava as fotografias. Carol adorava-o por várias razões: porque ele a acarinhava como ninguém; porque lhe dava toda a atenção que ela solicitava; porque lhe fazia muita companhia e nunca lhe ralhava. Lembra-se de o pai a vestir de manhã, de lhe preparar o pequeno-almoço, de saírem juntos e a levar pela mão até ao portão da quinta, que ele abria com uma chave enorme, deixando-a passar à frente a correr para um triciclo que ficava arrumado debaixo do alpendre da casa das ferramentas.

Não se lembra de a mãe tratar dela. Só se recorda de ver a mãe sempre preocupada com a filha mais velha. A mãe levava a irmã de Carol à escola, ia buscá-la, vigiava-a ao fim da tarde para se certificar de que fazia os trabalhos de casa, sentada à mesa da sala de jantar. Normalmente, se Carol estava presente, era como se não existisse para ela. Ou a ignorava, ou, se Carol andava à sua volta a chamar por ela, enxotava-a com gestos bruscos.

A memória de infância mais forte que tem da mãe é da sua voz ríspida e da sua

eterna impaciência, que contrastava flagrantemente com a enorme cumplicidade com a irmã de Carol. Desde que se lembra, a mãe era uma mulher corpulenta e mexia-se lentamente, como se tivesse dificuldade em deslocar-se.

À medida que foi crescendo, Carol foi ganhando uma maior consciência de ser discriminada pela mãe em relação à irmã, seis anos e meio mais velha. Nunca soube a razão, mas um dia, folheando na companhia do pai um álbum de fotografias antigo, viu alguns retratos da mãe dezasseis anos mais nova e muito magra. Lembra-se como se fosse hoje, os dois sentados no velho sofá da sala que já tinha umas quantas queimaduras dos cigarros do pai. Ele era descuidado a fumar e a mãe repreendia-o constantemente, receosa de que acabasse por provocar um incêndio. Carol ficou surpreendida com o que via.

— O que ela mudou — disse. — Era tão magra.

— Sim, ela ficou bastante doente quando tu nasceste, e nunca recuperou completamente.

— Doente, com quê?

— Não sei explicar bem, foi uma infecção que teve no hospital e, depois, mais algumas complicações.

Carol notou que o pai se atrapalhava e, embora curiosa, não insistiu no assunto. Ele tinha só a quarta classe e sentia-se vexado quando a falta de instrução lhe criava situações embaraçosas. Carol poupou-o a um interrogatório, mas também não procurou esclarecer o assunto com a mãe. Porém, tomou esta revelação como uma explicação clarividente para o escasso amor que a mãe mostrava por ela. Foi um choque. Tinha então quinze anos e o ressentimento da mãe pareceu-lhe uma injustiça tremenda. Que culpa tinha ela dessas complicações pós-parto? Não pedira para nascer, fora uma decisão dos pais!

Noutra ocasião, ficou a saber por um infeliz desabafo da mãe que a gravidez tardia não fora planeada. Nascera, portanto, devido a um descuido deles e o parto tivera consequências nefastas para a saúde frágil da mãe.

O pai de Carol era um homem taciturno, muito metido consigo mesmo e pouco dado a conversas. A relação dele com a mulher talvez tivesse sido feliz no início do casamento, Carol não saberia dizê-lo, mas, desde que ela se lembrava, só encontrava uma palavra para a descrever: desastrosa. A mãe vivia a massacrar o pai com recriminações constantes, acusando-o de ser um falhado, culpando-o por serem pobres. Na verdade, o salário dele dava à justa para levarem uma vida digna, não lhes permitindo despesas supérfluas. A mãe, que por acordo mútuo nunca trabalhara senão nas tarefas domésticas, sentia-se à-vontade para se queixar em vez de o apoiar. Em contrapartida, ele nunca retorquia porque se considerava, de facto, responsável por não conseguir oferecer uma vida melhor à família.

Na sua adolescência, a relação de Carol com a mãe foi-se tornando mais conflituosa. Ela não verbalizava o motivo, mas revoltava-se por não ser amada e reagia provocando confrontos desgastantes que desesperavam a mãe. E depois,

Carol assistia aos ataques injuriosos que a mãe fazia ao pai e sentia-os como se fossem dirigidos a si, porque lhe parecia que ela era igualmente injusta com os dois.

A irmã de Carol tinha-se transformado numa alma gémea da mãe. Laboriosamente manipulada por esta, estava sempre pronta a soltar as garras para a defender. Menina mimosa de sua mãe, apoiava-a incondicionalmente e voltava-se contra Carol quando ela a enfrentava, porque a mãe se ia queixar à filha mais velha e vitimava-se muito, suspirava entre lamentos, quase a desfalecer, e ela ficava indignada, acusava a irmã de ser insensível e não se importar com a saúde frágil da mãe. E de facto, Carol não se impressionava nada com esses achaques teatrais que tanto afligiam a irmã. De modo que se foram incompatibilizando por causa do carácter perverso da mãe.

O que incomodava realmente Carol era a tristeza perene do pai. Via-o melancólico, calado num canto a fumar o seu cigarro, suportando em silêncio as exprobrações persistentes da mulher, e preocupava-se. Por vezes, ainda o procurava na quinta, interrompia-o no trabalho e tornavam a percorrer os caminhos poeirentos entre as árvores de fruto, a sentar-se à beira do tanque da rega, mergulhando as pernas na água fresca, com as calças arregaçadas, e a ter as suas longas conversas, o seu momento loquaz, despreocupados, sem darem pela tarde que se esgotava na serena tranquilidade de um céu de tonalidades avermelhadas, de um sol tépido, enquanto bandos de pardais chilreantes pairavam sobre os galhos e alguns, mais afoitos, vinham bebericar ao tanque de fundo verde. Nessas alturas, o pai soltava-se e voltava a ser o homem alegre que outrora seguia diligente a sua menina a pedalar o triciclo, dando gritinhos de felicidade.

Mas eram momentos fugazes, meras intermitências num quotidiano sem chama. O trabalho já não compensava as frustrações de uma vida e a depressão instalava-se nele como corolário de um casamento massacrante.

Quando chegou a sua hora, Carol decidiu partir. Ia para Lisboa mesmo sem garantias. Ali não lhe restava nada, não havia futuro, e ela não concebia ficar para um dia descobrir que deitara fora a sua vida e soçobrara naquele marasmo de casas desleixadas, muitas delas desabitadas há muito, e de ruas vazias, onde já só brincava um punhado de meninos maltrapilhos. Aquela aldeia só era bonita para os forasteiros que passavam por lá ocasionalmente, quando deixavam as grandes cidades em passeio de fim-de-semana. Carol não via nela nada de atraente. Tinha de partir. Arriscar-se-ia, ainda que os pais não tivessem dinheiro para sustentar a sua permanência na capital.

Não obstante a evidência de que ficar seria desperdiçar a vida dela, a mãe de Carol opôs-se terminantemente a que ela fosse viver para a capital. Ao contrário da filha mais velha, que incentivou a estudar em Coimbra, a mãe proibiu Carol de fazer o mesmo em Lisboa. Mas ela rebateu todos os argumentos.

— Porque não hei-de ir?

- Porque é muito longe.
— É agora longe!
— E não tens dinheiro.
— Vou trabalhar. Alguma coisa hei-de arranjar.
— O quê, vais-te prostituir?
— Mãe!
— Não olhes assim para mim. Julgas que não sei o que fazem essas galdérias que vão para Lisboa?
— Mãe, eu não sou nenhuma galdéria!
— Olha a Maria Adelaide, a filha da Joana e do Zé Marcolino, que foi daqui com uma muda de roupa e nas primeiras férias já vinha toda aperaltada, cheia de anéis de ouro nos dedos, pintada como uma puta.
— Mas eu não sou igual a ela.
— Como é que julgas que ela conseguiu aquelas coisas todas?
— Não sei nem me interessa. Só sei que vou arranjar um emprego para pagar a universidade.
— És uma egoísta, é o que tu és.
— Sou egoísta porquê?
— Deixas-nos aqui, a mim e ao teu pai. A tua irmã já se foi, agora vais tu.
— Pois, mas tu foste a primeira a dizer à minha irmã que fosse, porque aqui não tinha futuro.
— Só pensas em ti, sempre foste assim.

Por mais que fossem as objecções da mãe, umas absurdas outras nem tanto, a Carol nada lhe tirava da cabeça que a sua verdadeira preocupação era que ela não triunfasse em Lisboa para não deslustrar o brilho do sucesso da filha mais velha. O seu sonho era ver a irmã de Carol regressar à aldeia doutora e poder dizer às vizinhas que a sua menina se formara. As outras haveriam de morrer de inveja da sua filha importante, oh se morreriam! Teria muito gozo em empinar o nariz e dizer-lhes que, se precisassem de uma consultazinha, poderiam pedir à sua filha médica se lhes arranjava um bocadinho do seu tempo atarefado.

Enfim, via nestes sonhos a reparação de anos de sobanceria das vizinhas, que já tinham os seus filhos para o estrangeiro e faziam ares superiores quando falavam deles, reproduzindo, impantes, os pormenores das ricas vidas que levavam em França ou na Suíça. Haveriam de engolir os sorrizinhos babados que lhes via quando eles regressavam nas férias de Verão em grandes carrões carregados de presentes de luxo.

Uma semana antes de Carol fazer as malas e apanhar o comboio para Lisboa, a mãe caiu de cama, doente. Sofria muito, e só se queixava de que ninguém queria saber dela.

— Olha, a tua filha, que é médica, que venha cá no fim-de-semana e te passe uma receita. Telefona-lhe, verás que ela vem a correr — atirou-lhe Carol, brutal.

Não a suportava, nem aos seus joguinhos psicológicos. Não se submeteu às manipulações maternas da mãe.

O pai animou-se, escondeu o desgosto atrás de um sorriso, levou Carol à estação na carrinha de caixa aberta da quinta, que costumava utilizar para os assuntos de trabalho. Conduziu em silêncio, a fumar pela janela aberta um cigarro no canto da boca, e manteve a sua máscara sorridente, como se não lhe custasse que Carol saísse de casa. Ela, com o coração apertado por o ver assim, pensou como era irónico que a mãe a tentasse reter com astúcias velhas, e o pai, que sofria verdadeiramente por ficar sem ela, disfarçasse para não a desencorajar.

Já na estação, ele obrigou-a a aceitar um pequeno maço de notas.

— É tudo o que tenho de parte — disse. — Escondi o dinheiro da tua mãe para te dar.

— Não pai, nem pensar. Não podes fazer isso.

— Posso, pois. É para te aguentares nos primeiros tempos, enquanto não arranjas emprego. E livra-te de desistires e voltares para casa. Não quero voltar a ver-te aqui, a não ser de férias.

Carol abraçou-se a ele, aconchegou-se no seu peito.

— Vais fazer-me muita falta — disse, com lágrimas no olhos.

— E tu a mim, mas vai e não olhes para trás. A felicidade está lá à frente, em Lisboa.

Já sentada no seu lugar na carruagem, com as palavras do pai a ressoarem-lhe na cabeça, Carol sentiu um frenesim no peito, um misto de medo e excitação, mas declarou solenemente a si própria que, acontecesse o que acontecesse, nunca haveria de desistir. Levava no colo a máquina fotográfica que o pai lhe dera de presente, apesar dos protestos dela. Aquela máquina tinha sido, provavelmente, o único luxo que ele se permitira em toda a sua vida, e agora oferecera à filha o seu tesouro.

Encolhera os ombros e dissera-lhe:

«Eu já não a uso e a ti dá-te gosto.»

O pai de Carol compreendia o que se passava em casa e, embora gostasse igualmente das duas filhas, procurara compensar Carol da atitude distante da mulher em relação a ela. Tanto mais que a mulher também só costumava ter palavras azedas para ele. Ela depositava todas as esperanças na filha mais velha, que, esperava, haveria de concretizar o seu belo sonho de ser mãe de uma médica. Mãe de uma médica, de uma senhora doutora, podia-se imaginar uma coisa assim, tão importante?! Quem sabia se, mais tarde, a filha não lhe compraria uma casinha nova, já que o inútil do marido nunca teria dinheiro para isso, ou até talvez mandasse construir uma de raiz: a maior casa da aldeia! Dava que pensar. Por isso se concentrou na filha mais velha — a mais nova era um empecilho, nunca a quisera e destruíra-lhe a saúde — e, conseqüentemente, acabou por criar uma divisão na família: a aliança delas contra a solidariedade deles.

Os primeiros tempos em Lisboa foram difíceis. Carol não conhecia ninguém e não sabia bem para onde se virar numa cidade tão grande. Andou um pouco perdida durante semanas. Mas tinha um plano e, quando saiu da estação, não se deixou intimidar pela enormidade da tarefa que jurara concluir. Respirou fundo e dedicou-se de imediato às coisas práticas. *Enquanto estiver ocupada a resolver os meus assuntos não entro em pânico*. Pensou isto muitas vezes.

Foi procurar uma pensão barata onde pudesse dormir. Nas duas semanas iniciais mudou três vezes de pensão, porque na primeira havia homens a quererem derrubar a porta do quarto durante a noite; e a segunda era um negócio de prostituição onde não se conseguia dormir. Finalmente, acabou por encontrar uma pensão aseada, gerida por uma senhora que arrendava quartos a estudantes. Era um lugar seguro, donde só saiu no segundo ano para arrendar uma casa a meias com duas colegas de curso.

Depois de se inscrever na universidade, Carol tratou de procurar emprego. Deu, por acaso, com o Centro Comercial das Amoreiras, onde entrou para comprar um jornal e tomar um café enquanto estudava os anúncios das ofertas de trabalho. Marcou um ou outro com uma esferográfica, mas nenhum lhe pareceu muito promissor. Porém, mais tarde, distraiu-se a ver as lojas do centro comercial, e, ao deambular pelos corredores, reparou num anúncio afixado na montra de uma loja de fotografia: Empregado/a, precisa-se.

Carol tinha urgência em trabalhar e aquele emprego pareceu-lhe tão bom como outro qualquer. *Posso ficar com este agora e depois, sem pressa, tentar arranjar alguma coisa melhor*, pensou. Entrou na loja e ofereceu-se. Era para ser temporário, mas afinal haveria de ficar até terminar o curso.

Sobreviveu à justa ao primeiro ano e a maior ironia é que, se teve a força de vontade para aguentar todos os sacrifícios e persistir em condições tão duras que a maioria das pessoas teria desistido, à mãe o devia. Quando se sentia a vacilar, lembrava-se da mãe e pensava: *prefiro morrer a dar-lhe a satisfação de desistir e voltar para casa com o rabo entre as pernas*. Não se prestaria a essa humilhação. E assim superou desafios impossíveis.

O dinheiro escasseava, o ordenado não chegava para pagar o quarto, a alimentação, a universidade, os livros de estudo. No início, recorreu às economias do pai para compensar o salário insuficiente, mas estas acabariam em breve. Carol oferecia-se para trabalhar todas as horas extraordinárias disponíveis na loja e fazia uma gestão muito rigorosa do seu orçamento, contudo, as despesas pareciam não acabar. A sua salvação foi o dinheiro extra que ganhava desde que começou a fotografar as festas dos aniversários dos colegas. O pior é que consumia tanta energia a arranjar forma de pagar as contas que pouca lhe restava para estudar. Por conseguinte, arriscava-se a deitar tudo a perder com o esforço inglório para continuar na universidade.

Dividia o seu tempo entre as aulas e a loja, na qual aproveitava os momentos mortos para estudar. À noite, no quarto, mordiscava uma refeição leve enquanto tentava manter-se a par da matéria, mas os seus olhos fechavam-se e cabeceava em cima dos livros. No primeiro semestre, obteve notas positivas, mas ficou mesmo à beira da catástrofe, com uma média de que não se podia orgulhar.

Era frustrante, Carol estava rodeada de colegas despreocupadas que desbaratavam alegremente em bares e discotecas as mesadas estapafúrdias que recebiam dos pais e, ainda assim, tinham melhor aproveitamento nas aulas. Houve momentos em que sentiu vontade de desistir da faculdade. Porque não? Se não tivesse de pagar os estudos, poderia continuar a trabalhar e a viver em Lisboa.

Um dia, ao desabafar com uma colega sobre as dificuldades que atravessava, foi tentada com uma proposta providencial.

— Nem sei como chego viva ao fim do mês — disse Carol. — Como é que tu consegues?

A colega encolheu os ombros.

— Faço alguns trabalhos, normalmente uma vez por semana. É mais do que suficiente.

— Trabalhos? Que trabalhos?

— Conheço uma senhora que arranja encontros com empresários ricos, tipos que vêm a Lisboa em negócios e querem companhia.

Caminhavam as duas, lado a lado, na rua, à saída da faculdade. Carol estacou, de boca aberta, gaguejou:

— Tu... tu... estás a dizer que... vais a esses encontros?

A colega, uma morena de franjinha, olhos inocentes, ares de menina frágil, olhou para ela com uma condescendência surpreendente.

— Oh, Carol, não sejas ingénua — atirou-lhe.

Ela engoliu em seco, recompôs-se da surpresa, retomou o passo.

— O que é que fazes nesses encontros? — perguntou-lhe.

— Depende, podes limitar-te a fazer companhia e a seres simpática com o cliente. Em geral, levam-nos a jantar com os parceiros de negócios a restaurantes caros. Come-se muito bem — sorriu, oferecendo-lhe uma expressão maliciosa.

— É só isso?

— Só isso. É claro que muitos deles, a seguir ao jantar, convidam-nos para irmos até ao quarto do hotel. Na verdade, *todos* convidam! — abriu significativamente os olhos e soltou uma gargalhadinha breve.

— A sério?! — espantou-se Carol.

Ela abanou a cabeça.

— Hum-hum, mas isso não faz parte do acordo com a senhora. Só vais se quiseses, é lá contigo.

— E o que fazes com eles no quarto?

A outra olhou para Carol como quem pergunta *és parva ou quê?*

— O que é que achas? — disse.

Carol sentiu-se corar, embaraçada.

A colega enfiou um braço no dela e levou-a rua fora, assumindo uma cumplicidade paternalista.

— Não fiques escandalizada, minha querida, não é tão mau como estás a pensar. Ninguém nos obriga a fazer nada que não queiramos. A ideia é só fazer companhia aos senhores, mas comes um bom jantar, bebes ainda melhor, estás divertida, às vezes o homem é um pão e queres mesmo é que ele te convide para o quarto. Então — abriu os braços teatralmente — porque não?!

— Pois, de facto — concordou Carol, esforçando-se para não parecer que achava aquilo tudo sórdido.

— E o melhor é que se passares a noite com ele ganhas muito mais — acrescentou a amiga, sorridente.

Carol perguntou-lhe quanto é que uma rapariga podia ganhar numa noite e quase se engasgou quando ouviu a resposta.

— Se quiseres, apresento-te à senhora que trata dos encontros — ofereceu-se a colega. — É fácil, ela só aceita estudantes, miúdas giras como nós, que precisam de dinheiro e não fazem perguntas nem arranjam problemas.

Carol disse à colega que ia pensar no assunto. A outra incentivou-a, como se não houvesse nada para pensar:

— Anda lá, não sejas parva, andas aí a passar fome quando podes ganhar um monte de dinheiro. Já viste que se te acabavam todas as preocupações?

Separaram-se, Carol apanhou o metro para o trabalho e, no caminho, foi a pensar que, realmente, a amiga talvez tivesse razão. E quanto mais ponderava a proposta, menos a repugnava. Afinal, qual era o problema se lhe pagassem para jantar com uns tipos endinheirados? Ninguém a obrigava a ir para a cama com eles, porque isso, ela sabia que não faria. Aquilo não lhe saiu da cabeça durante todo o dia. Ao chegar à pensão, à noite, já estava decidida, no dia seguinte pediria à colega para a apresentar à senhora que arranjava os encontros. Foi deitar-se aliviada, os seus problemas de dinheiro estavam prestes a resolver-se.

A mente humana é um poço de profunda complexidade onde vibra uma permanente inquietação. Carol podia ter resolvido aceitar a proposta da colega e ter adormecido mais tranquila, porque encontrara por fim a solução para os seus problemas, mas não foi isso que aconteceu. Nunca era. Não conseguiu adormecer, havia algo que a incomodava. A colega dissera que a senhora só contratava as raparigas para acompanharem os clientes e que a parte do quarto de hotel não fazia parte do acordo. *Só vais se quiseres, é lá contigo*, dissera ela. No entanto, Carol perguntava-se o que aconteceria se se recusasse a dormir com os clientes. Agora que pensava nisso, a resposta parecia-lhe óbvia: haveria queixas e, na vez seguinte, o cliente já não quererá sair com ela. A senhora não pressionava as raparigas a irem para a cama com os clientes porque a natureza do negócio encarregava-se disso. Nem precisava de dizer nada, ou elas alinhavam ou eram rejeitadas.

Carol dava voltas na cama, analisava todos os ângulos da questão, procurava argumentos razoáveis que lhe sossegassem o espírito e lhe permitissem ir em frente sem sentimentos de culpa. Queria muito fazer aquilo e, não fosse a maldita consciência, ter-se-ia atirado de cabeça sem pensar duas vezes. Pensou que poderia experimentar e, se não lhe agradasse, não repetir. Mas também pensou que depois seria muito difícil desistir do dinheiro e que, provavelmente, ver-se-ia enredada numa teia de onde não seria fácil libertar-se. Sentia-se tentada, mas hesitava.

Vou aceitar, é só uma experiência. Não, não posso aceitar porque depois não consigo abdicar do dinheiro. Se digo que sim uma vez, estou tramada. Se aceitar ir para a cama por dinheiro, sou uma pega. Não, é claro que não vou para a cama com ninguém por dinheiro. Ou vou? Será que, na altura, consigo resistir? Honestamente? É possível que não resista. É possível que arranje desculpas, que já esteja com um copo a mais e diga a mim própria que só vou com ele porque é giro e eu estou excitada. Mas, se quiser dormir com um tipo que me agrada, não posso aceitar o seu dinheiro, certo?

Carol lembrou-se das palavras da mãe, parecia que as estava a ouvir: *Julgas que não sei o que fazem essas galdérias que vão para Lisboa?* Para a mãe, eram todas umas putas, mas Carol não iria prostituir-se, quanto mais não fosse, porque não queria admitir que a mãe tinha razão.

De maneira que escolheu o caminho mais difícil e nunca se arrependeu da escolha que fez. Agora, acreditava que se tivesse entrado no sórdido mundo das acompanhantes de luxo a sua vida teria sido outra. A colega que a tentara desistira do curso e acabara por seguir o dinheiro fácil, profissionalizando-se na actividade, por assim dizer. Carol perdeu-lhe o rasto, mas não se admiraria se se tivesse tornado uma dessas *senhoras* sinistras que *ajudavam* as estudantes ingénuas a conseguirem um dinheirinho extra. Em contrapartida, depois disso, Carol empenhou-se ainda mais nos estudos, determinada a concluir com sucesso os três anos de faculdade.

Nos primeiros meses andava tão ocupada e cansava-se tanto a correr da pensão para as aulas e das aulas para o trabalho que quase não foi à terra ver os pais. Telefonava-lhes de tempos a tempos, especialmente para falar com o pai. Os dias escoavam-se num ápice, sem uma folga para respirar, preenchidos a estudar e a trabalhar. Só ao fim de um semestre é que apanhou o comboio e passou um fim-de-semana com eles.

Ao chegar à estação, tinha o pai à espera dela, com um sorriso débil e um cigarro no canto da boca. Quando se aproximou dele, Carol assustou-se. Estava magro como nunca o vira, cadavérico seria o termo mais adequado. Usava as suas velhas roupas ruçadas, que ela lhe conhecia, mas sobrava-lhe pano como se tivesse passado a vestir um número acima do seu. Carol abraçou-o.

— Estás muito mais magro — comentou, de cenho franzido.

— Perdi um pouco de peso — disse o pai, confirmando a sua impressão.

— Está tudo bem contigo?

— Está, tudo ótimo.

Mas não estava. Nesse fim-de-semana achou-o abatido e envelhecido. Embora feliz por a ter de novo em casa, era impossível não se notar o seu aspecto pálido e debilitado. Quase não comia e ficava sentado no sofá, apático, de cigarro preso entre os dedos trémulos, que levava à boca lentamente e com dificuldade. De resto, tudo o que fazia parecia exigir-lhe um esforço superior às suas forças e, certamente por isso, não fazia grande coisa.

Carol aproveitou um momento a sós com a mãe para lhe perguntar o que se passava com ele.

— Estou preocupada com o pai — disse.

— Porquê?

— Então, tu não vez como ele emagreceu?

— Sim, tens razão. Sabes que voltou a vestir a roupa que já não lhe servia?

— Mas, não é só isso, o pai não está bem. Não come, não se mexe, fica parado naquele sofá. Não, ele não está bem.

— São aqueles malditos cigarros — lamuriou a mãe. — Já lhe disse para os largar, mas ele não me liga.

— Quantos cigarros é que ele fuma por dia?

— Sei lá, alguns três maços por dia, à vontade.

— E já foi ao médico?

— E ele lá quer ouvir falar de médicos, filha! Não conheces o teu pai?

— Mas devia.

— O teu pai nunca foi ao médico, desde que nos casámos. Minto, foi uma vez, há muitos anos, ao hospital, quando se magoou no braço. Saiu de lá com o braço ao peito, a dizer mal dos médicos, e nunca mais voltou.

De facto, Carol não se lembrava de alguma vez ter visto o pai doente, ou que tivesse ido a uma consulta. Mesmo esse problema no braço de que a mãe falava acontecera, certamente, antes de ela nascer, porque não se recordava de nenhum acidente. O pai sempre fora um tipo seco e bastante saudável, a doente lá em casa era a mãe, embora Carol desconfiasse que ela exagerava as suas dores crónicas para se fazer de pobre sofredora e manipular emocionalmente o marido e as filhas. O pai desleixava-se com a saúde e, entretanto, perdera uma boa parte dos dentes

por não ir ao dentista e usava uns óculos para ver ao perto, comprados negligentemente na farmácia, para as raras vezes que precisava de verificar uma factura, ler um rótulo ou tomar algum apontamento no livro de contas da quinta.

Mas agora era diferente. Carol percebeu que o pai não estava bem. Sem saber que medidas tomar, telefonou à irmã. Apanhou-a a meio de um turno no hospital de Aveiro, onde, também ela, se afadigava sem vida própria, refém do trabalho e dos livros.

— Liguei-te porque vim a casa e percebi que o pai não está bem.

— Não está bem, como?

— Não está bem, está doente.

— Doente com quê?

— Não sei, não faço ideia, mas não me parece coisa boa. Tens de vir cá vê-lo depressa. Podes vir hoje?

— Hoje, Carol? Estou a meio de um turno no hospital, não posso sair daqui.

— Tu não estás a perceber. O pai está muito doente!

— Carol, acalma-te. Eu vou assim que puder, mas diz-me o que é que ele tem.

— Já te disse que não sei.

— Eu percebi que não sabes, mas quais são os sintomas?

— Perdeu imenso peso, está muito fraco, fica sentado no sofá o tempo todo, branco como a cal, não se mexe, não fala.

— Tem febre?

— Não, não sei, acho que não.

— Está bem, vou ter de o ver. Hoje não posso, mas vou assim que puder.

— Sim, mas vem depressa, por favor.

Embora não fosse a casa há mais de um mês, a irmã apareceu logo no dia seguinte de manhã. Tal como Carol, ficou chocada com o aspecto do pai. Fez-lhe muitas perguntas certas e, no final, tirou-lhe com gentileza o cigarro que queimava periclitantemente entre os dedos amarelados com a cinza que ele se esquecera de deitar no cinzeiro. Disse à mãe, sentada ao lado dele, que a partir daquele dia se acabavam os cigarros, decretou que o levaria ao hospital para fazer vários exames na semana seguinte. O pai esboçou um fraco protesto, mas as irmãs aliaram-se, inflexíveis, e não lhe concederam o direito de recusar. De qualquer modo, o pai estava muito fragilizado para se opor.

As três mulheres tiveram ainda uma conversa reservada enquanto ele fazia uma sesta a seguir ao almoço. As filhas admoestaram a mãe por ter deixado o pai chegar àquele estado sem as prevenir. Como era possível que não se tivesse apercebido? Ela defendeu-se como sabia melhor: a chorar e a queixar-se que também andava adoentada e que ele nunca ligava ao que ela dizia, e balbuciou uma série de incoerências, levando-as a desistir de lhe pedir explicações. Carol olhou para a irmã e encolheu os ombros; ela respondeu-lhe com um abanar de cabeça e uma expressão resignada. Não valia a pena, pensaram, eram os dois irresponsáveis.

Carol só voltou a falar com a irmã alguns dias mais tarde, ao telefone, já regressada a Lisboa, e as notícias não eram boas. A irmã explicou-lhe que os médicos tinham diagnosticado um tumor nos pulmões, com demasiadas metástases para que pudesse receber um tratamento eficaz. Carol entrou em pânico.

— Não, não, não. Temos de fazer alguma coisa! Tens de tentar algum tratamento.

— Carol, não estás a ouvir o que te estou a dizer, é tarde de mais.

— E quimioterapia?

— A quimioterapia não vai tratá-lo, só vai enfraquecê-lo e piorar a sua qualidade de vida.

— Pior do que já está?

— Sim, pior do que já está.

— Parece uma médica a falar!

— Eu sou médica, Carol.

— Estás a falar do teu pai!

— Eu sei.

— Então, o que podemos fazer para o ajudar?

— Neste momento, só podemos ajudá-lo a viver o tempo que lhe resta o mais confortavelmente possível.

— Não, desculpa, mas isso não é suficiente.

— É o que podemos fazer. Acredita que, se pudesse, faria tudo por ele.

— Não parece.

— Carol, ele também é meu pai!

— Então, ajuda-o!

— Vou fazer isso, vou fazer isso.

Carol estava a chorar quando desligou o telefone sem se despedir da irmã.

O pai morreu cinco semanas depois. Carol esteve ao lado da mãe e da irmã na missa do funeral, inconsolável. Foi com elas para casa a seguir à cremação, mas não ficou, preferiu apanhar o último comboio para Lisboa, queria fugir daquele lugar que a entristecia. Sentada no seu lugar junto à janela, observava com olhos ausentes os campos e as casas a desfilarem à velocidade do comboio, como se fosse a vida a passar depressa. Por baixo dos óculos de sol escorriam-lhe copiosas lágrimas. Pensava no pai e sentia-se perdida, sentia um vazio, uma sensação de que ficara sozinha no mundo e não tinha ninguém que a apoiasse.

Recordava o pai com carinho, haveria de o evocar sempre como a pessoa mais importante da sua vida. Era um homem triste, derrotado pelo mundo, e ela só pensava que o abandonara nos derradeiros meses da sua vida.

A morte inesperada de uma pessoa amada pode revelar-se um fardo excessivo de suportar para quem sofre a perda, dando a devastadora sensação de ser um

desgosto impossível de ultrapassar. Em geral, mesmo nos casos mais dramáticos, a dor atenua-se com o tempo e, então, a perda irreparável é tolerada com saudade. A ferida vai sarando e fica uma recordação penosa. Carol estava ainda demasiado fragilizada para aceitar a realidade brutal que a atropelara de surpresa numa época particularmente difícil. Apesar de ter o apoio dos muitos amigos da universidade, ao fim do dia recolhia ao quarto da pensão onde enfrentava o fantasma da solidão, e, inconscientemente, procurava expedientes morais que lhe abreviassem o sofrimento. Atribuir responsabilidades à mãe, que nada fizera para ajudar o pai, e à irmã, que se rendera à doença, ajudava-a a aliviar a sua própria culpa. Assim, transferiu os sentimentos negativos para elas, convencendo-se de que o pai morreria devido à indolência delas, e este processo mental inquisitório, agravado por ressentimentos antigos, criou em Carol uma repulsa tremenda por elas.

Voltou a casa da mãe mais três vezes, uma por mês, e em todas acabou a discutir com ela e com a irmã, que agora ia vê-la sempre ao fim-de-semana e fazia questão de criticar Carol pelas suas esparsas visitas. O rompimento definitivo deu-se após um desses momentos de tensão, em que Carol acabou por explodir e despejou de uma assentada todas as injustiças que lhe atormentavam a alma.

— Se estás tão preocupada com a mãe, gasta um bocadinho do teu ordenado de médica para lhe dares melhores condições e ela não ter de viver nesta casa de merda!

— Mas eu não tenho...

— De merda! Ela vive numa espelunca porque gastou o dinheiro todo no teu precioso curso!

— Isso não é verdade, eu ajudo como...

— E, sabes? Eu trabalho para pagar os meus estudos.

— ... posso.

— De qualquer maneira, ela esteve-se sempre nas tintas para mim, não lhe devo nada.

— Carol, como podes dizer isso?! — protestou a mãe, escandalizada.

— Cala-te, sabes muito bem que é verdade.

— Não fales assim com a mãe!

— Falo como me apetecer!

— Não, não falas, não tens o direito!

— Eu sempre me preocupei contigo, minha filha. Não mereço isso — lamuriou-se a mãe.

— Mereces isto e muito mais. Tu só te preocupas contigo. Querias que ela tirasse o curso para fazeres boa figura na aldeia, mais nada. Nunca quiseste saber de mim nem do pai. Nem reparaste que ele estava a morrer. Como é que não deste por isso?!

A mãe levou a mão ao coração.

— Carol... — gemeu.

— Nem acredito que disseste isso à mãe! — exclamou a irmã, chocada.

— E tu deixaste-o morrer sem lhe dares a oportunidade de tentar um

tratamento!

Um silêncio pesado caiu na sala. A mãe abateu-se numa cadeira, apoiou os cotovelos na mesa de jantar, escondeu o rosto contristado entre as mãos. As irmãs olharam-se com ódio.

— É melhor ires-te embora — disse a mais velha, num tom de voz cortante.

Carol estava possessa.

— Pois vou. Vou e não volto nunca mais.

Saiu porta fora, correu para a estação, afastou-se e continuou a afastar-se cada vez mais, cumprindo o que dissera antes de sair.

Nos anos seguintes, Carol recusou todas as tentativas de contacto com elas, rejeitou os telefonemas insistentes da mãe, que foram rareando até cessarem, e ignorou as *sms* apaziguadoras da irmã, que ainda lhe enviou uma mensagem de parabéns por ocasião do aniversário dela nos três anos seguintes e um convite para o seu casamento que Carol nem se dignou responder.

Ainda hoje, não conhecia o marido e as duas filhas da irmã. A ofensa que a cegara foi perdendo força e já não se orgulhava de ter sido tão intolerante. Naquela época, exagerara, se estivesse no seu estado normal teria aceitado a única explicação possível para o que acontecera: o pai morrera porque fumava três maços de tabaco por dia. Acusar a mãe e a irmã fora uma insensatez.

Tinha muita pena de não acompanhar o crescimento das sobrinhas, mas o passado fizera estragos arrasadores e o orgulho ocupara demasiado espaço no coração de Carol para que fosse capaz de voltar atrás, engolir a soberba e reparar a injustiça. *Um dia*, comprometia-se para dar descanso à consciência, *um dia*, quando tiver um filho, levo-o lá para elas o conhecerem.

Mas esse dia não chegava, e Carol sabia que estava a enganar-se a si própria. Um ano passava, e outro, e outro ainda, e Carol ia soçobrando numa vida esplendorosa que não a fazia feliz. Os seus namoros empenhados extinguíam-se insensivelmente, mercê das relações fátuas que mantinha com tipos dissolutos que eram adulados pelas revistas, mas sempre prontos a apaixonarem-se pela próxima mulher de sonho que lhes aparecesse à frente. Carol, sem assentar, sem amor, sem filhos, considerada também uma dessas mulheres desejadas pelos homens do país inteiro, sendo o oposto do que transparecia, via-se ao espelho com a sensação de andar a enganar meio mundo e tinha este pensamento derrotado: *És uma farsa*.

Carol parecia ter uma certa tendência para provocar desastres em série e João Pedro começava a desconfiar de que poderia não ser apenas aselhice. No entanto, como ainda não a conhecia bem, hesitava na interpretação que devia fazer dos vários episódios inconvenientes que ela protagonizara em tão pouco tempo. Não sabia o que pensar de Carol, se era realmente desastrada ou se forçava as situações de propósito.

À tarde, João Pedro saiu com os filhos quando percebeu que não os aguentava mais em casa. Deram um passeio a pé, os gémeos iam a correr à frente enquanto ele empurrava o carrinho do bebé. Pararam numa pastelaria, onde pediu uma quantidade absurda de bolos e bebidas, que, definitivamente, Clara não aprovaria, só para manter os gémeos felizes e ocupados.

Observou-os de espírito um pouco ausente a comerem e a fazerem asneiras com a comida. Distraiu-se a pensar nas embaraçosas peripécias de Carol. A certa altura, teve de retirar o bebé do carrinho, pegar nele ao colo e embalá-lo para evitar que chorasse. Como perdera a chucha, deu-lhe o biberão da água para o entreter. Sentia-se feliz por ter os filhos consigo outra vez, embora tomar conta deles fosse uma tarefa difícil e tivesse a certeza de que chegaria ao fim do dia arrasado. Agora, os gémeos implicavam um com o outro e João Pedro tentava impor a sua autoridade sem grande sucesso. Eles deitaram a mão à chávena de café que João Pedro acabara de tomar e dedicaram-se a fazer misturas nojentas num copo de leite com tudo o que havia na mesa: bebidas, açúcar, restos de bolos. João Pedro suspirou, abanou a cabeça, voltou aos seus pensamentos.

No final da manhã, ao sair de casa de João Pedro, Carol tivera um segundo encontro inoportuno. Ainda não fechara a porta do prédio quando se deparou com Cristiane. Ela acabara de sair de um táxi, chegada do aeroporto, e estacou no passeio a olhar para Carol, como se tivesse dificuldade em acreditar no que os seus olhos viam. Carol teve um instante de hesitação, sem reacção, mas logo o seu rosto se abriu num grande sorriso de reconhecimento.

— Cristiane! Chegaste agora do Rio de Janeiro?

— Cheguei. Que fazes aqui? — perguntou-lhe sem rodeios.

No semblante de Cristiane não havia sombra de sorriso e a voz dela soou áspera.

— Vim ver o João Pedro.

— Ah...

— Pois é, esqueci-me que também moras aqui — disse Carol, a esforçar-se para manter um diálogo amistoso, em contraste com a atitude desabrida de Cristiane.

— Sim, moro — confirmou.

Carol esticou-se, a segurar a porta para a deixar entrar. Cristiane avançou a puxar uma pequena mala com rodinhas, passou por ela, entrou.

— Adeus, Carol — disse, voltando a cabeça e fuzilando-a com o olhar.

Ela fez-se de desentendida, não desarmou o sorriso, disse ainda para dentro:

— As fotografias da inauguração ficaram muito giras, pede ao João Pedro para te as mostrar.

— Está bem, depois vejo-as.

Apesar desta derradeira astúcia de Carol para instalar a dúvida na mente de Cristiane, fazendo-a crer que viera apenas pelas fotografias, ela não se deixou enganar. Pelo contrário, sentiu-se furiosa. Pensou que se Carol imaginava que engolia a história das fotografias era porque não a conhecia mesmo. Não era estúpida nenhuma, sabia perfeitamente que as fotografias se enviavam por *e-mail* ou disponibilizavam-se fornecendo um *link* ao cliente. Certamente não entregava as fotografias pessoalmente a ninguém.

Entrou em casa, fechou a porta, subiu ao quarto, despiu-se com gestos bruscos, foi para a casa de banho, abriu a torneira da água fria, enfiou-se debaixo do chuveiro. Deixou que a água escorresse pelo corpo e a refrescasse enquanto pensava no que acabara de acontecer.

Cristiane chorou. Chorou de raiva e de desapontamento; chorou por ter sido ingênua ao acreditar que João Pedro fora sincero com ela; chorou por ter confiado nele. Mas Cristiane confiou em João Pedro porque estava apaixonada por ele e quis convencer-se de que havia uma explicação para o seu comportamento em relação a Carol.

No passado, Cristiane desfizera várias relações por ter medo de sofrer uma desilusão. Antecipara a ruptura por iniciativa própria antes de se permitir apaixonar-se pelos namorados que se empenhavam em cativá-la. Na mente dela persistia a memória das penosas desilusões de amor que tivera de suportar quando era adolescente e o pai arrastava a família por esse mundo fora, por mudar de posto diplomático frequentemente. Cristiane habituara-se a não ter namorados duradouros, pois sabia que em breve poderia mudar de país e ser obrigada a deixá-los para trás. Em consequência disso, desenvolvera um bloqueio aos afectos para se defender dos desgostos de amor. Já adulta e dona da sua vida, dizia a si própria que não precisava de estabilidade emocional para nada. Contudo, recentemente começara a ultrapassar esses medos de outrora e quisera dar uma oportunidade à relação com João Pedro. Pela primeira vez em muito tempo sentia-se feliz com alguém e acreditava que poderia assentar, ter uma vida normal, quem sabe se até mesmo engravidar. Lentamente, o coração solitário que habitara em Cristiane tinha vindo a abrir-se e a dar espaço a emoções antes proibidas. Por coincidências do destino, fora João Pedro quem surgira na sua vida para a acordar de uma longa noite sentimental.

Cristiane sentia-se muito abalada e traída. Já perdera namorados devido a circunstâncias da vida que não dominava; perdera outros porque os abandonara, mas nunca perdera um homem para outra mulher. Ser trocada por Carol era,

portanto, uma derrota devastadora e difícil de aceitar.

Depois de tomar banho, secou-se vagarosamente, imersa em pensamentos dolorosos, embrulhou-se num roupão turco, deitou-se na cama e encolheu-se toda, recolhendo as pernas junto ao peito. Acabou por adormecer, vencida pelo cansaço da viagem e das emoções feridas. Caiu num sono profundo, de onde só emergiu muitas horas depois por insistência do toque do telemóvel, que se infiltrou na sua mente adormecida até a despertar. Sentou-se estremunhada, procurando orientar-se na escuridão. A noite descera sobre o quarto e Cristiane precisou de um momento para se lembrar onde estava.

Esticou o braço e enfiou a mão na carteira que ficara esquecida ao fundo da cama. Levada pela urgência de calar o toque irritante do aparelho, atendeu sem verificar quem era.

— Está

— Estavas a dormir?

— Estava — confirmou, com voz de sono, contrariada. Não se sentia preparada para falar com João Pedro.

— Quando é que chegaste?

— Que horas são?

— Quase dez.

— Já? Estive a dormir toda a tarde.

— Imagino que sim. Queres jantar comigo?

— Não — disse, e aquele *não* saiu-lhe um bocadinho precipitado.

— Não?

— Não, estou muito cansada. Acho que vou continuar a dormir.

— Está bem. Vemo-nos amanhã, então?

— Falamos amanhã, sim, e logo se vê.

Depois de desligar, Cristiane deixou cair novamente a cabeça na almofada, ficou deitada um bom bocado, perplexa, a pensar no tom descontrariado de João Pedro ao telefone. Ele não lhe parecera preocupado, como se nada tivesse mudado enquanto ela estivera no Rio de Janeiro. Era desconcertante.

Nessa noite solitária uma chuvinha morna interrompeu o Verão e quando Cristiane desceu do quarto descobriu uns veios de água riscando as vidraças da sala. Foi à cozinha procurar comida. Abriu o frigorífico, onde encontrou uma sopa estragada que se esquecera de deitar fora antes da viagem; uma embalagem de fiambre fora de prazo e com um cheiro duvidoso; uma alface apodrecida; e três pêssegos igualmente em muito mau estado. Deitou tudo para o lixo e descongelou três fatias de pão. Fez torradas. Sentou-se ao balcão a barrá-las vagarosamente com manteiga e comeu-as sem prazer. Fora, a chuva batia fraca na janela e ela observou espantada as gotas preguiçosas que deslizavam pelo vidro abaixo, acentuando o seu triste desamparo.

A casa caíra num silêncio espectral, quebrado apenas pela chuva que fustigava as janelas, agora com mais intensidade. Cristiane imaginou que eram as unhas compridas de uma mão maléfica a tamborilar no vidro. Este pensamento sinistro acompanhou-a quando foi para a sala, e teve necessidade de acender todas as luzes para se sentir segura.

A sala já não evocava o ateliê improvisado que servira para João Pedro pintar os seus retratos famosos. Não passara muito tempo, mas esses momentos extraordinários ocorriam-lhe já como memórias antigas. Havia um rico conjunto de sofás de couro castanho-escuro, um grande candeeiro prateado pendente do tecto, várias prateleiras recheadas de livros, um extenso tapete grená que cobria a quase totalidade do soalho, uma televisão gigante três metros em face do sofá principal. Continuava a ser uma sala de dimensões invulgares, mas a mobília fazia-a parecer mais pequena e acolhedora.

Cristiane foi sentar-se no sofá maior a ver televisão. Passou por um canal que exibia um documentário sobre acidentes de aviação que a deixou arrepiada, mudou de canal, interessou-se brevemente por um concurso de culinária, saltou mais alguns canais, largou o comando da televisão, entreteve-se a pintar as unhas. Depois abanou as mãos para as secar mais depressa. Não tinha sono e a noite prometia ser longa. Sentia-se deprimida.

João Pedro também demorava a adormecer, perturbado por pensamentos tumultuosos que o deixavam em alerta, deitado na cama, de olhos pasmados para o quarto sombrio, mergulhado num imenso negro sem dimensão. Aventava o drama. Receava ter melindrado Cristiane ou, pior ainda, tê-la ofendido para a vida. Enfim, para a vida não podia ser porque, justamente, havia partes do seu sonho premonitório que ainda não se haviam cumprido. Afigurava-se-lhe, portanto, impossível que Cristiane cortasse relações com ele. Mas o silêncio dela, a rejeição do convite para jantar, diziam tudo: Cristiane não estava satisfeita. João Pedro adivinhava uma explosão de mau génio e isso incomodava-o, não gostava de discutir. As discussões eram contra a sua natureza, não tinha resposta pronta,

sentia-se estúpido.

Mas o pior era ver Cristiane triste. Custava-lhe ser o responsável pela infelicidade dela. Não pensara nisso antes de se envolver com Carol, não pensara de todo! Como pudera ser tão insensível? Nessa tarde, Carol ligara-lhe da rua, um telefonema curto:

— Adivinha quem encontrei quando ia a sair de tua casa.

— Não!

— Sim!

— A Cristiane!

— Pois...

— O que lhe disseste?

— Cumprimentei-a, que querias que dissesse?

— E ela?

— Perguntou-me o que fazia em tua casa.

— E tu?

— Dei a entender que te tinha ido entregar as fotografias da exposição.

— Foi? E ela acreditou?

— Sei lá! — respondeu Carol, já a denotar uma irritação.

— É claro que não acreditou — disse João Pedro, desolado.

— Olha, se estás tão preocupado, vai bater-lhe à porta e ficas a saber.

— Isso é que foi pontaria.

— Desculpa? — reagiu ela, entendendo uma crítica no comentário dele.

— Primeiro a Clara, depois a Cristiane, não podias ter tido encontros mais inconvenientes.

— E a culpa é minha?

— Não estou a dizer isso.

— Se me tivesses avisado que elas podiam aparecer, teria saído mais cedo.

— Sim, tens razão.

— Sabes que mais? Não sou invisível, se tens problemas em ser visto comigo não me convides para tua casa.

— Calma, Carol, não te preocupes com isso.

— É que podes ter a certeza de que não me preocupo mesmo.

Pois, imagino que não, pensou João Pedro. Preocupava-se ele. Que fazer? Bem, primeiro, levar as crianças a lanchar antes que acabassem de lhe destruir a sala. Os gémeos faziam uma guerra de almofadas e uma delas acabara de sair disparada como um míssil e abatera o candeeiro em cima da mesinha de apoio ao lado do sofá, que agora estava caído no chão, depois de se ter ouvido a lâmpada a estoirar. Quando regressasse a casa e Clara viesse buscar as crianças, telefonaria a Cristiane, se ela não lhe ligasse antes. Foi o que aconteceu. João Pedro decidira adoptar uma postura descontraída, como se não houvesse motivo para crispações. Mas não correra bem, Cristiane revelara-se contidamente agressiva ao telefone, como um vulcão prestes a entrar em erupção. Por isto tudo, João Pedro foi deitar-se

muito apreensivo.

No dia seguinte, os acontecimentos haveriam de se precipitar, porque ele tardara a perceber — ou talvez não quisesse perceber —, mas criara uma situação insustentável entre ele, Cristiane e Carol, e não imaginava sequer como iria sair dela.

Provavelmente, se João Pedro tivesse tido um ou mais irmãos teria desenvolvido uma personalidade bastante diferente. A vantagem de não se ser filho único era uma pessoa ver-se obrigada a lutar pelo seu espaço no seio familiar e, mesmo não sendo conforme a sua natureza, desenvolver muito cedo o instinto de sobrevivência e de combatividade. Os irmãos competiam entre si pela atenção dos pais, pelos melhores brinquedos, pelo último pedaço de comida na travessa. Era inevitável lutarem entre eles enquanto pequenos e conhecerem uma época particularmente agressiva durante a adolescência. Depois, em adultos, talvez se tornassem amigos definitivos; ou chegassem a um entendimento cordial; ou, na pior das hipóteses, se odiassem para sempre e sem remédio. Nunca se sabia. Porém, o filho único tinha bastas hipóteses de só descobrir muito mais tarde que, na vida, as probabilidades estavam, quase sempre, contra ele, e que era preciso lutar, lutar sempre, perseverar até ao último suspiro.

João Pedro não era nenhum guerreiro, nunca fora, pelo contrário, surpreendia pela incoerência dos seus quase dois metros de imponente estatura, das suas mãos enormes e grossas. Tinha tudo para se impor sem esforço, no entanto não se decidia a bater em ninguém. Desde criança, só muito ocasionalmente e em último recurso, por se sentir encurralado ou sem escolha possível, é que aquelas mãos brutais se abateram como martelos sobre alguma cabeça dura. Dir-se-ia até que mais depressa se podia ver aquelas mãos a esmagar crânios brutalmente do que a pintar uma tela delicadamente. Contudo, não passava de um gigante inofensivo, benigno, levemente encurvado com o peso do mundo, assustado com a enormidade da vida.

As características mais constrangedoras de uma pessoa nunca se perdem, podem ocultar-se, mas perduram debaixo da pele, teimosamente, contra todos os esforços genuínos para as erradicar, e atraíam-na nos momentos críticos. João Pedro parecia outro, desinibido, eloquente, irresponsável e feliz da vida, mas continuava a não ser capaz de dizer *não* a um espírito mais determinado que lhe fizesse frente.

No dia seguinte aos encontros embaraçosos de Carol com Clara e Cristiane, João Pedro deu consigo paralisado numa irresolução, vacilante, sem saber o que fazer e, portanto, não fez nada. Deixou-se ficar em casa a vegetar frente à televisão, a beber cerveja, vagamente pensativo. No fundo, desejava que Cristiane lhe telefonasse para que tivessem uma boa conversa e resolvessem o que ele chamaria um mal-entendido; e preferia que Carol o deixasse em paz por agora, que lhe desse tempo para se entender com Cristiane. Ansiava por fazer as pazes com uma e adiar um novo encontro com a outra. Todavia, como não tomou nenhuma iniciativa, aconteceu tudo ao contrário.

O inverso de João Pedro era Carol, habituada a tomar o que não lhe ofereciam, sempre pronta a ir à luta. Ela não hesitava, não tinha medo, não havia nada que a impedisse quando era necessário decidir. Carol ia buscar a energia insuperável que a caracterizava à alma indómita que desde menina a fazia avançar a direito, sem se deter com dúvidas existenciais ou com as perplexidades naturais que o decoro impunha. Era certo que já se arrependera em diversas ocasiões por não ter sido mais contida e mais ponderada, mas preferia uma decisão errada a não decidir coisa nenhuma.

Um pensamento clássico nela: *Faço, não faço? Olha, faço e seja o que Deus quiser*. Deus não era para ali chamado, senão como figura de retórica, evidentemente, pois Carol não permitia que lhe dissessem o que devia ou não fazer, e nisso incluíam-se os condicionamentos ditados pelas regras sociais ou até pelas leis divinas. Restava apenas a sua consciência. Carol era, por definição, um espírito livre, imprevisível, intempestivo. Aprendia com os próprios erros, caía, levantava-se, chorava, limpava as lágrimas, encolhia os ombros orgulhosa, dizia quero lá saber! Seguiu em frente.

Mas, atenção, quando falamos de Carol não nos referimos a uma daquelas pessoas presunçosas que afirmam a toda a hora que dizem sempre o que têm a dizer, que ninguém as cala, que não admitem afrontas, e por aí fora, num chorrilho de frases tão arrogantes quanto inconsequentes. Não, Carol não dizia que com ela ninguém brincava, nem arvorava a típica sobranceira dos espíritos fracos que se defendem ameaçando; Carol parecia encantadoramente frágil, mas era, na realidade, determinada e muito, muito difícil de quebrar.

Nessa noite, Carol bateu à porta de João Pedro de garrafa de champanhe em punho, com um laçarote no gargalo.

— Vamos festejar! — propôs-lhe quando ele abriu a porta.

João Pedro teve um sorriso idiota.

— O quê? — perguntou.

— Faz uma semana que me saltaste para cima no meu estúdio.

— Pois faz — disse, estupidificado com a surpresa.

Carol ergueu as mãos e a garrafa em sinal de expectativa.

— Então?

Ele abanou a cabeça, desarmado.

— Entra — convidou-a, afastando-se para lhe dar passagem.

Foram para a cozinha, João Pedro tirou duas *flûtes* do armário, Carol fez saltar a rolha da garrafa e serviu o champanhe. Sentaram-se frente a frente, ao balcão do centro da cozinha. Ela ergueu o copo.

— Que o nosso desejo nunca acabe — disse, fazendo o seu brinde.

— Ámen — anuiu João Pedro, sem compreender exactamente o que ela pretendia dizer.

Beberam. E continuaram a beber até a garrafa ficar vazia e abrirem outra de

vinho branco, não sem antes colocarem uma terceira no frigorífico, não se desleixando para o caso de ainda terem sede quando aquela acabasse. O que veio a suceder. Entretanto, João Pedro encheu-se de brios culinários, pôs um avental ao peito e dedicou-se a confeccionar um empadão de puré.

Levaram para a sala de jantar a travessa fumegante, os copos cheios, a garrafa de vinho, pratos e talheres. Mas como João Pedro não aguentava muito a bebida, já foi para a mesa com os sentidos bastante alterados. Sentia o espírito leve, agradavelmente enevoado, ria com gosto. As preocupações que há pouco o alquebravam evaporaram-se e Carol voltava a instilar-se nele, suscitando-lhe uma excitação que tornava tudo o mais irrisório. Ela, conhecedora das fraquezas masculinas, insinuou-se-lhe airosa e sensual. Trazia *shorts* de ganga justos e uma camisa às riscas brancas e azuis com um decote magnânimo que o impedia de pensar com inteligência. João Pedro seguiu, com olhos vidrados, os gestos delicados dela, prendendo o cabelo fino e macio atrás da orelha, revelando o pescoço alvo onde há pouco, passando por ela, sentira um perfume mágico que o apaixonara. Carol falava com gosto do seu trabalho, das pessoas que fotografava no estúdio, e João Pedro fixava-se nos lábios dela, deleitado. A sua expressão era atenta, o seu espírito vagueava por pensamentos concupiscentes.

Acabava justamente de se levantar para ir fazer o café quando se ouviu o toque da campainha da porta. Olharam-se em silêncio, João Pedro de pé com os pratos sujos na mão, Carol sentada a estender a mão para a garrafa de vinho. Ela, surpreendida, esticou o pescoço, abriu muito os olhos, ele voltou a colocar os pratos na mesa.

— Quem será? — perguntou-se, num sussurro cómico, como um miúdo travesso que alguém viesse apanhar em falta.

Carol franziu os lábios num espanto malicioso.

— Não sei — disse, embora estivessem ambos a pensar que só podia ser uma pessoa.

Rebentaram a rir, baixinho.

João Pedro dirigiu-se à porta, exagerando os passos cautelosos, em bicos dos pés, parecia que ia só espreitar para ver quem era. Levava um grande sorriso atoleimado.

Deu uma espreitadela rápida pelo óculo da porta, fez uma careta de escândalo, abriu.

— Olá — disse Cristiane.

João Pedro esboçou um sorriso ébrio.

— Olááá, estás boa? — a voz saiu-lhe excessivamente animada. Cristiane desconfiou que acertara em cheio.

— Estás ocupado?

— Eu? Não, não.

— Posso entrar?

— Claro, entra.

Ela entrou na sala à frente dele, viu Carol sentada à mesa, voltou-se para trás, abriu a boca e os olhos, pasmada, recompôs-se muito depressa, virou-se outra vez para a frente e cumprimentou Carol.

— Olá, não venho interromper nada?

Disseram logo que não, que disparate, era muito bem-vinda, tinham acabado de jantar um empadão delicioso. Carol estava espantada com os dotes culinários de João Pedro. Não sabia. Queria ela comer também? Ainda havia muito.

— Não, obrigada, já comi em casa, mas não digo que não a um copo de vinho — apontou para a garrafa em cima da mesa.

João Pedro foi à cozinha, trouxe-lhe um copo, Carol serviu-a, Cristiane bebeu logo metade.

— Pelo que vejo, já vão muito adiantados. Tenho muito que pedalar para vos apanhar — disse, em jeito de justificação.

Riram-se.

— Já é a terceira garrafa — disse Carol.

— Ui! Dá cá mais um bocado disso.

Seria de esperar que se instalasse uma tensão na sala, os três juntos, cada um com a sua ideia, embatucados num silêncio, sem acharem nada que dizer, impedidos pelo embaraço. Mas não, o que aconteceu foi que o vinho lhes soltou a língua e dali a pouco já riam à gargalhada. Só diziam disparates, João Pedro estava impagável, a falar do seu *marchand*, a imitar-lhe os trejeitos efeminados. Carol rebojava a rir; Cristiane enrolava charros que acendia e fazia rodar.

Passaram para os sofás da sala, sentaram-se meio deitados, João Pedro, aluado, com uma delas à direita e a outra à esquerda, abraçava-as e pensava no seu sonho; Carol puxava o fumo do charro entre o indicador e o polegar e jurava que depois daquilo só poderia ir arrumar carros: «destroce, destroce», gozava ela. Cristiane tinha um risinho tolo e enfiava a mão dentro da camisa de João Pedro, afagando-lhe o peito. Escutavam música de Ibiza.

Continuaram assim, confortáveis e bem-dispostos sob uma nuvem azul-cinzenta que tornava o ambiente leve e vaporoso, a sentirem-se lascivos. Elas

divertiam-se a provocar João Pedro. Cristiane acabou de lhe abrir a camisa e puseram-se as duas a beijar-lhe o peito peludo, a acariciar-lhe a barriga. As mãos delas iam descendo por ele abaixo. João Pedro nem se mexia, paralisado de prazer. Carol começou a desapertar-lhe o cinto das calças; Cristiane vestia uns calções curtos e passou uma perna nua por cima dele, enfiou-a entre as dele.

João Pedro queimou os dedos enquanto dava uma passa no charro, prendeu o fumo um instante nos pulmões, soltou-o para o ar. Estava sem fôlego, a rebentar de excitação. *Que tesão!*, pensou.

— Era isto que tu querias, não era? — perguntou Cristiane. — As duas ao mesmo tempo.

— Hum-hum.

Ela olhou para cima para lhe ver a expressão.

— Gostas, não gostas?

Esfregou os seios no flanco dele. Carol fez o mesmo.

— Gooosto — gemeu João Pedro.

Cristiane trocou um olhar libidinoso com Carol, acariciou-lhe a face, esticou-se sobre o peito de João Pedro e beijou-a, as línguas delas brincaram uma com a outra. Ele, vendo isto, deixou cair a cabeça para trás, olhou o tecto, sentiu-se no céu.

Foi então que Cristiane desferiu a estocada final.

— E se nós fôssemos as duas para minha casa fazer uma brincadeira de meninas? — sugeriu.

Carol concordou de imediato.

— Vamos — disse.

Escorregaram num movimento lânguido pelo corpo dele, puseram-se de pé.

— Então e eu?! — protestou João Pedro. Fez menção de se levantar para as seguir, mas Cristiane ergueu um dedo, ameaçadora.

— Ah, ah! Nem penses! É só para meninas — avisou-o. Depois, deu a mão a Carol e foram-se embora, deixando João Pedro sozinho na sala. A música acabou, e ele, abandonado no sofá, sentia-se miserável e confuso, sem perceber o que acabara de lhe acontecer.

— Olha, foram-se embora... — disse, aparvalhado.

De manhã, Cristiane abriu os olhos e viu o belíssimo corpo nu de Carol. Ela dormia ainda, deitada de lado, de costas para Cristiane que também estava nua. Cerrou os olhos um instante a imaginar a asneira que fizera na noite anterior. Mas a sua mente era um buraco negro e tinha dificuldade em pensar. Lembrou-se vagamente de ter saído de casa de João Pedro com Carol, de a trazer para sua casa. Tinham subido ao quarto... riam-se da cara desesperada dele... despiram-se uma à outra, entraram na cama, abraçaram-se, beijaram-se devagar. Tinha ideia de ter percorrido largamente o corpo de Carol com as mãos, de se sentir extasiada ao contemplá-la nua, em pensar como ela era extraordinariamente bonita, mas não se lembrava do que acontecera a seguir.

Sentou-se na cama, perplexa, a perguntar-se o que mais teriam feito, até onde teriam ido. Não conseguiu recordar-se de mais nada. A cabeça latejava-lhe, tinha a boca seca, um gosto azedo, um enjoo que não a deixava raciocinar. Sentiu vergonha, um terrível embaraço, teve necessidade de sair do quarto, parecia-lhe inconcebível estar ali quando Carol acordasse, não saberia o que lhe dizer, nem sequer como encará-la.

Deslizou da cama com muito cuidado para não despertar Carol, apanhou do chão a roupa da véspera, saiu nua do quarto, desceu a escada descalça. Evitou fazer barulho, vestiu-se na sala, escreveu um bilhete apressado, um desagravo de simpatia: «Tive de sair. Fica à vontade, o tempo que quiseres, mas não esperes por mim que volto tarde.» Assinou simplesmente o seu nome, sem beijos, sem palavras que pudessem ter interpretações equívocas. Deixou o bilhete à vista na cómoda da entrada, saiu.

Foi a última vez que a viu.

Se havia algo que Cristiane tinha em comum com Carol era o espírito inquieto, a incapacidade de se resignar e a necessidade de tomar a iniciativa quando as coisas estavam demasiado paradas para o seu gosto. Cristiane, como Carol, era extrovertida e desembaraçada, mas com a vantagem de ser mais rápida a pensar. O que as distinguia é que Carol trabalhara muito, com persistência, durante anos, para chegar onde estava, enquanto Cristiane nunca se preocupara em fazer carreira e não adquirira os mesmos princípios batalhadores porque se habituara desde menina a que tudo lhe viesse parar às mãos sem esforço. A primeira era metódica, a segunda intuitiva.

A beleza de Cristiane podia eclipsar Carol, bem como a inteligência fina, a educação e a cultura superiores. Carol vinha de uma aldeia no interior do país, Cristiane vinha do resto do mundo. Ainda assim, Carol conseguia ser emocionalmente mais equilibrada e ter o raciocínio frio e objectivo que faltava a Cristiane.

Na noite anterior, Cristiane não ficara realmente surpreendida por ver Carol a

jantar em casa de João Pedro. A sua reacção ao entrar na sala — voltar-se para ele e abrir a boca e os olhos de espanto exagerado — foi, evidentemente, uma forma descarada de lhe dar a entender que não era parva e que antecipara aquela situação. A atitude de Cristiane pretendia evidenciar que sabia ao que ia e que estava a gozar o prato. Cristiane não improvisara ao longo da noite, tivera uma madrugada inteira de insónia para repensar a relação com João Pedro e ponderar o que deveria fazer.

No momento em que entrou na sala já desistira dele. Não fora uma decisão de ânimo leve, mas já chorara o que tinha a chorar e, afinal, só ia lá a casa para encerrar esse capítulo da vida dela. Encerrar em beleza, bem entendido.

Cristiane sentia-se traída por João Pedro, não tanto por ele desejar Carol e ter a desfaçatez de a seduzir praticamente à sua frente, mas por ele querer as duas ao mesmo tempo. Um homem apaixonado por uma mulher não a juntava com outra. Bem, havia homens para tudo, mas para Cristiane o amor só se justificava pela exclusividade. Ela acreditara que João Pedro a amava e confiara nele ao ponto de se tornar vulnerável ao seu amor e abrir defesas que preservava desde miúda. Em suma, Cristiane pensara que João Pedro era o homem da vida dela, a pessoa certa, e, por isso, não receou a desilusão. Era a primeira vez em muitos anos que se sentia assim com alguém. E também era a primeira vez que não acabava uma relação abruptamente, por iniciativa própria.

Mas agora censurava-se por ter sido ingénua. Sentia que fora usada por João Pedro e custava-lhe a crer que ele pudesse ser tão diabolicamente manipulador, mas a realidade era o que era e não podia negar o que estava à vista.

Se estivesse ao seu alcance, Cristiane teria queimado todos os quadros. Aqueles retratos outrora adoráveis pareciam-lhe hoje ofensivos, porque entendia que João Pedro a enganara para a convencer a deixar-se retratar. Adoraria vê-los a serem consumidos pelo fogo, fazê-los desaparecer para sempre, e com eles tudo o que João Pedro lucrara à custa do seu sofrimento. Mas isso não podia fazer, o que podia fazer era dar-lhe uma lição de que nunca mais se esquecesse. Desta forma se compreendia porque Cristiane o visitara na noite anterior. Não fora lá porque tinha saudades e ainda acreditava nele, mas sim para o humilhar, para deixar bem claro que não permitia que brincasse com ela.

Já o que se passara a seguir com Carol — ou que ela presumia que se tivesse passado, pois não se lembrava de tudo — ficava por conta do álcool e dos charros. Descontrolara-se, perdera a noção e fora longe demais, bastante mais do que planeara, em todo o caso. Cristiane nunca se tinha deitado com uma mulher, jamais fizera semelhante coisa, nem sequer na sua juventude se sujeitara a essa experiência para satisfazer a curiosidade, como algumas raparigas que conhecera. Não estava na sua natureza.

E Carol? Carol muito menos. Carol não era tão sofisticada como parecia porque, apesar de todos os predicados que a tinham ajudado a subir na vida, Carol era como um camaleão de muitas cores: adaptava-se aos ambientes que

frequentava, mas não lhes pertencia.

Na época em que saiu da universidade com o curso concluído, há uma eternidade, Carol era uma miúda cheia de esperança e energia, dona de uma confiança insuperável. Estava feliz e tinha o mundo à espera dela! Hoje em dia, não sabia dizer o que falhara, ou onde é que falhara. Vivia bem, ganhava mais dinheiro do que precisava, profissionalmente corria-lhe tudo muito bem, mas a vida pessoal era um fracasso. Claro, privava com as pessoas que toda a gente adoraria conhecer, tratava-as por *tu*, no entanto, a quantas poderia telefonar a meio da noite se estivesse doente e precisasse de ajuda? Praticamente nenhuma. Ia aos melhores restaurantes de Lisboa, às discotecas da moda, só pisava tapetes vermelhos, áreas reservadas, lojas de marca, cabeleireiros famosos, galas das televisões, a Quinta do Lago no Algarve e iates de sonho em Formentera, no Verão, lugares de primeira nos aviões, a sua vida era uma vertigem de luxo. E o melhor de tudo, nem sequer precisava de pagar quase nada porque era convidada quase sempre! Mas ao fim do dia via-se ao espelho e pensava: *És uma farsa...*

Por mais que mudemos ao longo da vida, por muito que tentemos esconder muito bem os pormenores do passado de que não nos orgulhamos particularmente, ele não nos larga, fica enraizado no nosso subconsciente e condiciona o nosso pensamento, a nossa maneira de ver o mundo. Carol era aquela menina de vestido que adejava ao vento enquanto corria pela quinta de uns senhores ricos atrás do pai, um homem modesto que fumava cigarro atrás de cigarro e avisava a filha que a família era o bem mais precioso de uma pessoa, o único lugar onde ela poderia voltar quando se sentisse perdida.

De manhã, ao acordar, Carol vestiu-se demoradamente, adiando o momento de sair do quarto e de encarar Cristiane e a pensar *o que estou eu a fazer aqui?* O que ela estava a pensar, de facto, é que queria casar, ter filhos, uma família, e desejava tanto isso que perdera o norte, fazia as maiores maluqueiras para conseguir obter o que aspirava tão desesperadamente.

Carol não se apaixonara por João Pedro como Cristiane, mas não se importara de destruir a oportunidade de Cristiane ser feliz com João Pedro por imaginar que também poderia vir a apaixonar-se por ele. Fora egoísta e irresponsável.

No momento em que acorda e se vê constrangida na cama de uma estranha — porque Cristiane não passa de uma estranha de quem Carol quase nada sabe — ela sente repulsa e raiva por João Pedro. Para todos os feitos, pensa, foi ele quem a colocou nesta situação terrivelmente embaraçosa.

Ontem, embriagada e drogada, pareceu-lhe uma ótima ideia ir acabar a noite na cama com Cristiane; hoje, não sabe onde se enfiar, de vergonha. E culpa João Pedro por ele ser fraco e incapaz de escolher entre as duas. Fraco, incapaz, e uma besta voraz como todos os homens, já agora, pois se não fosse um tipo de pouco carácter e licencioso não teria desejado as duas ao mesmo tempo, ou pelo menos teria sabido controlar a tentação. Foi por isso que Carol adorou a ideia de

abandonar João Pedro e sair da sala de mão dada com Cristiane. Nesse instante extraordinário — uma inspiração de Cristiane, sem dúvida —, Carol formou com ela uma aliança feminina contra o desprezo dos homens pelo amor. Por entre a bruma que lhe turvava a percepção da sala de João Pedro, ela julgou ter o pensamento clarividente de que os homens, com o seu inveterado instinto de caçadores, aviltavam as mulheres e só estavam interessados nos corpos delas. Quantos mais e mais bonitos melhor.

Carol sentiu especial repulsa e raiva por João Pedro porque personalizou nele todos os homens e toda a sua frustração por não conseguir ser feliz com nenhum, por nunca ter encontrado um homem que a amasse e de quem pudesse dizer que era diferente dos demais. É evidente que Carol não teve em conta o estado alterado de João Pedro, na altura tão embriagado e drogado quanto ela. A circunstância poderia desculpar o seu comportamento pouco ortodoxo, digamos assim, mas Carol não pensou nisso, e ao acordar também não. Ela não está interessada em arguir atenuantes a favor de João Pedro. Já não o considera um tipo decente e só quer vê-lo pelas costas, definitivamente.

Acabou de se vestir, saiu do quarto, desceu a escada, não viu Cristiane e procurou-a pela casa toda. Depois, percebendo que ela saíra, foi-se embora. Ao chegar à porta, encontrou o bilhete de Cristiane e teve um sorriso triste. Também ela se sentira envergonhada e tivera o bom-senso de sair para evitar uma conversa embaraçosa, pensou. Carol pegou na caneta que Cristiane deixara em cima da cómoda, voltou o bilhete e escreveu apenas uma palavra: *Desculpa*. Em seguida foi-se embora.

No dia seguinte a ter sido abandonado na sala, João Pedro acordou num estado deplorável, deitado de lado no sofá, a babar-se. A certa altura da madrugada acabara por adormecer, fora algo assim como perder os sentidos. Ainda se aguentara uma boa meia hora a falar sozinho, a resmungar incoerências, convencido de que Cristiane e Carol regressariam à sala, mas elas não voltaram e ele apagou-se.

Já passava da uma da tarde quando João Pedro ressuscitou, incomodado pelo zumbido de um mosquito nos ouvidos. Abriu um olho, o outro, lembrou-se de como acabara a noite e voltou a fechá-los, desejando adormecer de novo para se livrar das recordações embaraçosas. Mas fazia um calor tremendo e já não tinha sono. Só um grande desconforto. Lentamente, sentou-se no sofá. Ainda vestia a roupa da véspera, desabotoada e enxovalhada, que era mais ou menos como ele se sentia também, emporcalhado e pegajoso de suor. O cabelo desgrenhado e a barba cheiravam a fumo e a álcool.

Precisava de tomar um banho com urgência. Levantou-se a custo. Havia copos, garrafas e cinzeiros a deitar por fora no tapete. Tinha só um sapato calçado e foi para cima a coxear e azamboado devido à tensão baixa provocada pelo calor. Tomou um longo e regenerador duche de água fria que o ajudou a sentir-se melhor, mas só fisicamente, porque já não experimentava uma sensação de prostração tão grande há muito tempo. João Pedro era um homem derrotado.

Sabia que tivera um comportamento censurável, embora também pensasse que fora injustamente enganado por Cristiane e Carol. Mas porquê?

Ali está João Pedro, no duche, a tentar aclarar as ideias com alguma dificuldade. A interpretação que ele faz dos acontecimentos da noite passada é diametralmente oposta à delas, porque a tendência de um homem é para simplificar. Vejamos a reflexão de João Pedro: *Primeiro elas provocam-me, atiram-se para cima de mim sem eu fazer nada, metem as mãos e as pernas por todos os lados, esfregam as mamas no meu corpo e começam a despir-me; depois beijam-se que nem umas malucas, vão-se embora e deixam-me sozinho. O que raio lhes passou pela cabeça?!*

E tem razão, foi exactamente assim que as coisas se passaram, sem tirar nem pôr. Dá que pensar.

João Pedro tem de procurar pôr-se nas cabeças de Cristiane e de Carol, pensar como elas para conseguir entender as suas motivações, enfim, para tentar entender, porque nada é garantido quando um homem procura perceber o raciocínio feminino. É isso que João Pedro está a dizer a si mesmo, a falar entredentes enquanto apanha do chão as garrafas, os copos, os cinzeiros, depois de se vestir e voltar para baixo. *Vamos por partes, pensa, a Cristiane ainda vá que não vá, que podia estar um bocado chateada comigo e dar-lhe de repente para se vingar, mas*

a Carol, o que é que eu lhe fiz?!

Para João Pedro é portanto muito difícil dar um sentido lógico ao desfecho da noite anterior. Embora tenha consciência de que a sua disponibilidade para estar com as duas ao mesmo tempo possa ser considerada ofensiva, ele acha que não fez nada de mal. Foram elas que provocaram a situação. Se não queriam, porque fizeram tudo para o excitar? Teria sido um teste?, pergunta-se. *Se foi um teste, são parvas*, pensa. Terá sido uma atitude espontânea ou estariam combinadas? Estas perplexidades nunca serão esclarecidas, evidentemente, porque nem Cristiane nem Carol vão querer voltar a falar com João Pedro, e sendo assim, ele só poderá especular sobre o que aconteceu, ficará na dúvida até ao fim dos seus dias.

Alguns meses depois destes eventos, Clara casou-se com o patrão. Ela estava tão feliz e João Pedro tão miserável, que fez questão de lhe contar pessoalmente a alegria estonteante que era encontrar alguém que a completava e realizava em todos os aspectos. Referiu-se ao noivo como um homem extraordinário, o homem da sua vida! Enfim, João Pedro conhecia-o. Ele ficou a olhar para Clara com aquela sua expressão parada de antigamente.

— Eu desiludi-te, não foi? — disse.

Ela abanou a cabeça lenta e pausadamente.

— Muito — confirmou.

— Sabes que não foi intencional?

Clara demorou um pouco a responder, a decidir se o poupava com uma resposta apaziguadora ou se se deixaria ir atrás da lembrança magoada que ainda mexia com ela. Decidiu-se pela segunda.

— O que eu sei é que nunca fizeste o que andei meses a dizer-te para fazeres, e bastou eu sair de casa para te envolveres com aquelas galdérias e mudares trezentos e sessenta graus, e pintares o que devias para teres sucesso e, de repente, ele são jornais, ele é televisão, e numa semana passaste de pintor vagamente conhecido à última Coca-Cola do deserto — disse de um só fôlego.

— Elas não são galdérias.

— São, pois.

— Está bem, se te sentes melhor a pensar assim.

— Não sejas condescendente comigo. Eu sei bem o que estou a dizer. As duas ao mesmo tempo, João Pedro?

— Não andei com as duas ao mesmo tempo.

— Pois, está bem, não sei nem quero saber, não me interessa. Por mim, até podes andar com vinte ao mesmo tempo. Quero lá saber.

— Neste momento, não ando com ninguém.

— É como te digo, não quero saber. Olha, outra coisa, vais ter de decidir se preferes vender a casa e dividir o dinheiro comigo ou se ficas com ela e me pagas a minha parte.

Tiveram esta conversa à porta de casa, porque, por alguma razão enigmática,

Clara recusava-se a entrar. Mais um mistério feminino daqueles dias estranhos. João Pedro decidiu vendê-la. Era demasiado grande só para ele e fazia-lhe mal cruzar-se com Cristiane e ter de suportar a indiferença dela.

João Pedro tentara conversar com ela, mas foi impossível, ela recusou-se a qualquer diálogo.

Um encontro à porta do prédio:

— Cristiane, podes falar comigo cinco minutos?

— Não, não posso.

— Só te peço cinco minutos, Cristiane, preciso de perceber o que se passou na outra noite. Foi tudo tão, tão surreal!

— Tu para mim já não existes e eu não sou maluca, não falo com pessoas que não existem.

— Mas...

Ela volta-lhe as costas, entra em casa, fecha a porta.

Nos primeiros dias após a noite fatídica, João Pedro andou completamente baralhado. Tentou falar com Cristiane, debalde; tentou telefonar a Carol dezenas de vezes, não atendeu. Passou uma semana, duas, três, e elas não cederam um milímetro na sua determinação em ignorá-lo. João Pedro estava um farrapo, metido em casa a congeminar estratégias absurdas para recuperar os favores das suas divas, fantasias que não o levavam a lado nenhum. Deu-lhe para fumar charutos, gostava de fumar como um comboio enquanto gastava o tapete da sala a ponderar o seu infortúnio, como desatar o nó, que fazer para regressar à companhia esplendorosa daquelas mulheres estonteantes? Mas não tinha um pensamento interessante, não lhe surgia uma ideia decente. Precisava de um amigo, era isso! Onde diabo iria arranjar um amigo de última hora que lhe escutasse as desgraças? Agarrou-se ao telemóvel, percorreu a lista de contactos, nada, nem um nome a quem pudesse chamar amigo. Suspirou, rendeu-se à evidência, ligou a André, marcou almoço no Gambrinus.

O *marchand* achou-o abatido, tristonho, o que se passava?

— Não vais acreditar no que me aconteceu — disse João Pedro. — Pede aquele vinho que eu gosto.

— Está bem. O que te aconteceu?

Um desastre, tinha-lhe acontecido um desastre. Contou-lhe tudo com os pormenores mais sórdidos. André, deliciado, ouvia-o enquanto fumava com afectada elegância o seu cigarro com uma boquilha comprida, a fazer lembrar Cruela Devil. Já estava habituado a ser o confidente de artistas na lama. Os artistas eram sempre tão dramáticos! Mas este caso dava-lhe vontade de rir, era hilariante.

— Estás a ver, eu ali já de camisa e calças abertas, e elas a lamberem-se todas em cima de mim.

— A lamberem-se todas?!

— Sim, aos beijos, a enfiarem a língua na boca uma da outra.

— Estou a ver.

— Não estás não, tu não imaginas.

— Imagino, pois. Elas estavam nos linguados em cima de ti.

— Pois, isso. Estás a ver o meu tesão!

— Isso não estou, mas sim, posso imaginar.

— André, estás a gozar?

— Não, não! — pôs-se sério —, continua. E depois? — E depois nada, elas tinham-se ido embora de mão dada para a casa de Cristiane e deixaram-no pendurado. Enfim, era isto. — Elas foram-se embora e deixaram-te sozinho?

— Sim. Dá para acreditar?

— Incrível...

— Deixaram-me de calças na mão, literalmente!

André foi segurando o riso, mantendo uma expressão tão neutra quanto conseguiu, segurando o canto do lábio que tremia numa luta para segurar a gargalhada iminente, mas quando ele disse aquilo, veio-lhe à cabeça a imagem de João Pedro com as calças na mão e foi demais, rebentou a rir muito alto, sem parar, descontroladamente.

— Tu ris-te... — lamentou João Pedro, com um meio sorriso desconsolado.

E André, com lágrimas nos olhos, tentando recompor-se do riso alarve que concentrara o restaurante na sua pessoa, pensou que só havia uma coisa a fazer para corrigir tão inconveniente desconsideração pelo sofrimento de João Pedro: carregar no vinho.

O almoço não levou a nada, bem entendido. De qualquer modo, João Pedro necessitava sobretudo de desabafar. E embebedou-se, claro está.

A tragédia romântica com as duas mulheres de João Pedro — continuava a não se decidir por uma, embora já não tivesse nenhuma — teve consequências. A mais dramática era a mais óbvia: tinha de acordar do seu sonho, já não estava a viver numa dimensão paralela, tal como imaginara que acontecera naquele tempo todo em que retratara mulheres nuas e se deitara com elas em camas regadas a champanhe e restos de comida chinesa; ou em estúdios de fotografia com os holofotes potentes derramando luzes quentes sobre os seus corpos suados. Era necessário admitir, o sonho dele acabava na sala, ele meio deitado e uma delas de cada lado. No sonho não havia mais nada, não havia o desfecho que agora já conhecia. No entanto, João Pedro não queria aceitar a realidade, entrou em negação, e, num último gesto teatral de revolta emocionada, foi comprar a maior tela que encontrou e voltou a pintar.

As injustiças e as incompreensões, amorosas ou outras, que perturbam o espírito do artista atormentado, aguçam o génio criativo e são frequentemente responsáveis pela produção de obras-primas de uma perfeição transcendente. Foi o caso de João Pedro. Ele sentia que fora tratado injustamente por Cristiane e por Carol.

Haviam passado três semanas, tempo suficiente para desanimar qualquer um. Era portanto claro na cabeça de João Pedro que elas tinham retomado as suas vidas e não se entretinham apenas a fazer uma birra com ele. João Pedro compreendeu que Cristiane falara a sério quando lhe disse que, para ela, ele já não existia. E o silêncio obstinado de Carol era igualmente esclarecedor.

Ao fim desse tempo, tendo ganho o hábito de se sentar na sala a beber um copo de vinho solitário, deprimido e com pena de si mesmo, João Pedro lembrou-se de repente que, a certa altura naquela noite bárbara de álcool e drogas tirara uma série de auto-retratos aos três. *É verdade!*, como é que não se lembrara daquilo antes? Pôs-se de pé num salto e correu à procura do telemóvel, ansioso por confirmar que a memória dessa noite enevoada não lhe pregava partidas.

Mas não, era mesmo verdade, abriu a aplicação das fotografias no aparelho e lá estavam eles os três, nublados e lúbricos, espreitando a câmara com sorrisos descarados. Aquelas imagens deles, mergulhados numa densa nuvem de fumo, eram ouro para João Pedro, pois não tinha outras de Cristiane e de Carol.

Passou uma tarde nostálgica em contemplação, a ver as fotografias, embora fossem só três. Saltava de uma para a outra e para a outra e para a outra, hipnotizado. Por fim, já a noite severa envolvera a sala, o rosto dele, espelhando só o brilho do visor, iluminou-se com uma ideia extraordinária: a contemplação não lhe chegava, era preciso imortalizar aquele momento, pois havia nos rostos dos três uma felicidade indesmentível que provava a injustiça e a insanidade do que acontecera depois e que as fotografias não faziam prever. Não, era absolutamente

imperioso perenizar aquele instante glorioso para desmistificar a ofensa que elas lhe atribuíam!

Montou uma tela tão grande na sala que encaixava à justa entre o chão e o tecto. Encostou-a a uma das paredes laterais e arrastou os móveis, amontoando-os a um canto para que não estorvassem. Enrolou o tapete e estendeu um plástico por baixo da tela. E teve de trazer um escadote para chegar lá a cima.

Pintou obsessivamente durante uma semana, dia e noite, entrando pelo fim-de-semana já sem saber que dia era. Perdeu a noção do tempo, só comia o indispensável para sobreviver e só parava de trabalhar por exaustão. Não dormia no sofá da sala porque o ar viciado das tintas e da terebintina se tornava perigosamente asfixiante, mas subia com relutância a escada, entrava no quarto e caía na cama sem se despir. De manhã, acordava ansioso por retomar o trabalho e esquecia-se de comer, de tomar banho, de mudar de roupa.

André correu a casa de João Pedro depois de um pedido de socorro e foi encontrá-lo cadavérico, imundo e malcheiroso, estendido de costas no chão da sala, de braços e pernas abertos. Por momentos, julgou-o morto. Estava inanimado e tinha o aspecto miserável de um naufrago após um mês à deriva. O ambiente era insuportável, correu a abrir as janelas para arejar a sala e chamou uma ambulância. Depois, ajoelhou-se ao lado dele, teve uma hesitação e, embora com repugnância em tocar-lhe, abanou-o pelos ombros e esbofeteou-o a medo com as pontas dos dedos, para o reanimar. João Pedro balbuciou algo parecido com a palavra água, André trouxe-lhe um copo cheio e ajudou-o a beber. Sorveu a custo a água que lhe dava à boca e voltou a deitar a cabeça no chão, enquanto André corria a buscar-lhe uma almofada do sofá. Ficou assim, em silêncio, com um olhar estranhamente contemplativo, visando o tecto, dir-se-ia que a sonhar de olhos abertos.

Veio o INEM.

— Está desidratado e precisa de um banho — declarou uma médica expedita, de rabo de cavalo e mala de primeiros-socorros. — Vamos levá-lo para o hospital — disse.

Mas André já observava com mais atenção o quadro gigante na parede.

— Sim, sim, claro. Eu vou lá ter — disse-lhes, distraído.

A aflição passara e o *marchand* teve de se sentar no sofá, no outro lado da sala, esmagado com o que via. Pensou que lhe dava uma coisa, levou a mão a tremer ao coração que lhe saltava no peito e olhou por instinto para a porta por onde tinham saído os socorristas. Mas logo se voltou novamente para o quadro, esquecido deles, do coração e de tudo. «Minha Nossa Senhora...», murmurou, extasiado.

Era o quadro mais extraordinário de todos os que lhe tinham passado pelas mãos. João Pedro excedera-se. Retratar a cena que ele lhe descrevera ao almoço no Gambrinus. Lá estava Cristiane e Carol encavalitadas num João Pedro de camisa e calças abertas. Enfiavam as línguas dissolutas na boca uma da outra,

exactamente como ele contara. Era uma cena bela, expressiva, devassa, os três envoltos por um fumo mágico. Vieram-lhe as lágrimas aos olhos, emocionado com a perfeição do quadro. Desta vez, pensou, ele conseguira fazer muito melhor do que a colecção de retratos que o tornara instantaneamente a celebridade do ano.

O quadro gigante de João Pedro teve uma tremenda repercussão mundial, mas, como a maioria dos sucessos globais, também este foi inesperado e resultou, em grande medida, de circunstâncias fortuitas. Ao arrepio das intenções de André, que se propunha vendê-lo de imediato, João Pedro recusou-se terminantemente a desfazer-se dele.

O *marchand* foi buscá-lo ao hospital, onde esteve internado vinte e quatro horas, e levou-o a casa no seu carro. Antes de lhe darem alta, os médicos recomendaram-lhe alguns dias de descanso absoluto. O diagnóstico fora peremptório, João Pedro sucumbira de exaustão por excesso de trabalho e apresentava sintomas de depressão. De modo que saiu do hospital medicado e, ainda que o seu estado de saúde não exigisse cuidados de maior, foi levado ao carro numa cadeira de rodas e, uma vez sentado, deixou-se ficar a olhar em frente, apático e sem reacção. André sentia-se culpado por não o ter levado a sério durante o almoço em que João Pedro tivera necessidade de desabafar sobre a fase difícil que estava a atravessar, mas, caramba, a situação fora excessivamente hilariante, como poderia prever um desfecho assim tão dramático? Porém, agora penalizava-se, tinha sido uma besta, não, fora de uma insensibilidade boçal! Mas agora procurava redimir-se, havia que tratar do amigo, ir buscá-lo ao hospital, instalá-lo o melhor possível, garantir-lhe uma convalescença com todo o conforto e, sobretudo, não o incomodar com assuntos de trabalho. Mas André estava eufórico, a fervilhar de ideias, já via aquele quadro enorme pendurado em catedrais de cultura. Enfim, não se conteve.

— Como te sentes? — perguntou-lhe ao entrar no carro.

João Pedro não lhe respondeu. Aparentemente, nem se inteirou da presença de André ao seu lado. Permaneceu impávido, de olhar fixo para lá do pára-brisas, como que ausente. André observou-o um momento, um fino fio de baba escorria-lhe pelo canto da boca para a barba selvagem de eremita. O *marchand* passou-lhe a palma da mão à frente da cara na esperança de quebrar o encanto. Nem piscou os olhos. Por instantes, André ponderou se não deveria voltar atrás e questionar os médicos, se não se teriam precipitado ao dar-lhe alta, mas depois encolheu os ombros, colocou-lhe o cinto de segurança, pôs o carro a trabalhar, arrancou.

— João Pedro, sentes-te bem? — insistiu, enquanto manobrava para sair do parque de estacionamento. Não obteve resposta. — Sabes que vi o teu novo quadro, certo? Não estive a bisbilhotar, nem nada disso, mas é tão grande que seria impossível não o ver. Aliás, não estou a dizer que é grande por causa do tamanho, é uma obra maior, com letra grande, entendes? Olha, até me vieram as lágrimas aos olhos. João Pedro, nem sei o que dizer, fiquei tão... tão extasiado que não consegui parar de olhar para ele durante uma hora. Agora, é assim, aquele quadro vai fazer de ti o pintor do ano. Do ano não, do século! Temos muito trabalhinho pela frente, meu caro, é preciso arranjar um espaço à altura do quadro para o expor. Tem de ser um espaço nobre que lhe faça justiça. E quem o comprar, vai pagar uma fortuna

por ele, aí isso te garanto, vais ficar rico!

Não se calou o caminho todo, embora fosse a falar sozinho, porque João Pedro não lhe respondeu uma única vez, nem sequer deu sinal de ter interiorizado o que lhe dizia.

Entraram em casa, o quadro continuava exactamente como João Pedro o deixara, mas a sala estava outra, novamente arrumada, com os móveis no seu lugar e a brilharem como se tivessem acabado de chegar da loja. André encarregara-se de tudo, contratara à pressa uma equipa de limpeza que entrara com os seus baldes, as suas esfregonas, os seus aspiradores industriais e tinha feito a sua magia de uma ponta à outra da casa. João Pedro, porém, nem reparou. André ficou um pouco desiludido, mas rendeu-se à evidência de que pouco havia a fazer naquela altura. João Pedro estava ainda sob o efeito das drogas que os médicos lhe tinham administrado.

Conseguiu que tomasse banho. Obrigou-o a despir-se e enfiou-o no duche.

— Há que te tirar esse cheiro medonho a hospital — disse.

João Pedro, obediente, soçobrou debaixo de água.

— Nem penses que te vou esfregar com o sabonete — avisou-o André, mas lá foi deitando-lhe o champô na cabeça. Em seguida, meteu-o na cama e esperou um dia até que voltasse a acordar, desanuviado e capaz de comunicar.

Preparou-lhe o jantar, ovos mexidos, fiambre, arroz e uma garrafa de vinho tinto. Sentaram-se à mesa com o quadro por companhia. Conversaram longamente pela noite dentro sobre aquela obra improvável.

— Não imaginava que estivesse a trabalhar este tempo todo — disse André.

— E não era para estar — reconheceu João Pedro —, mas encontrei umas fotografias no telemóvel e, olha, comecei a pintar e não consegui parar enquanto não o acabei.

— Que loucura, que loucura...

— Pois foi, uma coisa de loucos. Não sei o que me deu.

— Estavas possuído, homem!

— É que estava mesmo, não via mais nada à frente.

— Tens consciência de que é uma obra de génio?

João Pedro esteve um instante a contemplá-lo.

— Está bonito, não está? — disse, esperando a aprovação de André.

— Bonito? Qual bonito, é uma obra-prima!

— Exageras.

— Não exagero, não. João Pedro, tens aqui um tesouro, uma... uma obra genial! Até me falham as palavras.

— Achas então que é assim tão bom?

— Melhor, menino, melhor.

— Concorde que tem o seu impacto.

— Se tem, se tem...

Perderam-se mais um bocado a observar o quadro, francamente iluminado com

os projectores que João Pedro improvisara para o pintar dia e noite.

— E agora? — perguntou André.

— Agora o quê?

— Que fazemos com ele?

João Pedro encolheu os ombros.

— Não fazemos nada — disse.

— Como não fazemos nada?!

— Este é meu.

— Eu sei que é teu, mas há que o expor, arranjar compradores interessados, levá-lo à praça.

— Não, este é meu, não é para vender.

— João Pedro, tu estás bem ou ainda estás sob o efeito das drogas?

— Estou óptimo, este quadro é só meu, não vou vendê-lo.

— Mas tens aqui uma obra extraordinária, é a tua consagração, percebes? Depois disto, vão estender-te as passadeiras vermelhas e beijar o chão que tu pisares em qualquer parte do mundo. É a tua grande oportunidade!

— Talvez seja, mas não quero saber. Este quadro não sai cá de casa.

Prolongaram por meses este braço de ferro, André persistindo em megalomanias, prometendo-lhe o céu e a terra; João Pedro inabalável na sua recusa. Chegou, contudo, a hora de mudar de casa e foi necessário arranjar uma solução. João Pedro propunha-se desmontar o quadro, levá-lo para a nova casa, voltar a montá-lo.

— Mas é uma loucura! — insurgiu-se André. — Tens de pensar melhor. O quadro nem cabe na tua casa nova.

— Claro que cabe.

Talvez coubesse, talvez não. O certo é que a casa era bem mais pequena e não haveria espaço na sala. A alternativa seria a garagem, embora fosse necessário fazer obras e prepará-la para receber o quadro condignamente e com condições mínimas para o manter a salvo da humidade. André viu ali uma oportunidade.

— Ainda vai demorar o seu tempo a preparar a garagem.

— Não me interessa — disse João Pedro. — Se for preciso, vou para outra casa.

— Olha, eu sei que não o queres vender, mas podemos arranjar uma solução intermédia. Que tal uma digressão pelos principais museus da Europa? Parece-te razoável?

João Pedro ficou a pensar na proposta.

— Quer dizer que...

André atirou os braços ao ar.

— É o mais óbvio! — disse.

— Uma digressão, hem?

— Nem mais. Imagina, o Centre Georges Pompidou, em Paris, o Kunsthistorisches Museum, em Viena, o Rijksmuseum em Amesterdão, o Thyssen-

Bornemisza em Madrid.

— Estás doido! A maioria desses museus não aceitaria um quadro meu nem oferecido.

— Pronto, está bem, entusiasmei-me, mas tenho a certeza de que consigo museus de primeiríssima água interessados em expor o teu quadro. E, no final, o quadro volta para casa. Que dizes?

— Isso não seria mau, não.

— Seria excelente. Então, comprado?

— Comprado.

E assim foi, João Pedro cedeu, com a condição de o quadro voltar para casa logo que terminada a digressão e tendo já a garagem remodelada para o receber. Efectivamente, André cumpriu a palavra e fez milagres para convencer alguns dos melhores museus a aceitarem expor o quadro de João Pedro. Era um pintor com algum sucesso, já falado no estrangeiro, mas não deixava de ser um desconhecido. Porém, ao vê-lo, os curadores desses museus reconheceram-lhe o mérito e alguns aceitaram colocá-lo em exposições itinerantes. O quadro foi fazendo o seu caminho por essa Europa fora, ganhando fama, merecendo as melhores críticas. João Pedro não se podia separar dele e visitou-o em todas as capitais onde esteve exposto. Entretanto, fez obras na garagem, tornando-a um belíssimo ateliê. Mas já era tarde para o receber porque, quando finalmente regressou a casa, André objectou a sua presença ali.

— Não podes fazer isto — disse. — O quadro já é tão famoso que toda a gente vai reclamar. Tens de permitir que continue exposto.

— As pessoas podem vir cá vê-lo — sugeriu João Pedro.

— Qual quê! Não tens condições, vais ter filas à volta do quartoirão, não terás um momento de descanso. E depois há o problema da segurança. O quadro não estará seguro.

— Sim, realmente...

A realidade ultrapassa-nos todos os dias sem que possamos controlá-la, foi o que pensou João Pedro, descoroçoado, ao receber a notícia de que o seu quadro fora vendido em Londres num leilão da Christie's pelo exorbitante valor de dois milhões de euros. Aparentemente, era uma boa notícia. Quer dizer, a sua conta bancária nunca tivera tanto dinheiro, nem costumava receber telefonemas solícitos de gestores de conta a informá-lo de que passaria a ter tratamento especial de *private banking*. Por outro lado, como dizia André no seu estilo muito prático, o prestígio de um pintor estava directamente ligado ao valor dos seus quadros. Mas João Pedro batalhara tanto para manter aquele quadro na sua posse e, no final de contas, reconhecendo que não tinha condições para o manter, acabara por permitir que fosse vendido em leilão mas, num golpe do destino, o comprador foi um anónimo que o arrematou e o levou para parte incerta. De modo que agora o quadro encontrava-se em parte incerta e nem João Pedro nem o público voltariam a

vê-lo, senão em fotografias na internet. Restava-lhe o consolo de ter mais dinheiro do que alguma vez imaginara e, se devia esta fortuna inopinada a um sonho inexplicável, a verdade é que não sonhara que ficaria rico. Ainda teria de se haver em tribunal com as duas modelos involuntárias do quadro que já tinham avisado que o iriam processar, mas, mais uma vez, o pragmático André rejubilou de contentamento.

— A sério, elas vão processar-te?

— Dizem que sim. Enfim, mandaram dizer pelos advogados.

— Excelente, excelente — disse logo André. — Um pequeno escândalo vem mesmo a calhar, para te manter nas primeiras páginas da imprensa.

— Tu achas?

— Se acho. — Deu-lhe palmadinhas nas costas. — Quanto mais escândalo, melhor. A polémica vende, meu caro!

Naquele dia perto do Natal em que Clara, chegada da lua-de-mel, foi buscar os filhos a casa de João Pedro, ele saiu para dar uma volta e desanuviar. Depois daquelas duas semanas dedicadas exclusivamente às crianças, apreciou a solidão com uma secreta excitação. Entregou os gémeos e o bebé à mãe, ignorou o estado lastimoso em que se encontrava a sala, onde havia candeeiros derrubados, lâmpadas fundidas, bolachas espalhadas pelo tapete, leite derramado e outros vestígios de grandes batalhas infantis; fechou a porta de casa, meteu-se no carro e foi comprar jornais e revistas e tomar um longo café a ler tranquilamente à mesa de um café num centro comercial.

Mais tarde, ao sair do café, passou por uma mesa onde reparou num careca, barrigudo e baixote, de óculos, que se fixou nele. A cara dele pareceu-lhe vagamente conhecida, embora não fosse capaz de a localizar, de lhe dar um nome. Tanto podia ser o empregado do banco como outro tipo qualquer que João Pedro não conseguia identificar fora do cenário em que estava habituado a vê-lo. Não deu importância ao assunto, até porque hoje em dia não era estranho ser reconhecido por desconhecidos que ficavam embasbacados a olhar para ele, quando não o abordavam mesmo. Contudo, aquele homem, que se encontrava acompanhado da mulher e de dois filhotes igualmente rechonchudos, foi ficando mais vermelho à medida que João Pedro se aproximava, dir-se-ia até que estranhamente assustado e, quando ia a passar pela sua mesa, o homem levantou-se da cadeira para o cumprimentar a medo.

— João Pedro, estás bom?

O desconhecido teve um sorriso comprometido, João Pedro devolveu-lhe um sorriso surpreendido. *Trata-me por tu, portanto conhece-me*, pensou.

João Pedro estava bem, estava excelente, e ele, que era feito dele? *Quem diabo seria ele?*

— Também, está tudo bem — disse o homem. — Cá andamos a fazer pela vidinha.

Pois, claro, tinha de ser, concordou João Pedro, alinhando na conversa mole, intrigado com a sensação de que o conhecia, e mais intrigado ainda por ele parecer tão pouco à-vontade, corado e a suar como um porco assustado minutos antes da matança.

— Tenho seguido a tua carreira extraordinária — disse ele, por simpatia. *Mais conversa da treta*, pensou João Pedro. — A minha mulher então é uma fã incondicional dos teus quadros.

Apresentou-lhe a mulher, que se pôs logo de pé para o cumprimentar. *Uma senhora não se levanta para falar a um homem*, teve vontade de lhe dizer. Mas a mulher, baixinha como o resto da família, passou à frente do marido e avançou para João Pedro para lhe dar dois beijos e começar a falar, a dizer coisas, a nunca mais se calar. Tomou conta da conversa, quis apresentar-lhe os filhos. *Quer apresentar-me os meninos, imagine-se...*

— Levantem-se e falem a este senhor que é um pintor muito importante que andou com o pai na escola.

Ah, uma pista importante, pensou ele.

— Deixem-se estar, não se levantem, não é preciso — disse.

— Levantam-se, pois. Era o que faltava! — contrapôs ela, autoritária.

O marido, o desconhecido, o antigo colega, foi arredado da conversa e soçobrava atrás dela, mas João Pedro queria saber quem era afinal o homem.

— Então e tu que fazes? — perguntou-lhe.

Ele, atrapalhado, sacou a carteira do bolso de trás das calças, tirou de lá um cartão de visita e ofereceu-lho.

— Estou nos automóveis — disse. — Se precisares de carro novo, dá-me uma apitadela que arranjo-te uma coisa em condições, e barata!

— E o João Pedro lá compra os charutos em segunda mão que tu vendes, Joca! — admoestou-o a mulher, desconsiderando o ganha-pão do marido.

Ele abanou a cabeça, cauteloso.

— Nunca se sabe, nunca se sabe...

João Pedro, ao ler o nome do homem no cartão, ao ouvir a mulher tratá-lo por Joca, teve uma revelação. Era o Joca! O Joca atrevido, mau carácter e insidioso, que o gozava na escola. O Joca a quem dera um soco e partira os dentes no recreio! O querido Joca, que se borrava só de o ver, já adultos, uma vida inteira depois! Quis festejar o Joca, dar-lhe uma palmada nas costas, claro que lhe comprava um charuto com rodas, declarou bem alto, para contrariar a sua detestável mulher. Haveria de lhe telefonar um destes dias, quem sabe se não fariam negócio. Passou-lhe um braço enorme pelos ombros, estreitou com força o Joca pequenino, balofo e assustadiço, despediu-se alegremente do Joca, da megera, dos rebentos gorduchos.

— Temos de combinar qualquer coisa — disse ainda, exuberante — para recordar os tempos de escola. Bons tempos!

O Joca levou instintivamente a mão à boca, como que lembrando-se dos dentes que ele lhe partira nesses tempos de escola, e João Pedro foi-se embora, perplexo com aquele reencontro imprevisto. *Quem diria, encontrar aqui o Joca, vendedor de carros, deve continuar o mesmo fala-barato intrujão de sempre. As pessoas não mudam nunca*, pensou, abismado, ao afastar-se com um sorriso nos lábios.

A visão de Joca, da mulher intragável de Joca, dos filhos gorduchos de Joca, todos à volta da mesa do café, ficou na cabeça de João Pedro enquanto deambulava pelos corredores do centro comercial. Ia a pensar que há um milhão de anos, na sua infância, o Joca assediava-o na escola e que esses meses longínquos o tinham marcado brutalmente, de tal forma que o miúdo pacato e inofensivo que então começava a formar a sua personalidade se tornara num adulto desconfiado, isolado, fechado ao mundo. Provavelmente, pensou, se não tivesse sido o Joca a espoletar a crise que o afectou para a vida, teria sido outra coisa qualquer. Bem, é certo que a agressividade do Joca fora negativamente decisiva para a sua vida, mas também tivera um papel determinante nas escolhas que João Pedro fizera posteriormente.

Quer dizer, uma pessoa feliz e equilibrada seria tão solitariamente empenhada e tão criativa quanto ele fora? Não lhe parecia. Ele, se fosse feliz, teria tido tendência para se acomodar, para se contentar com pouco e, de certeza absoluta, não teria enveredado pelos caminhos excessivos do último ano.

Era irónico pensar que Joca pudesse ter tido a sua quota-parte de responsabilidade no êxito de João Pedro. Riu-se sozinho, a pensar que o bom do Joca estava a galáxias de distância de imaginar que contribuía para os dois milhões que tinha na conta bancária.

Mas, claro, uma coisa era o sucesso profissional e outra era a felicidade pessoal. João Pedro pensou que ainda precisava de melhorar essa parte e, em seguida, encolheu os ombros: mais valia ser infeliz com dois milhões no bolso.

Ficara-lhe a impressão maldosa e reconfortante de que o Joca, castrado pela sua mulherzinha feia e despótica, também não seria lá muito feliz. Enfim, o tipo parecera-lhe verdadeiramente uma figura insignificante. João Pedro perguntou-se até que ponto ele não deixara também o pobre Joca destruído e lhe marcara o destino com aquele fabuloso soco que lhe partira os dentes na infância. E essa era uma perspectiva que nunca lhe ocorrera. Tê-lo-ia deixado estendido no chão só no recreio ou para a vida? Agradava-lhe a ideia de que fosse a segunda hipótese.

João Pedro julgou o sucesso e a felicidade de Joca só pelas aparências. Mentalmente, arrasou a vida do homem tendo em conta um encontro de escassos minutos. O Joca fazia-lhe dó; o Joca ficara indelevelmente marcado pela murrça porque, como ele vira naquele encontro, se acobardara na sua presença; o Joca não passava de um vendedor de carros e, na perspectiva de João Pedro, ser vendedor de carros naquela idade era sinónimo de FALHADO; o Joca deixava-se diminuir pela mulher em público; o Joca era um tipo acabado.

Joca podia não ser nada disso, podia ser um bonacheirão que ganhava pipas de massa a vender charutos com rodas a pobres incautos; podia chegar a casa e dar porrada na mulher por se ter esticado à frente de João Pedro; podia ser um tipo pacato que se estava nas tintas para as aparências e que gostava de fazer patuscadas com os amigos no quintal relvado da sua enorme moradia em Mira-Sintra. João Pedro não sabia realmente nada sobre ele, mas as pessoas passavam a vida a fazer juízos de valor apressados sobre os outros, sem se preocuparem muito com esse pequeno detalhe.

De qualquer modo, João Pedro sentiu-se mesquinamente feliz com as conclusões que tirou e, dali a pouco, vendo um pequeno boxer atrás do vidro da montra da loja de animais, entusiasmou-se e comprou-o por impulso. Num passado não muito longínquo, João Pedro, que tivera sempre profundos complexos pelo seu prognatismo, não teria tido coragem de comprar um boxer. Teria imaginado as pessoas a rirem-se dele quando levasse o cão à rua e comparassem a fuça do cão com a fuça do dono. Mas agora sentia-se seguro de si graças à triste existência de

Joca, tal como ele a imaginou. Por isso, levou o cão para casa.

Uma pessoa perdida numa floresta sem bússola tem tendência para caminhar horas seguidas em círculo e, sem se dar conta, voltar ao ponto de partida. Assim é a vida quando se procura modificá-la: um homem bem pode mudar de guarda-roupa, de casa, de emprego, divorciar-se e viajar pelo mundo, que, um dia, quando o círculo se fechar, voltará a ser como era, o mesmo de antigamente, porque, no seu íntimo, não mudou de facto. Não é possível alterar o que há de fundamental em nós, as características essenciais que nos definem na idade adulta perduram insensivelmente por mais que nos esforcemos para as esmagar. Quanto tempo é que uma pessoa consegue manter a fachada, vestir o fato que não condiz com a sua verdadeira personalidade?

Um ano depois dos estranhos acontecimentos que levaram o pintor obscuro, que era João Pedro, ao reconhecimento global, o círculo começou a fechar-se. Em Abril, foi convocado por Belém para o presidente da República lhe colocar ao peito a Grã-Cruz da Ordem de Sant'Iago da Espada, uma condecoração que o apanhou de surpresa e que só foi receber porque André praticamente o arrastou até à cerimónia.

Alguns meses passaram. João Pedro mudara-se para uma casa com jardim no mesmo bairro do Restelo onde vivia há anos, porque seria impensável ter ido para mais longe. Era ali que se sentia bem, na zona da cidade que conhecia melhor e à qual estreitava o seu quotidiano. Foi deixando de utilizar o carro, que agora ficava semanas a fio parado na rua, como que abandonado. André aparecia regularmente, incentivava-o a pintar, queria que se atirasse a uma dessas obras fracturantes, sensacionais, que o tinham celebrizado. Justamente, João Pedro dizia que andava às voltas com uma nova colecção, mas pintava marinhas, apetecera-lhe voltar às marinhas. E porque não?

— Bem, tu pintas o que bem entenderes, como é evidente, mas, João Pedro, tu inovaste tanto o ano passado, fizeste história, e o mundo inteiro conhece-te por estes últimos quadros extraordinários, por que raio é que hás-de voltar ao que pintavas antes?

— Mas, tu sempre disseste que depois de famoso poderia pintar o que me desse na veneta, e que até poderia só assinar telas em branco que toda a gente acharia genial.

— Sim, eu dizia isso, não dizia?

— Dizias.

Os quadros que levaram João Pedro ao estrelato tinham resultado de uma circunstância muito particular, de um impulso provocado pela fantasia que fora a crença de que vivia um sonho acordado. Agora, esse estímulo desaparecera e João Pedro já não tinha inspiração para criar obras inovadoras e espantosas como aquelas. Na realidade, ele atravessava uma fase pouco produtiva e, embora dissesse

a André que andava às voltas com as marinhas, nem isso acontecia, pois ia de manhã para o ateliê, demorava-se a preparar os materiais, a misturar as cores, dava uma ou duas pinceladas e logo se distraía com algum pensamento indigente, largava tudo e saía. Por vezes, lembrava-se de ir comprar pão, ou de tomar uma bica, e adiava o trabalho para ir à rua. Mas depois tinha de almoçar — habituara-se a almoçar num restaurantezinho próximo onde já lhe conheciam as preferências gastronómicas — e, provavelmente, arranjava mais qualquer coisa para fazer e, assim, os dias iam passando sem proveito.

Havia pintores conhecidos só por um quadro, escritores famosos por um livro, escultores reconhecidos por uma obra. João Pedro já fizera o que a maioria nunca conseguiria numa vida inteira de trabalho, portanto, tinha todo o direito de pintar marinhas desinteressantes ou não voltar a pintar um único quadro até morrer. Intimamente, ele sabia que nunca mais se conseguiria igualar e muito menos se superaria, e essa consciência da sua incapacidade para tornar a surpreender o mundo com o deslumbramento de uma obra diferente, de uma ideia original, era o verdadeiro motivo que o desmobilizava dos pincéis.

Gradualmente, André foi deixando de aparecer. Vendo que João Pedro nada produzia, o *marchand* desmoralizou e abandonou o antigo *protégé* à sua rotina solitária. Ainda falavam ao telefone, de tempos a tempos, mas André já não o pressionava para pintar, convicto de que era inútil insistir.

João Pedro passeava muito com o seu cão. Davam várias voltas ao quarteirão, caminhando a par e par, sem trela. Regressavam a casa, ele sentava-se no sofá da sala a olhar para a parede e a fumar um cigarro, o cão deitava-se a seus pés e dormitava, mas seguia-o pela casa se ele se levantava e ia a outra divisão.

Agora que André andava mais desaparecido, João Pedro visitava todas as tardes um mecânico que tinha uma garagem ali perto e que, em tempos, lhe resolvera um problema no motor do seu carro, que se recusava a arrancar. O mecânico era um romeno estranho que só falava meia dúzia de palavras em português. Isso agradava a João Pedro, pois não o procurava para conversar, mas tão só pela companhia.

Sentavam-se em banquinhos à porta da garagem, o mecânico trazia de dentro duas latas de cerveja fresca e ficavam ali a beber, com o cão deitado por perto. O romeno sofria de uma doença relativamente obscura, de seu nome Síndrome de Tourette, que se manifestava por tiques — o homem fazia caretas, pigarreava e estalava a língua a todo o momento — e pela necessidade imperiosa e irresistível de dizer obscenidades, muitas vezes nas situações mais inconvenientes. Esta última característica tinha o nome científico de coprolalia. João Pedro não sabia nada disto, evidentemente, mas a ele, que nunca ouvira falar da doença, não o incomodavam os tiques do homem, e, quanto às obscenidades, só desconfiava do que se tratava pelo tom dos palavrões que o mecânico resmungava em romeno, embora não percebesse o que ele dizia. Já o mecânico, usufruía dessa oportuna vantagem de falar uma língua estranha e, assim, livrar-se de sérios sarilhos, pois, certamente, não contaria com a mesma benevolência dos transeuntes desconhecidos que parecia insultar se o fizesse em português.

Faziam um par singular, o pintor ensimesmado e o mecânico incontinente verbal. Chocavam as suas latas de cerveja num brinde negligente e bebiam e fumavam em silêncio. Os desconchavos ocasionais, intempestivamente disparados pelo romeno, mereciam um sorriso condescendente de João Pedro. Terminada a cerveja, dizia até amanhã, levantava-se, o cão levantava-se, o mecânico levantava-se, ia-se embora acompanhado pelo animal, enquanto o romeno ia para dentro debruçar-se sobre o motor inútil de um carro moribundo. João Pedro voltava então para casa a ponderar que precisava de recomeçar a pintar, que era o que gostava genuinamente de fazer. Amanhã, pensava, mas no dia seguinte haveria de deixar passar o tempo e, quando desse por isso, o dia chegaria ao fim sem ter feito nada de produtivo.